



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Entre o Mar e a Terra
Costa de Caparica - Reabilitar a Memória do Lugar

Margarida Alexandra Matos Bessa

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:
Doutora Arquitecta Ana Gabriela Bastos Gonçalves, Professora
Auxiliar
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Novembro de 2021



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Entre o Mar e a Terra
Costa de Caparica - Reabilitar a Memória do Lugar

Margarida Alexandra Matos Bessa

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:
Doutora Arquitecta Ana Gabriela Bastos Gonçalves, Professora
Auxiliar
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Novembro de 2021

Entre o Mar e a Terra

Costa de Caparica - Reabilitar a Memória do Lugar

Trabalho submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura

Margarida Alexandra Matos Bessa

Orientadora: Doutora Arquitecta Ana Gabriela Bastos Gonçalves
Professora Auxiliar

ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Novembro de 2021

Índice

Resumo	xi
Abstract	xiii
Agradecimentos	xv
Introdução	2
Lugar e Memória - enquadramento teórico	2
Reabilitar a Memória do Lugar - temática	6
Objetivos e Metodologias	18
I - O Plano Urbano para a Costa de Caparica	28
1 Entre o Mar e a Terra	28
2 A cidade da Costa de Caparica	32
Nota Introdutória	32
Memória e Identidade	36
Pesca, Turismo e Arquitetura	64
Problemáticas	104
3 Estratégia para a Cidade	130
Proteção e conservação dos limites	130
Mobilidade	135
Tecido Urbano	145
Requalificação e ordenamento da frente de mar	152

II - O Espaço da Memória	168
1 O Poder do Lugar	168
A memória do lugar como matéria de arquitetura	220
Caraterização do lugar - o sistema duna-praia-mar	262
Projetos de referência	320
2 A Rota da Memória	378
O conceito de “museu vivo”	394
Pólo das Pescas	403
Centro de Interpretação da Arte Xávega	436
Considerações Finais	470
Bibliografia	478
Índice de Figuras	486
Anexos	522

Resumo

A presente investigação pretende constituir um contributo para o estudo das relações entre a arquitetura, a memória e a identidade de um lugar. Num primeiro momento, o presente estudo procura sintetizar o trabalho realizado pelo grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, debruçado sobre a análise das características principais do território e da população da cidade da Costa de Caparica. Com este estudo, procurou-se conhecer, de forma profunda, o lugar a intervir, não só através da reflexão crítica, ao nível do ordenamento urbano da cidade, mas também através da identificação dos seus valores naturais, culturais e sociais, recorrendo ao desenho, à fotografia e ao contacto direto com as pessoas in loco.

Partindo da análise crítica das ideias teorizadas por arquitetos como Aldo Rossi acerca do papel da memória na arquitetura, este estudo procura, num segundo momento, reafirmar a importância do lugar, compreendendo o modo como as circunstâncias geofísicas, os eventos e as pessoas influenciam a conceção arquitetónica. Complementada pelo estudo de referências, incluindo projetos de arquitetura, planos urbanos e intervenções costeiras, procuraram-se estabelecer paralelismos com o contexto geofísico da frente marítima da Costa de Caparica, a fim de se criar uma estratégia de intervenção enraizada na paisagem, na memória e na identidade do lugar.

Através da análise atual desta cidade, verifica-se a pertinência da construção de continuidades entre as paisagens natural e construída, permitindo este estudo uma reflexão acerca da forma como olhamos e construímos os territórios e um alerta para a importância da identidade local neste processo.

Palavras-Chave: memória, identidade, cultura, pesca, tradições, limite, Costa de Caparica

Abstract

This investigation aims to build a new contribution to the study of the relationships between architecture, memory and the identity of a place. In first, this study aims to synthetise the research work developed by the investigation group “Between Sea and Cliff”, that focused on the analysis of Costa de Caparica city’s main characteristics regarding territory and population. With this study, the main purpose was to deeply know the place to intervene, not only through a critical reflexion, regarding the city’s urban organization, but also through the identification of its natural, cultural and social values, recurring to hand drawing, photography and direct contact with people in loco.

Starting from the critical analysis of the ideas theorized by architects, like Aldo Rossi, regarding the role of memory in architecture, this study also aims to reaffirm the importance of the place, through the understanding of the way that geophysical circumstances, events and people influence architectural conception. Complemented by the study of references, such as architecture projects, urban plans and coastal interventions, this analysis aimed to establish parallelisms with the geophysical context of Costa de Caparica’s sea front, having the main purpose of creating an intervention strategy rooted in the landscape, the memory and the identity of the place.

Through the current analysis of the city, we understand the importance of building continuities between the natural and the built landscapes, and we can reflect about the way we perceive and construct territories, besides drawing attention to the importance of local identity.

Key-words: memory, identity, culture, fishing, traditions, limit, Costa de Caparica

Agradecimentos

Expresso, aqui, a minha profunda gratidão a todas as pessoas que acompanharam e que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho de investigação.

À professora Ana Gabriela Bastos Gonçalves, pela orientação entusiasta, crítica e motivadora, pelo acompanhamento contínuo e dedicado ao longo de todo o processo de desenvolvimento do projeto, e pela paciência no acompanhamento do processo criativo.

Ao professor Ricardo Resende, pelos contributos, verdadeiramente pertinentes e necessários, que em muito ajudaram à concretização da proposta de projeto de arquitetura.

Ao meu mentor, o arquiteto Paulo Jones que, com a sua constante preocupação, interesse e crítica, me abriu novos horizontes e caminhos.

Aos meus colegas do grupo “Entre o Mar e a Terra”, que me motivaram, ensinaram e fizeram crescer, em todos os sentidos.

À Camila, ao Basir, à Sofia, ao Marco e à Carolina, pelo constante companheirismo e amizade que sempre demonstraram.

À Rita, ao João, à Ana, ao Luís, à Patrícia e ao Duarte, pela amizade, por sempre me ouvirem e por me motivarem a ser melhor.

Aos meus pais, por tudo. Pelo apoio incondicional, pela paciência, pela constante motivação e pela estabilidade familiar que me proporcionaram.

À minha madrinha, pelo apoio e inspiração.

Ao Ricardo, por estar lá sempre com um sorriso.

Introdução

Lugar e Memória – enquadramento teórico

A memória, como realidade passada, consiste no material primário para a construção da identidade de um lugar, conferindo-lhe um sentido e orientando os eventos que nele ocorrem. Em conjugação com a consciência do tempo presente, esta identidade reflete-se nas vivências e interações humanas, estabelecendo padrões arquitetónicos particulares cujos princípios persistem ao longo da história. Aldo Rossi refere que *“É provável que este valor da história, entendida como memória colectiva, portanto como relação da colectividade com o lugar e com a ideia deste, nos dê ou nos ajude a perceber o significado (...) da arquitectura da cidade (...)”*¹ Estes padrões de interação, que se refletem no construído, constituem uma cultura de apropriação que dota cada lugar de características únicas e irrepetíveis e que, muitas vezes, perduram no tempo independentemente da edificação que lhes dá forma. Esta cultura de apropriação surge, muitas vezes, associada a *“personagens”* que consistem em indivíduos endógenos de um território e que assumem o papel importante de atores de dinamização local.

1 ROSSI, A. (2001). *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmo. pp. 193

Na Costa de Caparica, uma identidade forte surge personificada na figura do *pescador*, bem como uma memória primitiva associada à atividade piscatória, ainda praticada nos dias de hoje, e materializada na tipologia arquitetónica dos palheiros e das cabanas de pescadores. Para além do pescador, também a figura do *banhista/veraneante* possui um claro destaque na cidade, existindo uma memória, também ela bastante forte, associada à prática banhear e aos fluxos turísticos que, desde o passado, têm dinamizado este território e impulsionado até a criação de novas tipologias arquitetónicas, tais como as barracas de praia, os estabelecimentos de banhos, as moradias de segunda habitação, as pensões e residenciais de alojamento local ou mesmo os hotéis.



Figura 1 - Salvador Dalí, *A Persistência da Memória* (1931)

Reabilitar a Memória do Lugar – temática

Na experiência do lugar, o impacto dos vários planos urbanos que ao longo do tempo foram concretizados para a cidade, torna-se evidente. De facto, a presente cidade – a parcela do tecido urbano edificado - deixa-nos antever um passado constituído por planos urbanos que, apesar de nem sempre serem bem conseguidos, tentaram de algum modo, introduzir a modernização e criar uma ordem coerente no território. Esses mesmos planos impunham, por vezes, a sectorização de uma paisagem altamente natural e orgânica que se “*desenrola*” desde a arriba fóssil e desde os campos agrícolas – a parcela que neste trabalho é designada por “*terra*” – até à praia e a toda a zona de influência costeira – a parcela que é designada por “*mar*”. Apesar deste conjunto vasto de planos, o que temos hoje é uma cidade que, em termos da organização do seu edificado e da sua rede de mobilidade, revela algum nível de desordenamento, para além do facto de não existir uma clara marcação dos limites das zonas naturais protegidas. Refiro, ainda, a necessidade atual não só de uma intervenção profunda ao nível da organização da frente de mar, como também ao nível da regulação dos seus usos.

É neste ponto que devo mencionar a realidade dos crescentes fluxos do turismo balnear, hoje com menos carácter sazonal do que no passado. Em conjunto com as circunstâncias mais recentes de exploração económica da frente de praias, estes fluxos, hoje de grande volume, contribuíram para o gradual afastamento e “*esquecimento*” dos fluxos locais associados aos pescadores e à prática da arte xávega, considerada património material e imaterial desta comunidade. Partindo destas questões menos positivas, não podemos, no entanto, esquecer que, apesar de não totalmente



Figura 2 - Ortofotomapa, desde a Cova do Vapor (esquerda) até à Costa de Caparica, elaborado pelo grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra” (Outubro de 2020)



conseguidos, todos os planos que foram propostos para a cidade ao longo do tempo trouxeram pequenas melhorias, nomeadamente ao nível da higiene urbana. Não podemos, de facto, esquecer a realidade de insalubridade existente ainda nas décadas de 70 e de 80 do século XX, marcada pela presença de uma vala de drenagem das águas e dos esgotos a céu aberto, de parques de campismo e de assentamentos ilegais construídos por “*retornados*” das colónias portuguesas, localizados junto à praia e ocupando uma vasta área das zonas de mata, e ainda a desorganização da frente urbana de praias, onde não existiam equipamentos adequados como instalações sanitárias ou duches.

Chegando hoje à praia, encaramos uma zona de paredão repleta de estabelecimentos de restauração e esplanadas, introduzidos pelo programa *POLIS*², estando parte destes já abandonados e em visível mau estado ao nível construtivo, devido a uma clara ausência de manutenção frequente. Todos estes estabelecimentos possuem já instalações sanitárias de serviço ao público e alguns possuíam, até há pouco tempo, uma área reservada a duches de praia, estruturas estas que acabaram por ser descontinuadas. No entanto, temos de referir o facto de que são estes concessionários privados que exploram os estabelecimentos de apoio à praia que acabam por ocupar, de forma crescente e gradual a cada ano, grande parte do areal, hoje já diminuto das praias, deixando assim apenas uma estreita faixa destinada aos restantes banhistas. Percorrendo toda a extensão deste paredão, apenas nos damos conta da existência dos pescadores,

2 *POLIS* - Programa de requalificação urbana e valorização ambiental das cidades que foi implementado entre os anos 2000 e 2006, promovido pelo estado português com fundos comunitários.

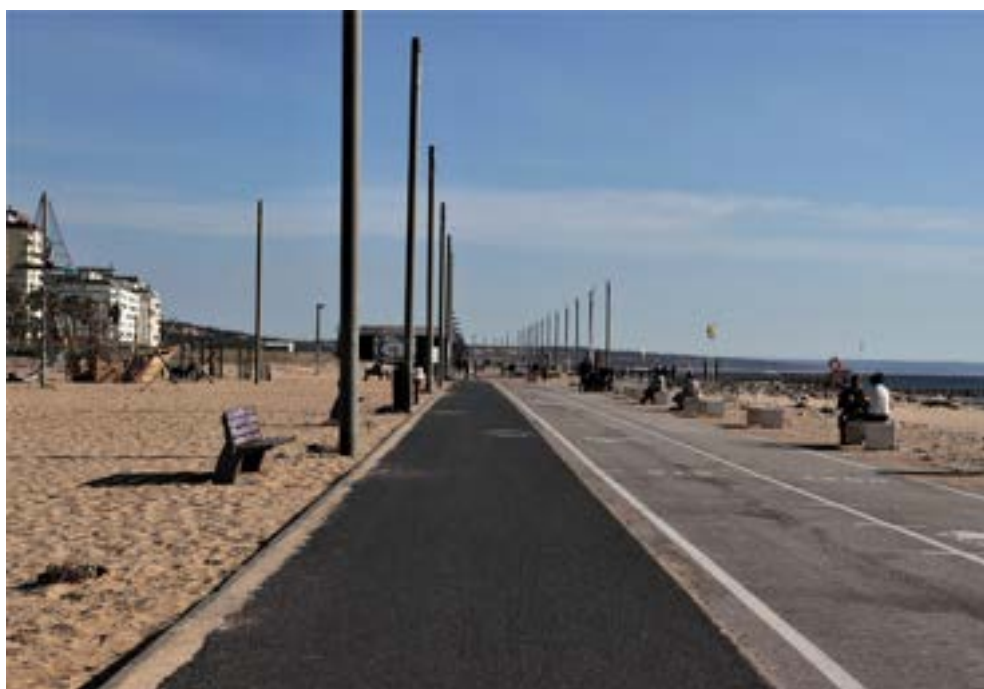


Figura 3 - Inês Maciel, Paredão da praia atual (Outubro de 2020)



Figura 4 - *Mestre Mário Raimundo*



Figura 5 - Final do paredão

elementos importantes da comunidade local caparicana, junto ao limite sul da cidade, que marca o início do limite do Clube de Campismo do Concelho de Almada e da restante linha de parques de campismo – refiro-me, aqui, e no sentido norte-sul, ao Parque de Campismo do CCL – Costa Nova, e ao Parque de Campismo Piedense, propriedade da SFUAP (Sociedade Filarmónica União Artística Piedense). Esta consiste também numa situação grave que iremos desenvolver mais à frente e que se prende com a ocupação excessiva da área protegida do cordão dunar e das matas por estes parques de campismo, sem esquecer a perigosa proximidade ao limite do mar. É neste momento que colocamos, assim, as seguintes questões – Que sítio é este? Qual é a sua história? Qual é a sua identidade? O que podemos fazer para preservar a sua riqueza histórica e paisagística para o futuro?

A propósito destas questões, Alexandra Prado Coelho ³ afirma, referindo-se à realidade atual, que *“Há uma nova Costa, com bares limpos e confortáveis e uma longa passadeira de madeira em frente às praias. Mas se o trabalho do Polis já é visível, há também uma antiga Costa que continua a existir. Há pescadores e agricultores que hoje estão preocupados com o futuro e que ainda se lembram de quando não havia banhistas e a Costa tinha apenas cabanas de colmo onde se passava frio e*

³ Alexandra Prado Coelho é jornalista no Jornal Público desde 1989. Participou na fundação do jornal ainda como estagiária, e trabalhou, durante 15 anos, na secção internacional, tendo viajado por regiões como o Médio Oriente, a Rússia, a Europa e o Afeganistão. Após este tempo, passou a dedicar-se ao tema da cultura, dentro do qual escreveu sobre cinema, teatro, arquitetura, design e literatura. É durante este período que é publicado o artigo “A nova Costa já chegou”, que tem como pano de fundo a Costa de Caparica e a intervenção do programa Costa Polis, e em particular o seu impacto no território e na população da cidade.

fome. (...) O futuro chegou, finalmente. Mas o que fica do passado? Para quem vem de Lisboa passar o dia deitado na areia e a mergulhar nas ondas, (...), a ideia de que a Costa de Caparica tenha um passado ou uma história nem lhe passa pela cabeça.”⁴

Reabilitar a memória do lugar implica, neste sentido, recuperar a sua identidade, não só através da valorização de momentos marcantes do passado que, nalguns casos, ainda permanecem no tempo, mas também através da destruição de barreiras físicas e da construção de continuidades na paisagem, quer ao nível do natural, quer ao nível do construído. Na Costa de Caparica, impõe-se uma memória forte, associada à prática da pesca e à prática banhar, bem como um desejo de permanente continuidade entre a terra e o mar, materializado nos “*rituais*” pitorescos de ver os pescadores a puxar as redes, de comprar o peixe fresco na praia, de passear no paredão, de disfrutar de uma cerveja gelada na esplanada ou de passar um dia numa costa de praias a perder de vista. Recuperar a identidade deste lugar implica, pois, o reforço desta linha de continuidade que requer, por sua vez, a construção, baseada nas práticas já existentes do passado, de uma nova experiência de descoberta e de conservação da paisagem natural da frente de mar e do cordão dunar, e da paisagem cultural associada à pesca com *Arte Xávega*. Apesar do foco da presente investigação ser a faixa costeira da cidade, não podemos deixar de mencionar, ao nível da paisagem natural, a importância dos *pinhais* e das *matas* com os seus caminhos pedestres de ontem e possíveis “*trilhos*” de hoje, nos quais antigamente se apanhavam pinhões e caracóis, se

4 COELHO, Alexandra Prado. (2009, 16 de Agosto). “A nova Costa já chegou”. *Público*. <https://www.publico.pt/2009/08/16/jornal/a-nova-costa-ja-chegou-0> -

faziam caminhadas até à Fonte da Telha e se organizavam piqueniques e convívios. Também esta paisagem, de carácter mais verde, possui uma grande importância no contexto do presente trabalho de investigação, uma vez que consiste num ecossistema vegetal que se encontra diretamente conectado com o limite do cordão dunar da frente costeira, efetuando, assim, a transição entre a cidade construída e o ambiente da praia.

Esta nova experiência do lugar deverá, deste modo, ser cimentada através do reforço da conexão entre a população residente, o crescente fluxo sazonal de turistas e os pescadores e a sua atividade, alcançando-se assim a regeneração do território através do redescobrir de uma vivência fortemente alicerçada na necessidade de proximidade ao mar – o elemento-chave - e, essencialmente, de proximidade à natureza, algo impossível para quem habita nas grandes cidades, como Lisboa. De facto, segundo Aldo Rossi, *“Pode dizer-se que a própria cidade é a memória colectiva do seu povo e, tal como a memória, está associada a objectos e lugares. A cidade é o locus da memória colectiva. Esta relação entre locus e cidadania torna-se então a imagem predominante da cidade, tanto da arquitectura como da paisagem, e, à medida que determinados artefactos se tornam parte da sua memória, outros, novos, emergem. Neste sentido inteiramente positivo, grandes ideias fluem através da história da cidade e dão-lhe forma.”*⁵

5 ROSSI, A. (2001). *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmo. pp. 130



Figura 6 - Daniela Flores, Pescadores (Outubro de 2020)

Objetivos e Metodologias

A *reabilitação da memória do lugar*, tema basilar da investigação, tem como propósito alimentar uma intenção, de horizonte mais alargado, de *reavivar* os elementos únicos e caraterísticos que constroem a *identidade* da cidade da Costa de Caparica. Construir ou *reconstruir* esta identidade implica, pois, um olhar cuidadoso e atento sobre as variadas paisagens naturais e construídas que desenham a cidade, sobre o que eram, e sobre o estado em que se encontram hoje. Neste sentido, reabilitar a memória é, na sua génese, renaturalizar uma paisagem que, à semelhança do tecido edificado, perdeu a sua identidade caraterística ou os elementos que a tornavam reconhecível como tal – quer seja a arriba, os campos agrícolas ou, neste caso em foco, as *dunas*, a *mata* e a *frente litoral*. Ao renaturalizarmos esta paisagem, é possível a realização de uma reflexão mais profunda sobre a necessidade de criação de novos espaços, que sejam não só capazes de articular as dimensões natural e construída, mas também que possuam um carácter versátil ao nível do desenho do edificado que lhes permita perdurar no tempo. Ao permanecer no tempo, estas estruturas irão adquirir o papel fundamental de construir a paisagem da cidade e de consolidar ou mesmo de potenciar os elementos que de facto funcionam e são importantes para a mesma.

No caso em particular desta investigação, a proposta de criação de um *novo equipamento cultural* associado a uma *nova lota de pesca*, ambos ancorados numa estratégia basilar de reconstrução e de plantação das *dunas*, procura trazer de volta, no tempo presente, a importância que outrora as paisagens e as atividades primárias tiveram na cidade. Falo, pois, da pesca artesanal com *Arte Xávega*, como paisagem humana, e



Figura 7 - As dunas e o mar



Figura 8 - As dunas e a arriba fóssil

da paisagem natural das *dunas*, das *matas* e do *mar* que, de acordo com a proposta presente nesta investigação, se dispõem em *continuidade* e harmonizam a transição do espaço da cidade para o espaço da *praia*. Em suma, poderemos afirmar que, *reabilitar a memória* é retornar aos elementos essenciais que constroem a paisagem – as pessoas, a vegetação, a areia e a água.

Partindo, assim, da ideia de uma nova experiência do lugar, o objetivo principal desta investigação é o de dinamizar o território da frente de mar da Costa de Caparica, através de uma intervenção global e integrada ao longo de toda a frente de praias. Esta intervenção materializa-se na proposta de criação de uma “*Rota da Memória*”, a qual consiste num conjunto de percursos pedonais que irão conectar, não só os pontos históricos importantes da cidade (como a Igreja Velha, o Mercado ou os antigos bairros de habitação dos pescadores), mas também os novos programas arquitetónicos e de espaços verdes. Com enfoque numa vivência renovada e mais sustentável, da frente de mar, capaz de potenciar novas dinâmicas entre a população local e os turistas sazonais, a presente investigação pretende suportar a proposta de criação nesta cidade de um novo equipamento de *cariz cultural* e com uma vertente pedagógica, aliado a um conjunto de novos espaços, de *cariz comercial e utilitário*, de apoio à prática e divulgação da pesca com *arte xávega* na Costa de Caparica.

Estes novos espaços propostos são, assim, agregados num novo Pólo Piscatório ou *Pólo das Pescas* que abrange, não só o *Centro de Interpretação da Arte Xávega*, mas também uma intervenção de requalificação e realocização da *Lota de Pesca*, para além dos programas adjacentes de *aprestos* e de *abrigos* de pesca vocacionados para o



Figura 9 - Mário Novais, *Costa da Caparica, Igreja de Nossa Senhora da Conceição* (1946)

trabalho dos pescadores. Este conjunto de novos programas inter-relaciona-se através de uma nova rede de percursos pedonais que estruturam um conceito de “*museu vivo*” e que potenciam, desta forma, o *reconectar* da cidade com o limite natural das *matas*, das *dunas* e do *mar*. Indo além da valorização turística temporária, através de uma economia baseada no consumo, esta proposta visa a fixação regular de pessoas no território, com recurso à dinamização de atividades culturais ligadas ao mar, através de um novo conjunto de estruturas capazes de se tornarem em verdadeiros repositórios de memórias, aliando uma componente estática de exibição com uma componente “*viva*” de observação.

Um projeto para o *Pólo das Pescas* da Costa de Caparica teria, assim, a capacidade de promover uma relação harmoniosa com a frente de praias, com recurso à valorização, não só do património natural associado às dunas e às matas, mas também das tradições, da cultura e da gastronomia associadas à atividade piscatória e ao estilo de vida dos pescadores. A intenção é a de *recuperar a memória*, não num sentido saudosista, mas sim com o intuito de revitalizar um território há muito descaracterizado. Valorizar para caracterizar o território e fixar a população. *RE-CONNECTAR* para *RE-VITALIZAR* e *RE-ABILITAR*.

Procurando empreender uma estratégia de regeneração do lugar irei, num enquadramento inicial, investigar as origens da cidade da Costa de Caparica como povoado piscatório, e mais tarde como polo balnear de veraneio, bem como a sua evolução geográfica e urbana, ao longo do tempo, com enfoque na frente de mar. Além da análise fisiográfica, realizada com recurso a peças documentais e cartográficas, irei realizar uma breve análise das intervenções urbanas realizadas nesta cidade ao



Figura 10 - António Leão de Sousa, *Carlos da Fátima* (21 de Fevereiro de 2021)

longo da história e, sobretudo, o seu impacto no desenho e nas vivências associadas à frente de praias. Neste ponto, irei debruçar-me sobre a intervenção, mais recente, do Programa *POLIS*, nomeadamente o Plano de Pormenor dedicado a toda a extensão das praias urbanas, analisando-o de forma crítica, mas construtiva, com o objetivo de propor uma abordagem alternativa de valorização do património cultural e natural, ligado este último, sobretudo, ao mar. Após esta análise de fundo, irei então debruçar-me sobre o estudo de projetos de referência, nacionais e internacionais, associados principalmente aos programas da *Lota de Pesca* e do *Centro Interpretativo* e também associados a uma estratégia de percursos lúdicos de descoberta, preconizada no conceito de “*museu vivo*”. Irei, deste modo, estudar estes projetos de referência com o intuito de analisar as respetivas necessidades ao nível do programa, bem como as abordagens realizadas ao nível da articulação do desenho da arquitetura com a *paisagem*.

Neste ponto, devo destacar como fontes de referência os projetos do *Centro Interpretativo do Património da Afurada*, em Vila Nova de Gaia, e do *Museu Marítimo de Ílhavo*, para além do caso de estudo do *Centro Interpretativo do Vulcão dos Capelinhos*, na ilha do Faial. No panorama internacional, foram importantes referências o projeto do OCA, Pavilhão de Exposições inserido no Parque Ibirapuera, no Brasil, para além do *Museu Nacional de Brasília*, também no Brasil. Como caso de estudo, para concluir o panorama internacional, devo referir o importante *Tirpitz Bunker Museum*, localizado em Blåvand, na Dinamarca, para além do *Museu das Dunas*, localizado na China. Um complemento a este estudo serão as visitas físicas ao local de intervenção, ou seja, a cidade da Costa de Caparica, bem como os diários gráficos e fotográficos de exploração produzidos no âmbito das mesmas. No processo de desenvolvimento

do projeto, o desenho, a fotografia e a maquete irão revelar-se como ferramentas essenciais de estudo e de exploração das potencialidades espaciais do sítio de intervenção.



Figura 11 - António Leão de Sousa, *Enviando a chata São José - Arte xávega* (14 de Fevereiro de 2021)

O Plano Urbano para a Costa de Caparica

1 Entre o Mar e a Terra

*“(...) entro e saio da mesma casa há trinta anos, faço o mesmo caminho para as mesmas praias, pelas mesmas colinas, passo pelas quintas, vejo há trinta anos mudar a mesma paisagem. Um dia, penso: que sítio é este onde vivo? Que edifício berrante ali nasceu? Que fabriqueta no meio das hortas? Que gente vive em cima daquela praia?”*⁶

É desta forma, clara e sucinta, mas muito sugestiva, que a escritora Luísa Costa Gomes nos descreve a cidade da Costa de Caparica ou, melhor dizendo, a “sua” Costa de Caparica. Neste pequeno relato, surge-nos uma síntese dos elementos essenciais que dão corpo ao suporte natural da cidade. Começou por ser a “Costa do Mar” para os Romanos e Fenícios e, *mais tarde*, passou a ser a “Praia do Sol”, para os turistas e curiosos. De todo este percurso, um aspeto parece-nos certo – a variedade de paisagens e de ambientes. Mas também um outro aspeto, de conotação mais negativa, se impõe – a mudança da paisagem ao longo do tempo, e nem sempre considerando, ao máximo, as suas potencialidades.

Partindo do estudo e análise de uma cidade de raízes históricas recuadas no tempo, com um incrível “espólio” de memórias marcadas

⁶ GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. p. 7

por características únicas, mas também com uma série de problemáticas associadas, o grupo de investigação *“Entre o Mar e a Terra”* aceitou, com grande entusiasmo, o desafio de repensar a Costa de Caparica ao nível do natural e do construído. Este *“repensar”* teve sempre em mente toda uma *“bagagem”* de elementos simbólicos do território, bem como o facto de esta ser uma das cidades, ao nível nacional, que terá sido sujeita ao maior número de planos urbanos concebidos por vários arquitetos. Esta investigação do grupo resultou no levantamento e reconhecimento das atuais *necessidades* da cidade, ao nível de ordenamento da paisagem, de reabilitação de certas *“peças”* do edificado e ao nível da criação de *novos programas e equipamentos*. É no âmbito desta investigação do grupo que nasce a proposta individual do meu projeto de arquitetura, resultante do trabalho de investigação teórica que desenvolvi.

Esta investigação pessoal prende-se com a introdução de um conjunto de novos programas, considerados importantes, pelo grupo, para a solidificação das *vivências urbanas*, estando estes conectados com duas linhas de ação muito marcantes neste território: a *pesca* e o *turismo*. Estes novos programas consistem, assim, num novo equipamento de cariz cultural, o *Centro de Interpretação da Arte Xávega* e consistem ainda em novos equipamentos vocacionados para a prática piscatória que incluem uma nova *Lota*, para além de novos *abrigos* e *Aprestos* de pesca. Todos estes novos programas, no que concerne ao desenho do espaço, foram concebidos de acordo com uma dinâmica de conjunto e de *integração* no território em estudo, relacionando-se com o mesmo através de uma rede de percursos pedonais, criando, assim, a lógica de um *“museu vivo”*. Todos estes novos programas propostos e desenvolvidos por mim são incluídos no que poderemos designar como *Pólo das Pescas*.



Figura 12 - Jornal *Praia do Sol*, nº 1, dirigido por Norberto Araújo (Janeiro de 1950)

2 A cidade da Costa de Caparica

Nota Introdutória

A cidade da Costa de Caparica teve o seu início como *povoado piscatório* no século XVIII. Os pescadores chegaram a este território, vindos do *Norte* (Ílhavo) e do *Sul* do país (Olhão), e instalaram-se no lugar da praia, formando assim as primeiras comunidades, juntamente com as suas famílias e companhas de pesca. Primeiro durante os meses da safra (outono e inverno), e mais tarde permanentemente, estes pescadores foram colonizando o território inóspito e insalubre, à época, da Costa de Caparica. Ali instalaram as suas cabanas, de construção precária (madeira, junco e colmo), no areal das dunas, praticando a arte xávega e outros processos de pesca artesanal.

Além da prática piscatória associada à zona de costa, estes pescadores viravam-se também para o terreno plano dos *campos agrícolas*, uma zona altamente fértil e que é hoje designada por “*terras da Costa*”. Era nestes campos que os pescadores, para além das gentes que foram chegando posteriormente à cidade, cultivavam os seus próprios alimentos, sobretudo durante os meses em que a pesca era fraca. Era exatamente junto ao limite existente entre o povoado piscatório e os campos agrícolas que surgiam as primitivas valas que faziam a drenagem das águas da zona da arriba fóssil para o mar. Estas valas, em conjunto com a mancha edificada de forma mais espontânea do povoamento dos pescadores, acabaram por se tornar em *elementos estruturantes* deste território, orientando assim o crescimento da cidade para fora de um centro consolidado que se

perpetuou até aos dias de hoje. Gradualmente, e à medida que a cidade foi crescendo para fora dos limites do “*centro*”, os vestígios da primitiva povoação dos pescadores foram sendo “*empurrados*” para a linha de costa, acabando por desaparecer, permanecendo apenas a *Igreja Matriz*.

À semelhança das *valas* e do *povoado primitivo*, a *paisagem natural* da Costa de Caparica, na sua grande diversidade, acabou por gerar *limites* estruturantes que ainda hoje se sentem presentes no território. Esta grande variedade, ao nível da *biodiversidade*, abrange ambientes que proporcionam vivências agradáveis e únicas, tais como: o mar, as matas e as dunas, que caracterizam a frente atlântica de praias e onde está presente o dinamismo da *simbiose* entre o oceano e o rio Tejo; os campos agrícolas, hoje designados por “*terras da costa*”, que constituem a zona de transição entre a cidade edificada e o limite da arriba fóssil; e a mata nacional dos *Medos* (para além do *Pinhal do Inglês*).



Figura 13 - Plano hydrographico da barra do porto de Lisboa (detalhe), Francisco M. Pereira da Silva (1857)

Memória e Identidade

A palavra *Memória* facilmente nos remete para uma realidade passada, e a mesma pode ser definida à luz de diferentes sentidos: a capacidade de conservar ideias ou imagens que podem ser readquiridas sem grande esforço; lembrança; recordação. Esta consiste no material primário para a construção da *identidade* de um lugar, conferindo-lhe um sentido de ação. Em conjugação com a consciência do *tempo presente*, esta identidade reflete-se nas vivências humanas e desenha formas particulares de arquitetura. Na Costa de Caparica, a figura do *pescador* e a pesca com arte xávega, bem como as atividades balneares e de *veraneio*, assumem um papel de destaque.

Chegados à Costa de Caparica no século XVIII, os pescadores foram-se fixando, gradualmente, até surgirem as primeiras *comunidades* compostas pelos mestres de companhia e pelas suas famílias. Estas comunidades possuíam duas filiações principais, sendo que algumas terão vindo do *Algarve* (Olhão) e outras de *Aveiro*, da Torreira e de Espinho (Ílhavo), e instalaram-se ali para pescarem durante os meses da “*saфра*” (outubro, novembro e dezembro). Estas comunidades de pescadores praticavam a *arte xávega*, para além de outros e variados processos de pesca artesanal. Tal como Luísa Costa Gomes explica, “*Nenhuma razão justificava o povoamento deste lugar inóspito e insalubre. A Costa, como se designava toda a frente atlântica do concelho de Almada, não era mais do que simplesmente a costa, o limite, a fronteira, o lugar onde o continente*

termina (...).” De facto, à época da chegada destas comunidades ao lugar da praia da Costa de Caparica, a atual cidade constituía, nada mais nada menos, do que uma longa extensão de terrenos férteis, junto ao limite inferior da arribas fósil, que se intersetavam com uma extensão, quase “*interminável*”, de dunas e de terrenos alagadiços devido à grande proximidade do areal face ao limite do mar e à ação dos ventos húmidos e salgados. Estes terrenos quase que poderiam ser designados como “*pantanosos*” e, por essa razão, completamente improváveis e inadequados para o estabelecimento de qualquer assentamento humano. A acrescer a esta situação, é de referir o facto de este território, a sul da margem do Tejo, se encontrar, à época, bastante isolado face à outra margem onde se situava a grande metrópole: Lisboa. Este território era, de facto, quase considerado como um local “*selvagem*” e virgem, suficientemente isolado, desocupado e inóspito para atrair, não só a fidalguia de Lisboa (com os seus prazeres, piqueniques e festas longe do olhar da coroa), como também criminosos e todos aqueles que, por algum motivo, tinham a necessidade de se esconder.

É possível registar a fixação, no ano de 1770, dos primeiros “*mestres*” e respetivas companhias que assentaram as suas habitações, “*(...) umas singelas e pequenas choupanas (...)*”⁸, no lugar da praia, registando-se a presença de dois *mestres de redes* importantes: José Rapaz, de Ílhavo, e José Gonçalves Bexiga, de Olhão. Luísa Costa Gomes menciona este

7 GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. p. 16

8 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 44



Figura 14 - Gravura da Costa antiga (século XIX-XX), António Lopes Martins, Coleção particular

primeiro povoamento, referindo que “(..) a abundância do peixe que vinha do leito do Tejo desaguar aqui acabou por provocar o povoamento, primeiro durante apenas alguns meses no Verão, para a safra da sardinha, depois estabelecendo duas comunidades de pescadores (...).”⁹ Apesar da subjacente relação de *rivalidade* entre estas duas comunidades isoladas, separadas pela atual *Rua dos Pescadores*, existia, simultaneamente, um laço de *solidariedade* entre elas. Este facto é comprovado pelo registo da existência do designado “*cofre do quinhão*”, consistindo este numa associação mutualista que financiou, ao longo do século XIX, obras importantes na Costa de Caparica, tais como a construção do *Poço da Vila* (1879) e do *cemitério* (1880). De facto, o evento principal que deu início à formação da primeira comunidade piscatória na praia da Costa de Caparica terá sido o primeiro casamento norte-sul, celebrado pelo primeiro pároco da igreja, o padre Francisco da Silva.

Existem várias descrições, ao longo do tempo, das cabanas dos pescadores, remetendo, com frequência, para a evolução da sua *materialidade* e para as melhorias que foram sendo realizadas ao nível das suas comodidades. Apesar do seu carácter precário e humilde, surge, em algumas descrições, a referência a um período mais abastado que se terá vivido nesta colónia piscatória durante o século XIX, do qual são testemunhos os vestígios materiais de mobílias ou de *imagens sagradas*. À época, a Costa seria um *paraíso “escondido”* para os fidalgos e as gentes da corte. Este facto revelou-se importante, quer para a melhoria das *condições de vida* dos pescadores e das suas famílias, quer para o futuro

9 GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. p. 16

desenho, ordenado e planeado, que se viria a realizar para os *primeiros núcleos urbanos* da Costa de Caparica:

*“As simples barracas de pescadores, de junco e colmo, foram-se aperfeiçoando, enchendo-se de conforto e comodidades, até ao ponto de nelas se proporcionarem festas verdadeiramente faustosas a que concorriam dos arredores fidalgos e literatos dos meados do século passado (séc. XIX).”*¹⁰ Juntamente com a construção destas *barracas*, a primeira ação dos povoadores foi a construção de uma *igreja* (concluída em 1779) em junco e tabuado, dedicada a Nossa Senhora da Conceição (atual Igreja Matriz). Apenas no início do século XIX, no ano de 1800, se regista a construção da primeira casa em pedra e cal que foi designada como a *“Casa da Coroa”*. Na praia da Costa, junto a esta igreja, existia uma dependência do *Convento dos Capuchos*, destinada a retiro espiritual e que, mais tarde, se tornou no *Colégio do Menino Jesus* (início do século XX), o qual hoje já não existe.

Foi nesta primeira casa que, em 1824, o rei *D. João VI* se alojou e na qual, para a ocasião, foi colocado o *símbolo das armas reais* (a designada *“Casa da Coroa”* que terá sido demolida já no final do século XX), existindo ainda referências às estadias nessa casa de monarcas como *D. Maria II*, *D. Pedro V* e *D. Estefânia*. Foi aqui que *D. João VI* assinou a promoção à categoria de mestres de naus dos mestres de *“redes”* ou de *“companha”* da Costa, evento que em muito contribuiu para o prestígio dos pescadores através do pagamento regular de uma *“terça”* ou ordenado. Só em 1915

10 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 44

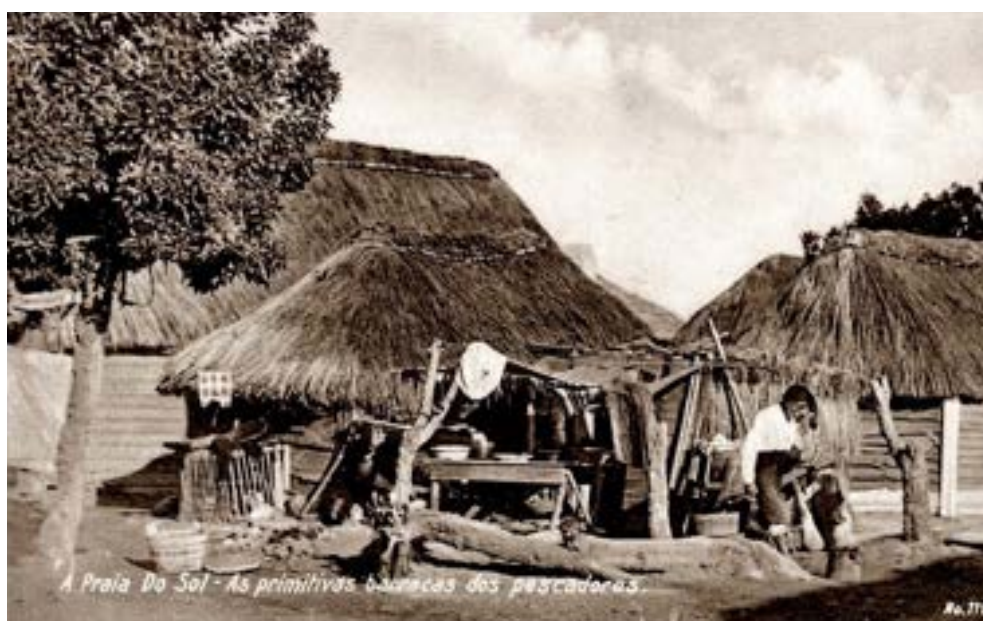


Figura 15 - *A Praia do Sol, As primitivas barracas dos pescadores*, ed. Acção Bíblica/Casa da Bíblia, nº 111, Delcampe



Figura 16 - Colégio do Menino Jesus (esquerda ao fundo, e Igreja Velha à direita) e Casas típicas de pescadores, Costa de Caparica, Alberto Carlos Lima (década de 1900)

existe o registo do surgimento do primeiro Cabo-Chefe da Costa de Caparica, Manuel Gonçalves dos Santos, conhecido por “*Ti Mano*”.

No entanto, e até ao início do século XX, a Costa de Caparica era tida como um local perigoso, pouco recomendável e de má fama, bem como os seus habitantes, pelo facto de ser frequentada, essencialmente, por pessoas que seriam perseguidas ou que teriam algum motivo para se esconderem, nomeadamente das autoridades de Lisboa. Refiro aqui os *criminosos* que aqui se refugiariam, afastados dos olhares do governo central. Esta conotação de insegurança surge associada, não só à “*bandidagem*” fugida de Lisboa, mas é também, e frequentemente, personificada na figura do pescador que, por se abrigar nas barracas onde as suas companhas armazenavam as redes e os apetrechos de pesca, era conhecido por “*barraqueiro*”. Luísa Costa Gomes explica este fenómeno: “*O isolamento geográfico, o afastamento das autoridades e da administração do concelho de Almada, tornavam estas costas um destino privilegiado para quem fugia à justiça ou não queria ser por ela incomodado. O sustento era o mínimo, mas não se inquiria sobre a moralidade dos forasteiros.*”¹¹

Ao analisarmos a faina piscatória, devemos ir além do mero quadro pitoresco, não esquecendo os *infortúnios* da vida dos pescadores e respetivas famílias. De facto, “*Falando de pescadores e do mar – teremos de descerrar um pouco a visão de tragédias. Falemos da Costa-martyr.*”¹²

11 GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. p. 17

12 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 44

Devo mencionar a *precariedade* das condições de vida desta população, para a qual Francisco Silva chama a atenção: “*Da praia e do mar chegava o único sustento das populações da Costa, dada a total impossibilidade de qualquer prática agrícola nas estéreis areias.*”¹³ Algumas destas tragédias estão associadas a sucessivos incêndios que ocorreram no século XIX e que menciono de seguida: o grande incêndio da “*Quinquilheira*” (1840), que devorou 98 barracas; o grande incêndio do “*Rosa do Ché-Ché*” (1864), que devorou outras 60 barracas; o fogo no bairro “*Costa Pinto*”, que desalojou 60 famílias. Nestas três situações, procedeu-se à *reconstrução* das barracas, respetivamente, pelo governo, pela comissão do concelho e pelo benemérito Jaime Artur da Costa Pinto.

Menciono, ainda, uma terceira personagem importante no contexto social da época que consiste no padre *Baltazar Diniz de Carvalho*, reconhecido pela população como um pároco benfeitor que várias vezes empreendeu ações de assistência e de caridade em prol dos *pescadores* e dos pobres da Costa de Caparica. Este terá sido apelidado de “*romeiro da verdade e da justiça*” e ainda de “*pai dos pescadores*” e, por essa razão foi, postumamente, homenageado através de um monumento construído por subscrição pública em 1955 e que ainda hoje se encontra localizado em frente à *igreja velha*, junto à Avenida 1º de Maio.

Mas os infortúnios não se ficaram pelos incêndios. De facto, a vida de pescador acartava o risco da ida para o mar revolto, em embarcações de

13 GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. p. 17

pequenas dimensões (os “*meia-lua*”) que, muitas vezes, sofriam *naufrágios* e provocavam várias mortes, deixando na miséria as viúvas e os seus filhos. Muitos destes infortúnios contam-se nos *quadros devotos* que as famílias dos falecidos encomendavam e que eram, posteriormente, pendurados na entrada da *igreja*. Aqui tenho de mencionar o naufrágio do barco “*O Pensativo*”, ocorrido em 1929 e que, saindo para o mar picado numa manhã escura de nevoeiro, naufragou a meio caminho da praia e provocou a morte de 11 homens. Perante esta situação, várias associações de caridade reuniram fundos para apoiar as famílias desamparadas, tendo mesmo sido lançada uma iniciativa de subscrição pública pelo jornal “*Diário de Lisboa*”. A propósito deste incidente, iniciou-se um aceso debate acerca das *condições de vida* dos pescadores na Costa de Caparica, debate este que a passagem seguinte descreve com maior clareza:

*“É preciso muito mais ... Pois que o exercício desta indústria de pesca não é bastante remunerador para que os pescadores possam acudir às suas mais urgentes necessidades – pois que o inverno ali é um sudário angustioso de fome e privações (...) pois que há ainda quem viva nas misérrimas barracas de junco por onde o vento entra e a chuva o segue no desconforto da miséria que se não pode defender – pois que a praia de banhos não tem ainda o bastante desenvolvimento para que os seus banhistas possam sósinhos ocorrer ao enorme encargo de um novo bairro para os pescadores (...) a fim de se dar àquela gente, ao menos em paga do seu esforço, a casa onde viva com agasalho, com decência, com ... moral.”*¹⁴

¹⁴ FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 46

EM FRENTE DA COSTA DA CAPARICA

ESTA MADRUGADA

a 500 metros de terra
voltou-se
numa traição do mar
o barco de pesca “Pensativo”

Figura 17 - Diário de Lisboa, 12 de Dezembro de 1929



Figura 18 - Naufrágio na Costa da Caparica, ao centro o arrais do barco naufragado, Torre do Tombo

Para agravar a *situação precária* dos pescadores, começam a surgir, nos anos 30 do século XX, a pesca a vapor, a pesca de arrasto, as traineiras e a pesca de dinamite, que acabaram por destruir as espécies e o meio ambiente, reduzindo a existência de peixe em locais outrora ricos, e provocando mesmo a sua esterilidade. É neste contexto que se afirma a importância da pesca com *arte xávega* como prática artesanal e que não causa qualquer impacto no meio natural, promovendo um *consumo sustentável* das reservas de peixe. De facto, “(...) *quanto era providente o sistema de pesca tradicional do nosso país, as artes de chavega, que bastaram sempre para o seu abastecimento. Esta forma de pesca é completa: poupa (...) o peixe pequeno; (...) As quantidades de peixe que comportam (...) não são exaustivas. Pode dizer-se que a natureza nos forneceu com estas “artes” (...), o meio próprio, natural e racional de nos abastecermos, sem prejudicar a produção.*”¹⁵

Apesar disto, as “*artes de chavega*” não conseguem competir com o preço mais baixo das grandes quantidades de peixe que a pesca industrial coloca no mercado e que, para além disso, contribui para o desperdício ao deitar, igualmente, grandes quantidades de peixe ao mar. É mesmo possível prever que, com a crescente escassez de peixe, estas empresas entrem em ruína, devido ao seu sistema de pesca destruidor e exaustivo – “*Quando pois estas empresas de pesca de arrasto tiverem terminado a sua obra de extermínio – se não tiver havido, até então, o cuidado de proteger, amparar e salvar as “artes” de chavega, o país terá de reconstruir essa*

15 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 46

indústria (...).¹⁶ É, por esse motivo imperativo que se resguarde e apoie esta forma de pesca a que, segundo alguns, “(...) *um futuro próximo terá necessariamente de recorrer.*”¹⁷

Associada à faina piscatória surge, desde os tempos do núcleo urbano primitivo da Costa de Caparica, uma *cultura* forte trazida pelos “Ílhavos” que ali introduziram e começaram a praticar a *arte xávega*. Este património cultural estava inicialmente associado às *embarcações* de pesca e às suas origens históricas. Existem testemunhos que associam os barcos “*meia-lua*” a uma origem romana, ou com elementos de *divindades egípcias* (o olho de Hórus) que ainda hoje ornamentam a sua proa. Com os Ílhavos vieram também tradições, hábitos, usos e costumes, a bravura para enfrentar o mar, os trajes, as *danças aveirenses*, os viras e mesmo outros cantares como o fado. Já os *Algarvios*, de origem mourisca, trouxeram as suas embarcações, denominadas de “*buques*” com vela bolina, bem como os seus trajes e danças, tais como o *corridinho*, dançado com recurso a cintas formadas pelas redes de pesca. Muitos destes hábitos criavam o cenário de *festas populares* que se desenrolavam, muitas vezes, nas tabernas.

Em 1770 era comum a participação dos pescadores da Costa de Caparica na celebração das *Festas do Círio no Cabo Espichel*, sempre realizadas no primeiro domingo do mês de maio. Por incentivo do primeiro pároco da Costa de Caparica, o padre Francisco António da

16 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 47

17 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 47



Figura 19 - Arribação dos pescadores após o lançamento das redes, Costa da Caparica (Almada), nº 60



Figura 20 - Rancho Infantil Marisol, Costa da Caparica, João Raimundo Gonçalves

Silva, sabendo das rivalidades entre Ílhavos e Algarvios, os *mestres de companhia* de ambos os lados e as respectivas famílias juntavam-se no mesmo grupo. Vinham “(...) *de trajes tradicionais à pescador. Os mestres de calças e colete, bota fina e jaqueta, os da companhia de calçado leve, calça e boné ao alto, camisa aos quadrados. Os outros de barrete preto, sobressaindo as borlas farfalhudas e as mulheres de vestidos, a condizer com o sentimento da festa.*”¹⁸ Existe ainda o registo de que o rei *D. José I* terá assistido a estas festas, também designadas por *festas da Senhora do Cabo*, dando bolos à população para animar a festa (soberanos portugueses tinham especial carinho pela Nossa Senhora do Cabo, auxiliando sempre as suas comemorações). Tal como Salvador Félix Martins refere, “*Havia folgança popular, alegria e delírio, nessas três tardes com arraial e corrida de touros. (...) Chegou a hora de todos acompanharem a festa religiosa da procissão da Virgem Maria, rodeada de fiéis, flores azuis e doiradas, o andor dando voltas ao santuário, com o chão tapetado de rosmaninho, lírios, e flores do campo. Os pescadores rezando, pedindo a bênção ao mar, e a proteção para o novo ano à Senhora do Cabo. Os romeiros com devoção, elevando a voz em preces, na esperança da paz.*”¹⁹

A par da existência de práticas mais profanas, que marcavam a vida dos pescadores nos finais do século XIX, começa a surgir, então, uma *cultura religiosa* muito forte, associada à *faina piscatória*, e que se manifestava nas *sociedades culturais de recreio* de génese popular. É a partir do início do século XX, em particular durante os anos 20, que assistimos à

18 MARTINS, Salvador Félix. (2016). *Caparica Doutrós Tempos*. Edições Gandaia. p. 32

19 MARTINS, Salvador Félix,. (2016). *Caparica Doutrós Tempos*. Edições Gandaia. p. 35

divulgação de eventos como as *Festas Populares e Religiosas da Costa de Caparica* que incluíam procissões em honra da Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos pescadores, bem como atuações da *Banda Filarmónica de Pescadores*. Esta tradicional procissão era composta por um conjunto de nove andores, cada um dedicado a uma temática específica, tais como a *Barca de São Pedro*, a imagem figurativa do *barco meia-lua* tripulado pelos Apóstolos ou o pescador São Pedro e Jesus Cristo.

Estas procissões que percorriam o lugar e a praia da Costa de Caparica consistem na manifestação de um *“Ritual de devoção e fé, em ligação com o mar e a pesca, que reúne a comunidade piscatória, as famílias da povoação e visitantes”*.²⁰ Estas festas, com o seu *caráter religioso*, acabavam por gerar um *“(...) cenário curiosíssimo dos festeiros, numa terra de pescadores, com hábitos primitivos e inconfundível aspeto (...)”*.²¹

É possível encontrar descrições do ambiente destas festas religiosas nos seus respetivos folhetos de divulgação, sendo a descrição seguinte um exemplo: *“(...) com a volta pela praia, a bênção do mar, o espetáculo maravilhoso de uma costa com sete léguas, a contemplação do oceano, as filarmónicas da terra e dos arredores, os festejos nocturnos e uma assistência de 30. 000 pessoas, vindas de todos os arredores, são dos motivos mais belos do feitio popular e tradicional português.”*²²

20 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 72

21 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 72

22 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 72



Figura 21 - Procissão com a imagem do Menino Jesus do Sarrico ou da Praia, Costa da Caparica (1926), Delcampe (arriba fóssil ao fundo)



Figura 22 - Procissão, Costa da Caparica (1926), Delcampe (Igreja Velha ao fundo)

Desde cedo, e em particular a partir do início do século XX, a faina piscatória e também o efeito reparador da praia, bem como o seu carácter pitoresco, despertaram o interesse de artistas e escritores. Um deles terá sido o poeta *Raimundo Bulhão Pato*, fidalgo português que habitou no Monte da Caparica longe da agitação lisboeta e para o qual “(...) *o mar é fonte de sardinha e de tormentas, aflitivo quando se ouve ao longe, quando não se deixa navegar, fecundo e temido; a praia é a dos pescadores que ele descreve, compassivo, a pedir esmola pela estrada quando o mar não dá.*”²³

Já o escritor *Raúl Brandão*, no seu livro intitulado *Os Pescadores*, fala acerca dos mesmos, não se focando apenas na sua dimensão *pitoresca*, mas antes salientando a sua *sensibilidade* desperta para o mar. Na descrição seguinte, o autor refere-se às *cabanas* dos pescadores:

*“Têm um ar mais humilde que os palheiros de Mira ou Costa Nova. Quatro tábuas e um teto de colmo negro com remendos deitados cada ano: alguns reluzem e conservam ainda as espigas debulhadas do painço. No imenso areal, o banco da duna, sempre o mesmo banco, maior ou mais pequeno, próprio para a arrebentação, de proa e popa erguidas para o céu.”*²⁴

23 GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. p. 25

24 BRANDÃO, Raúl. (1923). *Os Pescadores*. in GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. p. 27

Também o rei *D. Carlos I* escreveu e pintou acerca da Costa de Caparica, passando horas intermináveis no mirante mais alto do Convento dos Capuchos, chegando mesmo a escrever, entre 1906 e 1908, que “*A praia da Costa é o sanatório de Lisboa.*”²⁵ Este ideal, relacionado com o *efeito reparador* para a saúde de temporadas sazonais (na época alta de verão) de *banhos de mar*, na Costa de Caparica, acabou por perdurar no tempo. De facto, já mais tarde, a partir das décadas de 30 e de 40 do século XX, como iremos explorar mais à frente, este espírito revelou-se bem presente, e nomeadamente no momento de fundação da *F.N.A.T.* (*Federação Nacional para a Alegria no Trabalho*).

A primeira colónia balnear da *F.N.A.T.* foi criada a 31 de julho de 1938 e foi instalada na Mata da Caparica, com a designação de “*Um Lugar ao Sol*”. Esta estância de veraneio foi criada no âmbito do *ideário* que preconizava a alegria do trabalhador com recurso a *estâncias de férias*, vocacionadas para os trabalhadores do Estado. Nestas estâncias como a *F.N.A.T.*, os trabalhadores podiam descansar da faina anual, junto da sua família, disfrutando de um ambiente de cariz mais *campestre*, que se misturava com o ambiente da *praia*, beneficiando de uma variada oferta de *atividades*, tais como a tradicional prática religiosa da missa ou, até, ciclos de cinema ao ar livre. No fundo, disfrutando do *ócio* que a vida de praia proporcionava, à semelhança do que, noutros tempos, também os burgueses e fidalgos faziam. Finalmente, refiro o interesse na Costa de Caparica demonstrado por *Manuel de Agro Ferreira* que, na sua obra *Costa de Caparica, Terra de Pescadores*, e segundo Luísa Costa Gomes, “(…)

25 MARTINS, Salvador Félix. (2016). *Caparica Doutrós Tempos*. Edições Gandaia. p. 47



88 COSTA DA CAPARICA - Entrada principal para a F. N. A. T.

Figura 23 - Entrada principal para a F.N.A.T., Costa da Caparica, ed. Passaporte, nº 88 (década de 1960), Delcampe



Figura 24 - Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (F.N.A.T.), Aspeto do almoço dos trabalhadores dos Sindicatos Nacionais (1937)

*não ficou insensível a esse ritual (da constante labuta do pescador, na faina piscatória) que é ao mesmo tempo um acto de coragem e abnegação das gentes do mar.”*²⁶

Analisando as *gentes* que hoje habitam a *costa do sol*, depreendemos facilmente que estas absorveram os *contrastes* presentes na paisagem, sendo que hoje os diferentes *fluxos* de pessoas transmitem a ideia de uma Costa de Caparica com *dois tempos distintos* – o verão (época alta), de grande afluência turística; e o inverno (época baixa), cingido aos moradores locais. Estes moradores trabalham, na sua maioria, em Lisboa, não permanecendo e não investindo, por essa razão, na sua cidade. Temos assim, uma sequência rotineira de movimentos pendulares que conotam este território com a ideia de *cidade dormitório*. Hoje, a relação com o *mar* materializa-se, sobretudo, na prática de *surf* e de desportos náuticos, bem como na *prática balnear*. No entanto, a economia do surf é aquela que possui uma maior sustentabilidade, pelo facto de poder ser praticado quer no verão, quer no inverno.

Para além dos *contrastes*, a população caparicana revela-se altamente *diversa*, abrangendo os seguintes grupos: as famílias de pescadores; as famílias que moram na cidade por opção, pela atratividade de um estilo de vida perto da praia; as famílias que sempre lá viveram, pelo clima e relação próxima com a natureza; as famílias que se fixaram nas “*terras da costa*”, na zona de Santo António, em área de antigas quintas agrícolas; as pessoas que se fixaram, de forma informal e clandestina, também nas

26 MARTINS, Salvador Félix. (2016). *Caparica Doutrós Tempos*. Edições Gandaia. p. 61

“*terras da costa*”, mas na zona junto ao centro da cidade, tendo formado novos aglomerados *clandestinos* como o bairro de *Lelo Martins*; e, finalmente, referem-se as famílias que atualmente residem na zona dos parques de campismo e que se inserem numa camada da população mais frágil ao nível socioeconómico.

Esta diversidade na estrutura social traduz-se numa *multiculturalidade* única, sendo que falamos de uma cidade que cresceu e se desenvolveu, a nível cultural, pela mão dos *pescadores* e das pessoas que lá iam passar o verão e disfrutar de um *destino balnear e de saúde* por excelência (aglutinação, através do turismo, que influenciou os moradores). É, também, um facto que existe uma relação direta entre os pescadores, praticantes da arte xávega, e a *cultura da dança*, para além da *gastronomia*, sendo que muitos dos pratos típicos da Costa de Caparica “*descendem*” das iguarias consumidas pelos primeiros caparicanos. Temos ainda a acrescentar, como fonte de influência cultural, a *imigração* acentuada que ocorreu nas zonas litorais, a partir da segunda metade do século XX, fruto de uma situação de pobreza e desemprego no interior do país, e que aumentou a população caparicana, potenciando, por esse motivo, uma necessidade de *novas infraestruturas* (sobretudo ao nível da habitação, num lugar que era, antes do início do século XX, bastante insalubre e praticamente incompatível com a presença humana). Hoje, a *diversidade* trazida pelas múltiplas *culturas* da população imigrante contribui para o enriquecimento das dinâmicas urbanas e das vivências humanas, através da introdução de novos saberes e de novas práticas. Esta multiculturalidade vem reafirmar e valorizar o potencial da cidade que proporciona, assim, uma proximidade de excelência com uma *paisagem natural* também ela bastante diversificada. É também esta

multiculturalidade que veio enriquecer a própria *cultura local* ligada à prática piscatória, contaminando, por exemplo, as tradições locais ao nível da gastronomia, do vestuário, da língua e até ao nível da introdução de novos e diferentes hábitos de vida. Dentro deste “*cenário*”, podemos pensar, por exemplo, na forte presença de população imigrante de *origem brasileira* que, na sua maioria, acaba por se rever num estilo de vida associado a uma zona balnear, marcada pela proximidade ao mar. Num outro exemplo, temos as comunidades imigrantes com origem, maioritariamente, em *países africanos*, as quais se identificam com um estilo de vida que se aproxima de um *cariz mais rural* e que privilegiam um contacto direto com a natureza. São estas comunidades que, na sua maioria, acabam por se fixar junto aos terrenos férteis das “*terras da costa*”, explorando-os ao nível da produção agrícola e, até, da criação de gado.



Figura 25 - Inês Maciel, Vivências junto ao mar (Novembro de 2020)

Pesca, Turismo e Arquitetura

As edificações e infraestruturas que, ao longo do tempo, consolidaram o desenho urbano da cidade da Costa de Caparica, acabaram por se tornar em *marcos arquitetónicos* importantes, uns dum passado mais longínquo e outros mais recentes. Dos edifícios do *passado*, uns desapareceram por completo, tal como a *Casa da Coroa*, e outros permaneceram. Em primeiro lugar, refiro os abrigos e as *barracas* dos pescadores da época de origem da cidade, localizados junto à praia, sendo que uns foram demolidos e outros, mais afastados da cidade e junto aos parques de campismo a sul, foram reabilitados. Deste passado, ficaram-nos também edifícios como a *Igreja Matriz*, no centro da cidade, e o *Convento dos Capuchos*, juntamente com as baterias da *Raposeira* e de *Alpena*, na parte superior da arribas fósil.

Começando no passado mais longínquo, que remonta a uma *ocupação primitiva* do território, é possível caracterizar, de forma detalhada, as *habitações* que em 1770 os pescadores e as suas famílias construíram no lugar da praia da Costa de Caparica. Num enquadramento geral, verifica-se que o assentamento primitivo destas construções era realizado sobre o *sistema dunar primário*, verificando-se também que, inicialmente, este assentamento não teria qualquer tipo de *ordenação* ou desenho específico, tendo as habitações sido construídas em pleno areal e em proximidade da linha de costa (por força da necessidade associada à atividade piscatória). De facto, estas *barracas* originais encontravam-se disseminadas por uma área, formando um conjunto em *mancha*, numa orientação que divergia mesmo da orientação das próprias construções. Podemos também verificar que as duas filiações das primeiras comunidades piscatórias caparicanas



Figura 26 - Fotografia aérea da Costa da Caparica (1930-1932), AML



Figura 27 - Fotografia aérea da Costa da Caparica (1930-1932), AML

influenciaram o assentamento do núcleo primitivo de cabanas, sendo que os pescadores vindos do *Algarve* se fixaram numa povoação localizada a sul, mais tarde designada por *Bairro do Sul*, e aqueles vindos do *norte* do país se fixaram numa povoação mais a norte, junto ao mais tarde designado *Bairro do Convento* (próximo do Colégio do Menino Jesus e da Igreja velha).

Ambas as povoações levavam a sua vida de acordo com o limite da *Rua dos Pescadores*, desenvolvendo costumes próprios e chegando, mesmo, a desenvolver rivalidades entre si. A atualmente designada Rua dos Pescadores funcionava como *eixo separador* das duas realidades, sendo que, à época, este *eixo* não teria ainda o carácter oficial de rua, mas seria um local onde as *dunas* atingiam a maior elevação sobre o areal (designada *o alto*, que se estendia até ao atual restaurante *O Capote* e de onde se avistava Lisboa). A partir de certa altura, esta rua começou a funcionar como *bússola* que definia o centro de todas as conversas e a partir da qual se orientava, geograficamente, o território e o local de cada *comunidade*. À época, na área onde hoje temos as praias a sul da praia de São João da Caparica (atual frente de praias urbanas), não havia qualquer mata ou pinhal, sendo tudo deserto e plano. Os sítios mais altos seriam as *dunas* e os morros de areia que ocupavam o local onde atualmente se encontra o *Hotel Praia do Sol*. Era neste local que os pescadores discutiam quem ia ao mar, esperando o sinal dos colegas para puxarem as redes. Luísa Costa Gomes atesta a importância deste eixo: “*Separados da população de Almada pela arribas fósseis, uma linha perpendicular ao mar*



Figura 28 - Vista parcial e Rua dos Pescadores, Costa da Caparica, ed. Passaporte, nº 72 (década de 1960), Delcampe (Hotel "Praia do Sol" ao centro)

*dividia os ilhavos dos olhanenses: a Rua dos Pescadores.”*²⁷

A partir deste *núcleo primitivo* terá sido ainda criada uma rede de *caminhos informais*, que permitia a ligação entre a costa marítima e o limite natural da arriba, ocorrendo, já no século XIX, a ocupação dos terrenos intermédios para a prática da *agricultura* (através da cartografia, verifica-se a existência de construções dispersas ao longo destes caminhos e que, possivelmente, constituiriam pequenas habitações ou mesmo abrigos agrícolas). Através dos escritos históricos e dos testemunhos da população local, percebemos que esta era uma prática corrente, sobretudo durante os meses em que a *pesca* era mais fraca, sendo os pescadores *obrigados* a cultivar estas terras para a sua própria subsistência, utilizando muitas vezes algas ou espinhas de peixe para a adubagem natural dos terrenos. Ainda no século XIX, é possível identificar a presença de um edifício importante no contexto destas povoações que consiste no *Colégio do Menino Jesus*, localizado junto à *igreja matriz* e que hoje já não existe. Mais tarde, e a partir da análise das cabanas que ainda existem ao longo das praias da *Mata* e da *Saúde*, verificamos que estas formam *alinhamentos regulares* com um espaçamento entre elas e, por essa razão, denotamos a existência de duas lógicas de *assentamento* diferentes na ocupação do território, correspondentes a períodos temporais distintos.

A nível imagético e dos sistemas construtivos, é possível denotar-se uma clara influência das construções típicas *avieiras*, comuns no vale do rio Tejo, nas primeiras habitações dos pescadores na Costa de

27 GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. p. 17



Figura 29 - Mário Novais, Vista geral (detalhe), Costa da Caparica (década de 1940)

Caparica. De facto, ter-se-á iniciado, a partir dos finais do século XIX, uma *ocupação balnear* das praias de Belém, Pedrouços, Algés e Dafundo, caracterizada por um uso do espaço da praia integrado nos costumes da época e baseado na fixação de *barracões* sobre a areia e quase sobre a linha de água. A maioria destes teria sido construída a partir de estruturas e de revestimentos em *madeira* e assentes, na sua grande maioria, sobre *estacas* cravadas no solo, formando correntezas de frente para o mar. Estas edificações possuíam, de forma geral, dimensões reduzidas, volumetrias simples e telhados de duas águas, influenciando as construções ao longo de toda a margem sul do rio Tejo, e nomeadamente, na Costa de Caparica.

Encontramos várias descrições das *barracas* primitivas caparicanas, tal como a seguinte, elaborada pelos Arquitetos sem Fronteiras e que, de forma clara, sintetiza as principais características desta tipologia arquitetónica: “(...) *as ocupações iniciais dos pescadores consistiam em barracas de madeira, assentes diretamente no solo, com revestimento de colmo (..) na cobertura, em feixos amarrados a canas, por sua vez assentes sobre barrotes de madeira. Era um tipo de ocupação rudimentar que evidenciava pobreza, precariedade, e deficientes condições de vida, (...).*”²⁸

28 Arquitetos sem Fronteiras – Portugal. (2011). “Estudo de caracterização e avaliação do eventual valor cultural e patrimonial (histórico e arquitetónico) das construções de carácter precário, localizadas na área de intervenção do PP5 e as relações existentes entre estas construções e as construções típicas dos avieiros, ligadas às atividades piscatórias originárias da praia de Vieira de Leiria”. Fase 1. p. 7

Para a evolução deste assentamento inicial dos pescadores e para a dinamização local foram fundamentais dois personagens caparicanos, marcantes no final do século XIX. Em primeiro lugar, refiro *Jaime Artur da Costa Pinto*, benemérito português que desempenhou a importante função de melhoria das cabanas existentes, anteriormente a um dos grandes incêndios, apoiando a população diretamente afetada pelo flagelo e patrocinando a construção de um dos *primeiros bairros* da Costa de Caparica – “*Não se exagera carregando de tons de majestade o vulto que se impoz à gratidão daquela gente que ele amava com carinho. Vestiu uns, socorreu outros com dinheiro, e a todos animou e encorajou, acabando por juntar os fundos precisos para construir o ainda hoje chamado Bairro Costa Pinto, constituído por uma centena de casas já não de junco, nem de madeira, mas de tijolo, cobertas de telhas, confortáveis, num alinhamento elegante.*” ²⁹

Mais tarde, assistimos ao surgimento de um novo e importante personagem que, à semelhança de Jaime Artur da Costa Pinto, apoiou a edificação da Costa de Caparica. Refiro-me a *João Inácio da Costa*, conhecido por *João Alfama*, caparicano enriquecido no Brasil e que, em 1880, procedeu à reedificação da *Igreja Matriz* à luz de uma imagem que permanece inalterada até aos dias de hoje. Para além disso, mandou edificar novas casas de pedra e de cal que, pela solidez e elevada resistência e qualidade dos seus materiais, permaneceram bem conservadas até à década de 30 do século vindouro (século XX). Existem várias descrições de João da Costa, sendo a seguinte uma delas: “*Ainda*

29 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 45



Figura 30 - Eduardo Portugal, A Praia de Pedrouços (1937), AML



Figura 31 - João Ribeiro Cristino, As novas edificações, Costa de Caparica (1887 - Bairro Costa Pinto)

hoje se fala do tio João Alfama, como de pessoa benemérita que deu à costa uma nova feição de conforto e civilização, acudindo a muitas desgraças e beneficiando muitos infelizes.”³⁰

Já no início do século XX, assistimos a uma crescente procura da zona da *Trafaria* e da *Cova do Vapor* como destinos balneares, acedidos por via fluvial a partir da margem norte de Lisboa. É durante este período que se realiza o *transporte* de algumas das construções *avieiras*, da praia de Algés para estas zonas, verificando-se uma clara transposição de modelos, de tipologias construtivas e de soluções decorativas associadas ao veraneio. Posteriormente, algumas destas construções da Cova do Vapor terão sido, por sua vez, transportadas para o *atual cordão dunar* existente ao longo das praias da *Mata* e da *Saúde*, através de carros de bois, onde ainda hoje permanecem. É na década de 30 que se dá início à construção dos primeiros *equipamentos hoteleiros*, tais como o designado *Hotel Praia do Sol*. Mais tarde, entre as décadas de 60 e de 80, surgiram as grandes *estruturas em altura*, materializadas nas *Torres das Argolas* (junto aos campos agrícolas), nas *Torres Europa* (junto à marginal das praias) e nas *Torres de São João* (junto aos parques de campismo a norte). Durante este período, é importante referir a construção da ponte 25 de Abril e do IC20, que vieram revolucionar e facilitar a entrada na cidade (onde dantes só se chegava de barco, a partir da Trafaria).

30 FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 45

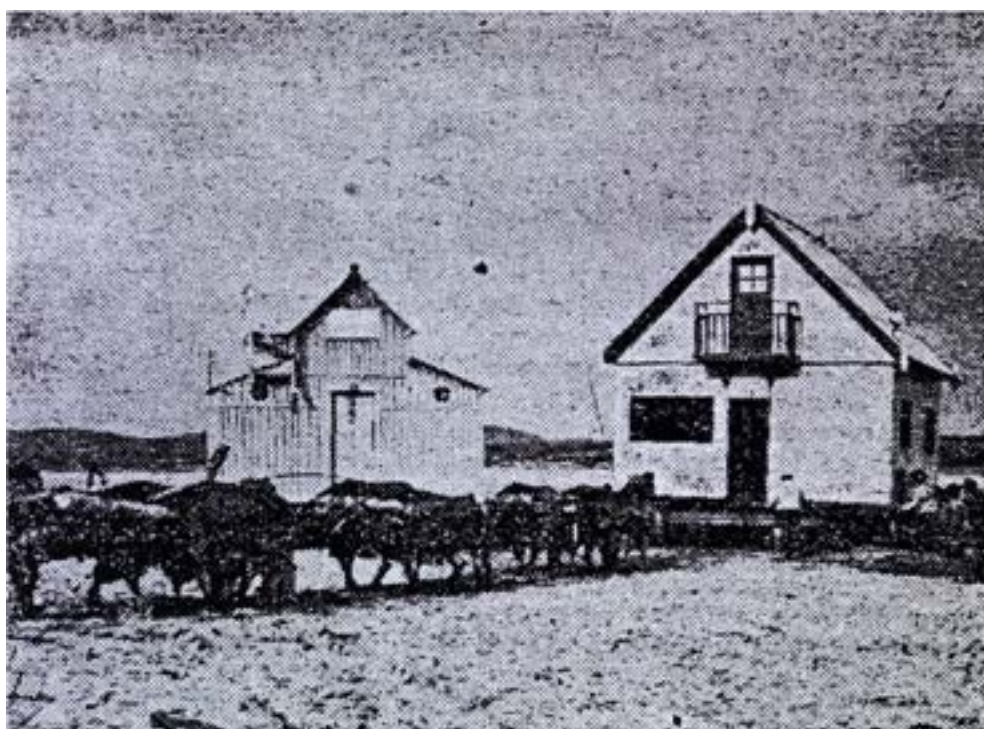


Figura 32 - Casa puxada por bois, Cova do Vapor, recorte de jornal

Regressando à primeira metade do século XX, durante as décadas de 30 e de 40, inicia-se um processo de valorização da Costa de Caparica e das suas praias através do *turismo*. Parte desta atração advinha do interesse pelo *pitoresco* da faina piscatória e da *arte xávega*, sendo que era frequente os banhistas acompanharem os barcos *meia-lua* e auxiliarem mesmo no arrasto das redes, dirigindo-se depois à zona da lota para a compra de peixe fresco. Durante este período, a praia da *Fonte da Telha*, sobretudo, tornou-se um importante ponto de pesca, bem como um local paradisíaco para os turistas, sendo a época marcada por uma grande abundância natural de sardinha (fator que trouxe uma maior prosperidade ao local).

Devo aqui destacar os vários artigos de *imprensa* que foram escritos e publicados a partir deste período, nomeadamente o artigo intitulado de “A zona turística da Costa da Caparica e os seus encantos – Praia do Sol”, de 1950. Esta praia, em particular, era considerada ampla e plena de “(...) *lugares de encanto e de pitoresca, de história e de curiosidades* (...)”³¹ Já a praia da Fonte da Telha é descrita como um “(...) *pitoresco centro piscatório, com os seus costumes primitivos* (...) (e) *dezenas de hortas e granjeios rústicos do lado de terra*.”³² De forma geral, toda esta extensão de praias se tornava, agora, um “(...) *lugar deleitoso para passeios, com areal ameno, dunas, desfiladeiro, vale, pinhal e curiosos lugarzinhos de*

31 (1950). “A Zona Turística da Costa da Caparica e os seus encantos”. *Praia do Sol*. p. 2. in FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 60

32 (1950). “A Zona Turística da Costa da Caparica e os seus encantos”. *Praia do Sol*. p. 2. in FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 60



Figura 33 - Família na praia e pescador, Costa da Caparica, Delcampe



Figura 34 - Transcrição parcial da brochura de divulgação turística "A praia da Costa (Caparica): Estancia balnear, de cura de repouso e de turismo" (1930)



Figura 35 - Veraneantes na Costa da Caparica (1938)

ambiente marinho-campesino.”³³ Luísa Costa Gomes reflete a propósito dos pescadores e do seu caráter *pitoresco*, ainda presente nos dias de hoje: “É a parte épica da tarde. Vêm nos barcos rápidos, a direito para os tratores que os esperam na praia. Juntam-se curiosos, poucos, a ver a faina.”³⁴

A partir da década de 30, verificamos uma clara coexistência na Costa de Caparica de diferentes *tipologias* arquitetónicas, existindo um grande contraste entre as mais *primitivas*, localizadas num alinhamento sobre a duna primária e em frente ao centro histórico da Costa de Caparica (na direção da rua dos Pescadores), e aquelas construídas *de raiz*. É durante este período que surge uma arquitetura de tipo *balnear*, que não se cingia apenas às novas moradias de férias dos veraneantes, mas passava também pelos apoios de praia (ou estabelecimentos de banhos) e pelos *míticos* restaurantes caparicanos, tais como o *Carolina do Aires*, *O Bento* e *O Barbas*.

Analisando estas tipologias arquitetónicas com mais detalhe, menciono, em primeiro lugar, as antigas *cabanas* dos pescadores que começaram a ser procuradas para *aluguer* durante os meses de verão. A par das cabanas, registou-se também a existência de modestas pensões e alojamentos, também para aluguer dos veraneantes. Esta prática do aluguer ocorria também na Cova do Vapor que oferecia alojamentos, de

33 (1950). “A Zona Turística da Costa da Caparica e os seus encantos”. *Praia do Sol*. p. 2. in FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “Almada na História: Boletim de Fontes Documentais”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32. p. 60

34 GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. p. 14



Figura 36 - Alinhamento remanescente de cabanas de pescadores, após a intervenção dos Arquitetos Sem Fronteiras - Portugal (Dezembro de 2020)



Figura 37 - Costa de Caparica (finais do século XIX, início do século XX), CMA



Figura 38 - Uma moradia no Bairro do Convento, Costa da Caparica, Delcampe

caráter mais precário, mas financeiramente mais acessíveis, junto à praia, e a partir da qual era inclusive possível, à época, ir a nado até ao Farol do Bugio. Para além destas tipologias, surgem também *casas* que são reparadas, com todas as comodidades necessárias, de forma a poderem ser alugadas pelos banhistas ao longo de todo o ano. Finalmente, e já na década de 40, temos o registo dos primeiros pedidos oficiais para a construção de casas novas, de *segunda habitação*, por parte de quem tinha intenção de construir o seu próprio *refúgio* na praia, particularmente as famílias lisboetas que ali vinham passar tanto um dia de lazer, como passar um mês na praia (prática que persistiu até à década de 60). Foram, assim, criados novos núcleos de *casas*, de cariz balnear, construídas propositadamente para a população flutuante que, à época, frequentava intensamente o local durante os meses de Verão. Estes novos núcleos de casas eram caracterizados pela modernidade e pela arquitetura simples e organizada, dotada de um *modesto ar português*.

Esta crescente procura da Costa de Caparica como o destino de verão por eleição fomentou toda uma importante “*campanha*” de construção de novas moradias e alojamentos, resultando da importância que, em especial a partir das décadas de 30 e de 40 do século XX, a população começou a dar a um turismo que privilegiasse um contacto mais próximo com a *natureza*. A procura deste relacionamento com o meio natural adveio de uma crescente tendência de procura de um estilo de vida mais saudável, em comunhão com a arriba, as matas, as dunas e a praia, contrastante com o *bulício*, a poluição e a grande densidade de ocupação dos ambientes urbanos, tais como o da grande metrópole lisboeta.



Figura 39 - Mário Novais, Costa da Caparica (1946)

Em 1937, surge a criação de organismos de cooperação social em todos os centros de pesca da costa portuguesa, denominados de *Casas dos Pescadores*, sendo também criada a *Junta Central das Casas dos Pescadores* (JCCP). Neste sentido, em 1938, dá-se a constituição da Casa dos Pescadores de Lisboa, com duas secções: uma no Seixal e outra na *Costa de Caparica*, esta construída entre 1939 e 1949. De seguida, em 1946, é apresentado um anteprojecto, por Faria da Costa e lança-se o concurso para a construção do *Bairro para Pescadores* da Costa de Caparica, composto por um total de 40 casas económicas destinadas aos sócios das casas dos Pescadores. O designado *Bairro Novo dos Pescadores* é, então, inaugurado no ano de 1962, evidenciando um carácter particular ao nível dos materiais construtivos - “*Fundações em alvenaria de pedra e argamassa de cimento; paredes exteriores com soco em alvenaria de pedra e argamassa, elevação das paredes em blocos de argamassa de cimento e areia; paredes interiores em blocos de argamassa de cimento e areia; pavimentos do rés-do-chão em massame de cimento revestido de betonilha (...) e solho sarrafado (...)*”³⁵

A par da coexistência de todas as tipologias arquitetónicas mencionadas anteriormente, surge, na Cova do Vapor, um problema, associado aos períodos regulares das marés e ao conseqüente *avanço do mar* sobre a praia, ameaçando as construções, em madeira e sobre estacas, que lá existiam. Nessas alturas, as cabanas eram *transportadas* para pontos mais afastados da linha de água. Este facto trouxe, por isso, grandes alterações

35 Memória descritiva do projeto das casas económicas do Bairro para Pescadores na Costa da Caparica. in Rui Granadeiro. (24 de Junho de 2019). “Bairro dos Pescadores”. Blog *Mar da Costa*. Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/2019/06/bairro-novo-dos-pescadores.html>



Figura 40 - Casa dos Pescadores, Costa da Caparica, Arquivo Histórico da Marinha



Figura 41 - Bairro Novo dos Pescadores, Costa da Caparica, Arquivo Histórico da Marinha



Figura 42 - Bairro Novo dos Pescadores, Costa da Caparica, Arquivo Histórico da Marinha

na configuração da *linha de costa*, sobretudo a partir dos anos 40. O transporte das casas terá sido concretizado por desmonte e reconstrução noutra local ou então, possivelmente, através da deslocação sobre rolos ou por juntas de bois. Esta era considerada uma prática comum na Cova do Vapor, permitida pelo sistema estrutural de *madeira*, leve e autoportante, das cabanas. A madeira que compunha os elementos estruturais destas cabanas, à semelhança das cabanas originalmente construídas na Costa de Caparica, seria oriunda, muito provavelmente, das matas existentes na proximidade das zonas balneares, ao longo de todo o troço de costa existente entre a Trafaria, a Cova do Vapor, a Costa de Caparica e a Fonte da Telha.

Nos anos 50, estas construções foram, efetivamente, deslocadas, para o alinhamento localizado em frente aos parques de campismo do sul da Costa de Caparica (onde ainda permanecem), não só devido à precariedade das suas condições de *segurança* (pelo avanço do mar), mas também devido à já existente *exiguidade* do espaço disponível na Cova do Vapor. Já na Costa de Caparica iniciou-se, em 1952, a colocação destas edificações em alinhamento e com um espaçamento regular entre elas, sugerindo, por essa razão, uma intervenção de natureza sequencial e *organizada*. Passados seis anos do início do transporte destas construções, verificou-se uma rápida e sistemática ocupação da *crista dunar*, tendo-se registado a existência de mais de 50 casas em 1958. Os Arquitetos sem Fronteiras descrevem com grande clareza estas cabanas *deslocadas*, com características evidentemente comuns àquelas que, na década de 80, ainda estariam localizadas em frente ao centro histórico da Costa de Caparica e até ao limite norte dos parques de campismo sul:

*“As construções (...) apresentam traços comuns às tipologias balneares do Dafundo e praia de Algés e, indiretamente, às construções em madeira do norte do país, designadamente: uma estrutura em madeira com ligação ao solo através de estacas, revestimentos em madeira, com tabuado ao alto e empenas no alçado principal, beiradas de empenas salientes, varandas exteriores e cores vivas. Na totalidade, terão existido cerca de 120 casas ou barracas de praia, (...).”*³⁶ Pela descrição acima citada, é possível depreender o caráter *precário* destas construções que possuíam, à época, um baixo nível de conforto e de infraestruturas, não existindo sequer instalações sanitárias independentes ou ligação a redes elétricas e de abastecimento de águas. Por essa razão, estas casas tinham poços de recolha de água não potável, que alimentavam, depois, depósitos nas coberturas, ou então desvãos nos telhados que conduziam a fossas céticas individuais.

Chegando à segunda metade do século XX, no período compreendido entre as décadas de 60 e de 80, denotou-se um gradual *declínio* na presença da arquitetura dos pescadores. Neste período, regista-se uma mistura de *usos* das cabanas, quer como primeira habitação de pescadores e de agricultores, quer como casas de uso balnear sazonal. Muitas destas eram alugadas ao mês, durante o Verão, existindo mesmo famílias que regressavam anualmente, mantendo ligações com os seus proprietários. Hoje, esta prática persiste através do aluguer de algumas destas cabanas,

³⁶ Arquitetos sem Fronteiras – Portugal. (2011). “Estudo de caracterização e avaliação do eventual valor cultural e patrimonial (histórico e arquitetónico) das construções de caráter precário, localizadas na área de intervenção do PP5 e as relações existentes entre estas construções e as construções típicas dos avieiros, ligadas às atividades piscatórias originárias da praia de Vieira de Leiria”. Fase 1. p. 13



Figura 43 - Cabana de pescadores recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras - Portugal



Figura 44 - Cabana de pescadores recuperada pelos
Arquitetos Sem Fronteiras - Portugal (pormenor)

via plataforma *Airbnb*, sendo que algumas delas se encontram já reabilitadas graças à intervenção dos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal. A atração por um modo de vida característico, junto ao mar, conduziu a esta procura elevada em termos de alugueres das casas, aluguer este que acabava por complementar os rendimentos dos proprietários. De facto, *“A partir de testemunhos diretos, é possível recriar um “modus vivendi” característico (...) associado a uma cultura de portas abertas, gerando laços de vizinhança, de amizade, de união e de identidade.”*³⁷

A par da realidade dos “alugueres” de verão, também se prolongou, durante este período, a forte presença da *F.N.A.T. (Federação Nacional para a Alegria no Trabalho)*, que consistia numa importante *colónia de férias* dirigida aos trabalhadores e às suas famílias e que incentivava as pessoas a tirarem o maior partido dos seus tempos livres. Este equipamento potenciava, não só uma vivência de contacto próximo com o ambiente das *matas*, das *dunas* e do *mar*, como também proporcionava uma série de *atividades* de entretenimento e de desporto, dirigidas a todas as idades, as quais passavam não só pela tradicional realização da missa, aos domingos, mas também pelos ciclos de cinema ao ar livre, pelos jogos infantis, pelos piqueniques e almoços na mata, pelos jogos no Salão de Jogos, pelas festas e também pelas tardes passadas a banhos na piscina construída neste complexo balnear. Finalmente, devo ainda referir a importância, neste período, da prática do turismo relacionado com

37 Arquitetos sem Fronteiras – Portugal. (2011). “Estudo de caracterização e avaliação do eventual valor cultural e patrimonial (histórico e arquitetónico) das construções de carácter precário, localizadas na área de intervenção do PP5 e as relações existentes entre estas construções e as construções típicas dos avieiros, ligadas às atividades piscatórias originárias da praia de Vieira de Leiria”. Fase 1. p. 13

o *campismo* e que se prendia com uma forma mais acessível e agradável de passar as férias de verão à beira-mar. Foi durante este período que se registou um crescimento ao nível dos parques de campismo disponíveis e da sua área de ocupação, sendo o campismo uma prática que se perpetuou até aos dias de hoje. Atualmente, nas antigas instalações da F.N.A.T., reside a *Fundação Inatel* que deu continuidade a este projeto de “*colónia de férias balneares*” e que estendeu o seu âmbito a um novo parque de campismo, hoje designado por *Parque de Campismo INATEL da Caparica*.

Com o envelhecimento dos primeiros proprietários das *cabanas* de pescadores, que muitas vezes já não residiam lá, deu-se o início dos processos de *transação* das mesmas para novos proprietários, geralmente associados de alguma forma às famílias originais. Nesta altura, a localização das casas sobre o *cordão dunar primário* e em frente ao mar evidenciou uma série de problemáticas associadas à sua permanência num ambiente *agressivo* para a construção. Para além disso, com a configuração das *dunas* a alterar-se anualmente, existia a necessidade constante de remoção da areia que começava a cobrir as casas ou, então, do altear das estruturas através de macacos hidráulicos ou do prolongamento das estacas de suporte. Também a ação, agressiva e permanente, dos ventos salinos, exercia um efeito nocivo sobre os *elementos construtivos*, afetando pinturas, madeiras e peças metálicas que, por esta razão, requeriam uma manutenção regular (pinturas exteriores e substituição de elementos deteriorados).

Esta renovação de proprietários representou o *final* das relações diretas entre as casas e a *população original* lá residente. Neste



Figura 45 - Mário Novais, *Fonte Pública coberta por Casa de Fresco*, Colónia de Férias da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (F.N.A.T.)



Figura 46 - Mário Novais, Salão de Jogos da F.N.A.T., Fundação Calouste Gulbenkian

sentido, muitas destas cabanas adquirem, exclusivamente, o estatuto de segunda habitação de veraneio ou de fim-de-semana, sendo que o aluguer a famílias entrou em declínio, até desaparecer por completo. A simultaneidade desta situação de *abandono* com um panorama de grandes mudanças, a nível social, na Costa de Caparica, trouxe uma maior *insegurança*, pautada pelos assaltos frequentes, pela ocupação por sem-abrigo e pela ocorrência de incêndios pontuais, sendo que os proprietários das casas foram, mesmo, proibidos de executar quaisquer obras de manutenção, nas mesmas. Podemos presumir que estas mudanças sociais, que precipitaram tais ocorrências, se prendiam não só com o maior volume de turistas que chegavam à cidade, em parte devido à construção da atual Ponte 25 de Abril, mas também se prendiam com as mudanças nas próprias práticas de turismo, as quais se afastaram, gradualmente, de uma tendência mais centrada numa *vivência familiar, pacata e tranquila* (impulsionada pelo ideário propagandístico do regime da ditadura Salazarista).

Por essa razão, instalou-se uma situação de *desinteresse* e de gradual abandono das cabanas por parte dos proprietários, sendo que a polícia marítima foi incumbida da realização de patrulhas regulares diárias. Esta situação despoletou um gradual processo de *degradação* destas construções. A consequente fragilidade física das mesmas, que conduziu rapidamente à sua *deterioração*, encontrava-se “(...) *inicialmente aparente ao nível dos revestimentos e pinturas, agravando-se nas peças de madeira associadas a caixilharias (muitas vezes igualmente sujeitas a ações de vandalismo e de arrombamentos), deterioração das madeiras dos revestimentos e das coberturas e, por fim, colapso da estrutura. Note-se que, quando ocorre o colapso, muito rapidamente*

(...) *desaparecem os vestígios da construção, engolidos pela areia.*”³⁸

O alinhamento remanescente de cabanas de pescadores permaneceu praticamente intacto até aos anos 2000, sendo de notar, a partir de 2009, o *desaparecimento* de algumas delas.

Simultaneamente a um processo de abandono e de degradação das cabanas dos pescadores, começam a surgir as grandes *estruturas em altura*, materializadas nas *Torres das Argolas* (junto aos campos agrícolas), nas *Torres Europa* (junto à marginal das praias) e nas *Torres de São João* (junto aos parques de campismo a norte). É também, nesta altura, que se dá a construção da ponte 25 de Abril, a qual revolucionou a entrada na cidade.

Partindo deste último ponto, e em jeito de conclusão, torna-se legítimo indagar qual o impacto real que todas estas *transformações urbanas* terão provocado na cidade. Desde o aparecimento das antigas *cabanas* dos pescadores ao simultâneo aparecimento de *infraestruturas*, algumas em altura, podemos afirmar que houve uma alteração das dinâmicas naturais, sociais e culturais da cidade. Será que a *identidade* deste território permanece intacta? Será que a sua *história* é contada? Será que a *memória* das suas gentes é valorizada no presente? Será que as marcas da memória do local permanecem visíveis na *paisagem*? Numa tentativa de responder a estas questões irei, no capítulo que se segue, analisar,

38 Arquitetos sem Fronteiras – Portugal. (2011). “Estudo de caracterização e avaliação do eventual valor cultural e patrimonial (histórico e arquitetónico) das construções de carácter precário, localizadas na área de intervenção do PP5 e as relações existentes entre estas construções e as construções típicas dos avieiros, ligadas às atividades piscatórias originárias da praia de Vieira de Leiria”. Fase 1. p. 15

de forma mais detalhada, as *problemáticas* resultantes destas drásticas alterações ocorridas no tecido urbano da cidade. Após uma perspetiva geral sobre estas questões, irei focar a minha análise na intervenção do Programa *POLIS* e, sobretudo, na natureza do seu impacto nas dinâmicas da frente de mar da Costa de Caparica, passando obrigatoriamente pelo impacto direto nas atividades da *pesca* e do *turismo*.



Figura 47 - Postal “Complexo Turístico Praia Nova - Cuica” (década de 80)



Figura 48 - O “Cabo Espichel” (barco meia-lua) junto aos antigos palheiros na Costa da Caparica

Problemáticas

A consolidação da Costa de Caparica como cidade pela mão das novas infraestruturas e edifícios construídos, apesar de ter inserido algum tipo de ordenamento (conferindo algum conforto, beleza urbanística e até salubridade, com a cobertura da vala que corria a céu aberto), no contexto do visível caos ocupacional do pós-25 de Abril de 1974, provocou alguns *danos* graves, ao longo dos anos, nos *ecossistemas naturais endógenos*. Hoje, a herança das paisagens natural e construída originais, nomeadamente o *cordão de dunas primárias* na frente de mar, está destruída pela exagerada *densidade de construção* que foi realizada na cidade, sobretudo na segunda metade do século XX. Esta construção abusiva provocou, para além do problema das *alterações climáticas*, uma crescente degradação, destruição, renegação e *ausência de conservação* do património natural, desde o *mar* até à *arriba fóssil*, tudo resultado de uma onda crescente de práticas humanas descuidadas.

Ao nível *natural*, o problema das *alterações climáticas* surge como uma questão de dimensão ambiental que não é facilmente controlável pelo *Homem*, tendo conduzido, ao longo dos anos, à alteração profunda e constante recuo da *linha de costa* devido ao avanço das águas do mar. Estes eventos foram desencadeados, no passado, pela perda crescente de *areias* que conduziu ao desaparecimento de bancos de areia importantes para a retenção dos sedimentos, tais como a antiga *Golada do Bugio* e ainda os *Cachopos Norte e Sul*. Para além disso, são de mencionar as dragagens que nesta zona foram realizadas para a construção do Porto de Lisboa.



Figura 49 - "Costa da Caparica (Almada), A praia 35 K de comprida", ed. Passaporte, nº 10 (década de 1950)



Figura 50 - Paredão e extensão atual do areal das praias urbanas

Ao não se fixarem os sedimentos, o areal das praias da Costa de Caparica foi sendo reduzido e o suporte da cidade edificada, ou seja, a *plataforma* existente entre o mar e a arriba fóssil, tornou-se mais plana devido ao desaparecimento de grande parte do sistema de *dunas*. Com o desaparecimento dos bancos de areia, adveio um desequilíbrio no fluxo natural das *correntes* do rio e do mar, o que faz com que, no verão, as praias se encontrem, por vezes, sem areia. Neste domínio, têm sido realizadas, sobretudo a partir do início do século XXI, várias intervenções de *reposição de areias*, apesar de esta ser uma solução precária e que altera a biodiversidade do local.

Neste sentido, aos danos provocados por problemas ambientais, acrescem os danos provocados pela mão humana ao nível do *construído* e que começam na grande mancha de edificações, demasiado próximas da linha de costa ou situadas em áreas protegidas, chegando mesmo, nalguns casos, a provocar a eliminação de largas manchas de mata. Este processo iniciou-se com a construção das *novas estruturas*, que vieram consolidar a cidade, desde as décadas de 70 e de 80, mas que acabaram por resultar numa mancha de construção *desordenada*, que revela uma estratégia, visivelmente, desadequada e, ainda, uma visão de futuro que não constitui, de longe, a melhor solução para a cidade e para o seu ambiente natural e humano. Isto resultou na ausência de margem para crescimento da cidade em relação ao edificado, sendo que a maioria das áreas de construção disponíveis se localizam em zonas protegidas. Neste ponto, destacam-se, em primeiro lugar, os carris do comboio *transpraia* ou mesmo as remanescentes *barracas* dos pescadores, para além dos bares e apoios de praia que assentam diretamente sobre a *duna primária* e que danificam o seu perfil e vegetação. Em segundo lugar, deve ser destacada a questão



Figura 51 - Apoio de praia, construído no âmbito do Programa Polis, assente sobre um troço de duna

dos *bairros clandestinos*, de génese ilegal e *abarracados*, que se localizam nas “*terras da Costa*”, ou seja, sobre uma área protegida de campos agrícolas e demasiado próximos do limite inferior da arriba fóssil. A cidade carece, assim, de um plano de habitação ou de uma reorientação urgente destes bairros (passando pelo seu realojamento para um local adequado), os quais não apresentam quaisquer condições mínimas de habitabilidade e de salubridade.

No seguimento desta situação, refiro ainda o problema dos *parques de campismo*, localizados para sul da cidade consolidada, que também ocupam uma área protegida, a *mata dos Medos*, para além do facto de o seu limite se encontrar demasiado próximo da linha de água. A acrescentar a estas situações, temos a construção de edifícios, como prédios de habitação, para além da construção de estradas e de avenidas sobre os troços que definiam as antigas *valas* de drenagem do território. Todas estas ocupações indevidas pelo edificado apresentam os mesmos *riscos* e problemas associados, passando pelo grave défice de *segurança*, pela degradação dos terrenos agrícolas, das matas e das dunas, pela ocupação ilegal demasiado próxima do mar ou da arriba fóssil, passando, até, pela ausência de licença de habitação ou de construção em certas zonas da cidade. A verdade é que toda esta edificação, abusiva por vezes, não incluiu, ao longo dos anos, a criação de *equipamentos* dedicados a serviços, à cultura ou ao apoio social, e que seriam, no seu conjunto, capazes de colmatar as atuais necessidades de uma população muito diversificada, étnica, social e culturalmente.

A oferta, ainda insuficiente, de *espaços públicos* de lazer e de fruição ao ar livre, tais como parques, praças ou áreas de parque infantil para

as crianças, é um dos problemas que persiste (apesar dos últimos planos urbanos até contemplarem a criação de alguns parques urbanos destinados ao ócio das populações), à semelhança da evidente lacuna na existência de espaços de *cariz cultural*. De um outro prisma, vemos também a presença, por vezes escondida, de edifícios que se tornaram *obsoletos* na cidade, ficando gradualmente descaraterizados, sendo mesmo, nalguns casos, abandonados, tais como os antigos *centros comerciais*. Estes, juntamente com outros elementos do *património* construído, como a *Igreja matriz* ou o *mercado*, necessitam de ações urgentes de requalificação e de reabilitação. A par da construção exagerada e desordenada, a ausência de regulamentação dos *usos* da terra para a agricultura, e do mar para a pesca, deu origem a *ocupações ilegais* e ao conseqüente avanço desordenado do edificado. Neste ponto, devo incluir o problema dos *estacionamentos* ao ar livre, localizados junto à frente de praia, e que em certos troços (mais a sul da cidade consolidada, nomeadamente junto às praias da Mata e da Riviera), estão a destruir, com a sua mancha densa, as *matas florestais* como o pinhal do Rei e a mata nacional dos Medos.

É a partir deste desordenamento do território ao nível do edificado que surgem os vários problemas associados à *mobilidade*, os quais passam não só pela *entrada* na cidade, feita principalmente pelo IC20 e quase sempre congestionada, como também passam por um excessivo volume de veículos automóveis (em especial no verão), e ainda por um fraco desenvolvimento ao nível da *mobilidade leve*. É aqui que menciono a existência na cidade de uma rede de transportes públicos deficiente, baseada apenas no autocarro e no barco que pára na Trafaria, situação esta que reforça o isolamento do território da cidade, pela falta de conexão



Figura 52 - Antigo centro comercial "SilCentro", hoje abandonado



Figura 53 - Ocupação informal junto aos abrigos de pescadores, construídos no âmbito do Programa Polis

com a envolvente e com a margem norte de Lisboa. Relembro, ainda, a existência de um plano, de outrora, que contemplava a construção de uma ponte sobre o rio Tejo, ligando a *Trafaria* à zona de *Belém*, acabando este plano por ser substituído pelo projeto da *ponte Vasco da Gama*, a qual liga, diretamente, o norte ao sul do país e vice-versa.

Destaca-se, em primeiro lugar, a ausência de *eixos fortes*, unificadores do território e que se materializem em mais *conexões pedonais*. Atualmente existem, na Costa de Caparica, apenas duas ruas onde esta conexão é reforçada: a *Rua dos Pescadores*, de caráter completamente pedonal e que consiste na *artéria* principal que estrutura o centro *histórico* e que possui restauração, cafés e comércio; e a *Rua Agro-Ferreira* que, não sendo completamente pedonal, é de caráter *misto* (a única) e permite, ainda, um contraste entre uma via principal, de grande movimento automóvel, e uma rua, neste caso situada num bairro residencial de moradias, onde o trânsito é mais lento e controlado.

No domínio da mobilidade ciclável, podemos afirmar que não existem estruturas ou uma rede, pensada e organizada, de vias (ciclovias) adequadas ao uso da *bicicleta*. Alguns troços foram já concretizados, tais como a importante ciclovia que conecta o centro da cidade com a zona de São João da Caparica, mas não existe conectividade física entre os mesmos, para além de que, atualmente, esta ciclovia não se prolonga para a *estrada florestal* (via que vem na continuidade da avenida principal da cidade, e paralela à linha de costa – Avenida Afonso de Albuquerque). Destaco, no entanto, a mais valia da inserção, já realizada, de algumas rotundas, que vieram facilitar os fluxos de trânsito automóvel e que contribuíram, assim, para a eliminação do caos que, outrora, existia na



Figura 54 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”,
Rua Agro-Ferreira (Novembro de 2020)

circulação rodoviária (sobretudo junto ao centro da cidade e na zona de Santo António).

No que diz respeito ao comboio *transpraia*, existe o problema persistente da estrutura da linha férrea, tendo em mente que os carris pousam, diretamente, sobre o cordão de *duna primária*, o que faz com que, todos os anos, a linha fique coberta por areias, que têm de ser sempre retiradas. Para além disso, hoje o transpraia apenas circula a partir do limite sul da cidade edificada, seguindo até à Fonte da Telha, onde termina o seu trajeto. No passado, este trajeto partia do centro da cidade, mas o problema mantinha-se em termos do ideal de conexão de toda a linha de praias. Em adição a isto, temos de destacar que este comboio é de funcionamento sazonal (pois a sua clientela é constituída, maioritariamente, por veraneantes, sendo que a sua circulação só se justifica, economicamente, durante a época alta), aspeto este que não abona a favor de uma linha férrea que possui um impacto grande na paisagem.

Para resolver este problema existiram, ao longo do tempo, vários e variados *planos urbanos* para a Costa de Caparica, uns concretizados parcialmente e outros que nunca chegaram a ser implementados no território. Apesar de terem sido vários, estes planos focaram-se sempre numa *visão algo artificial* da imagem do território e deixaram prevalecer *problemas* que ainda hoje persistem na cidade. Arquitetos como Cassiano Branco, Faria da Costa, Tomás Taveira, Nuno Teotónio Pereira ou Maurício de Vasconcelos, para além daqueles que estiveram envolvidos no programa *POLIS*, pensaram ativamente acerca deste território, introduzindo alguns princípios bastante positivos, como a *contenção* e o controlo do



Figura 55 - Cassiano Branco, “Costa de Caparica: Praia Atlântico, Pormenor de solução urbanística” (1930), AML



Figura 56 - Maurício de Vasconcelos Arquitectos, Restaurante "Carolina do Aires", Costa da Caparica (1980), Delcampe



Figura 57 - Faria da Costa, Plano de Urbanização da Costa da Caparica (1947), Fundação Calouste Gulbenkian

crescimento da cidade, o reforço das *áreas verdes*, a valorização da frente de *praias*, como elemento base para criar um ordenamento na paisagem, e também como a recuperação ou reinterpretação de elementos associados à *memória* do lugar (como as valas, os canais de ligação e a prática de desportos náuticos ou com barcos de recreio, com ligação à pesca).

No entanto, os planos urbanos propostos por estes arquitetos deixavam também transparecer aspetos *menos positivos* que residiam, essencialmente, na defesa de *utopias*, inadequadas à realidade do território, e que, talvez inconscientemente, seguiam uma tendência de *artificialização* da frente de praias, sobretudo, através da criação de complexos hoteleiros e de estâncias de turismo balnear, para além de um desenho demasiado rigoroso para os apoios de praia (apesar da sua materialidade – madeira - se adequar à frente de praias e às dunas). Já no que concerne à área dos parques de *campismo* foram propostos nestes planos desenhos demasiado precisos e que não se coadunavam com a organicidade do suporte natural da cidade (tal como aconteceu no caso da Mata dos Medos).

Dentro desta análise global dos planos urbanos para a Costa de Caparica, irei agora debruçar-me sobre o Programa *POLIS*, cuja estratégia de intervenção foi lançada no ano de 2000. Este programa poderá mesmo ser considerado como o primeiro plano de desenvolvimento concreto da Costa de Caparica, uma vez que, através dos seus vários planos de pormenor introduziu novas valências necessárias à cidade, tais como um parque urbano para a prática do desporto, lazer e cultura, campos de jogos na frente de praias, reestruturada com novos apoios de praia e ainda a requalificação da zona da *lota de pesca*. Neste universo, interessou-me,

particularmente, a estratégia prevista no *Plano de Pormenor 1 – Praias Urbanas*, dedicado à área de praias, de lazer e de pesca da frente urbana da Costa de Caparica. Este plano abrangia uma área delimitada pela praia do Norte e pela Nova Praia, com enfoque na zona situada entre a linha de água e a avenida marginal Humberto Delgado. Apesar de introduzir novas valências, importantes para a cidade, este plano de pormenor não previa a existência de uma *estrutura cultural* associada à prática piscatória ou sequer a existência de estruturas de restauração, viradas sobretudo para o *turismo* e para a utilização, específica, do *pescado* que, diariamente, dá entrada na lota da cidade.

Analisando o passado mais recente, imediatamente anterior à implementação do projeto (*POLIS*), era possível observar a zona de *duna primária* bastante desgastada, particularmente no troço situado entre o paredão, os esporões e os limites da urbanização da Costa de Caparica. Era aqui que se encontravam, no passado, localizadas várias zonas de *restauração*, bem como as últimas edificações associadas à atividade piscatória e resultantes de assentamentos informais e não planeados. Estas *cabanas* remanescentes começavam o seu alinhamento junto à praia do Tarquínio e terminavam na Nova Praia junto ao limite dos parques de campismo sul. Era esta zona que, à época, constituiria a extensão de praias com utilização mais intensa e, por essa razão, as construções dos pescadores ainda existentes foram *retiradas* do areal, sendo as raízes da *aldeia piscatória primitiva* eliminadas. A par desta situação reabilitou-se o paredão, redimensionaram-se os esporões e procedeu-se a uma alimentação artificial das praias com areias (para consolidação das dunas, e para o aumento da extensão de areal, tornando as praias adequadas para receber os banhistas no verão). Seria, no entanto, interessante

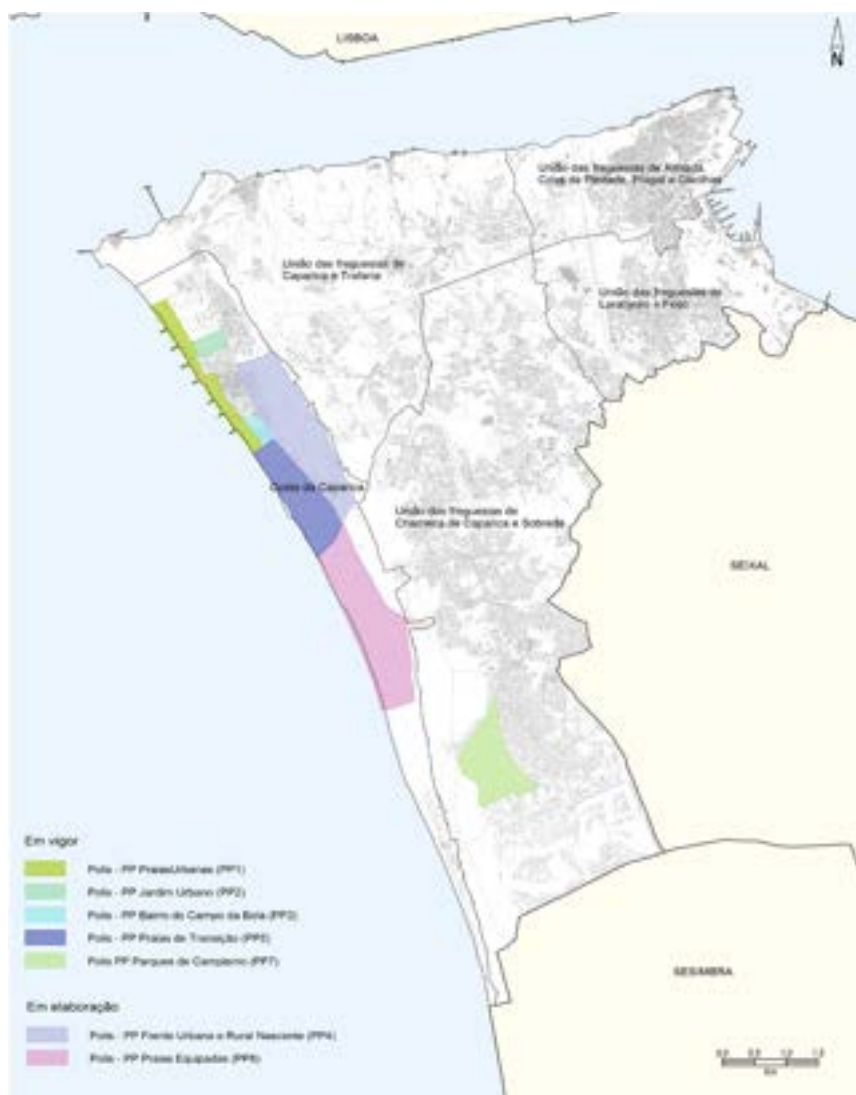




Figura 59 - Atual área da Polícia Marítima, e do Posto de Socorros, anterior à intervenção do programa Polis



Figura 60 - Atual área da Polícia Marítima, e do Posto de Socorros, após a intervenção do programa Polis

pensar na possibilidade de existir uma outra forma de resolver a questão do desgaste anual dos areais, evitando-se, assim, os consecutivos gastos económicos associados à reposição das areias, processo este ao qual acresce o incómodo causado aos turistas e demais veraneantes.

Ao longo de todo o percurso pedonal que acompanha a linha de costa e onde anteriormente se encontravam os restaurantes *informais* (alguns que se tornaram icónicos no panorama das praias, tais como *O Bento*, o *Carolina do Aires* ou *O Barbas*), criaram-se novos *apoios de praia* (o que muito beneficiou o turismo, em particular o conforto da zona balnear) e reforçaram-se as ligações pedonais entre a linha de costa e a *Rua dos Pescadores*, surgindo também uma nova *praça* que agregaria, segundo o plano do Polis, vários equipamentos (desde a polícia marítima, passando pelo centro internacional de Surf e por um hotel). Neste sentido, foram efetuadas melhorias às instalações piscatórias, construindo-se um conjunto de *apoios de pesca*, junto à zona da lota, para além da construção de *rampas* de acesso (*rampas-varadouro*) das embarcações às praias (na praia Nova e na praia do Dragão Vermelho), num intuito, possivelmente, de colmatar a ausência das *barracas* dos pescadores. Contudo, é de lembrar que estes apoios de pesca são ainda diminutos e existem em reduzido número, para além de acusarem sinais de uma evidente ausência de manutenção e, conseqüentemente, de uma clara falta de segurança (no passado chegaram mesmo a ocorrer arrombamentos, roubos e incidentes relacionados com pequenos incêndios).

A partir deste momento, e até hoje, permanece apenas no território da cidade o alinhamento de *cabanas* localizado em frente aos parques de campismo a sul da Costa de Caparica, sendo estas cabanas, bem como



Figura 61 - Antigo espaço do restaurante "O Barbas"

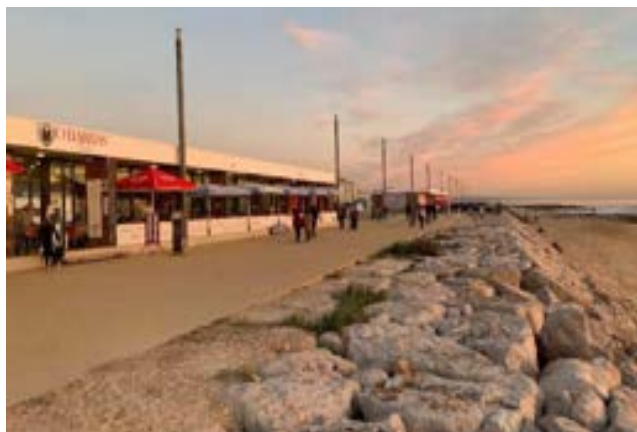


Figura 62 - Atual espaço do restaurante "O Barbas"

os parques de campismo, também abrangidos pelo Programa Polis, e em particular na zona de intervenção do *Plano de Pormenor 5 – Praias de Transição* (entre a praia da Saúde e a praia da Riviera). Nesta área existem zonas de *duna primária e secundária*, sendo que, no primeiro caso, esta duna se encontrava bastante degradada devido à implantação de construções na sua zona mais sensível (tais como segundas habitações, ou pequenas cafeterias, que funcionavam como apoios de praia *informais*). É de referir neste ponto, a questão dos parques de campismo e da mudança dos mesmos, prevista por este plano de pormenor, para a zona da arriba fóssil (pinhal do Inglês), proposta esta que não surtiu efeito, dada a vontade expressa pelos campistas de manter a sua proximidade ao mar, mesmo sujeitando-se aos perigos inerentes ao natural avanço do mesmo e sujeitando-se às possíveis inundações e à crescente densidade ocupacional destes parques (alguns deles inseridos mesmo dentro do espaço da própria mata). A circulação gerada por estas construções, bem como os atravessamentos da duna primária para quem acede à praia, a partir da cidade ou dos parques de campismo, não se encontravam ordenados e, por essa razão, dificultavam a fixação da duna e da sua respetiva cobertura vegetal.

Neste sentido, este plano “(...) *propõe para a sua área de intervenção três grandes objetivos: a recriação do sistema de dunas (primária e secundárias), o reordenamento da ocupação do território e a reorganização do sistema de espaços públicos e circulação.*”³⁹ É, ainda de destacar a

39 ROCHA, Miguel Afonso. (2011). “Estruturação de áreas com valor ambiental e paisagístico na AML – Caso de estudo POLIS Costa de Caparica”. Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. p. 81

fraca qualidade, ou mesmo a ausência de manutenção regular, de alguns dos materiais utilizados na construção dos acessos às praias, apesar de as mesmas já contemplarem, apenas pontualmente, acessos para pessoas com mobilidade condicionada (rampas) e estruturas para o escoamento das águas do mar.

Para a concretização destes pontos, preconizados pelo plano Polis, propôs-se a construção de novos apoios de praia localizados no espaço entre as dunas primária e secundária. Neste sentido, os Arquitetos sem Fronteiras-Portugal foram chamados a realizar a caracterização deste conjunto remanescente de *cabanas*, presente no cordão dunar das praias da Saúde e da Mata, uma vez que o PP5 (*Plano de Pormenor das Praias de Transição*) previa, originalmente, a remoção total destas construções, situação esta que gerou um movimento de preservação das mesmas. Este movimento culminou na intervenção dos Arquitetos sem Fronteiras-Portugal, impondo-se a realização da *caraterização* do conjunto existente através do seu enquadramento histórico e cronológico, para além da realização do seu levantamento no local (análise da dimensão construtiva e do estado de degradação).

Após esta análise global das *problemáticas* que se têm vindo a verificar na Costa de Caparica resultantes da ausência de conservação adequada dos patrimónios natural e construído, irei seguidamente proceder à descrição, mais detalhada, da nova proposta urbana para a cidade, criada pelo grupo de investigação “*Entre o Mar e a Terra*”, e que procura, assim, dar resposta às questões previamente levantadas e analisadas.



Figura 63 - Levantamento natural e paisagístico (Novembro de 2020)



Falésia			
Percursos pedestres			
Linha de costa de 1816			
Valas abertas			
Valas subterrâneas			
Valas de drenagem de 1816			
Linhas e pontos de água naturais			
Espigões e entroncamentos consolidados			
Espigões e entrocamentos a consolidar			
Espigões a eliminar			
Sistema dunar atual			
Sistema dunar 1816			
Duna primária 1816			
Vegetação dunar			
Plantação de vegetação dunar			
		Prado	
		Reserva agrícola	
		Terrenos agrícolas	
		Mata dos Medos	
		Mata das Dunas da Trafaria E.C.C. (Norte)	
		Mata das Dunas da Trafaria E.C.C. (Sul)	
		Mata das Dunas da Trafaria E.C.C. (Sul)	
		Pinhal da Aroeira	

3 Estratégia para a cidade

Proteção e conservação dos limites

Partindo do conhecimento, mais alargado, das particularidades do território, bem como das problemáticas que lhe estão associadas, o grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra” concretizou um plano urbano novo e alternativo para a Costa de Caparica. Esta proposta não pretende ser, apenas, mais um plano, mas sim procura enaltecer uma consciência local renovada face aos ecossistemas naturais que dão suporte à cidade, articulando dois domínios, *o natural e o humano*, através da promoção de conexões e da eliminação de barreiras naturais ou construídas. Para este fim, o território foi dividido em três frentes de intervenção - *a Terra; a Cidade; e o Mar*.

O princípio condutor da estratégia de intervenção foi, neste seguimento, a *proteção e valorização* do património cultural (histórico e social), paisagístico e arquitetónico local, promovendo a conexão humana com este património através da consciencialização (dos seus habitantes atuais e dos muitos visitantes, nacionais e estrangeiros) e da criação de *novas estruturas* que permitam às pessoas disfrutar do mesmo, sem o danificar. Primeiramente, foi considerado necessário um conjunto de intervenções basilares com o propósito de reparar e *preparar o suporte* natural do território para este se tornar passível de ser construído e, em certos casos, redesenhado. Para isso, seria então preciso controlar o crescimento da cidade e, conseqüentemente, criar *limites* à edificação para a proteção das *áreas naturais* sensíveis. Na parcela da *Terra*, que se

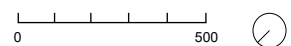
estende desde a arriba fósil até ao início da cidade, foi proposta a criação de uma nova avenida, a *Avenida Lelo Martins*, paralela ao limite da arriba fósil e conectada com a estrada florestal (que segue para a Fonte da Telha), funcionando como elemento separador entre os campos agrícolas e a cidade consolidada. Foi, também, proposta a reposição de uma *vala* de drenagem, que remete para as antigas valas existentes no território, agora com uma componente mais lúdica e associada à venda de produtos hortícolas e sem os inconvenientes de insalubridade de outros tempos. Esta vala dispõe-se, de modo adjacente, face à nova avenida de Lelo Martins, com o intuito de marcar e, simultaneamente, de suavizar este novo limite entre a cidade e o “*campo*”.

No seguimento da ideia de criar limites, foi importante estabelecer na parcela do *Mar*, que abrange toda a frente de praias, o *recuo* da mancha edificada dos parques de campismo localizados a sul da cidade (ideia já constante do programa Polis, mas nunca concretizada), o que permitiria recuperar parte do areal e da mata, que é já uma área reduzida, permitindo também diminuir o impacto da presença humana, demasiado próxima ou mesmo ao nível da praia. Esta intervenção foi reforçada pela proposta, nesta mesma zona a sul da cidade e a partir do término do paredão, de colocar os carris do comboio *transpraia* atrás da duna primária (contrariamente ao que existe hoje), sendo que a norte os mesmos carris surgiriam no meio das *áreas verdes*, junto aos parques de campismo e junto ao atual parque urbano (único). Ao ser recuada, este novo desenho da linha do comboio potencia, sobretudo na zona a sul da cidade, o recuo do limite de edificação dos parques de campismo e a consequente recuperação de parte da extensão de areal.

Neste sentido, foi importante delinear uma estratégia de proteção e de *replantação* das dunas existentes para uma melhor fixação das areias e uma consequente proteção natural da cidade e *estabilização* do limite do mar, à semelhança do limite dos campos agrícolas. Esta replantação da área dunar existente ao longo das praias urbanas e também para norte e para sul das mesmas reforça a sua estabilidade e ancoragem ao solo através da introdução de espécies vegetais adequadas à areia e endógenas do território. O objetivo seria reconstruir e estruturar todo o sistema dunar, compreendido entre a *Cova do Vapor*, a *Costa de Caparica* e a *Fonte da Telha*, tendo como limites a avenida marginal junto às praias (Av. General Humberto Delgado) e o paredão existente. Para além desta replantação, propomos, no troço das praias urbanas, a criação de uma *nova duna artificial* para proteção da cidade face aos frequentes galgamentos do mar. Esta nova duna faria a proteção do paredão existente e iria cobrir todo o comprimento de enrocamento que o suporta (desnível entre a cota do paredão e o areal).



Figura 64 - Planta geral da Proposta urbana do grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra” (Março de 2021)



Mobilidade

Tendo em conta o objetivo principal de *conectar* o território, revelou-se imperativa a reorganização e hierarquização da rede de *mobilidade* da cidade, passando pelas suas várias valências – pedonal, ciclável, rodoviária e ferroviária (comboio *transpraia* e o metro). A par da consolidação dos limites do natural e do construído, foi considerada importante a criação de *eixos* de ligação/conexão, transversais aos limites do mar e da arriba fóssil. Estes eixos de ligação materializam-se na parcela da *Cidade*, num reforço de vias pedonais e rodoviárias, para além da criação de mais arruamentos *mistos* e de alinhamentos pedonais (a *Cidade* abrange todo o volume de edificado compreendido entre a frente de mar e a grande avenida estruturante do território, paralela à linha de costa – Avenida Afonso de Albuquerque). Para além das linhas transversais, revelou-se importante conectar alguns *marcos arquitetónicos*, através de percursos e de ligações transversais, marcos estes que funcionassem como *pontos de referência* que marcam os limites da cidade. Esta conexão segue duas orientações – uma conexão *cruciforme*, entre o eixo arriba-mar, e o eixo Torres de São João-Torres das Argolas; e uma segunda conexão, mais simbólica no domínio da *memória do lugar*, entre o Convento dos Capuchos (na parte superior da arriba), o cemitério (à entrada da cidade) e a Igreja Matriz (no centro *histórico*).

No caso dos eixos pedonais, estes prolongam-se e criam *alinhamentos*, visuais e físicos, com a praia, na parcela do *Mar* e, nomeadamente, com uma rede de *passadiços* sobre a duna e que conduzem ao paredão (a última grande “*avenida*” pedonal da cidade). Partindo da consolidação desta duna, revelou-se importante repensar e reorganizar, especialmente,

a rede de implantação dos *apoios de praia* existentes, bem como desenhar um novo sistema de *passadiços* e de *rampas* de acesso ao areal das praias. O objetivo principal deste desenho foi promover a intensificação, das ligações e dos alinhamentos visuais do edificado para a praia e vice-versa, de forma equilibrada. Já na parcela da *Terra*, estes eixos materializam-se no desenho de um novo sistema de *linhas* que fazem a drenagem natural das águas, desde a arriba fóssil até ao mar, para além do prolongamento dos eixos pedonais da *Cidade* para os percursos (atualmente, caminhos de pé de posto) existentes nos *campos agrícolas*.

Dentro do tema da mobilidade, a questão da *entrada da porta* da cidade, localizada na parcela da *Terra*, revelou-se, desde o início do processo, extremamente pertinente por condicionar, diretamente, os fluxos de pessoas e de veículos que chegam à Costa de Caparica. Neste sentido foi proposta, em primeiro lugar, a chegada à cidade da linha do *metro* e, com isto, a introdução de um aumento na oferta de transportes públicos responsáveis por uma *mobilidade mais leve* e capaz de reduzir a atual intensidade do tráfego rodoviário, no IC20. O metro deveria, deste modo, fazer o percurso subterrâneo face ao IC20 e chegar à entrada da Costa de Caparica, não chegando a penetrar no interior da cidade e permitindo, assim, a redistribuição equilibrada dos *fluxos* de pessoas. Também se propõe um novo desenho para os pontos de *cruzamento* entre o troço do IC20, que chega à cidade, e as duas avenidas que separam os campos agrícolas da cidade (uma já existente, no bairro de Santo António, e outra nova, a designada *Avenida Lelo Martins*).

Partindo do debate em grupo, foi proposta a criação de um novo *terminal intermodal*, não apenas para o metro, mas que incluísse também

um novo terminal rodoviário para os autocarros e ainda uma nova bolsa de *estacionamento*. Este terminal possuiria um corpo elevado, do tipo *plataforma*, que realizaria a conexão, ao nível do pedonal, entre a zona de Santo António e os campos agrícolas, junto ao centro da cidade. Além deste terminal, destacam-se os eixos propostos para a conexão entre a *cidade* e a *praia*, através dos parques de *campismo* localizados a sul da cidade.

Na parcela da *Cidade*, a estratégia principal residiu na unificação, através da malha, do *centro* da cidade e a sua conexão com os núcleos habitacionais adjacentes e hoje fechados sobre si, incidindo-se também sobre o reforço da *mobilidade leve*. Para isso, propôs-se a criação de um serviço de *porta-a-porta*, ou seja, de um pequeno autocarro cujos percursos estariam maioritariamente vocacionados para a mobilidade no interior dos *bairros*, não circulando, praticamente, nas vias e avenidas principais. Além do porta-a-porta, propôs-se, a um nível mais global, a conexão rodoviária entre a Trafaria, mais propriamente o terminal de barcos, e a Costa de Caparica, através de um serviço regular de autocarros dedicados a esse trajeto e que circulam nas vias principais (hoje este serviço continua cativo de horários limitativos e francamente insuficientes). Complementando este aspeto, propôs-se ainda a criação de uma rede ordenada e organizada de ciclovias, demarcadas apenas nos locais onde não existe estrada, e que reforça a conexão entre a *cidade* e a *praia*, pelo parque urbano, reforçando também uma continuidade ao longo da estrada florestal.

Já no centro *histórico* da Costa de Caparica criaram-se *novos arruamentos* e atravessamentos pedonais, nomeadamente através da

reabilitação e reforço das ligações permitidas pelos antigos centros comerciais, para além da criação de novas ruas mistas (geralmente com comércio e restauração – para cargas e descargas). Complementando esta proposta, criaram-se novas *bolsas de estacionamento* e reforçaram-se aquelas já existentes, como por exemplo o Largo da Coroa ou o estacionamento do centro comercial *Pescador*, tornando-as mais *verdes*. Além do reforço das estruturas de apoio a veículos, apostou-se na *requalificação* e no reforço do carácter pedonal da *Rua dos Pescadores*, a principal rua de toda a cidade, realizando uma unificação da mesma através do pavimento e do verde arbóreo. Seria bastante importante, por exemplo, pensar nalgum tipo de estrutura para fixar todos os vendedores ambulantes que hoje se apresentam “espalhados”, de forma caótica, por esta artéria principal.

Este aspeto revela-se essencial uma vez que, pela sua diversidade étnica, estes grupos de vendedores constituem um elemento fundamental para atrair visitantes nacionais e estrangeiros. É bom lembrar, ainda, a atual importância do *turismo* na economia local (maior, até, do que a da atividade piscatória) e, naturalmente, na produção de riqueza, sendo essencial para a sobrevivência de uma população imigrante, altamente fragilizada. Além destes elementos, foi proposta a conexão entre o centro e os bairros habitacionais, através da criação de *dois novos arruamentos*, um pedonal e outro misto, que atravessam o Bairro dos Pescadores e que o conectam, por sua vez, com o adjacente Bairro do Campo da Bola.

Seguindo esta linha de criação de novas infraestruturas importantes, foi proposta, na parcela do *Mar*, a criação de um novo desenho e organização dos *estacionamentos*, existentes junto à frente de praias desde a Cova



Figura 65 - Estacionamento atuais para automóveis, nas matas



Figura 67 - Proposta de novo desenho dos estacionamento automóveis, junto às praias (corte transversal)



Figura 66 - Proposta de novo desenho dos estacionamento automóveis, junto às praias (fotomontagem)



do Vapor, passando pelo centro da cidade e seguindo para sul da mesma (para lá do término do paredão e dos parques de campismo, localizados a sul da cidade). Estes estacionamento, nuns casos completamente novos e noutros repensados a partir do existente, seriam assim adequados, em termos de capacidade, para receber uma população altamente *flutuante* e concentrada nos períodos de tempo quente (verão). Com o objetivo de adaptar estas estruturas aos *ritmos sazonais* que caracterizam a vida da cidade, concebemos os estacionamento como um elemento flexível em termos de *usos*, que no verão cumpra a plena função de estacionamento e que no inverno possa funcionar como área disponível e polivalente para a realização de pequenos eventos junto da comunidade, tais como feiras ou concertos. Este objetivo permitiria criar, deste modo, espaços alternativos ao único grande parque urbano da cidade (Parque Urbano de Santo António) e também ao espaço da atual “Praça das Tábuas”, impedindo, assim, a ocorrência de eventos em espaços de terra batida, sem quaisquer condições de permanência ou de acesso (refiro-me aos espaços que hoje, por exemplo, recebem o circo, as feiras de artesanato e, ainda, as feiras de diversões).

Uma outra questão, intensamente discutida também pela parcela do *Mar*, foi o comboio *transpraia*, cujo percurso consistiu numa infraestrutura importante para o ordenamento da *mobilidade* junto à frente de mar, e ao longo das praias, da Costa de Caparica, à Fonte da Telha. No seguimento desta ideia, foi proposto um redesenho do trajeto deste comboio, deixando transparecer uma intenção clara de conexão entre a Trafaria, a Cova do Vapor, a Costa de Caparica e a Fonte da Telha, percorrendo assim toda uma extensão de praias de modo uniforme. Para além do redesenho do seu trajeto, redefiniu-se a sua implantação na cidade, sendo que no

troço de praias, localizadas em frente ao centro urbano consolidado, os carris do transpraia são colocados entre o limite da *duna* e o limite do *passeio pedonal* (na avenida marginal General Humberto Delgado). Para além disso, propôs-se dotar este comboio de um fluxo de funcionamento permanente (permitindo a sua circulação no interior do espaço urbano), e não apenas sazonal, introduzindo-se também uma nova vertente de mobilidade mais ecológica, associada a um sistema de carruagens elétricas.

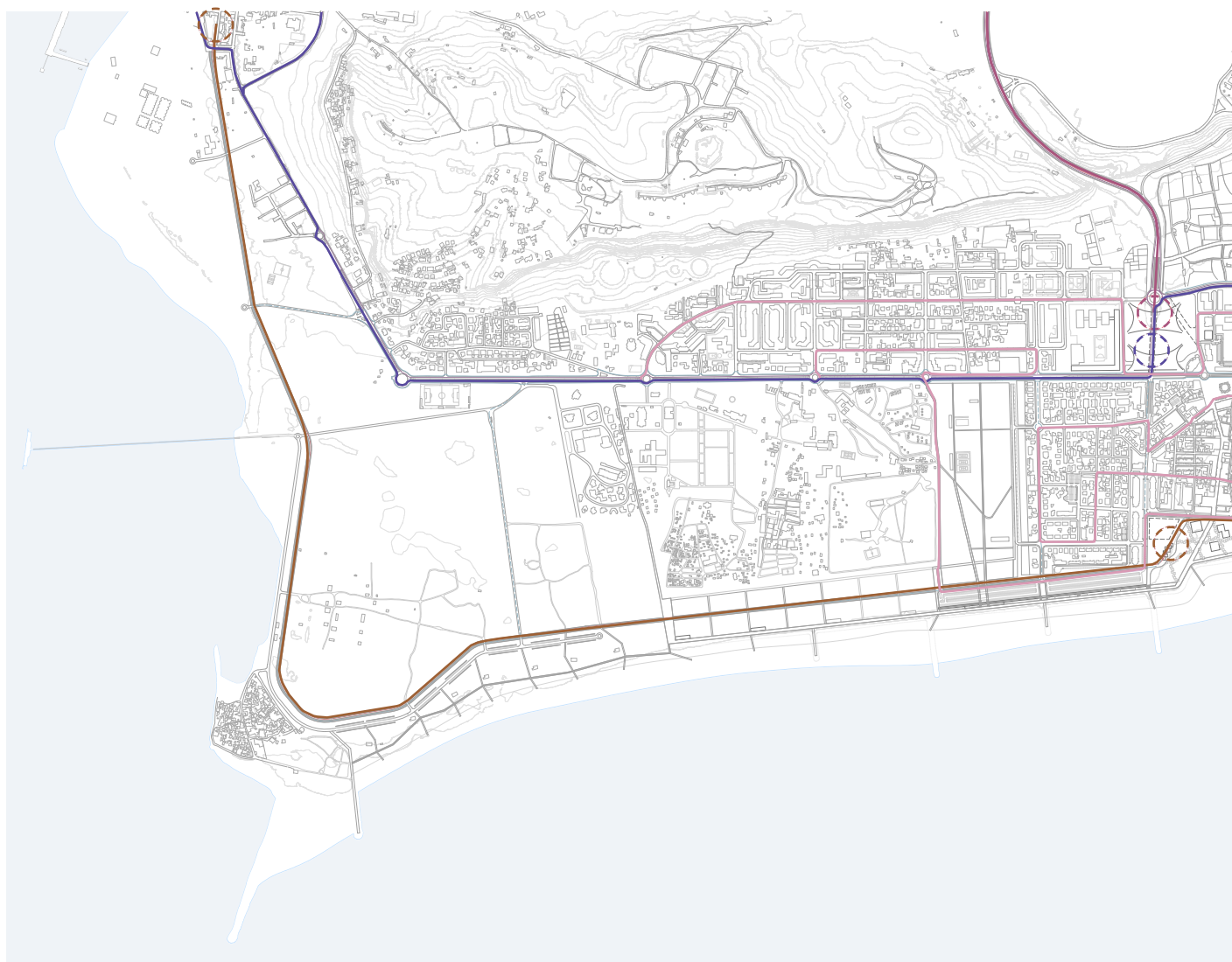


Figura 68 - Planta geral de Mobilidade, proposta pelo grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”



Tecido urbano

Num segundo momento, e após a “*preparação*” do terreno, era importante *reestruturar* e conferir uma *hierarquia*, hoje inexistente, ao tecido urbano da cidade, através de um desenho que valorizasse o espaço público, ao nível da criação de um maior número de praças, de parques ou de zonas infantis, que reestruturasse e ordenasse o centro *histórico* e que promovesse permeabilidades e ligações entre os vários núcleos urbanos da cidade, tais como o *Bairro de Santo António*, o *Bairro Novo dos Pescadores* ou o *Bairro do Campo da Bola* (bairros que se encontram, hoje, isolados e fechados sobre si, pela ausência de conectividade com o território e, também, pela sua clara distinção, ao nível da variedade de construção e das vivências humanas).

É neste domínio que entram as importantes estratégias da *mobilidade*, associadas à *requalificação* da frente balnear de praias e que se iniciaram com a reformulação da avenida marginal General Humberto Delgado, passando pela introdução de *novos programas* e equipamentos, necessários à cidade e culminando, finalmente, na requalificação e *redesenho* dos parques de campismo, localizados a sul da cidade. Neste ponto, o grupo de investigação “*Entre o Mar e a Terra*” propôs o realojamento das famílias que lá habitam para novas áreas de habitação condigna para solucionar o problema. Esta área passaria, então, a estar vocacionada para um tipo de campismo mais *natural e sustentável*, em harmonia com o ecossistema da mata dos Medos. A acrescentar a estes pontos, temos o redesenho dos parques de *estacionamento* existentes, nomeadamente aqueles que se localizam junto à frente de praias, criando-se, simultaneamente, novas bolsas de estacionamento que sejam capazes

de colmatar as necessidades quer dos moradores, quer do volume de turistas que se intensifica no verão.

A proposta de novos programas e equipamentos partiu de um estudo realizado com base no levantamento dos espaços vazios, bem como de terrenos livres ou com edifícios devolutos existentes na cidade, com a possibilidade de serem os mesmos *edificados ou reabilitados*. Foi tido em conta que a margem de crescimento da cidade era pouca, pela já exagerada densidade de construção existente, e que estes novos programas deveriam ter um *caráter estratégico*, no sentido de contribuírem para a valorização e para o desenvolvimento da Costa de Caparica. Seria, no entanto, muito importante pensar, simultaneamente, numa alternativa habitacional para as famílias que hoje residem num enorme bairro clandestino, situado junto à entrada da cidade, a ao seu acesso rodoviário principal, junto à arriba fóssil e ainda localizado, em grande proximidade, face às Torres das Argolas. Seguidamente, o grupo de investigação “*Entre o Mar e a Terra*” realizou o levantamento dos locais naturais e paisagísticos que, não podendo albergar construção, poderiam, no entanto, ser valorizados através de novas estruturas, que permitissem a criação de redes de *percursos*.

No seguimento desta ideia, e começando na parcela da *Terra*, mais precisamente na zona da *porta de entrada* da cidade, foram propostos, para além do novo terminal intermodal, um conjunto de novos volumes de *habitação* capazes de *fechar* o vazio que atualmente existe neste local, permitindo estruturá-lo, no sentido de conferir uma maior relevância e destaque ao terminal. Este terminal é complementado e interligado, com um programa de espaço público e de novas zonas verdes. Os novos

volumes estariam interligados entre si e à restante cidade, pedonalmente, ao nível superior de passagens aéreas, por baixo das quais continuaria a passar o troço de entrada do IC20.

Para além do ordenamento do desenho da *porta da cidade*, foram propostos novos programas e novos edifícios, para a *consolidação* da nova avenida de *Lelo Martins* e, como consequência, para o remate da cidade junto dos campos agrícolas, tais como um centro de saúde, uma residência sénior, um centro comunitário e um novo conjunto habitacional, destinado ao *realojamento* das famílias oriundas dos bairros *ilegais/clandestinos*. A par de novos edifícios, realocalizaram-se alguns serviços já existentes no território, conferindo-lhes áreas e instalações mais adequadas, tais como os Bombeiros, a sede da Junta de Freguesia e a esquadra da PSP.

Para além do edificado, foi proposta, na arribafóssil, a criação de uma nova rede de percursos que conectem pontos de interesse cultural e paisagístico, tais como o Convento dos Capuchos e as baterias militares da Raposeira e de Alpena. Foi, também, proposta uma nova organização da malha urbana, através do desenho de um *novo espaço público*, na área de embasamento das Torres das Argolas e do antigo terminal rodoviário (para os autocarros). Na área atualmente ocupada por este terminal criou-se um jardim, novas bolsas de estacionamento e reforçaram-se, ainda, as conexões pedonais, através da recuperação e da reabilitação das ligações pedestres permitidas pelos antigos edifícios de centros comerciais e, neste caso particular, o *SIL Centro*.

Seguindo para a parcela da *Cidade*, foi proposta a introdução de novos programas públicos e de equipamentos necessários, tendo como referência dois polos de ação distintos: o centro da cidade; e o Bairro do

Campo da Bola. Em ambas estas zonas, a introdução de novos eixos e *áreas verdes* foi um elemento marcante e estruturante da estratégia. No *centro*, propôs-se a requalificação e a valorização de três estruturas antigas existentes na atual Praça da Liberdade (que consiste no remate da Rua dos Pescadores - rua estruturante do centro) e no atual largo da Igreja velha. Estas estruturas trazem à *memória* o passado da cidade - a fonte de água; o largo da Igreja Matriz (memória dos eventos religiosos associados aos pescadores); e o mercado (a reabilitar, recuperando a importância das tradições da gastronomia local).

Já no *Bairro do Campo da Bola*, procedeu-se a uma intervenção mais detalhada e ancorada nos novos programas de um mercado, de um ATL/Jardim de infância, conjugado por sua vez com uma torre e passadiços, de novos volumes de habitação e, ainda, de um novo complexo desportivo adjacente. Além da construção nova, foi proposta a *requalificação* de equipamentos e de estruturas já existentes, tais como a associação de moradores e os vazios existentes no bairro, e que, na sua maioria, são convertidos em praças, pontuadas por zonas verdes. Destaco, ainda, uma proposta, ao nível de uma nova cor unificadora para o conjunto de moradias existentes no bairro, em conjugação com a materialidade dos novos elementos propostos.

Ainda no bairro, introduziu-se uma *faixa verde* de jardim, na zona de transição entre o bairro e a praia (zona dunar), faixa esta estruturada por uma rede de *caminhos pedonais* que reforçam os alinhamentos entre as vias principais do bairro e as da cidade, através de passadiços sobre a duna que conduzem ao paredão. Esta *mancha*, originalmente considerada verde em termos arbóreos, infiltra-se no bairro e acaba por disseminar-se

ao longo da implantação do novo mercado e para o interior dos quarteirões de moradias. Mais à frente, e já no desenvolvimento da proposta do meu projeto individual, correspondente à segunda parte deste trabalho de investigação, irei demonstrar o modo como reinterpretei esta ideia e esta faixa de transição entre a cidade e a praia, não como faixa verde, mas sim como uma *nova faixa de dunas*, semelhante com a imagem que aquele sítio teria no passado. Refiro, ainda, a proposta de criação de um novo complexo desportivo a sul do bairro e que ocuparia a área de um dos parques de campismo existentes (correspondente, atualmente, ao Clube de Campismo do Concelho de Almada), procurando-se, assim, recuperar a tradição do desporto na Costa de Caparica (associado ao futebol de praia e também a um novo complexo de piscinas).

Requalificação e ordenamento da frente de mar

O elemento *água* é a constante que se revela comum quando falamos de frentes litorais, remetendo-nos o termo *litoral* para uma relação *simbiótica* entre duas realidades: a terra e o mar, um ponto de interface, um território de interação física entre o *natural* e o *construído*. Esta relação de interface materializa-se nas trocas de vivências, de culturas e de tradições, que se traduzem, por sua vez, em práticas arquitetónicas muito particulares. Este conjunto de relações e de trocas, acaba por contribuir para a definição do *metabolismo* das cidades, para além de criar a base para a concretização de novas práticas de projeto urbano, mais sustentáveis e regeneradoras dos territórios.

Entendemos, deste modo, que o mar da Costa de Caparica constitui uma fonte primordial de recursos e de ecossistemas naturais que alimentam várias atividades económicas conectadas quer com a *pesca*, quer com as práticas de lazer e de saúde associadas ao *turismo balnear*. Estes fatores têm, naturalmente, criado uma nova *atratividade* para a cidade e para o seu território, sendo que, já desde os anos 40 do século XX, a Costa de Caparica era designada como a “*praia do sol*”. Esta atratividade veio, assim, potenciar o surgimento de novas dinâmicas sociais na cidade, sendo de destacar a importância, por exemplo, da diversidade e da *multiculturalidade* que hoje se associa à população “*caparicana*”, sendo de referir a recente imigração de pessoas com origens brasileira, africana e sul americana. Além destas novas comunidades, verificamos hoje um crescente acesso de turistas à cidade, sobretudo durante a época balnear, para além dos muitos campistas que, por falta de viabilidade económica, começaram a residir, em permanência e a tempo inteiro, nos parques



Figura 69 - Planta da proposta de Requalificação e Ordenamento da Frente de Mar



Mar

Praia

Dunas

Mata

Proposta Edificado

0 500



de campismo. Apesar de estas novas dinâmicas sociais serem muito importantes para o desenvolvimento da cidade, impulsionando mesmo a sua renovação, estas acabam por trazer também a sobrecarga humana e a consequente destruição dos *sistemas naturais*.

Partindo do reconhecimento da importância do *mar* na Costa de Caparica e das problemáticas que lhe estão associadas, o grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra” realizou uma nova proposta, ao nível do desenho urbano, para a frente de mar da cidade, tendo, como objetivo principal a requalificação da frente de praias ao nível do natural e do construído. Com esta requalificação, ambiciona-se a definição de novos padrões de conexão e de interação entre a cidade consolidada e a frente de praias, através do desenho estratégico de *áreas/faixas de transição* e de eixos de permeabilidade entre estes dois universos distintos. A proposta ancorou-se, deste modo, em alguns *pontos-chave*, que foram considerados essenciais: as faixas de dunas (que realizam a transição entre a cidade e a praia); as zonas verdes, incluindo as matas e os pinhais; os estacionamento; os apoios de praia; a lota e os abrigos de pesca; os novos programas de edificado; e o comboio transpraia. Todos estes pontos foram já abordados anteriormente, no contexto da análise da realidade atual da cidade e das suas problemáticas, sendo agora o momento de detalhar a estratégia proposta pelo grupo de investigação, ao nível da introdução de novos programas de edificado.

À semelhança das parcelas anteriores, foi essencial repensar a organização dos *usos* e dos programas, hoje associados à parcela do *Mar*. Começo, desta forma, por destacar que a proposta sectoriza, em termos de usos, a frente de praias, sugerindo, simultaneamente,

a unificação desta frente através de uma nova rede de percursos e de passadiços pedonais e através de um novo conjunto de apoios de praia, de módulo versátil e proporcionais na sua quantidade e área espacial às dinâmicas de fluxos humanos que caracterizam, desde o passado e até à atualidade, a frente litoral da cidade. A inadequação destes apoios de praia ao momento presente da cidade, quer pelo seu número em excesso, quer pela sua qualidade construtiva, prende-se, por exemplo, com o facto de estas estruturas proporcionarem um serviço ainda diminuto ao nível de instalações sanitárias e de duches de praia. No seguimento desta ideia, é também importante referir, já com um afastamento da questão arquitetónica, que a segurança do espaço das praias é custeada diretamente pelo comércio local e pelos concessionários privados que exploram, financeiramente, estes apoios de praia. Hoje, estes concessionários tentam recuperar parte destes gastos através do alargamento das suas, respetivas, zonas de areal concessionadas, situação esta que se revela problemática, uma vez que estamos perante um areal que, anualmente, vai ficando cada vez mais reduzido.

Neste sentido, o grupo de investigação propôs que a zona norte da cidade, que abrange as praias do *Barbas*, de *Santo António*, do *Norte* e de *São João*, seja vocacionada para a prática do *surf* e para a realização de eventos desportivos relacionados com esta modalidade, sendo mesmo sugerida, para esse efeito, a realocização, para esta zona norte, das escolas de surf localizadas, hoje, junto ao término do paredão. Já na zona da frente urbana, e em particular no troço que abrange o centro da cidade, propôs-se que a extensão compreendida pelas praias do *Tarquínio-Paraíso* e do *Dragão-Vermelho* receba novos espaços de *restauração*, sendo de notar que este troço da frente marítima acaba por ser o mais *central* e,



Figura 70 - Rita Rodrigues, Troço Norte das Praias Urbanas na atualidade



Figura 72 - Proposta de novos estacionamento automóveis e de escolas de surf, junto ao paredão (corte transversal)



Figura 71 - Proposta de requalificação do troço norte das Praias Urbanas (fotomontagem)



por essa razão, o mais concorrido da cidade (este é o troço que conecta, diretamente, a frente de praias com a cidade, através do eixo central da Rua dos Pescadores).

Passando da praia para a cidade, revelou-se importante, como foi mencionado acima, a criação de *zonas de transição* permeáveis através do desenho de novas áreas verdes, com cobertura arbórea, e também de novas áreas de duna, capazes de agregar novos programas de arquitetura. Neste sentido, propôs-se a criação de três novas *bolsas* de transição, localizadas em *zonas de fronteira* entre o mar e a terra, tendo sido definida a implantação destas bolsas em áreas ou terrenos que revelassem uma necessidade de requalificação.

A primeira “*bolsa*” de transição, proposta pelo grupo de investigação, encontra-se localizada na área que corresponde, atualmente, à designada *Praça das Tábuas*, junto à Avenida General Humberto Delgado (marginal das praias) e que consiste, hoje, no ponto de encontro entre as gentes vindas da Rua dos Pescadores e também dos fluxos vindos de norte e de sul, a partir do paredão (esta área corresponde ao troço, mencionado anteriormente, no qual se previa a introdução de novos espaços de restauração). Esta “*bolha*”, de transição consiste numa área verde, com base de solo de areia e plantada com espécies vegetais endógenas, do território e adequadas ao local, tais como plantas rasteiras, arbustos e pinheiros. Esta nova “*mancha verde*”, no seio da cidade e da frente de mar, irá permitir, deste modo, a criação de uma densidade *permeável*, para além de constituir um momento de *transição* entre a realidade urbana, de bulício, e a realizada da praia, de lazer e de descontração. Esta área agrega, para além do verde, três novos espaços de *restauração* (já mencionados

acima), com esplanadas viradas para a praia, bem como um parque infantil e um quiosque articulados entre si através do desenho de novos caminhos, na areia, e de novos elementos de mobiliário urbano (como bancos e mesas de piquenique). Estes novos espaços de restauração recuperam, deste modo, a *memória* dos antigos e icónicos restaurantes, tabernas e bares de petiscos da Costa de Caparica, e em particular dois deles que terão existido neste exato local: *O Bento* e *O Carolina do Aires*. Uma outra *memória* que surge aqui reabilitada associa-se à existência, no passado, de largas áreas de pinhal que acabavam por constituir, por si mesmas, zonas de transição entre o areal da praia e a povoação edificada pelos pescadores. Para além da *reabilitação* destas memórias, não deixa de ser importante a intenção de potenciar e de fortalecer, através deste novo espaço verde, a *integração* das populações multiculturais que residem atualmente na cidade, revelando-se, assim, essencial planejar, em articulação com estas áreas de transição, a criação de espaços de exibição para a cultura, para o artesanato e para a gastronomia destas novas populações.

O segundo momento de transição, proposto pelo grupo de investigação, localiza-se junto à *Avenida 1º de Maio*, que vem do prolongamento do IC20 (entrada da cidade), e que permite o acesso direto ao paredão e à frente de praias. Nesta “*bolsa*”, foi proposta a criação de um novo apeadeiro para o comboio *transpraia*, sendo esta nova estrutura complementada por uma nova zona verde, em articulação com dois novos edifícios: um novo hotel, alinhado com os edifícios mais altos da avenida e o novo posto de turismo, mais baixo e alinhado com o edifício, já existente, da Polícia Marítima. Além destes programas, propôs-se que o troço, localizado para norte desta “*bolsa*” e caracterizado pela forte presença de um muro de betão



Figura 73 - Praça onde desemboca a Av. 1º de Maio, edifício da Polícia Marítima e Praça das Tábuas (junto ao paredão) na atualidade



Figura 75 - Proposta de novo espaço de Hotel (edifício mais alto), de Polícia Marítima e de Posto de Turismo, agregados no novo Apeadeiro do comboio Transpraia (à direita) - corte transversal



Figura 74 - Proposta de requalificação da Praça da Av. 1º de Maio e da Praça das Tábuas ("bolsa" verde) - fotomontagem



(construído, no passado, para a proteção da cidade, face aos galgamentos do mar), pudesse albergar outros programas associados, neste caso, a espaços de cariz comercial. Estes espaços seriam, desta forma, incluídos e “escavados” na própria estrutura do muro de betão, integrando assim este elemento de grande impacto e de carácter artificial num ambiente, simultaneamente, urbano e costeiro.

O último momento de transição proposto pelo grupo de investigação, encontra-se localizado no troço da frente costeira, que abrange a Praia Nova e que se estende para sul, até ao término do paredão. Nesta “*bolsa*”, o grupo de investigação propôs a criação de uma faixa, desenhada à luz da memória, de imagem antiga, associada às dunas e que seria predominante neste troço da cidade no passado. Neste sentido, propôs-se a “*recriação*” de uma zona de duna, com solo de areia, complementada pelo coberto vegetal que se lhe associa e que é característico do território da cidade (menciono, aqui, espécies rasteiras e arbustivas, tais como o junco, a amófila das areias e, ainda, o feno das areias), sendo importante referir que esta base de solo de areia existe ainda hoje no local, tendo, no entanto, a estrutura dunar desaparecido. Esta faixa dunar de transição conectar-se-ia com a cidade através de uma rede estruturada de percursos pedonais, inspirada pelos vestígios de caminhos de pé-de-posto, já existentes no local e que “*denunciam*” a movimentação das pessoas ao longo da areia.

Em articulação com esta nova faixa dunar, o grupo de investigação propôs a criação de um novo *polo piscatório* ou *Polo das Pescas*, consistindo este polo num troço específico da frente de praias, composto por solo dunar e que poderá funcionar como uma *faixa de transição* na cidade. Esta faixa que realiza a transição entre a cidade e a praia, seria

capaz de, não só conectar o ambiente urbano com o ambiente marítimo, através de uma nova rede de *percursos pedonais*, mas seria também capaz de “receber” novos programas, no âmbito da conservação e da divulgação do mar, da paisagem costeira, dos ecossistemas litorais e, ainda, da prática da pesca com *arte xávega*. Para além de materializar uma continuidade importante, ao nível da paisagem, entre a cidade e a praia, esta faixa de transição do Polo das Pescas acaba por contribuir, da mesma forma, para a criação de continuidades, ao nível social, entre a população local, os pescadores e os turistas ou veraneantes.

Os novos programas arquitetónicos integrados, de forma natural, na paisagem dunar desta faixa (instalando-se em “*crateras*”, correspondentes aos pontos de depressão, ou de menor elevação das dunas), passam, em primeiro lugar, por um novo equipamento cultural, vocacionado para a valorização do património material e imaterial da pesca com arte xávega, sendo este designado por *Centro de Interpretação da Arte Xávega*. A este novo equipamento cultural associa-se a importante área correspondente a uma nova *Lota de pesca*, em articulação próxima com um conjunto de novos programas adjacentes que incluem novos aprestos e abrigos para armazenamento dos apetrechos de pesca, para além de um novo espaço de “*oficina*”, vocacionado para o trabalho dos pescadores no âmbito da preparação e da reparação das redes e dos barcos. É importante referir que se propõe, deste modo, a *relocalização* da atual zona da Lota, localizada em frente a prédios de habitação, para uma zona mais a sul e articulada com o ambiente de carácter mais natural, das dunas e do areal. Esta “*bolsa*” de transição, aliada a estes novos programas de arquitetura, permitiria, deste modo, requalificar toda a área correspondente à lota e ao espaço de trabalho dos pescadores, conectando, simultaneamente, esta

vertente de trabalho com uma vertente de observação *in loco* por parte das pessoas que visitam a cidade, e dentro da lógica da criação de um “*museu vivo*”.



Figura 76 - Área da Lota de Pesca (junto à rotunda), dos abrigos dos pescadores e da faixa dunar existente (à direita) na atualidade



Figura 78 - Proposta de novo Centro de Interpretação da Arte Xávega (esquerda), na faixa dunar replantada, e ainda do novo Pólo das Pescas (lota e aprestos - à direita) - corte transversal



Figura 77 - Proposta de requalificação da Área da Lota de Pesca, bem como novos aprestos para os pescadores, e a replantação da faixa dunar de transição (à direita) - fotomontagem



II - O Espaço da Memória

1 O poder do lugar

Iniciando, agora, uma análise mais profunda da temática principal, num enquadramento da intervenção projetual proposta, no âmbito da presente investigação, irei debruçar-me sobre a importância das características específicas do *lugar*, no qual a arquitetura se inscreve, explorando todas as suas valências, quer físicas, quer humanas. O lugar é o repositório de *conteúdos* mais valioso para o arquiteto e determina, em grande parte, a intervenção projetual proposta, sendo mesmo possível afirmar que “*A importância do lugar é uma condição fundamental da história (...) que pode ser apreendida a partir de diferentes perspetivas e escalas.*”⁴⁰ Com o termo “*lugar*”, refiro-me não apenas às componentes *físicas* do território, associadas aos solos, aos cursos de água, às massas de relevo ou aos ventos e exposição solar, e que se revelam “*(..) decisivas na construção (do) (...) lugar, ao longo dos diversos períodos da história, combinando os diferentes modelos e culturas de desenho do núcleo edificado, de*

40 ROSADO, Ana Costa, COSTA, Miguel Reimão, LOPES, Virgílio, PALMA, Maria de Fátima, TORRES, Cláudio, MARTÍNEZ, Susana Gómez. (2016). “O território, a história e o espírito do lugar: o exemplo de Mértola no contexto da arquitetura vernacular do sul de Portugal”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. in CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. p. 51

*organização da paisagem envolvente, (...).*⁴¹ Com o termo “*lugar*”, remeto também para uma dimensão *espiritual e simbólica*, que poderá estar conectada com o domínio da *memória*, isto é, a ação da passagem do tempo. Por último, o termo “*lugar*” remete, diretamente, para as *pessoas*, quer seja uma comunidade pequena, quer seja um bairro de grande dimensão, uma vez que, as pessoas constituem, não só, mas também, uma importante componente física e psíquica, e definem, ainda, um certo conjunto de *caracteres* associado a uma *identidade* individual e coletiva. De facto, no processo de análise, e de interpretação, do lugar, revela-se fundamental “(...) *o modo como, (...), os habitantes se relacionavam e relacionam com as diversas dimensões da construção do lugar.*”⁴² O lugar é, deste modo, um sítio físico, uma entidade metafísica e, ainda, o palco dos eventos da vida quotidiana, bem como dos fluxos humanos. O potencial geográfico, do lugar, aliado a uma visão simbólica, conduz,

41 ROSADO, Ana Costa, COSTA, Miguel Reimão, LOPES, Virgílio, PALMA, Maria de Fátima, TORRES, Cláudio, MARTÍNEZ, Susana Gómez. (2016). “O território, a história e o espírito do lugar: o exemplo de Mértola no contexto da arquitetura vernacular do sul de Portugal”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. p. 51

42 ROSADO, Ana Costa, COSTA, Miguel Reimão, LOPES, Virgílio, PALMA, Maria de Fátima, TORRES, Cláudio, MARTÍNEZ, Susana Gómez. (2016). “O território, a história e o espírito do lugar: o exemplo de Mértola no contexto da arquitetura vernacular do sul de Portugal”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. p. 51



Figura 79 - António Leão de Sousa, *A companhia do “Neptuno”* (14 de Fevereiro de 2021)

por sua vez, “(...) à criação de significados e à associação de lendas que enriquecem o (seu) imaginário (...).”⁴³

No seguimento do pensamento exposto, revela-se assim, importante, compreender melhor a relação do *arquiteto* com a “*filosofia*” e a *mística* do lugar, tentando interpretar o modo como o lugar, em todas as suas variáveis, deve “*contaminar*” e, até, *determinar*, em grande medida, a intervenção proposta no projeto de arquitetura. É, desta forma, imperativo mencionar a importância da *ação do tempo* sobre o “*lugar*”, para além das transformações profundas que o tempo pode provocar nas variáveis do sítio, condicionando, assim, a resposta do projetista num dado período de tempo e num momento particular da história, ou seja, condicionando a sua “(...) resposta a um complexo ideológico, religioso ou às exigências que emanam de cada situação histórica de uma qualquer cultura.”⁴⁴ Na paisagem são notórias as *marcas físicas* resultantes de momentos de evolução ou de retrocesso, ocorridos quer de forma natural, quer pela mão humana, sendo estas marcas percecionadas, sobretudo, através da observação e da análise das suas “(...) diversas tipologias (...), (e) considerando os diferentes temas de continuidade e descontinuidade, a

43 MARQUES, Ana Cláudia Lopes. (2016). “O Genius Loci no Sacro-Monte de Santa Luzia (Viana do Castelo)”. Secção 2 – Espaços Sacros. in CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. pp. 49-50

44 ARGAN, Giulio Carlo. (1962). “Sul concetto di tipologia architettonica”. in *Festschrift für Hans Sedlmayr*. ed. Karl Oettinger e Mohammed Rassem. Munique. C.H. Beck. pp. 96-101/ (Dezembro de 1963). “On the Typology of Architecture”. trad. ing.: Joseph Rykwert. *Architectural Design* 33. nº 12. pp. 565

*relação com a paisagem envolvente e os diferentes ciclos de exploração dos recursos do território (...).*⁴⁵

A intervenção do arquiteto deve seguir, neste sentido, uma linha de ação que permita, não só, efetuar *correções* e confrontar certos métodos de projeto e de construção utilizados no passado, como também tenha, em conta, *experiências* já realizadas e todo um legado passado, capaz de alicerçar o projeto nas *raízes culturais* do sítio. Tal como Diogo Seixas Lopes frisa, “*Por um lado, era necessário confrontar as transgressões das décadas anteriores (...). Por outro lado, o património construído e as tradições populares de construção providenciavam uma genealogia, com um forte imperativo moral, a qualquer obra emergente.*”⁴⁶ Aqui, o princípio que se revela pertinente é a capacidade, do arquiteto, de conceber uma “*(...) estrutura física capaz de sustentar a história no interior da sua forma.*”⁴⁷

Na cidade da Costa de Caparica encontramos, tal em como em qualquer outro lugar, uma história e um passado representados na forma dos espaços. Aqui, a arquitetura surgiu a partir de *necessidades práticas*

45 ROSADO, Ana Costa, COSTA, Miguel Reimão, LOPES, Virgílio, PALMA, Maria de Fátima, TORRES, Cláudio, MARTÍNEZ, Susana Gómez.(2016). “O território, a história e o espírito do lugar: o exemplo de Mértola no contexto da arquitetura vernacular do sul de Portugal”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. in CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. p. 51

46 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p.97

47 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p.138



Figura 80 - Passadiço da Praia de São João (Outubro de 2020)



Figura 81 - Inês Maciel, A cidade e a duna (Outubro de 2020)

do dia-a-dia, dando assim origem a *tipologias* específicas de edifícios, de acordo com diferentes usos. Refiro-me, neste caso em particular, aos *palheiros* e às cabanas de pescadores que estes terão construído em pleno areal da praia como forma de habitação próxima do elemento marítimo do qual dependiam. Quando chega ao território, da atual cidade da Costa de Caparica, no século XVIII, vinda do norte e do sul do país, esta comunidade de pescadores instalou as suas cabanas sobre as dunas, recorrendo a um sistema construtivo baseado, essencialmente, em peças de madeira e numa cobertura de colmo assentes, por sua vez, sobre uma estrutura de estacaria, também em madeira. À semelhança dos palheiros, uma outra tipologia designada por *estabelecimento de banho* e também instalada sobre o areal, recorreu, mais tarde (no século XX) a este sistema construtivo.

Apesar de esta ser uma tradição fortemente alicerçada e bastante comum em vários pontos da costa litoral portuguesa, ao longo da história, devemos referir que este sistema de construção é bastante precário, uma vez que as madeiras se encontram, pela sua proximidade ao mar, constantemente sujeitas à ação da humidade e dos ventos salinos. Esta situação, associada às condições climatéricas do ambiente litoral, acaba por afetar a composição dos materiais construtivos e cria, assim, a necessidade de realização de ações de manutenção frequentes. A propósito da importância dos palheiros, Ricardo Salomão refere o seguinte: *“Estas barracas são avaliadas como sem valor apenas por constituírem expressão cultural dos “mais pobres entre os pobres” (...). No entanto, ao mesmo tempo, reconhecemos as mesmas edificações numa quantidade enorme de casos da exploração do seu valor icónico e identitário, seja constituindo cenário de telenovelas, revistas de moda, revistas turísticas,*



Figura 82 - Artur Inácio Bastos, *Restaurante "O Bento"*, (1962), AML



Figura 83 - Cabanas de pescadores, recuperadas pelos
Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal (Dezembro de 2020)



Figura 84 - Cabanas de pescadores, recuperadas pelos
Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal (Dezembro de 2020)

mesmo em postais de turismo da Costa da Caparica onde são tituladas como Casas Típicas da região."⁴⁸

Um outro elemento, bastante interessante associado a este legado construtivo, prende-se com a tradição, também já existente noutros pontos do litoral português (como a Praia de Mira), da realização de intervenções de contenção e de plantação do sistema de praia-duna, consistindo, estas intervenções, num método humano de dominar a paisagem e os seus limites e de adaptá-los às necessidades das pessoas. Este método, oriundo da tradição, ao contrário de outros métodos que são utilizados hoje, consiste numa forma natural e pouco invasiva de reestruturar os sistema das dunas litorais e de, simultaneamente, contribuir para a contenção das areias no solo (através da vegetação) servindo ainda para a proteção da linha de costa face aos galgamentos do mar. É neste ponto que reside o desafio do arquiteto de assimilar todo um legado de técnicas construtivas tradicionais e, a partir deste legado, produzir a sua própria interpretação, à luz de uma abordagem mais contemporânea, sendo capaz, em última instância, de solucionar os problemas que, no passado, outros indivíduos não conseguiram resolver.

Para além da consideração pelo tempo, torna-se necessário que a construção ou a reconstrução da paisagem e, sobretudo, no caso da *paisagem urbana*, sejam baseadas não só na consideração de um *legado*

48 SALOMÃO, Ricardo. (27 de Novembro de 2010). "Palheiros da Costa da Caparica: em defesa da cultura popular". Fórum Palheiros da Costa da Caparica: Em Defesa da Cultura Popular. p. 3



Figura 85 - Arborização das dunas, Construção do dreno florestal pelo povo de Mira (década de 1920)

histórico, projetual e ao nível de técnicas construtivas, mas que sejam também baseadas numa observação e numa análise profunda da *sociedade presente*, das suas necessidades, das suas aspirações e, primeiramente, das próprias necessidades impostas pelo *território*. Para isto, será necessário “*derrubar*” certos muros e construções antigas, de forma a ser possível a criação de um novo suporte, não só para o desenvolvimento harmonioso da *vida cívica*, mas também para a proteção, conservação e correta delimitação das áreas de *cariz natural*. O objetivo principal e final, consiste assim em produzir elementos arquitetónico, que possuam o poder de sustentar e de estruturar, vida urbana. Tal como Diogo Seixas Lopes refere, “*Tratava-se de criar factos materiais, resultantes de um conjunto vasto de circunstâncias, que se tornavam permanentes na cidade.*”⁴⁹

No fundo, poderemos afirmar que o método a seguir pelo arquiteto deve basear-se na conjugação dos elementos gerais, com os elementos particulares, do sítio onde o projeto se implanta, conjugação esta que, por sua vez, permite a produção de um novo elemento ou objeto arquitetónico, capaz de perdurar no tempo e no espaço. É desta forma que o projeto de arquitetura adquire o poder de *construir a paisagem*, no presente e para o futuro. Para isso, é necessário analisar o suporte, físico e humano, do território, sempre com recurso a uma mente aberta e ainda de acordo com um *olhar crítico* e reflexivo em relação à realidade. Partindo desta ideia, Bruno Reichlin aponta a importante necessidade de um “(...) *exame*

49 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p.141

*cirúrgico de temas da sociedade, uma atenção quase documental ao quotidiano, uma adesão, no plano do pensamento e da linguagem, às origens sociais e às personalidades das personagens, uma crítica mais ou menos directa da sociedade e da moral do presente.*⁵⁰

Ao empreendermos esta análise “*documental*” da realidade presente, detetamos facilmente que, na cidade da Costa de Caparica, existe uma clara ausência de limites entre o que é natural e o que é construído, havendo mesmo áreas em que o tecido urbano edificado acaba por, indevidamente, invadir zonas naturais protegidas. Tendo sempre em mente a questão das alterações climáticas e da proteção da biodiversidade, temas hoje constantemente debatidos, revela-se importante assinalar, na Costa de Caparica, as áreas específicas nas quais se verifica uma incorreta “*invasão*” dos limites da paisagem natural.

Esta situação ocorre, em primeiro lugar, na zona de interação entre a cidade e a extensão de campos agrícolas, situada junto à base da arribafóssil. Esta situação ocorre também na zona de interação entre o edificado e a faixa litoral da praia e do mar, nomeadamente no que diz respeito ao sistema de praia-duna. Nesta zona, em particular, assistimos não só a uma proximidade exagerada de torres de habitação face ao ambiente da praia, como também podemos assistir à crescente degradação, resultante de alguns aspetos, menos conseguidos, por intervenções passadas de reordenamento urbano (programa Polis), como, por exemplo, a destruição

50 REICHLIN, Bruno. (Outubro de 2001). “Figures of Neorealism in Italian Architecture” (Part 1). trad. ing.: Antony Shugaar. *Grey Room*. nº 5. p. 80



Figura 86 - Rodrigo Silvestre, Contrastes (Outubro de 2020)



Figura 87 - Rita Rodrigues, Duna das praias urbanas
(Novembro de 2020)

de certos setores do cordão dunar que protege toda a linha de praias. Esta situação resulta, naturalmente, no desaparecimento gradual das areias, provocado pela ausência de ações de proteção da faixa litoral da cidade. Mas nem tudo é mau neste “documentário” da atualidade da cidade. Por essa razão, temos de enfatizar o grande potencial existente na mesma, ao nível da paisagem natural e, sobretudo, ao nível do desenvolvimento de um turismo virado para a natureza e para a saúde, o qual passa pelos banhos de mar na praia, pelos passeios pedestres ao longo das dunas, pelas caminhadas e piqueniques nas matas, pelos percursos pedestres no topo da arriba fóssil e, ainda, por uma prática de campismo mais sustentável e ecológica.

Partindo da questão da análise dos *elementos particulares do “lugar”*, Diogo Seixas Lopes realiza uma reflexão, no âmbito da corrente realista, a propósito dos princípios geradores da arquitetura: “O realismo propunha um caminho alternativo, baseado na verdadeira compreensão de um contexto particular. Mais do que a estética, valorizava a ética extraída do conhecimento dos factores colectivos (sociais, económicos, políticos e culturais) através dos tempos.”⁵¹ No sentido desta ideia, devem ser enfatizadas as condições únicas que moldam todos e cada um dos lugares, podendo o conceito de “*locus*” ser definido como uma categoria política da cidade. De facto, é a cidade que constitui um *repositório da memória* coletiva do homem, sendo o produto da sua vontade coletiva e individual. A arquitetura constitui, meramente, o vestígio material desta

51 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p.110



Figura 88 - Cordão de dunas com vegetação rasteira, enfraquecida e debilitada (Novembro de 2020)

memória coletiva. Aldo Rossi também reflete acerca da questão do “locus” e da memória coletiva, referindo que “(...) a própria cidade é a memória colectiva do seu povo e, tal como a memória, está associada a objectos e lugares. A cidade é o “locus” da memória colectiva. Esta relação entre “locus” e cidadania torna-se então a imagem predominante da cidade, tanto da arquitectura como da paisagem, e, à medida que determinados artefactos se tornam parte da sua memória, outros, novos, emergem. Neste sentido inteiramente positivo, grandes ideias fluem através da história da cidade e dão-lhe forma.”⁵²

No caso da cidade da costa de Caparica, reformar a paisagem urbana e natural é também “tratar” o declínio do tecido urbano e o desordenamento ao nível do natural e do construído. Para isso, será necessário evocar certos atos do passado com vista à definição de um novo rumo para o presente, construindo-se uma nova afirmação positiva acerca da *identidade coletiva* e mantendo-se a conexão com a realidade do lugar. Aqui, os *novos programas* e tendências, introduzidos pelas propostas do grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, possuem uma validade que deve advir do seu contacto com a realidade presente e também da sua capacidade para “curar”, renovar, reabilitar ou, mesmo, *renaturalizar* a paisagem natural e urbana. Esta estratégia baseia-se, essencialmente, na ideia de voltar a tornar natural uma paisagem que constitui o cenário da arquitetura e que, atualmente, é marcada pela *artificialidade*. Atividades como a pesca

52 ROSSI, Aldo. (1966). *L'architettura della città*. Pádua. Marsilio/ (1982). *The Architecture of the City*. Oppositions Books. trad. ing. Diane Guirardo e Joan Ockman. Cambridge (Massachussets). MIT Press. p. 130 [(2001)]. Trad. port.: *A Arquitectura da Cidade*. trad. José Charters Monteiro. Lisboa. Cosmos]

com arte xávega, a agricultura, o comércio de proximidade e, também, as práticas associadas aos fluxos turísticos, tais como o surf ou a prática banhear, revelam-se assim vitais para a criação de novo equipamentos, sem nunca esquecermos a importância da paisagem natural que suporta a realização destas atividades. Falo aqui da componente física do “*lugar*”, que se prende, no caso específico da Costa de Caparica, com o mar, com a praia, com as dunas, com os campos agrícolas, com as matas e, ainda, com a arribas fósil.

Focando-se a minha *intervenção projetual* num troço específico do sistema de praia-duna, que efetua a transição entre a cidade e o mar, é importante referir que a proposta do projeto de arquitetura deve encontrar-se em consonância com a atual necessidade na cidade de se *renaturalizar* certas áreas, para além da necessidade de, neste caso particular, se reforçar o volume da duna e a sua fixação ao solo através da plantação. O projeto deve, ainda, ancorar-se na presente necessidade humana de se reforçar uma identidade e um legado cultural e patrimonial, necessidade esta impulsionada por um desejo de reação face à força do esquecimento e face ao perigo do *apagamento da memória*.

Este património, material e imaterial, está conectado não só com o método artesanal de pesca com arte xávega, hoje praticado ainda por uma pequena comunidade de pescadores, mas está também conectado com outras práticas associadas ao passado da cidade, tais como a agricultura e a venda de produtos locais, as práticas balneares e de recreio, ligadas aos fluxos turísticos ou até conectado com a prática de um estilo de vida saudável em plena comunhão e proximidade com a natureza (aspeto este muito valorizado hoje, sobretudo para quem habita nas grandes cidades e



Figura 89 - António Leão de Sousa, *Vitorino Velho - Arte Xávega* (21 de Março de 2021)



Figura 90 - João Parcelas, Vivências (Novembro de 2020)



Figura 91 - Vânia Freixo Boavida, *Mercado das Terras* (18 de Julho de 2021)



Figura 92 - António Leão de Sousa, *João Ventura o “Piçinha”* (17 de Fevereiro de 2021) - vivências da pesca com arte xávega (preparação de uma caldeirada)



Figura 93 - Vivências associadas à prática do surf (Novembro de 2020)



Figura 94 - Rita Rodrigues, A vida de praia (Outubro de 2020)

para quem, mais recentemente, se encontrou sujeito a longos períodos de confinamento nas suas habitações, devido à atual situação de pandemia de COVID-19).

Desta forma, o *quotidiano* presente deve ser analisado como uma “*persona*” física em si mesma, com uma dimensão dramática e poética muito próprias. São, de facto, as pessoas que constroem a história dos *lugares* e na qual “*ecoam*” as suas próprias vivências, e também as experiências de sítios familiares já visitados no passado. No processo de conceção arquitetónica, deve-se procurar compreender, através da obra, o que é *particular e único* e o que evoca, por vezes, acontecimentos e *práticas* do passado. Neste sentido, a tentativa de *integrar* o edifício projetado na sua envolvente e na história do lugar deve ser a motivação central da *minha proposta*, nunca esquecendo a realidade atual, bem como a importância das necessidades, humanas e naturais, no momento presente. Revela-se, por estas razões, importante “(...) *pesquisar constantemente e com paixão os caracteres pessoais e distintos que se destacam no interior de um mesmo segmento de cultura.*”⁵³ Ao entrelaçar-se, de forma completa com a envolvente física, cultural, social e política, associada ao lugar, a arquitetura deve desenvolver-se, naturalmente, numa adesão contínua aos conteúdos da vida quotidiana que são caracterizados pelo seu estado de constante *mutação*. Segundo Ernesto Nathan Rogers, “(...) *a vontade da forma é a manifestação necessária do seu conteúdo, tanto quanto uma boa ideia (pelo menos para aqueles que não se*

53 ROSSI, Aldo. (Outubro de 1958). “Emil Kaufmann e l’architettura dell’illuminismo”. *Casabella-continuità*. nº 222. p. 43

*contentam com a metafísica), tem de agir sobre a realidade concreta da boa ação.*⁵⁴

É neste momento que devemos reconhecer a importância da substância *humanística*, presente na conexão com o *lugar* e com o contexto particular da arquitetura, para além da importância das emoções que este contexto nos desperta. De facto, e analisando estas conexões e trocas ao longo da passagem do tempo, reconhecemos, facilmente, “(...) *uma matriz histórica de interdependência entre a arquitectura, a paisagem e as comunidades humanas.*”⁵⁵ A arquitetura tem, deste modo, de ser capaz de produzir uma nova *identidade coletiva* através do alicerce profundo das formas, no contexto geográfico em que surgem e também no contexto social, relacionado com os principais *eventos* que ocorrem no lugar. Ou seja, podemos afirmar que deve existir uma “(...) *compreensão do processo histórico de construção e transformação da paisagem e da arquitectura associadas ao modelo social e de povoamento, (...).*”⁵⁶

54 ROGERS, Ernesto Nathan. (Novembro-Dezembro de 1955). “Política e architettura”. *Casabella-continuità*. nº 208. p. 2

55 BATISTA, Desidério, COSTA, Miguel Reimão. (2016). “Uma aproximação ao estudo integrado da arquitetura e da paisagem em áreas de montanha no contexto do Mediterrâneo Ocidental”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. pp. 127-128

56 BATISTA, Desidério, COSTA, Miguel Reimão. (2016). “Uma aproximação ao estudo integrado da arquitetura e da paisagem em áreas de montanha no contexto do Mediterrâneo Ocidental”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. pp. 127-128

Neste ponto, o passado e o presente instigam à expressão de uma *consciência histórica*, devendo o novo edifício proposto, na solução formal que adota, procurar estabelecer uma *ponte* entre o presente e o passado e também um equilíbrio entre *continuidade* e *crise*. A propósito desta ideia, Diogo Seixas Lopes refere que *“Forma e história moldaram a cidade como marcas físicas da vida social, abrangendo um largo espectro de situações no contexto urbano. A arquitetura tanto era palco de felicidade como de miséria.”*⁵⁷

Aqui, é importante realçar, novamente, o facto de que o *“lugar”* não reside, apenas, numa dimensão física, definindo-se também pelo que nele *acontece*. De facto, a arquitetura não se faz, apenas, de espaço e de forma, sendo também feita de *eventos* e de *ações concretas*. No lugar, as pessoas surgem como *personagens*, secundárias ou protagonistas, que interagem com um *“cenário” físico* que se torna, por sua vez, no *“palco”* dos seus movimentos quotidianos, quer estes sejam premeditados ou até, de certa forma, inconscientes (pela força do hábito e da repetição, associados à rotina). A seguinte passagem corrobora esta ideia, partindo da simples ação de caminhar: *“O acto de caminhar, de mover-se no espaço, nos lugares, é a efectiva e forte origem da construção e construção da percepção do espaço. Esse acto inerentemente animal reconhece-se em todas as operações de espaço: na sua concepção, concretização, processamento, e está, por sua vez, intimamente ligado à ideia de “locus”*

57 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p.137



Figura 95 - Pezo Von Ellrichshausen, *Circular núm. 2* (cima) e *Circular núm. 1*, Windsor Park, Reino Unido (2005)



Figura 96 - Inês Maciel, Percursos do Bairro do Campo da Bola (Novembro de 2020)



Figura 97 - Inês Maciel, Percursos - dunas das praias urbanas (Novembro de 2020)

por nela agir.”⁵⁸ Conseguimos, assim, empreender uma nova *leitura* do “lugar”, na medida em que reconhecemos a existência de uma relação, complexa, entre os espaços e o *uso* que lhes é conferido, existindo, deste modo, uma constante confrontação entre objetos e movimentos, espaço e ação e ainda entre uso, forma e *valores sociais*. Já o arquiteto Bernard Tschumi refere, a propósito da sua obra “*Manhattan Transcripts*”, que “*Architecture is not simply about space and form, but also about event, action, and what happens in space.*”⁵⁹

Na *Costa de Caparica* conseguimos, facilmente, descobrir e “*desenhar*” as linhas que compõem os *fluxos humanos*, linhas estas que, por sua vez, constroem a vida e o metabolismo da cidade, tal e qual como uma coreografia que compõe um “*bailado*”. Neste “*bailado*”, que poderemos até designar como “*performance*”, os protagonistas são as pessoas comuns que, por diversos motivos e com variados propósitos, deambulam pelo espaço urbano e pela paisagem natural, criando, com os seus *movimentos* e deslocações, novas histórias, novas memórias e, simultaneamente, novos espaços. São várias estas *personagens* que constroem e definem o “*cenário urbano*”, mas é possível destacarmos algumas delas. Refiro, em primeiro lugar, os *pescadores*, ou seja, o grupo de indivíduos que, ainda hoje, praticam, na Costa de Caparica, um método artesanal e ancestral

58 COXITO, António Manuel Pinto, SOARES, João Gabriel Candeias Dias, FERRO, Luís Duarte. (2016). “Caminhos, corpus loci e matéria. Uma visão peripatética sobre a construção do mundo”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. in CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. pp. 91-92

59 Bernard Tschumi Architects. “The Manhattan Transcripts” (1976-1981). Fonte: <http://www.tschumi.com/projects/18/#>

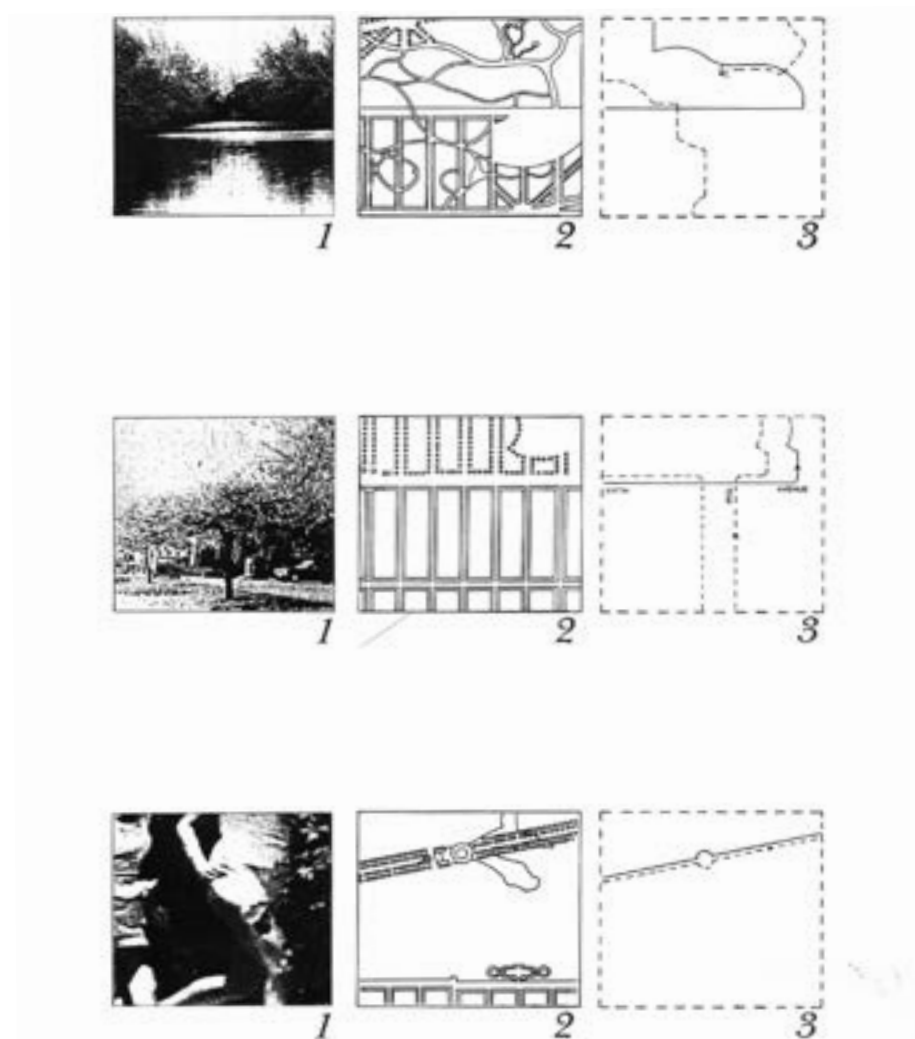


Figura 98 - Bernard Tschumi Architects, *The Manhattan Transcripts* - extrato (1976-1981)

de pesca, designado por arte xávega. A sua atividade diária consiste, ela própria, numa “*coreografia*” distinta, composta por diferentes *momentos*: a preparação dos barcos e a reparação das redes, em terra e junto aos aprestos de pesca; a saída dos barcos para a praia e, seguidamente, a sua entrada no mar; já no mar, ocorre o lançamento das redes de pesca; mais tarde, chega o momento de conduzir os tratores ao longo do paredão e até ao limite comum entre o areal e o mar, a fim dos mesmos poderem puxar as redes novamente para terra; este é o momento mais ansiado por todos, não só pelos pescadores, mas também pelos compradores, preparados com os seus sacos destinados ao peixe fresco, e ainda pelos os curiosos, que se juntam na praia (sejam moradores ou turistas); quando o peixe chega ao areal, é tempo de o lavar, separar e de o vender logo ali na praia, antes do seu trajeto até ao destino final, que é a lota de pesca; já na lota, outros compradores juntam-se para a licitação do pescado, dando os pescadores, assim, o seu dia por terminando, reservando as últimas horas de sol para uma conversa, uma brincadeira ou uma caldeirada.

É a propósito desta coreografia que nos surge a figura do *turista*, que chega de toda a parte do país e também do estrangeiro, não só para apreciar o carácter pitoresco da “*arte*”, mas também para disfrutar da longa linha de praias e do património natural à sua disposição. Dentro deste grupo, conseguimos facilmente distinguir os *banhistas* que, durante o verão enchem as praias e povoam toda a frente litoral, trazendo uma nova vida à cidade durante os seus períodos de permanência em pensões, hotéis e casas alugadas. Para além dos banhistas, temos os *surfistas* que hoje acabam por frequentar a cidade durante praticamente todo o ano, quer seja para a prática de surf amador, quer seja para a frequência de competições ou de aulas proporcionadas pelas escolas de surf situadas



Figura 99 - António Leão de Sousa, *O Ti Manel no "escritório"* (2015) - preparação das redes da arte xávega



Figura 100 - António Leão de Sousa, *São José - Arte Xávega* (13 de Abril de 2021) - entrada dos barcos no mar, a partir da praia



Figura 101 - António Leão de Sousa, *O Pio - Lanço de Arte Xávega à Antiga*, Fonte da Telha (14 de Março de 2021) - entrada dos barcos no mar



Figura 102 - António Leão de Sousa, *O Plo - Lanço de Arte Xávega à Antiga* (14 de Março de 2021) - entrada dos barcos no mar, a varar as ondas



Figura 103 - António Leão de Sousa, *São José - Arte Xávega* (10 de Abril de 2021) - lançamento das redes da arte xávega



Figura 104 - António Leão de Sousa, *O sinal do nó* - Mário Pedro Pinto Santos, também conhecido por "Mário Soares" (20 de Fevereiro de 2021) - chegada dos tratores à praia, para puxar as redes novamente para terra



Figura 105 - António Leão de Sousa, *São José - Arte Xávega* (17 de Março de 2021) - chegada das redes, com o peixe, à praia



Figura 106 - António Leão de Sousa, *Há peixe na praia ... Neptuno - Arte Xávega* (13 de Abril de 2021) - chegada dos turistas e curiosos à praia, para ver a chegada das redes



Figura 107 - António Leão de Sousa, *Neptuno - Arte Xávega* (28 de Março de 2021) - separação e venda do peixe na praia

ao longo da frente de praias (do paredão). Além do turista, temos os *agricultores* que se concentram na faixa de campos agrícolas designada por “*terras da costa*” e na qual cultivam produtos hortícolas e frutícolas para serem, depois, vendidos a nível local. São estes produtores que, muitas vezes, se aglomeram em pequenas feiras e pontos de venda, difundindo e incentivando ao consumo dos produtos locais. Finalmente, devo mencionar todos os *moradores*, que se distinguem meramente pelo tempo e pelas condições, segundo as quais habitam a cidade, para além de se distinguirem pela sua idade e, sobretudo hoje, pela sua nacionalidade. Sejam eles permanentes, temporários (tais como os estudantes), precários (tais como as comunidades instaladas de forma “*informal*” nos campos agrícolas e em certos parques de campismo), comunidades de população imigrante ou, até, membros da população sénior, todos eles trazem novos saberes e práticas que enriquecem a vida urbana e que contribuem para a dinamização da cidade para além dos meses de época alta (estação de veraneio).

Seguindo o pensamento exposto anteriormente, poderemos afirmar, em jeito de conclusão, que existe uma relação íntima e de proximidade entre as ideias de *LUGAR*, *ARQUITETURA*, *CULTURA* e *PESSOAS*. De facto, é a arquitetura e o seu carácter de renovação que constrói a *vida social* e *cívica* de uma comunidade, tal como a seguinte passagem atesta: “O primeiro gesto para a organização e humanização do mundo pressupõe a ação físico-motora de transformar a matéria com as mãos. A noção de lugar consiste na dimensão cultural envolvente, bem como numa complexa construção que condensa/projecta acções sociais, políticas e económicas

*das pessoas que o habitam e das mãos que o conformam.*⁶⁰ É esta arquitetura que exprime, assim, uma substância emocional, extraída da sociedade, adquirindo também e através da forma do espaço, uma nova *dimensão moral*. De facto, os espaços arquitetónicos constituem, nada mais, nada menos, do que o “cenário” físico e simbólico da *vida humana* em todas as suas vertentes. No caso da cidade da Costa de Caparica, surgem-nos vários exemplos destes cenários, nomeadamente as antigas cabanas de pescadores, designadas por “palheiros” e que terão sido o “palco” da miséria, bem como da precariedade daqueles que dependiam do mar para sobreviver. Hoje, também as “barracas” instaladas nas “terras da costa” contam histórias de sofrimento e de pobreza, sendo, no entanto, possível imaginar, simultaneamente, a presença de uma vida comunitária intensa e plena de partilhas. Outros locais, como a praça do mercado, tornaram-se no ponto de encontro de eleição para o convívio, para o espetáculo, para a performance ou para a venda de variados artigos.

É através destes exemplos que constatamos a importância social dos espaços, partindo-se do princípio de que *“A arquitectura, atestando gostos e atitudes de gerações, acontecimentos públicos e tragédias privadas, factos novos e velhos, é o palco fixo dos acontecimentos humanos. O colectivo e o privado, a sociedade e o indivíduo, equilibram-se e confrontam-se uns aos outros na cidade. A cidade é composta por muitas*

60 COXITO, António Manuel Pinto, SOARES, João Gabriel Candeias Dias, FERRO, Luís Duarte. (2016). “Caminhos, corpus loci e matéria. Uma visão peripatética sobre a construção do mundo”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. pp. 91-92



Figura 108 - Bairro dos Pescadores, Costa da Caparica, Arquivo Histórico da Marinha - uma vida de pobreza e precariedade, nas barracas de pescadores



Figura 109 - Valter Vinagre, *Formas de habitar no Bairro das Terras do Lelo* (Agosto de 2013) - vivências atuais no bairro de Lelo Martins, de gênese informal

peçoas à procura de uma ordem geral que seja coerente com o seu próprio ambiente particular.”⁶¹

Em conclusão, poderemos afirmar que, é através dos instrumentos da *memória coletiva* que se consegue alcançar, na arquitetura, uma qualidade espacial capaz, por sua vez, de estabelecer uma relação profunda com um determinado local. Desta forma, o novo objeto pode almejar transformar-se num verdadeiro “*locus*”. Esta correspondência entre arquitetura e localização é determinada “*pelo seu espaço e tempo, pelas suas dimensões topográficas e pela sua forma, por ser base de uma sucessão de acontecimentos antigos e recentes, pela sua memória.*”⁶² O lugar deve, assim, ser interpretado “*pelo que realmente é, pelo seu valor objectivo e material – remetendo para as suas específicas qualidades matéricas – a terra e sua densidade, consistência e humidade, a rocha e manto vegetal dos lugares específicos constroem, a par com qualidades simbólicas, uma igualmente específica experiência empírica e mental: o “corpus loci” poder-se-ia dizer.*”⁶³

61 ROSSI, Aldo. (1966). *L'architettura della città*. Pádua. Marsilio/ (1982). *The Architecture of the City*. Oppositions Books. trad. ing. Diane Guirardo e Joan Ockman. Cambridge (Massachussets). MIT Press. p. 22 [(2001). Trad. port.: *A Arquitectura da Cidade*. trad. José Charters Monteiro. Lisboa. Cosmos]

62 ROSSI, Aldo. (1966). *L'architettura della città*. Pádua. Marsilio/ (1982). *The Architecture of the City*. Oppositions Books. trad. ing. Diane Guirardo e Joan Ockman. Cambridge (Massachussets). MIT Press. p. 107 [(2001). Trad. port.: *A Arquitectura da Cidade*. trad. José Charters Monteiro. Lisboa. Cosmos]

63 COXITO, António Manuel Pinto, SOARES, João Gabriel Candeias Dias, FERRO, Luís Duarte. (2016). “Caminhos, corpus loci e matéria. Uma visão peripatética sobre a construção do mundo”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. pp. 91-92

Partindo desta reflexão irei, no capítulo que se segue, debruçar-me sobre a análise da importância do elemento “*memória*”, no entendimento do lugar e, conseqüentemente, na conceção de espaços arquitetónicos, para além da análise do papel da passagem do tempo que atua sobre estes mesmos espaços e sobre a paisagem dos territórios. É esta “*memória*” que consiste no elemento essencial para a construção do *lugar* e que acaba por constituir a base para a criação da sua *identidade* particular. Deste modo, o lugar pode tornar-se num verdadeiro “*locus*”.



Figura 110 - Foto Nunes, *Vista Geral do Mercado da Costa de Caparica* (1949), Arquivo Histórico de Almada

A memória do lugar como matéria de arquitetura

A arquitetura é uma obra do ser humano e, como tal, é a expressão da *vida*, dos seus desejos e dos seus estados de espírito. Um edifício é a marca material de uma vontade e de necessidades muito próprias manifestadas por uma dada sociedade ao longo de um certo período de tempo e num momento particular. Como espelho da vida, a arquitetura segue, não só as características da personalidade humana, como também acaba por se tornar numa “*persona*” em si mesma, ou seja, um agente que, por sua vez, é capaz de despertar emoções, orientar decisões e evocar memórias. Com base na noção de “*melancolia*”, explorada por Étienne-Louis Boullée, Diogo Seixas Lopes refere mesmo que, tal “*Como a fisionomia de um indivíduo, o aspecto de um edifício indicava a sua natureza. Aos edifícios era dada uma “persona”, em conformidade com o que tinham a intenção de transmitir.*”⁶⁴ Ainda no seguimento desta afirmação, Lopes reforça a ideia, de que as formas arquitetónicas possuem, simultaneamente, uma dimensão visual, e uma dimensão metafísica, sendo importante “*(...) a capacidade de tornar visíveis noções ou sentimentos intangíveis através da representação da arquitectura, (...).*”⁶⁵

Tal como a vida, em toda a sua plenitude, também a arquitetura revela *complexidade*, *contradição* e até, por vezes, *fragmentação*. Na construção da paisagem, e em particular da paisagem urbana, é frequente depararmo-

64 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p. 58

65 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p. 48

nos com situações, específicas que representam um claro conflito ideológico entre uma rutura e destruição completa do antigo, advindo do passado, e um desejo de *continuidade com os valores da tradição*, não como mera cópia estilística, mas sim como fonte de referências para a resolução dos problemas presentes, bem como para a construção do futuro. A arquitetura revela-se, deste modo, como uma *viagem* na qual um legado antigo coexiste com a realidade do presente, viagem esta que, pelas suas circunstâncias, impõe, por vezes, a necessidade do recurso a uma dimensão do “*fantástico*” e da *utopia*. Corroborando esta ideia, já Manfredo Tafuri afirmava, a propósito do estudo das civilizações clássicas, que “(...) a Antiguidade (...) é não só uma recordação imbuída de ideologias nostálgicas e esperanças revolucionárias, mas também um mito a contestar (...)”⁶⁶

É com este argumento, que parto para a análise do objeto *cidade*, como algo que é construído e inteiramente dependente da arquitetura. Tendo sempre como pano de fundo a cidade da Costa de Caparica e a sua realidade presente, quer nos seus problemas e necessidades, quer nos seus pontos fortes, começo por enfatizar o papel que a passagem do *tempo* tem na evolução da paisagem, seja ela natural ou construída. Esta passagem do tempo, testemunhada pela existência de vestígios físicos nos edifícios, poderá para uns ser significado de novidade, de modernidade e de progresso, mas, para outros, poderá estar conotada com um sentimento de *desencanto* perante o desaparecimento de raízes

66 TAFURI, Manfredo. (1973). *Progetto e utopia: architettura e sviluppo capitalístico*. Roma. Laterza/ (1976). *Architecture and Utopia: Design and Capitalist Development*. trad. ing.: Barbara Luigia La Perta. Cambridge (Massachusetts). MIT Press. p. 14



Figura 111 - Os carris do comboio “Transpraia”, cobertos pela areia das dunas (Dezembro de 2020)

culturais e ainda perante um estado de dúvida quanto ao futuro. É aqui que surge o importante papel da *memória* como agente, individual e coletivo, que perpetua valores e tradições das gerações passadas, mas que, simultaneamente, corre o permanente risco de ser esquecida e de, conseqüentemente, desaparecer por completo. É a arquitetura que, simultaneamente como instrumento “*manipulado*” e “*manipulador*” do tempo, acaba por encerrar e materializar, em si própria, a memória coletiva de um lugar. Realço, neste ponto, a importância do conceito de “*memória coletiva*”, proposto, pela primeira vez, pelo sociólogo Maurice Halbwachs, que o define como a estrutura subjacente à civilização. Este autor aborda, mesmo, os “*(...) instrumentos usados pela memória colectiva para reconstruir uma imagem do passado, que está de acordo, em cada época, com os pensamentos predominantes da sociedade.*”⁶⁷

Quando me refiro a *memória*, refiro-me, não só à própria arquitetura dos espaços que cada um frequentou durante a sua infância e crescimento, mas também me refiro aos próprios eventos que ocorreram nestes espaços e que acabaram por os definir e por, de alguma forma, nos evocar momentos, histórias, pessoas e uma certa nostalgia. Diogo Seixas Lopes chega a referir, no contexto da análise da história da arquitetura, que “*A arquitectura dava forma à vida cívica, por meios físicos. Integrada nela, havia um estrato emocional que continha a memória colectiva de um lugar particular.*”⁶⁸ No caso da *Costa de Caparica* é possível compreender que o

67 HALBWACHS, Maurice. (1925). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris. Félix Alcan/ (1992). “The Social Frameworks of History”. in *On Collective Memory*. ed. e trad. ing.: Lewis A. Coser. Chicago (Illinois). Chicago University Press. p. 40

68 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p.142



Figura 112 - Turistas, Costa da Caparica (1938), Delcampe

rápido crescimento infraestrutural da cidade, iniciado nas décadas de 30 e de 40 do século XX, terá provocado, claramente, fraturas problemáticas na sociedade local. A rápida transformação da imagem da cidade, a favor do progresso, acabou por ocorrer em circunstâncias contrastantes, que nem sempre favoreceram todos os indivíduos da mesma forma. Houve, de facto, uma melhoria nas condições de saneamento e de habitação, mas houve também a destruição de espaços queridos da memória coletiva da população, residente e turista, para além da destruição de alguns “*artefactos urbanos*” que poderão ser considerados como marcos e pontos de referência na história da cidade.

A acrescer à perda de elementos importantes nesta paisagem urbana, é de referir o desordenamento, visível no planeamento do tecido edificado da cidade e que revela uma ausência clara da marcação de limites, entre as zonas naturais e as zonas construídas, sendo, ainda, de referir os problemas trazidos por parques que, hoje, já não são de campismo. Esta perda de elementos que poderemos considerar “*icónicos*”, pelo seu *simbolismo* na memória da cidade, veio provocar, de certa forma, uma sensação de angústia e de incerteza, perante uma aparente perda de identidade. Diogo Seixas Lopes refere que “*(...) a angústia causada por circunstâncias (tão) contrastantes veio a ser conhecida por “spleen”. Charles Baudelaire cunhou esta expressão, reagindo às drásticas transformações em Paris. Os seus poemas deram voz à perda de identidade cultural à medida que o progresso se tornava intrusivo.*”⁶⁹

69 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p. 59



Tu COSTA DA CAPARICA (Almada) - Esplanada do Café Costa Nova

Figura 113 - Esplanada do Café "Costa Nova", Costa da Caparica, ed. Passaporte, nº 78, Delcampe



Figura 114 - A “invasão” do edificado, nas Terras da Costa (Novembro de 2020)

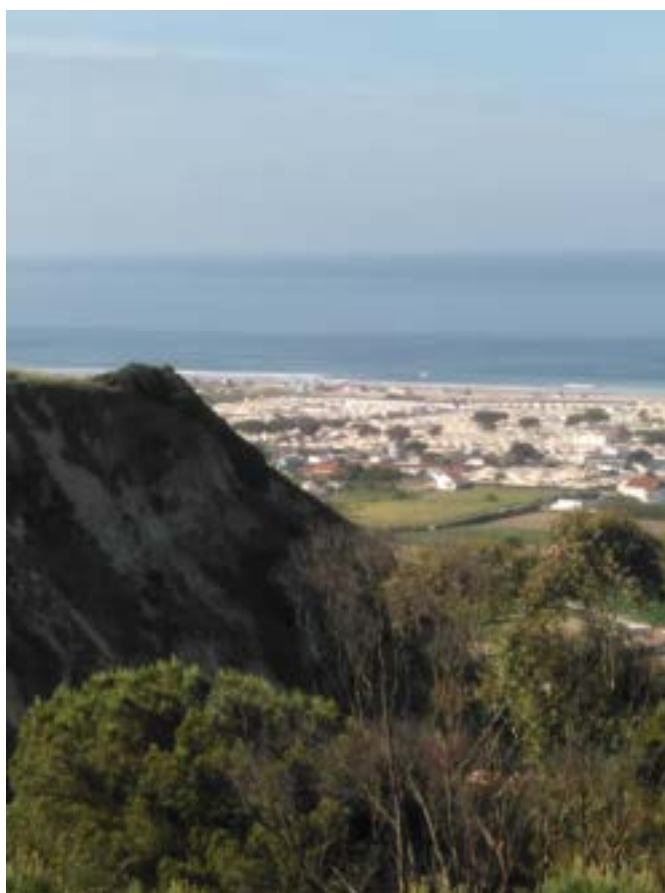


Figura 115 - A “invasão” do edificado, na área atual ocupada por alguns parques de campismo (Abril de 2021)

Este processo, de promoção de novas infraestruturas e serviços, complementado, mais tarde pela importante construção da ponte 25 de Abril, criou uma nova *atratividade* para a cidade, levando assim muitas pessoas a afluírem à Costa de Caparica. No entanto, a natural valorização da cidade em termos da atividade turística, acabou, indiretamente, por votar alguns grupos sociais, como o dos pescadores, ao *abandono e até à pobreza* (fruto também do surgimento da atividade da pesca industrial). Apesar desta situação de carácter negativo, não podemos deixar de referir que esta valorização turística da cidade acabou por trazer também novas perspetivas de vida para muitos dos seus habitantes, sendo que hoje uma grande parte deles sobrevive graças às atividades ligadas ao turismo.

A acima referida atividade da pesca industrial afetou diretamente as artes de pesca artesanais, como a *arte xávega*, e foi responsável, em parte, pela atualmente reduzida sustentabilidade económica desta “*arte*”, para além de ter, ainda, contribuído para a redução das remessas naturais de peixe. É neste ponto que surge a importante questão da *identidade* e da sua possível perda, uma vez que a arte xávega consiste num método de pesca bastante antigo que era já praticado pelos primeiros habitantes da Costa de Caparica e que corre hoje o risco de desaparecer. Neste sentido, e no âmbito de um cenário, hipotético, no qual não seja possível manter a viabilidade da *arte xávega*, é urgente que a arquitetura contribua, através da sua forma e da sua simbologia, para manter viva a memória desta *arte*, enquanto parte importante do *património cultural* do lugar.

É, também, de destacar o aumento demográfico da cidade devido à chegada de novos habitantes (em busca de habitação a preços mais baratos, mas nem sempre em boas condições), bem como graças ao *fluxo*

turístico que se tem vindo a intensificar desde a década de 80 do século XX. No sentido de desenvolvimento turístico da cidade, é importante mencionar o impacto das novas estruturas construídas junto à *frente de praias*, tais como o paredão, os apoios de praia e os restaurantes (estes dois últimos introduzidos pelo programa Polis), estruturas estas cuja introdução segue uma lógica de exploração e de valorização económica da frente litoral da cidade. Aqui tenho de referir o facto de que estas novas estruturas, em particular os apoios de praia, surgiram no seguimento da destruição dos antigos *banheiros* ou estabelecimentos de banhos e também dos antigos restaurantes e bares de petiscos que existiam junto à praia. Para além disto, foi também demolida a grande maioria dos *palheiros* de pescadores que existiam em pleno areal da praia, deles apenas restando um pequeno conjunto localizado, hoje, num alinhamento ao longo das praias da Saúde, da Mata e da Riviera. Este conjunto não terá sido demolido devido a um movimento de apoio criado pela sociedade civil em defesa dos palheiros, movimento este que culminou com a intervenção de reabilitação realizada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal.

Ao pensarmos nesta situação, percebemos que, de facto, as novas necessidades, derivadas do turismo implicavam a realização de uma intervenção renovada de ordenamento de toda a frente de água, com qualidade, pensamento e organização. Mas a verdade é que isso não aconteceu e hoje passeamos no paredão e apenas vemos uma “*correnteza*” de vários apoios de praia, uns ocupados e outros completamente vazios, com um aspeto intensamente degradado ao nível dos materiais de construção. Esta “*correnteza*” termina já ao fundo do paredão com as instalações da lota e dos aprestos de pesca, onde os pescadores trabalham na reparação das redes e dos barcos, utilizados na



Figura 116 - Costa da Caparica (postal de 1980), Delcampe



Figura 117 - Costa da Caparica - paredão e apoios de praia, construídos no âmbito do programa Polis (Outubro de 2020)

arte xávega. É neste momento, que percebemos que parte da *memória* da cidade acabou por ser destruída, não tendo esta sido tida em consideração no novo planeamento da frente de praias. Hoje, os apoios de praia dão estrutura, maioritariamente, a escolas de surf e a restaurantes/esplanadas, com preços que nem todos podem pagar. Dos antigos e verdadeiros *petiscos caparicanos* “nem vê-los” e, quanto aos pescadores, estes foram, gradualmente e fruto das circunstâncias, sendo “empurrados” para a zona de término das praias urbanas, a sul, perdendo-se assim a possibilidade de um contacto, mais próximo e de sensibilização dos banhistas com a prática da *arte xávega* (à semelhança do que já acontecia no passado, no qual os banhistas apreciavam o carácter pitoresco da “*arte*” e chegavam mesmo a auxiliar os pescadores a puxar as redes, ao final do dia). Este processo acelerado de crescimento da cidade, revela-se, assim, “(...) *totalmente impiedoso com a vida e os modos de produção obsoletos. Os antigos lugares, costumes e memórias tinham de desaparecer em nome do progresso. Neste sentido, a metrópole tornou-se um domínio do distanciamento e do esquecimento.*” ⁷⁰

Assistimos, deste modo, a uma situação na qual o surgimento de novas infraestruturas na cidade promoveu um processo de crescimento urbano, baseado numa motivação económica e com vista à obtenção de uma ordem social. Este processo, por sua vez, traduziu-se, parcialmente, na destruição de alguns edifícios que acabaram, ao longo dos tempos, por se tornar em *marcos* importantes na memória da cidade e, constantemente, presentes em vários relatos de férias de verão passadas na Costa

70 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p. 69

de Caparica. Neste sentido, podemos afirmar que, nesta cidade, “*A renovação deitou repentinamente fora o que tinha existido antes.*”⁷¹ Mas, apesar desta perda súbita de coisas familiares associadas à cidade e à memória individual e coletiva, torna-se imperativo realçar que as marcas do progresso vieram, também, contribuir para a resolução de problemas graves que existiam na cidade, sobretudo ao nível da salubridade e da higiene urbana. Podemos, até afirmar que, o crescimento demográfico que se deu desde a década de 30 do século XX e que precipitou um processo de crescimento urbano, veio contribuir para a construção de uma *nova identidade* para a cidade, a qual se viu rapidamente confrontada com novas necessidades.

É um facto relevante que hoje a cidade possui um ambiente muito mais agradável e limpo, desde o momento em que as antigas valas de drenagem, que chegaram a constituir verdadeiros esgotos a céu aberto, foram tapadas e deram lugar a novas e largas avenidas. É, também, um facto que hoje, apesar de possuir ainda muitos problemas, o ordenamento urbano da cidade tem revelado melhorias, patentes por exemplo na construção do Parque Urbano de Santo António (ao abrigo do Programa Polis), e no local onde, durante o período do pós-25 de Abril de 1974, e aquando do processo de descolonização africana, muitas famílias de refugiados se instalaram em “*barracas*” em condições precárias e com a ausência de um mínimo de condições de habitabilidade. É, ainda, um facto que a construção de novos equipamentos, associados ao lazer e

71 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p. 64



Figura 118 - Ponte de madeira sobre a vala, Costa da Caparica, Monografia de propaganda do Guia de Portugal Artístico (1934)



Figura 119 - Parque Urbano de Santo António da Caparica, São João da Caparica, Fonte: <https://bussola-pt.com/257928/parque-urbano-de-sto-antonio-da-caparica>

às férias balneares, durante as décadas de 30 e de 40 do século XX, tais como a antiga *F.N.A.T.* (hoje ao abrigo da Fundação Inatel), contribuiu para a qualificação das áreas costeiras e, também, das áreas das matas, renovando e ditando novas tendências para a forma como se veraneava na cidade. Neste ponto, revela-se interessante mencionar uma pequena reflexão, de Diogo Seixas Lopes, a propósito do contexto do período de pós-II Guerra Mundial, em Itália: *“As grandes transformações da estrutura económica e social precipitaram uma reforma cultural, em que a arquitectura desempenhou um papel significativo, contribuindo para a criação de uma nova identidade confrontada com o rápido crescimento de centros urbanos e a necessidade de habitação.”*⁷²

Por todos os motivos acima referidos, não podemos afirmar, num sentido mais pejorativo, que este processo de progresso e de valorização turística da cidade trouxe, apenas, consequências negativas. Se há aspetos menos positivos advindos deste evento e que acabaram por comprometer certos aspetos da memória da cidade, há também que referir e valorizar a importância que certas novas infraestruturas, bem como o *turismo* em particular, tiveram e têm tido no desenvolvimento e na promoção da cidade e, consequentemente, na construção de uma *memória coletiva* sobre a mesma. De facto, uma *“campanha”* publicitária intensiva, realizada desde as décadas de 30 e de 40 do século passado, tem vindo a promover a Costa de Caparica como um local de eleição para férias, atrativo para uma experiência de lazer saudável e que passa pela prática

72 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p. 98

banhear numa enorme extensão de praias e ainda pela fruição de passeios e de atividades ao ar livre realizadas na Mata dos Medos e ao longo da arriba fóssil.

Foi neste período que surgiu a designação da Costa de Caparica como a “*Praia do Sol*” ou a “*Costa do Mar*”, enfatizando-se, assim, o grande potencial atrativo da cidade como destino regenerador de saúde e, em particular, para quem habita nas grandes cidades. A grande proximidade da cidade com a natureza proporcionava, e ainda proporciona hoje, uma série de variadas atividades ao ar livre, tais como longas temporadas a descansar no areal, banhos frescos de mar, gelados e petiscos nas esplanadas, jogos e brincadeiras das crianças, o passeio no *transpraia* (que hoje se encontra desativado), as farturas, as tardes nos salões de jogos, os piqueniques na Mata ou as caminhadas até à Fonte da Telha. Todos estes elementos integradores da memória passada da cidade permanecem, na sua maioria, ainda vivos nos dias de hoje, atraindo todos os anos, e sobretudo durante a estação quente, consideráveis massas de indivíduos oriundos de todo o país e também do estrangeiro. É, desta forma que a memória, passada da cidade se *renova* e acaba por constituir *novas memórias*, bem como novos signos simbólicos, transmissíveis de geração em geração e materializados nos espaços arquitetónicos.

Devemos, ainda, considerar que, associados a tais marcos arquitetónicos da memória estão muitas vezes certos eventos ou rotinas do nosso próprio passado, da nossa relação com a cidade, tal como aqueles mencionados acima. Como testemunho da memória destes marcos, Luísa Costa Gomes registou o relato de Manuela Vasconcelos, a propósito das vivências durante as férias de verão, e do qual refiro apenas um excerto:



Figura 120 - Mário Novais (1899-1967), Costa de Caparica - passeios nas matas



Figura 121 - O Transpraia, Costa da Caparica, ed. Passaporte, nº 615, Delcampe



Figura 122 - Praia do Sol, Costa de Caparica, ed. Acção Bíblica/Casa da Bíblia (década de 1930), Delcampe



Figura 123 - Casal na Praia de Santo António, Costa da Caparica, Delcampe

*“A vida de praia estava cheia de rotinas. A casa era arrendada (nem sempre a mesma) mas sempre no centro, quase todas com a mesma arquitectura (...). O programa era este: de manhã, praia das nove ao meio-dia. Um areal imenso e um mar bravo. O nosso banheiro era o Paraíso. Tínhamos toldo e não barraca para ficarmos mais perto do mar. (...) tínhamos direito a comer barquinhos, feitos com uma massa parecida com a bolacha americana, uns cones muito, muito fininhos que ganhávamos jogando à roleta. (...) Lembro-me muito bem de haver muita gente a apanhar conquilhas à hora a que chegávamos à praia. (...) Para mim, na altura, a praia tinha muita gente, mas estava toda concentrada naquilo que é hoje a parte da praia onde desemboca a Rua dos Pescadores. O último banheiro era o Dragão Vermelho. (...) Ainda na Costa, almoçávamos em casa e éramos obrigados a dormir a sesta. (...) Íamos para a mata (de Santo António) por volta das cinco. (...) Jantava-se e a família saía para o café, na praça do mercado. Lembro-me de dois cafés, a Nutritiva e o Papo-Seco. Mais tarde, apareceu o Costa Nova. Os meus pais sentavam-se no Papo-Seco, que ficava na esquina da Rua dos Pescadores com a praça, com uns amigos e nós brincávamos por ali. Tínhamos direito a um gelado pequenino comprado na Nutritiva. (...) Era mesmo muito fixo, o nosso programa diário. A única exceção era o passeio que de vez em quando se fazia à Fonte da Telha.”*⁷³

Após este relato, detalhado da rotina de verão, Manuela Vasconcelos realiza uma reflexão a propósito do efeito da passagem do tempo sobre

73 Relato de Manuela Vasconcelos. in GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. pp. 52-56



Figura 124 - *Na praia da Costa de Caparica, uma família que ali vai passar o dia*, Arquivo Nacional da Torre do Tombo

a cidade e o seu impacto. Aqui, relata a sua visão da Costa de Caparica, passados muitos anos desde o tempo dos verões da sua infância, durante a década de cinquenta do século XX:

*“A Costa que reencontrei (em 1979) tinha pouco a ver com a da minha meninice, mas ainda encontrei algumas das casas que arrendávamos nesses Verões dos anos cinquenta. Agora já não resta nenhuma. A Rua dos Pescadores também foi perdendo as casas antigas, pouco a pouco. Havia uma que tinha velharias, e onde comprei algumas coisas, que ardeu no princípio dos anos oitenta. Nessa altura ainda existia o café Costa Nova (hoje já desapareceu também esse, resta a Nutritiva), onde (...) passámos bons fins de tarde.”*⁷⁴

Estas perdas vão para além do vestígio material e, apesar de ainda hoje, a praia ser um dos “*ex-libris*” da cidade, acabou por se criar uma lacuna no seu próprio simbolismo e identidade e também na sua representação como destino de praia por excelência, a designada “*Praia do Sol*”. Neste ponto, atesto a relevância da seguinte passagem, de Charles Baudelaire, a propósito da drástica reforma urbana ocorrida em Paris, e encabeçada por Haussman: “*O súbito desaparecimento de locais populares e pontos de referência trouxe desconforto e desespero às pessoas, que de outro modo estavam condenadas a ser engolidas pela vastidão áspera da metrópole.*”⁷⁵

74 Relato de Manuela Vasconcelos. in GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Coleção “Retratos da Fundação”. p. 56

75 BAUDELAIRE, Charles. (1857). *Les Fleures du Mal*. Paris. Poulet-Malassis [(1992)]. Trad. port.: *As Flores do Mal*. trad. Fernando Pinto do Amaral. Assírio e Alvim. Lisboa]

Partindo desta visão de Baudelaire acerca de Paris, também a imagem da Costa de Caparica gerava *dúvida e incerteza*, havendo uma coexistência entre a beleza remanescente e a *degradação*, de mão dada com a *perda de individualidade* do próprio território da cidade. Temos, assim, um lugar feito de dissonâncias e que, de alguma forma, se tornou na alegoria da modernidade e do progresso, por intermédio de uma perda de *símbolos* e de significados conotados com a arquitetura. É desta situação que nasce um sentimento de angústia e de quase *alienação* manifestado por parte da população residente, numa cidade onde o progresso gerou ritmos diferentes de vida, pautados pela estação quente do verão, para além de ter gerado ora o surgimento de zonas que hoje estão quase sempre desertas e que geram, por vezes, insegurança, ora zonas sobrelotadas (sobretudo em época alta e junto à linha de mar).

É, deste modo, possível compreender o surgimento de *problemas sociais e culturais* que, no fundo, advêm da tentativa do indivíduo e do coletivo da cidade de manterem a sua própria individualidade face ao peso dos poderes soberanos e da herança histórica. Hoje, a sua resistência é concretizada através da criação de *associações* e de clubes dedicados às mais diversas áreas, tais como a cultura, o desporto e a pesca, e que contribuem para a manutenção da memória viva e ainda para a proteção do seu legado. Instituições como a “*Gandaia*”, o “*Grupo dos Amigos da Costa*” e, em particular, a “*ALA – Associação de Pesca Artesanal, Local e Costeira e de Apoio Social aos Pescadores*”, contribuem, não só, para a divulgação de um património material e imaterial coletivo, como também dinamizam a vida social e cultural da Costa de Caparica. Esta é a sua humilde ação, com o propósito, baseado num olhar *desencantado* face ao



Figura 125 - Interior do espaço da ALA-ALA - Associação de Pesca Artesanal, Local e Costeira (Dezembro de 2020)



Figura 126 - Mural pintado em moradia, junto ao Bairro Novo dos Pescadores (Dezembro de 2020)



Figura 127 - José Carlos Carvalho, Rua 15 - pinturas no pavimento (2019)

presente, de criar algum tipo de *ordem* a partir da ligação à realidade do seu tempo.

Mas esta realidade presente, não se debate apenas com conflitos e contrastes. Hoje, damos conta do surgimento de *novas variáveis* que têm vindo a alterar, profundamente, a *paisagem humana* na Costa de Caparica e, conseqüentemente, a sua memória. De facto, o progresso não trouxe, apenas, uma conseqüente perda de certos elementos simbólicos da memória, mas também se tornou num atrativo para novos grupos de pessoas, vindos de todo o país e inclusive do estrangeiro, que vieram enriquecer a vida da cidade e, ao mesmo tempo, criar novos símbolos e eventos construtores, por sua vez, de *novas memórias*. Estes novos grupos de indivíduos terão chegado à Costa de Caparica, não só em busca de melhores condições de vida, mas também, e muito provavelmente, em busca de um novo estilo de vida, de cariz mais comunitário e próximo de paisagens naturais diversificadas, desde a arriba fóssil até à praia. Para além destas questões, é de referir que muitas pessoas chegam hoje a esta cidade pelo simples facto de não serem capazes, por motivos económicos, de comportar as rendas e os preços de imobiliário que são praticados no centro de Lisboa e arredores, instalando-se aqui, sobretudo, durante os meses de inverno (uma vez que nos meses de verão os valores de arrendamento aumentam). Devo acrescentar que a própria escala, da Costa de Caparica, por ser uma cidade mais pequena, influencia as relações humanas e potencia uma vivência em plena conexão próxima com os outros, conexão esta que, conseqüentemente, fomenta o surgimento de *comunidades unidas e inter-geracionais*, que se entreadjudam de variadas formas.



Figura 128 - Marco Attiger, Costa de Caparica - Rua dos Pescadores e a presença marcante de uma grande diversidade de culturas e práticas

Recuperando a ideia de que existem dois *ritmos* distintos que pautam a vida da cidade, devo realçar, como aspeto positivo, o facto de que, gradualmente, a Costa de Caparica se está a tornar num destino cada vez mais procurado durante *todo o ano*, quer no verão, quer no inverno. Hoje, é cada vez mais frequente passearmos pela cidade durante o mês de dezembro, por exemplo, e depararmo-nos com grupos de *surfistas*, nacionais e vindos do estrangeiro que vêm aproveitar ao máximo as ondas das marés vivas, características durante a estação fria. É também durante este período, e em particular a partir do mês de setembro, que se denota a chegada à cidade de indivíduos provenientes de camadas mais *jovens* da sociedade, quer sejam estudantes a frequentar universidades do centro de Lisboa e, mais especificamente, do Monte da Caparica (Universidade Nova de Ciências e Tecnologias), quer sejam pessoas solteiras e mesmo casais, em início de vida. Na atualidade recente, o fenómeno da *pandemia* de COVID-19 trouxe ainda famílias e também indivíduos que se encontravam ou encontram a trabalhar em sistema de “*teletrabalho*” e que privilegiaram e valorizaram um contacto mais próximo com o exterior e com a natureza, sobretudo desde a ocorrência de longos períodos de confinamento.

Além destes grupos, é constante a chegada de pessoas que, por necessidade e ausência de poder económico, acabam por se fixar, como já tem acontecido desde há alguns anos atrás, junto às zonas naturais que permitem um maior aproveitamento, ao nível da agricultura e da pecuária. Falo, neste caso, da enorme extensão de campos agrícolas que separam a cidade edificada do limite inferior da arriba fóssil, designada por “*terras da costa*”. Nestas zonas particulares existem, já há alguns anos, bairros de génese *informal*, criados por comunidades maioritariamente estrangeiras e, hoje em grande parte oriundas de países africanos. Estes “*bairros*” são

caraterizados por uma arquitetura de cariz precário ao nível dos materiais de construção e denotam uma maior pobreza pela clara ausência de acesso direto a eletricidade ou de conexão à rede de águas e de esgotos comum.

No entanto, pela proximidade com os campos agrícolas, são estes grupos de indivíduos que, não só, mas também, acabam por explorar o *potencial de cultivo* dos terrenos, que adquirem, assim, uma finalidade prática, acabando estas pessoas por obter rendimentos da venda de produtos hortícolas e frutícolas. Estas comunidades, em conjunto com a população local que já ali cultivava nas antigas “*quintas*” que existiam há décadas atrás, acabaram por fomentar novas dinâmicas de proximidade, desenvolvidas com recurso a pontos de venda, dos produtos agrícolas advindos dos campos. Esta era já uma prática comum no passado e que é hoje recuperada e revitalizada através de iniciativas como o “*Mercado das Terras*”, que acontece com uma frequência regular (no primeiro domingo de cada mês). Para além da agricultura, algumas pessoas oriundas destas comunidades de génese “*informal*” acabaram por se dedicar também à *pesca*. Sendo uma atividade, ainda hoje, precária e que resulta num rendimento económico mais parco, mas que privilegia um contacto direto com a natureza e com o ambiente marinho, são também estas pessoas que se têm juntado à pequena comunidade de pescadores caparicanos que ainda praticam a *arte xávega*. Hoje, não é raro vermos durante o nosso passeio ao longo do paredão, membros destas comunidades instalados junto aos aprestos de pesca a aprenderem a “*arte*” pela mão dos mais antigos “*mestres*” dando, desta forma, *continuidade* e seguimento à sua prática no futuro.



Figura 129 - Guia Nómada de Lisboa, Feira de Velharias da Costa de Caparica - evento de trocas entre a comunidade e as suas variadas culturas



Figura 130 - António Leão de Sousa, *São José - Arte Xávega* (19 de Março de 2021) - a integração, na arte xávega, de pessoas de diferentes gerações, culturas e géneros

São eventos como estes que, quer na agricultura, quer na pesca (atividades primárias que construíram o desenvolvimento da cidade desde os seus primórdios), contribuem para a promoção do consumo e para a divulgação de produtos e de práticas locais. Estas ações, em conjunto com outras iniciativas coletivas de jantares, concertos, passeios ou até de feiras de artesanato e de velharias, resultam numa interação que potencia a troca de experiências e de saberes, caraterísticos das várias culturas que habitam a cidade, potenciando também uma nova riqueza e criando novos valores, que vão para além das trocas materiais e que se estendem a uma relação próxima entre os variados segmentos populacionais e as gerações que habitam a cidade. São estas trocas humanas que constroem o “*cenário*” para a arquitetura e que contribuem para a criação de novos objetos simbólicos e de *novas memórias* no presente.

Percebe-se, então, que a arquitetura só poderá ser o reflexo do seu *contexto* particular, ou seja, do “*cenário*” em que surge, contexto este que possui, desde já, uma herança histórica, social e cultural, e que espelha, para além disso, os novos valores que surgem no presente, e que devem ser perpetuados e valorizados através dos espaços. Quando um edifício ou uma parte da paisagem natural entram em declínio isto significa que estes sofreram um desgaste, provocado por fatores externos, e que tal declínio se manifestará, por sua vez, na cultura e na vivência de um lugar e das suas gentes. Diogo Seixas Lopes refere-se a estes elementos como, “(...) *recordações dispersas de eras passadas, que evocavam ideais nostálgicos ou reinos derrubados.*” ⁷⁶

76 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p.44

De facto, é incontestável que o passado constitui uma importante lição e um repositório da identidade cultural de um coletivo humano, sendo que o seu esquecimento e gradual decadência representam um claro perigo para a prevalência da memória e, conseqüentemente, para a perpetuação de valores éticos, morais e materiais intemporais.

Quando na Costa de Caparica vemos as dunas e o areal a recuarem ou os antigos restaurantes e lojas de comércio a desaparecerem, reparamos que a população sente, de forma profunda, esta perda e vai, de certa forma, sentindo que perde parte da sua identidade, original e única. O desaparecimento dos “*objetos*” que foram, no passado, pontos de referência da cidade, acaba por quebrar um processo de perpetuação da memória através do tempo, votando muitas vezes estes “*objetos*” ao esquecimento total. Com isto, corre-se o risco de se construir, para o futuro, uma cidade de “*monumento(s) de significação perdida*”.⁷⁷ No entanto, tal como a vida é feita de constante *mudança*, também a arquitetura é o “*espelho*” desta mudança cíclica. E esta situação implica, necessariamente, um estado permanente no qual algumas coisas vão desaparecendo, outras vão ficando e ainda outras, no meio, que vão sendo recuperadas na sua estrutura espacial e vão adquirindo novos usos, finalidades e valores. Neste sentido, é importante referir que o passado está hoje plenamente interligado com os novos eventos e pessoas que, todos os dias, chegam de novo à cidade da Costa de Caparica, trazendo consigo novos valores, culturas e práticas que, já neste momento, influenciam a construção de

77 Jean Starobinski. (1964). *L'invention de la liberté, 1700-1789*. Genebra. Skira/ (1964). *The invention of Liberty, 1700-1789*. trad. ing.: Bernard C. Swift. Genebra. Skira

novos espaços. São estes mesmos espaços que, no futuro, se poderão tornar em “*artefactos urbanos*” e, por sua vez, criar novos “*capítulos*” na memória da paisagem. Neste momento, revela-se importante mencionar uma reflexão de Aldo Rossi, a propósito das grandes transformações das cidades europeias, ocorridas durante o século XIX:

*“Entre certos géneros de tendências culturais, é corrente considerar a cidade europeia como campo contínuo de destruição de monumentos do passado e perspectiva de enormes especulações. Acredito que esta atitude está a mudar; a fim de melhor apreender e abordar o que, pelo contrário, é progressista e moderno nesta transformação violenta. Se a nova aparência da cidade e dos seus arredores é a expressão da crise real da sociedade europeia, hesitante e incapaz de substituir os valores tradicionais por outros novos, é também a expressão completa de uma nova dimensão dos problemas históricos e das novas perspectivas.”*⁷⁸

É no seguimento desta ideia que é possível perceber que a arquitetura é capaz de encerrar, em si mesma, valores e que é capaz também de codificar significados alternativos dentro da sua estrutura formal. Por estas razões, esta atividade deve constituir uma *força de construção* e não de dissolução, na qual a forma se torna na representação de um conteúdo e ainda num prolongamento natural da paisagem. Este conteúdo surge a partir da interpretação de uma ideia forte acerca do *lugar*. No caso da cidade, a arquitetura deve conseguir resolver questões concretas, de uma forma precisa e adequada, uma vez que esta se torna no suporte base de

78 ROSSI, Aldo. (Julho de 1961). “Nuovi problemi”. *Casabella-continuità*. nº 253. p. 3

desenvolvimento da vida, no individual e no coletivo. Neste ponto, revela-se importante referenciar Aldo Rossi, e o seu entendimento da cidade como arquitetura:

*“A cidade, (...), deve ser compreendida aqui como arquitectura. Por arquitectura, designo não só a imagem visível da cidade e a soma das suas diferentes arquitecturas, mas a arquitectura como construção, a construção da cidade ao longo do tempo. Acredito que este ponto de vista, objectivamente falando, constitui a forma mais abrangente de analisar a cidade; aborda o facto derradeiro e definitivo na vida do colectivo, a criação do ambiente em que vive.”*⁷⁹

Um edifício incorpora, deste modo, ideias e sensações, sendo que o seu significado, pelo *simbolismo* que representa para a população de um dado sítio, acaba por transcender os seus limites físicos e contribui, assim, para a construção da vida cívica dessa população. Aldo Rossi reflete acerca desta questão: *“Uso o termo arquitectura num sentido positivo e pragmático, como uma criação inseparável da vida civilizada e da sociedade em que se manifesta.”*⁸⁰ Também Diogo Seixas Lopes realiza uma reflexão, baseada no registo de Rossi: *“Para Rossi, a arquitectura tornou-se uma recordação de coisas essenciais que se fundiam em*

79 ROSSI, Aldo. (1966). *L'architettura della città*. Pádua. Marsilio/ (1982). *The Architecture of the City*. Oppositions Books. trad. ing. Diane Guirardo e Joan Ockman. Cambridge (Massachussets). MIT Press. p. 21 [(2001). Trad. port.: *A Arquitectura da Cidade*. trad. José Charters Monteiro. Lisboa. Cosmos]

80 ROSSI, Aldo. (1966). *L'architettura della città*. Pádua. Marsilio/ (1982). *The Architecture of the City*. Oppositions Books. trad. ing. Diane Guirardo e Joan Ockman. Cambridge (Massachussets). MIT Press. p. 21 [(2001). Trad. port.: *A Arquitectura da Cidade*. trad. José Charters Monteiro. Lisboa. Cosmos]

*formas e ideias.*⁸¹ Partindo destas reflexões, surge-nos um desafio que, seguidamente na investigação, irá originar o argumento principal que rege a intervenção projetual proposta: como reconstruir uma identidade que hoje se encontra, em parte, fraturada? Como recuperar certos elementos da memória, de forma a dar continuidade aos valores que, ainda hoje, fazem sentido na realidade da cidade? Como veicular os novos valores, e simultaneamente o legado histórico da vida do sítio, através da forma dos espaços arquitetónicos? *“Como podem as memórias espaciais encontrar o seu lugar onde tudo mudou, onde já não existem vestígios ou pontos de referência?”*⁸² Partindo destas questões e antecedendo a exposição detalhada da proposta de projeto, irei realizar uma análise, mais aprofundada, do local de intervenção, referenciando as principais características fisiográficas e ainda as problemáticas, ao nível ambiental, presentes no *“lugar”*.

Termino, assim, a presente reflexão sobre a *memória* e a sua importância na leitura do *lugar*, recorrendo a um excerto que explana, de forma clara e sucinta, o desafio que sustentou todo o meu processo de desenvolvimento do projeto de intervenção, no âmbito da investigação realizada nesta dissertação:

81 LOPES, Diogo Seixas. (2016). *Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro. Lisboa. p.135

82 ROSSI, Aldo. (1966). *L'architettura della città*. Pádua. Marsilio/ (1982). *The Architecture of the City*. Oppositions Books. trad. ing. Diane Guirardo e Joan Ockman. Cambridge (Massachusetts). MIT Press. p. 231 [(2001). Trad. port.: *A Arquitetura da Cidade*. trad. José Charters Monteiro. Lisboa. Cosmos]

“With totalitarian vigour, the contemporary consumer society creates standardized and systematized spaces as common references throughout the world (supermarkets, hotels, retail chains, etc.). It is a system of signals doomed to eternally celebrate a functionalist present. Man eventually transforms into what is expected of him: an anonymous consumer of a “Non-lieu” (Marc Augé). A “Lieu” (Place), by contrast, mediates between individuals and encourages the emergence of collective life and memory, beyond fulfilling its functional obligations. In this desire to give a new meaning to the architectural environment, historic allusions and vernacular heritage can be harnessed. The question arises to what extent the promotion of a cultural identity leads to a nostalgic bastion or a laboratory of new shared imaginations?”⁸³

83 GIMBAL, Julie, FIRLEY, Eric. (2016). “Cultural identity and shared memory: A comparison of Superkilen and Piazza d’ Italia as case-studies of contemporary “Place”-making”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. in CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. pp. 144-145

Caraterização do lugar – o sistema duna-praia-mar

O ato de reflexão sobre o *lugar* - no qual a arquitetura se inscreve - e sobre as suas principais características, impele-nos, forçosamente, a considerar os conceitos de “paisagem” e de “território”. Os lugares constituem, de facto, um conjunto de várias paisagens diferenciadas, quer no domínio geofísico, quer nos domínios humano e simbólico (como foi analisado no capítulo anterior), podendo estes conceitos de “paisagem” e de “território” serem abordados no âmbito da biodiversidade, das questões climáticas ou do património. Dentro das várias dimensões do conceito de “paisagem”, é importante considerarmos duas vertentes distintas: a paisagem *natural* desde a sua origem, ou seja, praticamente inalterada e intocada pelo Homem; e ainda a paisagem *humana*, ou seja, aquela que, de cariz natural ou urbano, terá recebido, num dado momento ou sido criada de raiz, pela intervenção humana, com o objetivo de ordenar, de redesenhar ou de criar novos limites nos territórios. É, no entanto, de realçar, que “(...) os estudos críticos da paisagem associam este conceito cada vez mais às pessoas e à forma como se apropriam do espaço e do tempo.”⁸⁴ Neste ponto torna-se, pertinente, compreender o modo como o processo histórico, de construção da paisagem, ao nível físico e simbólico, se associa, desde os seus primórdios, a uma complexa ação de apropriação e de mapeamento dos territórios. Segundo esta ideia, revela-se cada vez mais importante a adoção de um “(...) entendimento da paisagem a partir

84 FAUVRELLE, Natália, SEMEDO, Alice Lucas. (2016). “De território a paisagem: o que é ‘paisagem?’”. Secção 7 – Vias, Paisagem e Território. in CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. pp. 236-237

*de uma interpretação fenomenológica, onde se privilegia o contacto direto e implicado com a paisagem e os seus construtores.*⁸⁵

Partindo do lugar de intervenção proposto como base para o presente trabalho de investigação, ou seja, a cidade da Costa de Caparica, irei realizar a minha análise, do lugar, de acordo com uma abordagem ao nível das componentes *geofísicas* do seu território e também ao nível das problemáticas a este associadas. Tendo como base de trabalho a análise territorial, de âmbito mais geral, realizada pelo grupo de investigação *“Entre o Mar e a Terra”* e exposta na primeira parte desta dissertação, irei, agora, colocar um enfoque na análise do complexo sistema de *duna-praia-mar*, no qual se inscreve a proposta de projeto de arquitetura por mim desenvolvida.

Devo, deste modo, começar por referenciar o elemento que unifica e que confere sentido a estes três ecossistemas distintos. Refiro-me, claro, ao elemento *“água”* que, para além de ser um recurso essencial à vida na Terra, é a uma presença obrigatória sempre que falamos de frentes litorais, marinhas ou ribeirinhas. A importância deste elemento é revelada, desde os tempos pré-históricos, pela tradição associada à fixação de povoados e de assentamentos humanos junto a cursos de águas. A água assume, assim, um caráter de destaque, sendo que *“As costas tiveram sempre um*

85 FAUVRELLE, Natália, SEMEDO, Alice Lucas. (2016). “De território a paisagem: o que é ‘paisagem?’”. Secção 7 – Vias, Paisagem e Território. in CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. pp. 236-237

*papel fundamental na difusão da espécie humana e das diferentes civilizações.*⁸⁶

O povoamento inicial da Costa de Caparica, durante o século XVIII, por comunidades de *pescadores* e pelas suas famílias, constitui um exemplo de assentamento humano, neste caso, perto do *mar* e impulsionado pela prática da *atividade piscatória*. É ainda de realçar, neste ponto, o facto de este povoamento inicial, ser composto por comunidades vindas do *norte* do país, de Ílhavo, e do *Sul*, de Olhão, locais onde, anteriormente ao estabelecimento do povoado “*caparicano*”, já se praticava a pesca e já existia a tradição da fixação humana junto ao mar, materializada, inclusive, em *tipologias arquitetónicas* particulares. Refiro-me, aqui, à tipologia dos “*palheiros*”, que terá, conseqüentemente, surgido na Costa de Caparica por influência dos locais de origem, e das práticas, das *gentes* que compunham a sua comunidade.

Desta forma, constatamos a frequência da fixação de comunidades humanas em áreas que poderemos designar como zonas de interação entre a superfície terrestre, o elemento sólido, e a água, o elemento líquido, tal como aconteceu com a comunidade de pescadores caparicanos. Esta interação pode, por sua vez, ser conceptualizada no termo “*litoral*”. Este conceito remete-nos para a ideia de um quotidiano, associado às vivências junto à água, e que influencia, claramente, “(...) os *modos de*

86 FERREIRA, MJ. (1990). “O Litoral Português: contributos para uma geografia das regiões litorais”. Departamento de Geografia e Planeamento Regional da FSCH/UNL, II Congresso de Geografia Portuguesa, Porto. p. 60 – in OLIVEIRA, Marta Neves Simões Correia de. (2015). “Evolução Natural e Antrópica – Trafaria-cova do vapor-costa de Caparica”. Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia. p. 13



Figura 131 - Palheiros (década de 50) - três palheiros no topo da duna, que serviam de armazém de redes, Palheiros de Mira - Museu e Posto de Turismo



Figura 132 - Pesca das Artes, Palheiros de Mira - Museu e Posto de Turismo

*vida humanos na sua cultura, na sua personalidade, no desenvolvimento das suas atividades económicas e nas suas relações sociais.”*⁸⁷ Segundo a OCDE, o termo “*litoral*” traduz-se numa “(...) *interface de encontro entre a terra e o oceano, incluindo tanto ambientes costeiros como águas costeiras adjacentes.*”⁸⁸ Já a US Commission on Marine Science, Engineering and Resources, refere-se ao termo “*litoral*” num contexto mais alargado, definindo-o como “(...) *a parte da terra que é afetada pela sua proximidade ao mar e a parte de mar afetada, pela sua proximidade à terra na extensão em que as atividades do Homem localizadas na terra apresentam influência na (...) água e na ecologia marinha.*”⁸⁹

Se pensarmos no contexto da cidade da Costa de Caparica, facilmente percebemos que existe uma forte presença e influência do mar e da pesca com arte xávega, atividade que não só influenciou a *gastronomia*, os *costumes* e a própria *toponímia* da cidade, como também ditou

87 BESSA, Margarida. (Janeiro de 2021). “Projetar no Limite: o avanço do mar e as dinâmicas urbanas na linha de costa”. Unidade Curricular de Urbanismo Ecológico. Mestrado Integrado em Arquitetura. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. ISCTE-IUL. p. 2

88 MARTINS, F. (1997). “Políticas de Planeamento, Ordenamento e Gestão Costeira – contributo para uma discussão metodológica”. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor no ramo de Ciências Aplicadas ao Ambiente. Universidade de Aveiro. Departamento de Ambiente e Ordenamento, p. 28 – in OLIVEIRA, Marta Neves Simões Correia de. (2015). “Evolução Natural e Antrópica – Trafaria-cova do vapor-costa de Caparica”. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. p. 8

89 MARTINS, F. (1997). “Políticas de Planeamento, Ordenamento e Gestão Costeira – contributo para uma discussão metodológica”. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor no ramo de Ciências Aplicadas ao Ambiente. Universidade de Aveiro. Departamento de Ambiente e Ordenamento – in OLIVEIRA, Marta Neves Simões Correia de. (2015). “Evolução Natural e Antrópica – Trafaria-cova do vapor-costa de Caparica”. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. p. 9

o surgimento de uma cultura de *proximidade* ao mar. A nível social, assistimos, também, à presença de um forte sentido de camaradagem, e de *comunidade*, entre a população caparicana, sendo esta força “*coletiva*” manifestada, não só no seio das companhias de pesca, mas também na estrutura da população caparicana, que é capaz de integrar, muito facilmente e de forma hospitaleira, novas culturas, novas tradições e “*gentes*” de todas as faixas etárias, e com origens geográficas diversas. Para além dos âmbitos cultural e social, o mar teve, e tem, desde sempre, um papel de destaque na vivência de uma *espiritualidade* muito própria, associada, em parte, à *religião*, contribuindo assim para a construção de um *universo simbólico*, que faz sonhar alguns, mas que assusta, ou até conforta, outros, quando ocorrem acidentes ou quando alguém perde um ente querido no mar. Se esta vivência espiritual, por um lado, nos remete para a religião católica e para um desejo de proteção divina, face aos perigos do mar (culto à Virgem e aos Santos), também nos remete para uma espiritualidade de génese mais popular, composta por um misticismo pleno de crenças, de lendas, de seres mitológicos e de superstições intemporais.

Esta fixação inicial das comunidades humanas não era, no entanto, isenta de qualquer intenção ou objetivo, ou mesmo de um instinto de sobrevivência. A verdade é que, partindo do conhecimento que hoje temos sobre a história, é possível verificar que a ocupação humana de costas marítimas e fluviais remonta a épocas primitivas, destacando-se uma clara preferência pela *fixação* em zonas de estuário ou zonas lagunares. Só mais tarde, como veríamos acontecer na Costa de Caparica (mais precisamente no século XVIII), encontraríamos o registo da ocupação humana de *áreas litorais arenosas e oceânicas*. Esta situação ocorria por diversos motivos.



Figura 133 - Cila Ribeiro, São João no Bairro dos Pescadores - Família do Galvão da Silva Duarte e os vizinhos Zé do Monte e Tia Olímpia



Figura 134 - Dia de Finados assinalado com Missa no Cemitério, JUnta de Freguesia da Costa de Caparica (2 de Novembro de 2021)

No caso dos estuários, lagos ou lagoas, verificava-se a existência de uma grande abundância em recursos naturais, proporcionando assim melhores condições de subsistência, uma vez que estes ecossistemas permitiam a prática de atividades como a pesca.

Já as zonas litorais, oceânicas e arenosas, como é o caso da faixa litoral da Costa de Caparica, eram consideradas áreas diferentes e que chegavam, mesmo, a ser evitadas pelos indivíduos, sobretudo devido à grande *instabilidade e perigo*, inerentes ao seu ecossistema. Esta aversão natural aos “*litorais*” arenosos oceânicos, advinha das suas *condições adversas*, associadas a elevadas amplitudes térmicas diárias, a uma insolação muito forte e desprotegida, a uma frequente situação de insalubridade (relacionada com a escassez de recursos básicos, como água doce), aos ventos fortes (aliados à escassez de vegetação), a uma grande frequência de conflitos armados (corsários, atos de pirataria, criminalidade) e, sobretudo, a condições adversas relacionadas com uma vulnerabilidade, que se prende com a ocorrência de inundações, de tempestades ou de temporais. Através desta análise conseguimos, facilmente, perceber que a relação dos povos com a água, desde o passado, nem sempre se traduziu num imaginário simbólico de cariz positivo, instigando mesmo nalguns casos, e pelo contrário, ao *receio e à fuga*. De facto, poderemos considerar que “*Os mares que num tempo foram o elo de ligação, foram, noutros, a ameaça donde vinham as investidas de corsários e povos invasores.*”⁹⁰

90 PORTAS, Nuno (coordenação), VIEGAS, Luís, GRANDE, Nuno, TEIXEIRA, Miguel Branco. (1998). *Cidades e Frentes de Água – mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água*. APL – Administração do porto de Lisboa. Patrocínio oficial – Parque Expo’98, SA. Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. p.6



Figura 135 - *Colégio do Menino Jesus* dito “convento”, Costa da Caparica, imagem estereoscópica (detalhe - cerca de 1900), AML

No caso paradigmático da área metropolitana de *Lisboa*, na qual se insere o atual concelho de Almada, e a cidade da Costa de Caparica, verificamos, por exemplo, que o rio Tejo, elemento que no passado separou, defendeu e reforçou os limites da expansão humana, acabou por se tornar, tal como acontece hoje, num elemento de ligação entre as duas margens da cidade, ou seja, entre a grande metrópole e os territórios adjacentes. No passado considerada como local inóspito, perigoso e quase selvagem, hoje a Costa de Caparica é uma cidade altamente procurada e valorizada, e em grande parte devido à riqueza do seu *património natural*.

Analisando, agora, as particularidades deste património natural e da sua *biodiversidade*, existentes ao longo da faixa costeira que abrange a Costa de Caparica, e que se estende desde a Trafaria até à Fonte da Telha, devemos partir da consideração de que “*Os componentes que definem uma paisagem são profundamente dinâmicos. A paisagem não é estática e está em constante transformação, sendo as causas naturais ou antrópicas.*”⁹¹ Deste modo, torna-se essencial entendermos, e encararmos, o sistema de duna-praia-mar como um ecossistema altamente dinâmico e complexo, e para o compreendermos melhor, no caso da Costa de Caparica, revela-se necessário conhecer, em primeiro lugar, algumas das principais características que se associam à *costa portuguesa*. Esta consiste numa zona de costa atlântica, que abrange não só áreas urbanas, ou urbanizáveis, mas também espaços portuários e as suas respetivas envolventes (zonas industriais, por exemplo), áreas protegidas e, ainda,

91 OLIVEIRA, Marta Neves Simões Correia de. (2015). “Evolução Natural e Antrópica – Trafaria-cova do vapor-costa de Caparica”. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. p. 43



Figura 136 - *Costa da Caparica, Vista Aérea* (cerca de 1980), Delcampe - paisagem da Costa de Caparica, desde a elevação da arriba fóssil até à aplanção da cidade, culminando no areal das dunas e da praia



Figura 137- Ana Camila Aboim Pires, Arriba fóssil
(Outubro de 2020)



Figura 138 - Dunas (Dezembro de 2020)

áreas costeiras e balneares, ao abrigo do Domínio Público Marítimo. Todas estas áreas costeiras chegam, mesmo, a albergar mais de metade da população portuguesa no seu todo (com exceção das áreas protegidas), veiculando costumes e tradições particulares e estando, na sua maioria, vocacionadas para a indústria e para a prática de outras *atividades económicas*, tais como a pesca e a salicultura. Pela sua localização muito particular, estas áreas de interface, entre o mar e a terra, têm-se tornado cada vez mais *atrativas*, em grande parte devido ao seu clima temperado que, conjugado com a beleza e a diversidade natural das suas paisagens, atraem fluxos turísticos que, cada vez mais, valorizam o mar como *elemento terapêutico*. Na Costa de Caparica, surge ainda um outro fator atrativo, que consiste na grande proximidade, a nível geográfico, ao centro urbano, económico e político, da capital lisboeta. Estes territórios, tais como a Costa de Caparica, que se revelam plenos de oportunidades e de potencial de investimento, acabam, no entanto, por se tornarem bastante *vulneráveis*, sobretudo devido a uma ocupação humana exagerada que, no caso particular da Costa de Caparica, tem conduzido à descaraterização da paisagem, à exploração abusiva dos seus recursos e, ainda, à destruição dos seus *ecossistemas naturais*.

Em termos da geologia do território litoral, devo aqui referir a importante existência de *solos aluvionares*, bem como de amplas áreas que são compostas por *areias*, sejam elas pertencentes ao extenso cordão de *dunas*, ou sejam elas pertencentes ao areal da praia. Estes solos de areia distribuem-se ao longo de uma faixa extensa, da linha de costa, localizando-se especificamente numa zona de *aplanação litoral*, compreendida entre a Trafaria e a Fonte da Telha, e localizando-se, também, na plataforma natural que encima a arriba fóssil. Estes terrenos



Figura 139 - Inês Maciel, Paredão (Novembro de 2020)



Figura 140 - Rita Rodrigues, Paredão (Outubro de 2020)

arenosos, que compõem o cordão dunar e a praia, possuem uma elevada capacidade de infiltração, sendo que o fator dominante, na modelação deste terreno, é a ação do *vento*. Uma vez que o território da Costa de Caparica não apresenta grandes desníveis, podemos afirmar que as poucas zonas onde ainda se registam algumas linhas de cumeada correspondem, exatamente, a áreas onde estão presentes as *cristas dunares*.

No âmbito dos cordões dunares que delimitam a faixa costeira, conseguimos distinguir duas áreas distintas. Menciono assim, em primeiro lugar, a zona de dunas que delimitam a *frente litoral urbana*, e que se encontram, hoje, já bastante reduzidas e em claro perigo de conservação. Parte deste cordão não possui já vestígios das dunas pré-existentes no local, não apresentando a sua cobertura vegetal original, sendo composto, na sua maioria, por terrenos de duna que terão sido plantados durante a implementação do programa *POLIS* (refiro-me, aqui, ao Plano de Pormenor 1, referente à faixa de praias urbanas). Este cordão de vegetação dunar e de solo de areia encontra-se, hoje, misturado com áreas de pavimento em terra batida e gravilha, ou misturado com áreas de pavimento impermeável (tais como estradas de acesso à praia, estacionamento e o paredão). Este cordão consiste, hoje, numa faixa, praticamente contínua de vegetação arbustiva e herbácea, já intervencionada pela mão humana (plantada de forma artificial), e que se encontra num evidente mau estado de conservação, apresentando muitas zonas de areal sem qualquer cobertura vegetal.

Em segundo lugar, devo mencionar a zona de dunas, que se inicia junto ao término sul do paredão, e que se prolonga em direção à Fonte



Figura 141 - Apoio de praia, construído no âmbito do programa Polis e implantado sobre as dunas (Abril de 2021)

da Telha, desenvolvendo-se, estas dunas paralelamente à mancha verde correspondente à *Mata dos Medos*. Esta zona apresenta um sistema dunar ativo, que limita o areal e que, hoje, está sujeito a um forte uso balnear, marcado pela presença de edificações precárias, de equipamentos de restauração e ainda de acessos construídos para a praia e para os estacionamento automóveis. Esta faixa do cordão dunar apresenta uma cobertura, ao nível da vegetação da duna mais estabilizada e enraizada nos solos de areia e dispõem-se ao longo da extensão de areal que compreende as Praias da Saúde, da Mata e da Riviera. Nesta faixa, em específico, encontramos, não só os vestígios restantes do sistema dunar antigo, hoje aplanado e sem coberto vegetal apropriado (área ocupada por parques de campismo), como também encontramos uma área, correspondente ao cordão dunar frontal, de constituição moderna e ainda ativo, para além da existência de uma parca mancha correspondente às dunas antigas, mas hoje inativas (e uma parte delas coberta por uma mata de acácias). Em todas estas áreas de duna, regista-se a existência da espécie *Ammophila arenaria*, ou seja, a designada “*amófila das areias*”, que consiste numa das espécies vegetais autóctones das dunas da Costa de Caparica.

Ao cordão dunar associam-se, não só, uma cobertura vegetal muito característica, mas também as *redes hidrográficas* que acabam por estruturar o território da cidade. Nesta rede, devo salientar as linhas de água principais da Vala da Enxurrada e da Ribeira da Foz do Rego. Do conjunto principal destas linhas de água, algumas desaguam no rio Tejo e as restantes desaguam na planície litoral, em direção ao oceano atlântico. Num contexto mais alargado, é possível compreendermos que o atual concelho de Almada, no qual se insere a cidade da Costa de Caparica,



Figura 142 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - modelação dinâmica das dunas (Novembro de 2020)



Figura 143 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - sistema de fundações sobreelevado da duna (Novembro de 2020)



Figura 144 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - sistema de fundações sobreelevado da duna (pormenor - Novembro de 2020)



Figura 145 - Cabanas de pescadores, recuperadas pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - assentamento nas “depressões” da duna (Novembro de 2020)



Figura 146 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - adaptação do sistema construtivo ao movimento das areias (Novembro de 2020)



Figura 147 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - adaptação do sistema construtivo ao movimento das areias (Novembro de 2020)



Figura 148 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - assentamento sobre as “depressões” na duna (Novembro de 2020)



Figura 149 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - pormenor do sistema de fundação, em estacaria de madeira (Novembro de 2020)



Figura 150 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - relação de flexibilidade entre a duna e a edificação (Novembro de 2020)



Figura 151 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - assentamento da estrutura de madeira sobre o areal da praia (Novembro 2020)



Figura 152 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - assentamento da estrutura de madeira sobre o areal da praia (Novembro de 2020)



Figura 153 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - a areia invade, cobre e camufla o cosntruído (Novembro de 2020)



Figura 154 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - a areia invade, cobre e camufla o cosntruído (Novembro de 2020)



Figura 155 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - simbiose da arquitetura com a paisagem das dunas e da arriba (Novembro de 2020)



Figura 156 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - arquitetura “alojada” numa cova na areia (Novembro de 2020)

encontra-se localizado sobre o sistema aquífero das *bacias do rio Tejo e do rio Sado*. Este complexo sistema aquífero é, por sua vez, composto por *depósitos arenosos* e também por formações calcárias e argilosas. De entre os depósitos arenosos, destacam-se os importantes *bancos de areia*, agora já bastante reduzidos e designados por *Cachopo Norte e Cachopo Sul* ou Golada do Bugio. A partir da zona de declive mais acentuado da arriba fóssil, surge uma zona de declives mais suaves, por ação dos depósitos de vertentes do sopé da arriba, que efetuam, assim, a transição entre o topo da arriba e a *superfície aplanada*, na qual assenta toda a cidade. Todo este sistema de declives termina junto ao mar, numa zona de *costa baixa e arenosa*, que forma todo o cordão de praias urbanas.

Analisando os solos e os seus respetivos usos, percebemos que “Os solos da Costa de Caparica apresentam uma matriz de usos diversificada, no seio de uma paisagem de elevado valor paisagístico e ambiental onde os agentes naturais possuem um dinamismo particular.”⁹² Estes solos são, deste modo, compostos por áreas de floresta ou de mata, e por espaços verdes (como o Parque Urbano de Santo António), para além de terrenos agrícolas, dispostos ao longo da faixa designada por “*terras da costa*”, e ainda a faixa de tecido urbano. A par destas áreas, tenho de destacar a zona de parques de campismo, correspondente a um uso, intensivo e permanente, da área de dunas antigas, que se encontram, por este motivo, bastante afetadas e aplanadas, estando mesmo, nalguns troços, pavimentadas e sem vegetação.

92 BESSA, Margarida. (Janeiro de 2021). “Projetar no Limite: o avanço do mar e as dinâmicas urbanas na linha de costa”. Unidade Curricular de Urbanismo Ecológico. Mestrado Integrado em Arquitetura. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. ISCTE-IUL. p. 17

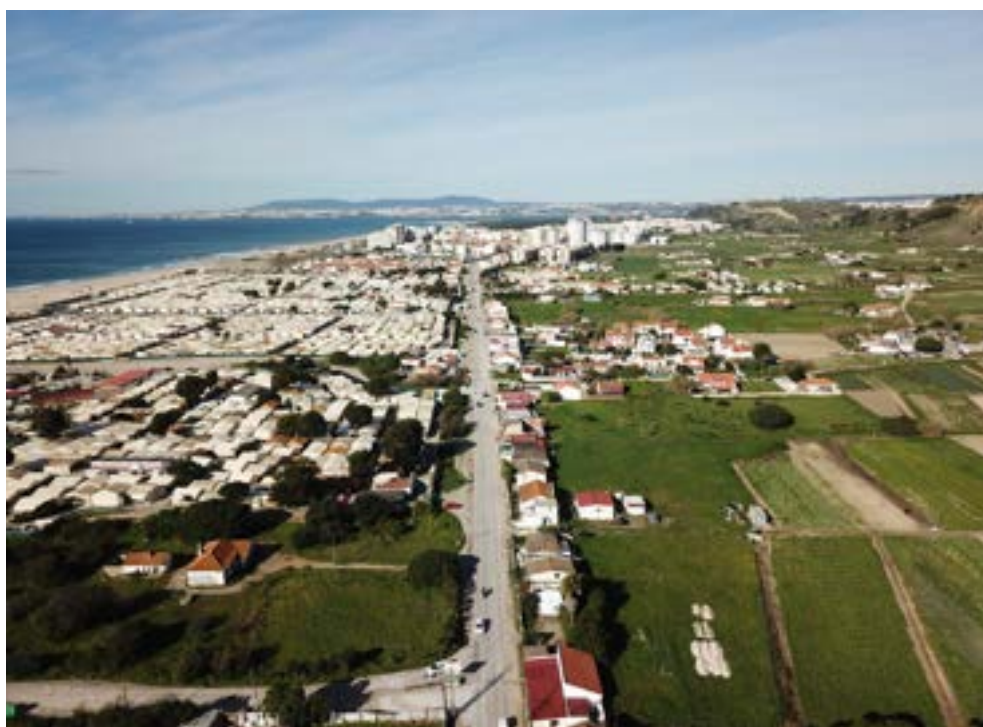


Figura 157 - Rita Rodrigues, Mancha edificada, correspondente à área dos parques de campismo a sul da cidade, assentes sobre a duna e demasiado próximos da linha de mar (Dezembro de 2020)

Devo, aqui, destacar a importância das *matas*, como ecossistemas que efetuam a transição entre a área aplanada, da cidade edificada, e a área correspondente à frente litoral, não só pela composição particular dos seus solos de areia, fixos através da vegetação arbórea, mas também por serem o ecossistema que antecede a chegada à praia (por essa razão, percebemos que as matas são, frequentemente, atravessadas pelos acessos às praias, e contêm também largas manchas de estacionamento). Muitas destas matas possuem, inclusive, um solo à base de areias, contribuindo assim a sua cobertura vegetal para a contenção dos terrenos, e para a consequente proteção da linha de costa (e, tal como a Mata de Acácias, estabilizando o relevo dunar antigo). Destaco, aqui, a área ocupada pela *Mata da Trafaria*, que delimita a Costa de Caparica a Norte, e também da *Mata dos Medos*, que delimita a cidade a sul. Para além de consistir num elemento visual muito marcante no território da cidade, com a sua forma, textura e cor particulares, desempenhando estas matas um papel importante ao nível paisagístico, as mesmas possuem também uma importante função de regularizar o *escoamento de águas*, superficial e subterrâneo, contribuindo assim para o equilíbrio dos fluxos hídricos do território.

Na zona localizada a norte da cidade, e na qual atualmente se implanta o Parque de Campismo do *INATEL*, a vegetação existente revela-se bastante abundante, sendo predominantes os extratos vegetais *arbustivos* e *herbáceos*. Um pouco mais a sul, começam a surgir áreas de cobertura vegetal mais densa, nomeadamente em frente ao atual Bairro de Santo António, e que englobam espécies particulares, tais como a *acácia* e o *pinheiro-bravo*. Todas estas zonas são rematadas, junto ao limite de encontro com o mar, por áreas descobertas sem vegetação ou com



Figura 158 - Rita Rodrigues, Mata das Dunas da Trafaria (mancha verde à esquerda), em contraste com a elevação da arriba fóssil (Dezembro de 2020)

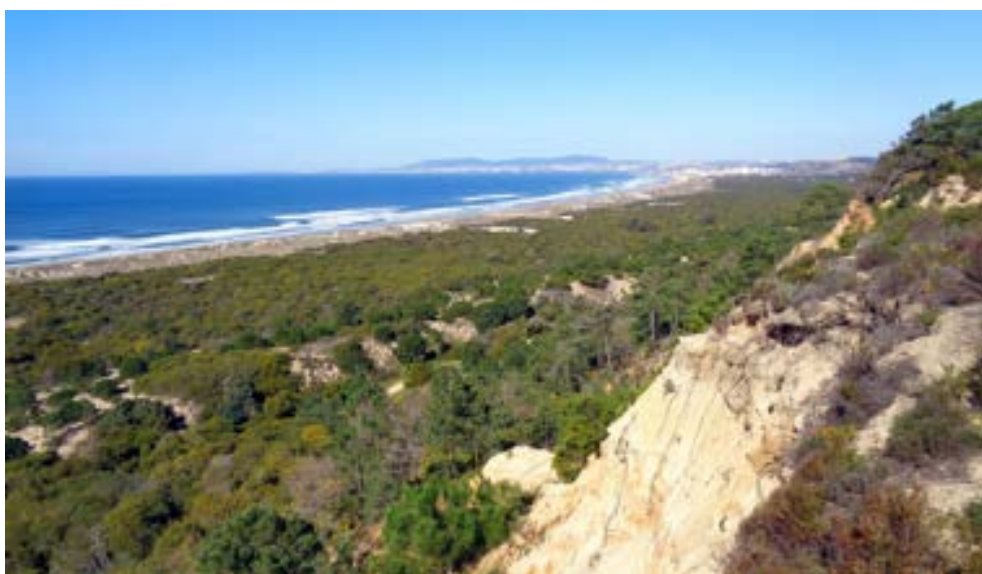


Figura 159 - Rafael Rodrigues, Mata Nacional dos Medos, junto à arriba fóssil (22 de Fevereiro de 2017)



Figura 160 - Paisagem protegida da arriba fóssil da Costa de Caparica - vegetação dunar e acacial

vegetação rasteira, como os cordões dunares, e pelas zonas húmidas litorais, compostas por águas marinhas ou costeiras.

Analisando a importância da água e das zonas litorais, no *contexto português*, facilmente nos conseguimos remeter para um *passado* de histórias e de aventuras, associadas, maioritariamente, ao período da Expansão Marítima. No entanto, são muitas, também, as desventuras, associadas aos naufrágios e aos marinheiros perdidos no mar. Foi a conexão com o elemento aquífero que proporcionou, ao povo português, a conquista de novas terras e de novos saberes, tornando-se Lisboa “(...) num importante ponto de cruzamento de gentes e de histórias, onde se movimentava dinheiro, se usufruía de novas culturas e se exercia o poder político.”⁹³ Ao longo da sua evolução, podemos afirmar que o povo português nunca perdeu ou desvalorizou, de forma geral, esta *conexão* com o mar e com os limites litorais, recorrendo, consistentemente, ao elemento “*água*” para o desenvolvimento das suas atividades diárias. Desde o lazer até à saúde, este território de interação geográfica, quer seja ao nível físico, humano, ecológico ou económico, surge como uma área plena de potencialidades. No entanto, e a par deste potencial, temos de nos referir, às zonas litorais, como ecossistemas naturais extremamente sensíveis e delicados, e que, por estes motivos, estão sujeitos a grandes vulnerabilidades, nomeadamente problemas derivados da ocupação humana. De facto, são as atividades humanas e as suas dinâmicas que

93 BESSA, Margarida. (Janeiro de 2021). “Projetar no Limite: o avanço do mar e as dinâmicas urbanas na linha de costa”. Unidade Curricular de Urbanismo Ecológico. Mestrado Integrado em Arquitetura. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. ISCTE-IUL. p. 3



Figura 161 - Dunas replantadas, no âmbito da intervenção do projeto Reduna (Outubro de 2020)

conduzem, muitas vezes, “(...) à descaraterização da paisagem e à sobre-exploração dos recursos e espaços naturais, bem como à destruição de ecossistemas.”⁹⁴

Na *Costa de Caparica*, conseguimos observar um território que, apesar de consistir num exemplo paradigmático de riqueza e de diversidade natural, apresenta grandes contradições ao nível da sua ocupação e enfrenta graves problemas associados às *alterações climáticas*. Este território e a sua paisagem encontram-se bastante vulneráveis, não só face à *atuação humana*, como também perante a problemática do *avanço do mar* e do consequente *recuo gradual da linha de costa*. Em parte, estes problemas são provocados, atualmente, e desde há várias décadas atrás, pela crescente *erosão* do solo marinho, processo este que tem sido acelerado por certas atividades humanas, tais como a pesca de arrasto ou a dragagem de areias para a construção de portos e de aterros. Tendo em consideração que atravessamos, atualmente, um período climático bastante quente, derivado do agravamento do fenómeno do *aquecimento global*, as questões da erosão do solo marinho e da subida do nível médio das águas do mar têm adquirido uma elevada importância no panorama contemporâneo, a nível mundial. Todas estas questões, decorrentes do processo de alterações climáticas a decorrer, “(...) *chamam a atenção de populações e comunidades ribeirinhas ou marítimas, que se tornaram, de*

94 OLIVEIRA, Marta Neves Simões Correia de. (2015). “Evolução Natural e Antrópica – Trafaria-cova do vapor-costa de Caparica”. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. p. 12-13

um momento para o outro, altamente vulneráveis a catástrofes ambientais e aos seus efeitos nefastos.”⁹⁵

Para além da questão das alterações climáticas, é de destacar o facto de que o troço litoral, que abrange a Costa de Caparica “(...) *tem sido sujeito, desde os anos 30 do século XX, a uma forte pressão urbanística.*”⁹⁶ e comercial. De facto, terá sido esta *ocupação intensiva* da frente litoral o principal fator gerador de tais consequências nefastas, espelhadas no desordenamento do território, no agravamento de situações de risco, como temporais e galgamentos do mar, e ainda na crescente artificialização da linha de costa. No caso do tecido urbano, verificamos que a edificação em excesso e demasiado próxima da linha costeira, acabou por gerar a necessidade de realização de obras urgentes de defesa costeira, como forma de “*atrasar*” o processo progressivo de recuo da linha de costa. Também a ausência de preservação das linhas de água, e dos canais naturais de escoamento das águas, resultou numa má gestão dos solos e potenciou, mesmo, a sua impermeabilização.

Tenho, neste ponto, de realçar, as *alterações bruscas* que têm ocorrido na frente oceânica onde se insere a Costa de Caparica, sobretudo num passado mais recente. No entanto, não poderemos afirmar que estas alterações se devem às atividades humanas que foram praticadas no

95 BESSA, Margarida. (Janeiro de 2021). “Projetar no Limite: o avanço do mar e as dinâmicas urbanas na linha de costa”. Unidade Curricular de Urbanismo Ecológico. Mestrado Integrado em Arquitetura. DAU. ISCTE-IUL. p. 1

96 OLIVEIRA, Marta Neves Simões Correia de. (2015). “Evolução Natural e Antrópica – Trafaria-cova do vapor-costa de Caparica”. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. p. 5



Figura 162 - Contraste entre a cidade e a duna - cordão dunar replantado, no âmbito da intervenção do programa Reduna (Outubro de 2020)



Figura 163 - Contraste entre a cidade e a duna - cordão dunar das praias urbanas, após a intervenção de reordenamento do programa Polis (Outubro de 2020)



Figura 164 - Francisca Parreira, Arribas de erosão nas dunas, Praia de São João da Caparica (3 de Março de 2018), Cibersul



Figura 165 - Enric Vives-Rubio, O mar não tem dado descanso aos moradores na Caparica neste Inverno (16 de Fevereiro de 2014)

século XVIII, à época da colonização deste território, na atual cidade da Costa de Caparica. De facto, as únicas atividades primárias que eram aqui praticadas durante este período, consistiam na pesca e na agricultura. A *pesca* era praticada como atividade de subsistência e, por essa razão, não afetava (e não afeta), de forma drástica, o ecossistema marinho e as reservas naturais de peixe (pelo menos na sua origem, quando era praticada usando, exclusivamente, o método da arte xávega, tal como hoje ainda se usa, mas com menos expressão). Para além da pesca, uma das atividades primárias que surgiu, à época da colonização da atual cidade, foi a *agricultura*, praticada nos terrenos arenosos e bastante férteis do sopé da arriba fóssil (os pescadores recorriam a esta atividade quando os invernos eram rigorosos e a escassez de peixe era mais acentuada, utilizando mesmo algas e espinhas de peixe, para fertilizar os terrenos). Podemos, assim, reconhecer que ambas estas atividades exploravam os recursos naturais de forma sustentável.

Na realidade, o impacto humano agravou-se com a implantação de um elevado número de *habitações* junto à frente de mar, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, situação esta que se deveu à grande atração da cidade como estância balnear e turística. Para além de novas habitações, foram construídas novas infraestruturas, tais como hotéis, pensões e pequenos alojamentos, bem como um conjunto de equipamentos de apoio aos fluxos de turistas balneares, como os estabelecimentos de banhos. Verificou-se então, no seguimento desta situação, que “(...) o ritmo de crescimento urbanístico (...) começava a ser preocupante pois era alheio a qualquer plano ou ordenamento e a característica inicial de pequena aldeia de pescadores começava a

desaparecer.”⁹⁷ Com o “boom” demográfico, motivado por esta nova atração exercida pela cidade, veio a criação de novos bairros residenciais, bem como a criação de novos aglomerados demasiado perto da linha de praia. O grande *aumento demográfico* trouxe, por sua vez, a necessidade de construção de uma nova travessia rodoviária e ferroviária sobre o Tejo – a atual Ponte 25 de Abril. Para além da ponte, há que mencionar o impacto das estruturas industriais e dos cais de embarque da Trafaria, elementos que acabariam, também, por influenciar as correntes oceânicas e, conseqüentemente, o fluxo natural de sedimentos arenosos.

Uma questão sensível, que se encontra hoje presente na Costa de Caparica, e que constitui um grave problema, consiste na edificação de génese ilegal, correspondente aos *parques de campismo* localizados a sul do término do paredão. Estes parques, que hoje já não são maioritariamente de campismo, mas sim de 1ª habitação precária de muitas famílias, ocupam uma extensa área de areal e assentam, sobretudo, sobre o cordão dunar primário da faixa costeira. Este problema tem perdurado no tempo e tem, sobretudo, perpetuado a permanência de pequenas habitações, sem condições mínimas, sobre as dunas e numa grande e perigosa proximidade face à linha de mar. Esta situação veio contribuir, assim, para a destruição dos ecossistemas naturais de influência marítima, e em particular do *sistema de dunas*, destruindo a sua estrutura agregadora e provocando o desaparecimento da vegetação dunar.

97 OLIVEIRA, Marta Neves Simões Correia de. (2015). “Evolução Natural e Antrópica – Trafaria-cova do vapor-costa de Caparica”. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. p. 41

Todas estas alterações, ocorridas nesta frente oceânica, acabam por se materializar na *erosão* do solo marinho, conduzindo assim a um *recuo* acentuado, e cada vez mais acelerado, da linha de costa. Nalguns troços, tais como aquele que se estende entre as localidades da Cova do Vapor e de São João da Caparica, tornou-se frequente a ocorrência de eventos naturais, como temporais, tempestades, galgamentos e períodos de grande agitação marítima, sobretudo, desde a década de 90 do século XX. Esta agitação marítima acaba por potenciar um fluxo de transporte de sedimentos, no sentido sul-norte, o que provoca a redução do areal das praias. Este fluxo “(...) *resulta da ação das marés sobre o banco de areia do Bugio, sendo que as areias acabam por ser depositadas a norte, assoreando desta forma as frentes de áreas como a Trafaria e, pelo contrário, “despindo” a frente litoral da Costa de Caparica.*”⁹⁸ Este problema é, ainda, agravado pelas *infraestruturas* das barragens fluviais, uma vez que estas retêm as areias e diminuem, assim, o fluxo de sedimentos no litoral. Para além das barragens, é importante mencionar a construção do Terminal Cerealífero da Trafaria, atual *Silopor*, estrutura esta que foi responsável, em grande parte, pelo fenómeno agravado de acentuada acumulação de areias, uma vez que funcionou como barreira à circulação natural dos sedimentos e provocou, assim, um desequilíbrio no ecossistema marinho. Por esta razão, temos hoje um extenso areal, na zona dos Torrões da Trafaria, contrariamente ao que acontece na Costa de Caparica.

98 BESSA, Margarida. (Janeiro de 2021). “Projetar no Limite: o avanço do mar e as dinâmicas urbanas na linha de costa”. Unidade Curricular de Urbanismo Ecológico. Mestrado Integrado em Arquitetura. DAU. ISCTE-IUL. p. 19

O problema da erosão acaba, assim, por ser agravado pelo fenómeno de subida do nível médio das águas do mar, sendo que este nível do mar, “(...) *juntamente com os processos de erosão e/ou fornecimento de sedimentos ao litoral controlam a evolução dos litorais, nomeadamente a situação de avanço ou recuo da linha de costa.*”⁹⁹ A par desta situação, que afeta globalmente o planeta, devo mencionar também o facto de a evolução da frente de mar caparicana se encontrar plenamente interligada com o contexto de evolução da designada “*golada do Tejo*”. Esta “*golada*” consiste num antigo banco de areia, que unia a Cova do Vapor ao ilhéu do Bugio, tendo este banco de areia, progressivamente, recuado até desaparecer por completo. No entanto, enquanto foi existente, esta “*língua*” de areia funcionou como um esporão natural, bastante eficaz na retenção de sedimentos, tendo desaparecido devido, em grande parte, à realização de operações de dragagem no rio Tejo. Estas dragagens tinham o objetivo de fornecer sedimentos para a construção dos novos aterros da praia de Belém e Algés (por volta de 1930), e também da doca de pesca de Pedrouços (1950/1960).

Antes de passar a analisar alguns projetos de arquitetura e também exemplos de intervenções litorais que compuseram um quadro de *referências* para a concretização da proposta de projeto de arquitetura por mim desenvolvida, podemos concluir que a Costa de Caparica constitui uma área de grande complexidade ambiental e que deve ser protegida.

99 OLIVEIRA, Marta Neves Simões Correia de. (2015). “Evolução Natural e Antrópica – Trafaria-cova do vapor-costa de Caparica”. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. p. 5



Figura 166 - Cova do Vapor, Vista aérea (detalhe) - antiga “golada do Tejo”, ou do “Bugio”



Figura 167 - Margarida Bico, Esporão da Cova do Vapor e vista do Forte ou Torre de São Lourenço do Bugio (2015)

Hoje, prevalece a presença de elementos naturais, estruturantes do território da cidade, tais como a *arriba fóssil*, os *terrenos agrícolas*, as *matas* e, sobretudo, a frente de mar e o seu importante *sistema de dunas*. São estes elementos que estruturam a ação humana e que nos proporcionam cenários de lazer e de pura fruição, impondo-se, pelos motivos apresentados, a urgente minimização do impacto da construção humana, bem como a preservação das riquezas do património natural. Não devemos, pois, esquecer que o fenómeno, de recente aceleração, do processo de recuo da linha de costa poderá, num futuro próximo, colocar em perigo a faixa litoral de praias urbanas, bem como toda a população que junto a ela se encontra a habitar ou a trabalhar.



Figura 168 - Ambiente de vivência marinho-campesina, proporcionado pela riqueza natural e paisagística da Costa de Caparica (Novembro de 2020)

Projetos de referência

Após caracterizar o lugar, nas suas componentes física e simbólica, e após reconhecermos a importância da memória e das pessoas para a sua construção, passo agora a mencionar, justificando, um conjunto de *projetos de arquitetura* e de *intervenções costeiras* que, de alguma forma, acabaram por constituir um importante “*quadro de referências*” para o desenvolvimento da estratégia e do projeto de arquitetura por mim realizado. Irei, então, dividir estas referências em duas categorias, em consonância com dois diferentes âmbitos: a intervenção alargada, à escala da *paisagem*; e a intervenção particular, à escala do *objeto arquitetónico*. Dentro das intervenções projetuais realizadas ao nível da escala do edifício, devo também criar três subcategorias associadas aos elementos específicos que, para mim, constituíram uma fonte de referência: os *casos de estudo principais*; as referências *secundárias*, no âmbito do modo de organização de um programa cultural com uma vertente museológica e ligada à arte xávega e ao mar; e, por fim, os projetos de referência, associados a uma reinterpretação da tradição construtiva e humana dos pescadores, ao nível dos sistemas estruturais e da materialidade.

Começando pelas ocorrências à escala da *paisagem*, devo referir, numa breve síntese, as várias intervenções, ao nível da frente litoral, incluindo as obras de *defesa costeira*, que foram concretizadas, ao longo do tempo, na Costa de Caparica. O conhecimento e estudo deste conjunto de intervenções permitiu conhecer melhor as *caraterísticas geofísicas* associadas ao ecossistema da frente marítima da cidade, para além de ter permitido um entendimento alargado das suas *problemáticas* e dos respetivos *desafios* que se impõem para a sua resolução. A partir do início

do século XX, verificamos que a frente de mar da Costa de Caparica tem sido sujeita a vários planos de intervenção, uns com o caráter de *reestruturação* e outros com um caráter, mesmo, de *urgência*, para além de outros que não chegaram sequer a ser iniciados ou que ficaram mesmo por concluir. Irei, agora, debruçar-me, essencialmente, sobre as intervenções de caráter *urgente*, com vista à proteção imediata do edificado que se encontra próximo da *linha de mar* (refiro-me, aqui, aos apoios de praia), e com o objetivo de “*atrasar*” o processo de erosão marinha e o crescente avanço do mar sobre a costa.

A primeira obra de defesa costeira que se encontra registada ocorreu em 1964 e baseou-se, essencialmente, na colocação de *blocos de pedra*, provavelmente provenientes do corte que se tinha realizado na arriba fóssil (para a construção da atual estrada IC20), ao longo da frente de praias, com o intuito de proteger a integridade do sistema de *dunas*. Estes blocos foram cobertos com areia e terão sido descobertos no contexto da realização de intervenções posteriores e graças à ação de violentos temporais que os colocaram à vista. Mais tarde, em 1969, foi realizada uma intervenção na Cova do Vapor, consistindo basicamente na construção de um conjunto de estruturas transversais à linha de mar – *os esporões* –, para além de uma nova estrutura longitudinal – *o paredão*. Partindo desta primeira intervenção, foram construídos, mais tarde, *sete novos esporões*, já ao longo da frente litoral de praias urbanas da Costa de Caparica (entre 1969 e 1971). É em 1971 que se regista, pela primeira vez, uma outra intervenção costeira, referente a ações de *alimentação artificial* do areal das praias. Esta intervenção possuía o objetivo principal de minimizar os impactos negativos, sobretudo no período do inverno, resultantes dos galgamentos de mar, para além de ambicionar a *reconstituição do perfil das*



Figura 169 - Tiago Petinga, Reposição de areias nas praias da Costa de Caparica (25 de Fevereiro de 2014), SIC Notícias

praias, tornando assim possível a sua utilização durante a época balnear. Esta estratégia materializou-se através da colocação, ao longo das praias, de *areias dragadas* do canal de navegação do rio Tejo.

Após estas primeiras intervenções, foram sendo realizadas, ao longo do tempo, várias reparações nas novas estruturas, tendo algumas destas coincidido com o início da implementação na frente marítima da estratégia do programa *POLIS* (entre os anos de 2006 e de 2007). Este é um dos projetos que, não tendo sido concluído, preconizava a *qualificação* da cidade, através de parcerias com a autarquia local e, também, com o Ministério das Cidades, do Território e do Ambiente. Dentro da estratégia geral do *POLIS*, o plano de intervenção que, em particular, constituiu uma referência importante para o pensamento sobre a frente de mar, foi o plano designado por *Costa Polis* (programa Polis na Costa de Caparica) e, especificamente, o Plano de Pormenor das *Praias Urbanas PP1*. Tendo sido implementado até ao ano de 2013, é importante referir que “*Uma das razões que levou a Costa de Caparica a ser incluída no Polis foi a sua vertente ambiental.*”¹⁰⁰, tendo este programa, neste sentido, o objetivo principal de remodelar as obras de defesa costeira longitudinais realizadas no passado (o paredão) e também de *requalificar o espaço público* com a criação de novas áreas equipadas (parques infantis, restaurantes, apoios de praia).

100 ROCHA, Miguel Afonso. (2011). “Estruturação de Áreas com Valor Ambiental e Paisagístico na AML – caso de estudo Polis Costa de Caparica”, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura com especialização em Gestão Urbanística. Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitetura. p. 30



Figura 170 - Costa de Caparica, Praias urbanas após a intervenção do programa Costa Polis, 2009, Programa Polis - Plano de Pormenor 1 - Praias Urbanas

No caso particular dos apoios de praia, estes foram construídos com o intuito de albergar novos programas de restauração, de bares e de escolas de surf, tendo sido reabilitado o paredão por constituir um elemento importante no plano urbano da cidade e também por ser fundamental para o usufruto lúdico da frente de praias. Além de requalificar a frente de praias urbanas, este plano preconizava a consolidação do troço de “*praias de transição*”, através do Plano de Pormenor das *Praias de Transição PP5* (que abrange as praias da Saúde, da Mata e da Riviera, já fora do contexto urbano), para além de defender ainda a realocação dos carris do comboio “*transpraia*” e, finalmente, a construção de novos *estacionamentos e acessos pedonais* à praia, para a proteção do cordão dunar. Um outro aspeto relacionado com a proteção do cordão dunar e que influenciou, em parte, a estratégia de *replantação do sistema dunar* (proposta pelo grupo de investigação “*Entre o Mar e a Terra*”, e desenvolvida mais em detalhe no projeto do Centro de Interpretação da Arte Xávega), foi, exatamente, a estratégia de replantação da duna concretizada pelo Polis. Nesta ação de recuperação dunar, recorreu-se a um tipo vegetal o mais aproximado possível do *coberto vegetal original* da faixa de dunas costeiras, aspeto que acabou por ser replicado, por mim, no desenvolvimento do enquadramento paisagístico do *Pólo das Pescas* (conjunto de novos programas, nos quais se inclui a proposta do novo Centro de Interpretação da Arte Xávega).

Uma outra intervenção que deve ser referida, no contexto da proteção das dunas, consiste no programa *ReDuna*, ou seja, “*Recuperação e Restauração Ecológica do Sistema Dunar de S. João da Caparica*”, realizado em 2018. Esta intervenção foi motivada pela destruição que tem ocorrido ao longo das praias da Costa de Caparica, e em particular no troço que abrange a localidade de São João da Caparica, sendo de notar,

à época anterior à intervenção, o acentuado recuo do nível do areal, bem como a destruição, quase completa, do troço do sistema dunar frontal (devido a tempestades e galgamentos do mar). Neste sentido, o ReDuna implementou um projeto de *recuperação ecológica do sistema dunar*, permitindo assim uma melhor *proteção* costeira através da estruturação do cordão dunar das praias de São João.

Todas as intervenções, acima sintetizadas, do programa Costa Polis, com particular enfoque nos Planos de Pormenor das Praias Urbanas e das Praias de Transição, bem como do projeto “*ReDuna*”, acabaram por constituir uma referência fundamental, ao nível do desenvolvimento de um projeto e da definição de uma estratégia para ordenamento de uma frente litoral. No entanto, e referindo-me em particular ao Costa Polis, estas intervenções traduziram-se, nalguns casos, em práticas que acabaram por resultar em consequências *negativas* para a paisagem e, sobretudo, para a frente de mar. Não podemos negar o impacto positivo deste plano, na criação de uma *ordem e organização na frente de mar*, algo que não existia no passado; mas temos também de referir alguns aspetos nefastos associados à implementação deste plano e que poderão não ter sido previstos aquando da sua conceção. Um desses aspetos prende-se com a construção da linha de *apoios de praia* sobre zonas que, à data da intervenção, consistiam ainda em áreas com vestígios do primitivo *cordão dunar primário* e que deveriam ter sido protegidas na sua integridade. Hoje, este cordão dunar encontra-se, praticamente, *destruído*, não existindo já qualquer vestígio da sua cobertura vegetal original (sobretudo no troço de praias junto à frente construída da cidade).

Por outro lado, a ausência de *ações de manutenção*, ao nível dos



Figura 171 - Rui Granadeiro, Costa da Caparica, Praia de São João da Caparica (2016)



Figura 172 - Rui Granadeiro, Costa da Caparica, Praia de São João da Caparica (2016)

materiais de construção que compõem os apoios de praia (madeira), bem como os apoios de pesca junto à lota, resultou no seu progressivo desgaste e, consequentemente, na *degradação* do aspeto exterior e da ambiência de toda a frente de praias. Segundo um outro ponto de vista, apesar de trazer um novo ordenamento à frente de praias, a concretização deste plano acabou por não ter em conta o passado, o legado histórico e a *memória coletiva* do sítio. Ao erradicar, por completo, os vestígios da antiga povoação de pescadores (materializados no conjunto de cabanas que, na década de 80, ainda persistiam no areal), este plano trouxe *organização* e um ambiente adequado à frente de mar, ao nível da imagem e da *higiene urbana*, mas acabou por desvalorizar uma importante e forte *memória* associada à prática da pesca com arte xávega. No âmbito de uma lógica fortemente ancorada na *exploração económica* das frentes litorais das cidades, realizaram-se ações que elevaram o potencial *balnear* e paisagístico do lugar da Costa de Caparica, afastando, no entanto, os elementos importantes que acabam por construir a *identidade* deste lugar. Por estes motivos, poderemos afirmar que, em parte, “(...) o *Polis deixou (...) um rasto de descaracterização e artificialização da cidade onde as raízes de aldeia de pescadores foram totalmente apagadas, (...)*”.¹⁰¹, e em grande parte devido à ausência de um estudo aprofundado acerca da área de intervenção e das suas singularidades, ao nível natural, histórico e social.

101 OLIVEIRA, Marta Neves Simões Correia de. (2015). “Evolução Natural e Antrópica – Trafaria-cova do vapor-costa de Caparica”. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. p. 70

Passando, agora, à análise dos casos de estudo, que constituíram as fontes de referência principais para a realização do meu projeto do Centro de Interpretação da Arte Xávega e no âmbito das intervenções à escala do objeto arquitetónico, devo mencionar, em primeiro lugar, o *Museu Tirpitz*. Este museu encontra-se localizado na cidade de Blåvand, na Dinamarca, e foi projetado pelo coletivo BIG, tendo sido concretizado entre 2011 e 2017. Começando com uma breve descrição nuclear das *caraterísticas principais* deste projeto, devo referir, primeiramente, o facto de este se encontrar implantado numa *zona costeira*, marcada pela existência de um “*bunker*”, construído durante a segunda guerra mundial e inserido no âmbito de um conjunto de barreiras militares de defesa da costa que constituíam o, à época, denominado “*muro atlântico*”. Com uma área de implantação de 2800 metros quadrados, a arquitetura deste novo museu, construída à base de *luz* e de *aberturas*, constitui uma antítese, em relação à arquitetura do bunker da II Guerra Mundial, que consiste num objeto de cariz pesado, fechado, escondido e “*monolítico*”. Em termos da estruturação espacial do programa cultural, este museu é composto por quatro *galerias de exposição*, semienterradas e que surgem integradas na paisagem das *dunas* a partir de um conjunto de *percursos pedestres*.

Estes quatro percursos descendem e conduzem o visitante até um *ponto de encontro*, central e exterior, criando assim um ambiente de “*oásis*” no meio da paisagem dunar, introduzindo a luz natural nos interiores das quatro galerias de exibição. É a partir deste pátio central que se torna possível aceder a cada uma das quatro galerias - que estão vocacionadas para a exibição de exposições - de carácter permanente e temporário, dedicadas à história militar do sítio e aos seus recursos naturais. Ao nível da construção, os materiais aplicados neste projeto são, essencialmente,



Figura 173 - BIG, Museu Tirpitz, Blåvand, Dinamarca (2011-2017) - vista aérea do projeto em simbiose com os percursos existentes e integrando-se na paisagem das dunas



Figura 174 - BIG, Museu Tirpitz, Blåvand, Dinamarca (2011-2017) - planta de cobertura do projeto, evidenciando a conexão com os percursos existentes e o bunker

o *betão*, o *aço*, o *vidro* e a *madeira*. O betão compõe as *paredes* que limitam os quatro núcleos de exibição, estruturando o suporte natural das dunas no qual se escavou, suportando ainda as “*peças*” das coberturas que são também percorríveis. Ao nível dos *interiores*, o principal material utilizado foi a madeira e também o aço laminado a quente, sendo ainda de mencionar, ao nível das fachadas, a existência de grandes *painéis de vidro*, virados para o pátio central e que permitem a *iluminação* abundante das galerias de exposição.

Este projeto constrói, desta forma, um novo ponto de encontro, de cariz cultural, que homenageia e dá voz à *herança histórica e humana do lugar*, criando o espaço físico no qual a mesma pode ser difundida e partilhada. Este é o princípio geral que serviu de referência base para a conceção e desenho do espaço do Centro de Interpretação da Arte Xávega: criar um espaço destinado à *preservação da memória humana* e que, simultaneamente, e através da sua forma, preservasse também a memória de uma *paisagem* virgem, inalterada ou reconstruída pelo Homem. Como elementos naturais comuns às realidades dos dois projetos, temos o ecossistema costeiro das *dunas*, no qual se implantam os edifícios e que, ao mesmo tempo, os definem e modelam. Numa linha de pensamento que segue uma abordagem de *sustentabilidade* ao nível da construção e da paisagem, foi tida como referência a forma como o projeto de arquitetura do Museu Tirpitz se insere e, de certa forma, fica *camuflado* no terreno das dunas, mantendo, assim, a integridade da paisagem e criando um espaço vocacionado para uma vivência *interior/ exterior*. Também um elemento comum ao local de implantação dos dois projetos, e particularmente no caso do museu Tirpitz, é um conjunto de caminhos pedestres, “*desenhados*” pelo movimento das pessoas e que,



Figura 175 - BIG, Museu Tirpitz, Blåvand, Dinamarca (2011-2017) - ponto de encontro central, no qual culminam os quatro novos caminhos que definem os espaços de galeria

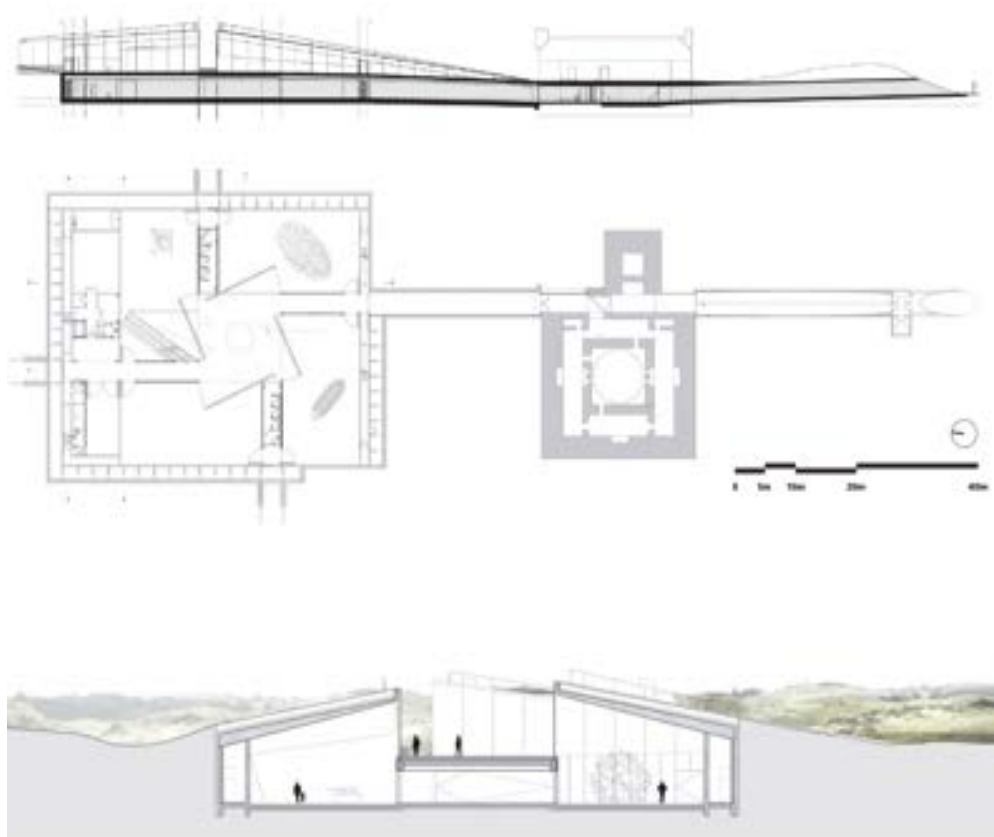


Figura 176 - BIG, Museu Tirpitz, Blåvand, Dinamarca (2011-2017) - planta e secções transversais, evidenciando a integração das galerias, de forma subterrânea, nas dunas



Figura 177 - BIG, Museu Tirpitz, Blåvand, Dinamarca (2011-2017) - espaço interior de uma das quatro galerias expositivas, que se desenvolvem em torno do ponto de encontro central; destaco a materialidade do betão, as superfícies envidraçadas e a luz

neste projeto, são reinterpretados e valorizados através do projeto de arquitetura. Um outro elemento, que constitui uma importante referência, consiste na *cobertura* destas galerias que, para além de ser percorrível, é revestida, ao nível do pavimento, com solo de areia, permitindo a criação de um ponto de *miradouro* para a observação do mar e, também, de um elemento de *continuidade* natural com a paisagem costeira. Por último, um outro elemento que se revelou como uma referência estruturante para a proposta do Centro de Interpretação da Arte Xávega foi o espaço do *pátio central*, ou ponto de encontro, que não só unifica e conecta os quatro núcleos, simultaneamente independentes, das galerias de exibição semienterradas, como também consiste no próprio *elemento gerador* de dinâmicas espaciais e da iluminação natural dos interiores.

O segundo caso de estudo, que constituiu uma das referências principais que “*contaminaram*” o projeto do Centro de Interpretação da Arte Xávega, é o *Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos*, localizado na Horta, no arquipélago dos Açores, e projetado pelo arquiteto Nuno Ribeiro Lopes (e finalizado entre 2006 e 2008). Começando por uma breve descrição das *caraterísticas principais* deste projeto, refiro, primeiramente, que a construção, deste centro interpretativo, vem dar forma a um edifício que conta a história da formação da ilha do Faial, através de uma *erupção vulcânica* ocorrida no final da década de 50 do século XX. Alterando, profundamente, a paisagem da ilha, esta erupção acabou por deixar enterrado nas cinzas um *farol* que se encontrava posicionado no seu topo mais alto. *Relembrar* este momento particular na história do arquipélago dos Açores, nomeadamente as suas consequências, bem como destacar a sua importância para a vulcanologia, foram as premissas que originaram esta proposta de projeto de arquitetura. Partindo da

intenção de estabelecer no local um espaço de *centro interpretativo*, o objetivo desta nova estrutura seria o de preencher uma *lacuna* há muito deixada na paisagem pelo vulcão e, também, o de transformar o *farol* e a sua envolvente próxima. Para além disso, revelaram-se importantes, como princípios geradores do projeto, a preocupação com a preservação da ruína do farol, com a recuperação e *reabilitação da paisagem* e, neste sentido, com a criação de uma *nova imagem* para este território, através de um equipamento capaz de contar a sua *história* (desde a construção do farol, passando pela erupção vulcânica e chegando aos dias de hoje).

A chegada do visitante ao edifício que aloja o centro de interpretação é realizada através de um *caminho pedestre*, cujo início se localiza num ponto que permite a observação, simultânea e a longa distância, quer do vulcão, quer do farol. A partir deste *ponto de observação* dos elementos notáveis da ilha, o visitante é convidado a percorrer o caminho pedestre que se desenvolve ao longo de troços marcados pela riqueza geológica, particularmente associada à pedra basáltica. Terminando este caminho pedestre e entrando no centro de interpretação, o visitante inicia, assim, um *percurso* de viagem no tempo, desde o passado até ao presente. Todo o edifício foi construído de forma *subterrânea*, tendo a sua implantação sido estabelecida num local que se manteve intacto, desde o momento anterior à erupção vulcânica e até à atualidade, proporcionando, assim, uma *viagem* através da história e com recurso às diferentes *áreas temáticas* do centro interpretativo. Estas áreas são compostas por conteúdos museológicos, de caráter informativo, científico e de lazer, distribuídos por três *períodos temporais*: antes, durante e depois da erupção vulcânica. Esta viagem, de cariz histórico, inicia-se no *foyer circular*, um espaço de cariz particular que se implanta exatamente numa área do terreno,



Figura 178 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - vista aérea do projeto, com destaque para os caminhos pedestres e para o gesto, delicado, de marcação da presença do edifício, enterrado - através de uma abertura contínua de luz zenital



Figura 179 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - pormenor da entrada principal no foyer do espaço museológico e destaque para a modelação integradora na paisagem

correspondente ao período de pré-erupção, terminando o percurso junto às ruínas do antigo farol da ilha. Possuindo também uma entrada independente, o farol adquiriu a principal função de ponto de observação ou *miradouro*, para toda a paisagem vulcânica da ilha.

Este projeto constitui, desta forma, uma importante referência para a minha conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega, uma vez que consiste num espaço arquitetónico vocacionado para a *preservação da memória*, relacionada com um evento importante que transformou o território do lugar. Um elemento que constituiu, neste sentido, uma referência vital para o meu projeto foi a forma quase “*simbiótica*”, como o arquiteto desenhou o seu projeto do centro de interpretação, permitindo minimizar o eventual impacto negativo que poderia provocar uma construção/edificação dita “*tradicional*”. Partindo deste princípio, reforçou-se assim, a *integração* da arquitetura na paisagem vulcânica, para além de se potenciar uma melhor *apreensão pelo visitante* das características específicas desta paisagem. Deste modo, o *percurso físico*, associado ao espaço do centro interpretativo e às suas várias áreas expositivas, confunde-se com o *percurso interpretativo* de descoberta da paisagem, permitindo quer uma abordagem mais científica, quer uma apreensão mais *emocional*. Para este processo de *integração* foi também importante a participação ativa da *população* local, particularmente, em termos da definição, da conceção e do desenho dos espaços expositivos, transformando assim o ato de projetar numa atividade de “*laboratório*”, transformando-se a mesma, numa *unidade*, de caráter contínuo, entre o edifício, os seus conteúdos museológicos e a paisagem. É também neste princípio de *articulação da arquitetura com a paisagem* e também com as *pessoas* do lugar, que encontrei um importante ponto de referência para

a conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega, uma vez que foi tomada a opção de “*camuflar*” o objeto arquitetónico na paisagem, ao invés de o destacar e de “*forçar*” a sua presença no território. Para além disso, foram valorizados elementos como pontos de observação e *miradouros* que fortalecem a relação com a totalidade do território, elementos estes que constituíram, também, uma referência basilar.

Em vista aérea, e a partir do exterior, os únicos elementos que nos dão conta da presença de um edifício no terreno são os *caminhos pedestres* de acesso à entrada do centro interpretativo, e ainda dois pontos, a partir dos quais nos apercebemos da existência de um espaço a um nível subterrâneo. Estes dois pontos consistem em dois sistemas que permitem *entradas de luz zenitais*, quer seja através de um “*friso*” de luz contínuo em torno do limite da laje circular de cobertura do foyer, quer seja através de um elemento como um “*telescópio*”, que permite a entrada de uma *luz focal* nos interiores. Para além da questão da utilização de percursos pedestres e de elementos de entrada de luz, como gesto de marcação “*sóbria*” da *presença do edifício no lugar*, devo destacar como elemento de referência, a criação de espaços com um carácter *simbólico* e com uma ambiência particular, proporcionados pelo controlo na entrada da luz e pela modelação espacial dos interiores. Ao existir este controlo, cria-se um ambiente especial, que nos faz sentir como se estivéssemos escondidos numa “*bolha*”, ou numa “*toca*”, isolando-nos face ao que acontece à superfície e, ao mesmo tempo, aproximando o visitante do interior da “*terra*” e do suporte vulcânico da paisagem da ilha. Por último, devo referir que esta forma de desenhar os espaços arquitetónicos e expositivos do centro interpretativo constituiu uma importante referência para a conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega, não só pela sua “*imersão*” total



Figura 180 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - pormenor do espaço circular do foyer, com destaque para a modelação das superfícies através da entrada de luz zenital, e para o betão



Figura 181 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - pormenor do telescópio, para a entrada de uma luz focal nos espaços

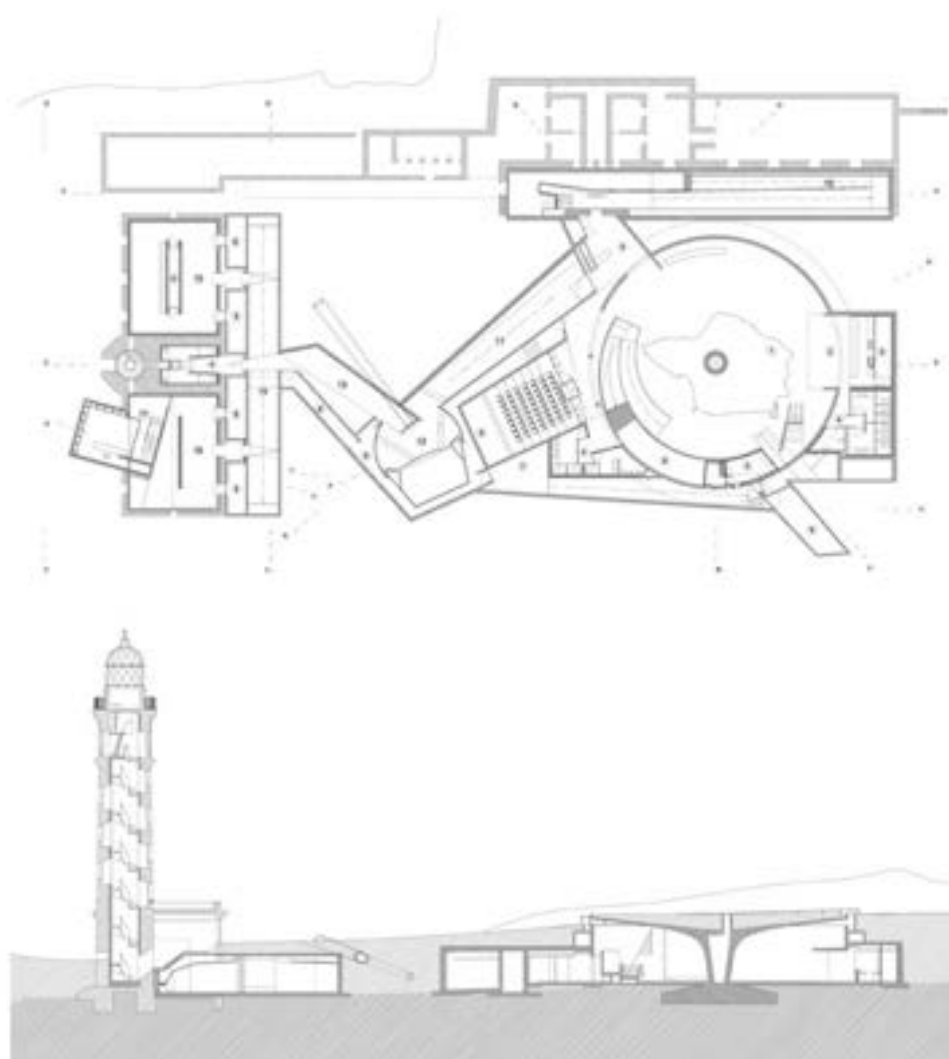


Figura 182 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - organização, em planta e corte transversal, dos espaços expositivos, conectados com a estrutura do antigo farol



Figura 183 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - pormenor da articulação do projeto com a estrutura do antigo farol

na paisagem do lugar, mas também pela criação de qualidades espaciais que permitem a também “imersão” total do visitante no território da ilha do Faial.

Entrando, seguidamente, no grupo de projetos de referência, de caráter secundário, e que me permitiram compreender melhor a *organização de um programa cultural* com uma vertente museológica ligado à arte e ao mar, começo por mencionar o *Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA*. Este projeto encontra-se localizado em Qinhuangdao, na China, e foi concebido pelo coletivo Open Architecture, tendo sido concluído em 2018. À semelhança do lugar onde se insere o Centro de Interpretação da Arte Xávega, o museu da Fundação UCCA também se encontra implantado numa zona de *duna*, e mais especificamente numa praia deserta, localizada na Baía de Bohai.

Todo o complexo edificado deste museu das dunas encontra-se *enterrado* na areia, fundindo-se e quase que “*desaparecendo*” na paisagem dunar, aspeto este que constituiu uma importante referência ao nível da implantação na paisagem, para a conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega. Tal como acontece na Costa de Caparica, também aqui as dunas consistem num *ecossistema* bastante delicado, sendo este construído e “*esculpido*” pelos ventos que sopram sobre as areias da praia, e também pela *vegetação rasteira e arbustiva*, a qual fixa as areias com as suas raízes, e que aloja uma ampla biodiversidade. Desta forma, tal como as crianças constroem castelos na areia e, no caso da Costa de Caparica, brincavam ao “*galeão*” e aos piratas, também este museu é “*escavado*” na duna, de forma a proporcionar-se a criação de espaços *interconectados*. Para além desta conexão, quase ao nível de um “*formigueiro*”, estes

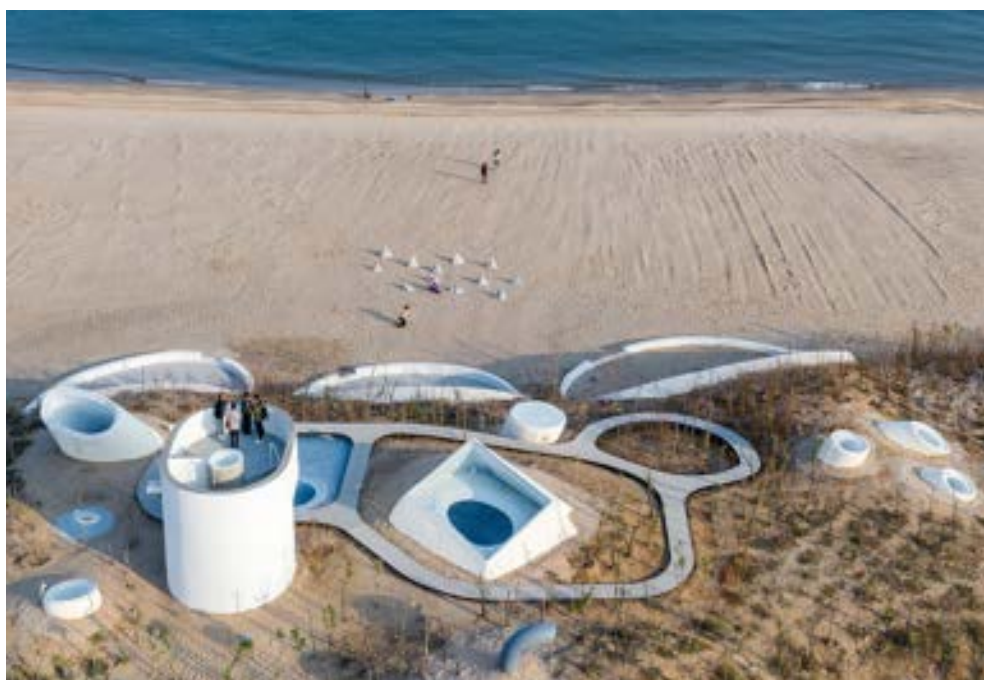


Figura 184 - Open Architecture, Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA, Qinhuangdao, China (2018) - vista aérea, com destaque para a integração da arquitetura na paisagem e relevo das dunas

espaços são moldados de forma orgânica, sendo envoltos pelo solo de areia das dunas, resultando em zonas de “*caverna*” ou de “*abrigo*”. Também este aspeto se revelou uma importante referência na conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega, não só por “*camuflar*” o edifício na paisagem dunar, mas também por criar espaços com uma modelação particular e com uma ambiência interessante que remetem o visitante para outras dimensões, evocando *universos de memórias* e que induzem sensações associadas a um sentido de “*pertença*” ao lugar.

Proporcionando, assim, um *encontro entre o mar e a terra*, o museu das dunas procura um reencontro com os espaços *atemporais e primitivos* que marcam a memória dos tempos e com os quais nos relacionamos de um modo muito familiar. O objetivo principal desta construção é, não só *reavivar a memória* associada a estes espaços primitivos, como também preservar as *dunas* e impedir, ao mesmo tempo, o avanço, não do mar, mas sim da construção de novos empreendimentos imobiliários. Este princípio, associado com a intenção de “*reavivar memórias*”, revelou-se bastante importante para a conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega, sendo que propõe que a arquitetura seja capaz de materializar, na sua forma e textura, as sensações e as vivências associadas à *memória de um lugar* e, em particular, de um lugar localizado numa faixa litoral. Esta arquitetura, no caso do Museu das Dunas, é construída através de espaços com um *caráter fluído*, que se interconectam e que englobam diferentes *galerias* de exibição, bem como através de um espaço de *cafetaria*. Um dos espaços que se destaca pelo seu tamanho e modelação espacial particular é a área da *receção* que se expande e que materializa o ideal da “*caverna*”. As ligações entre estes “*corpos*” do museu são concretizadas através de *túneis*, longos e mais escuros, que contrastam com a *iluminação*



Figura 185 - Open Architecture, Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA, Qinhuangdao, China (2018) - entrada principal e modelação, em betão, dos espaços do projeto, em simbiose com o relevo das dunas

natural e abundante presente nas galerias através de *claraboias* com diferentes dimensões e orientações. Estas aberturas direcionam a visão para o exterior das galerias, tornando também possível a observação, por parte dos visitantes, da *passagem do tempo* (através do sol ou das nuvens).

Outro elemento que concretiza a ligação entre os “*corpos*” do museu é a *escada* em espiral e com um carácter escultórico que conduz os visitantes a um ponto de “*mirante*” na cobertura e que cria um contraste entre o ambiente controlado e contido das galerias e um espaço iluminado de *contemplação* da natureza envolvente. Estas coberturas, e nomeadamente as areias que as revestem, acabam por minimizar as *cargas térmicas*, sobretudo, no período mais quente do verão. Também estes aspetos, relacionados com a fluidez dos espaços e com a sua modelação espacial orgânica, potenciada pela luz natural, constituíram uma importante base de referências, não só por revelarem a associação entre a duna e a arquitetura, através de superfícies com uma forte componente *plástica*, mas também por relacionarem esta arquitetura com a paisagem, através de entradas de *luz* superiores e através de elementos como escadas e pontos de “*mirante*”. Finalmente, também a questão da *materialidade*, aplicada no projeto do Museu da Fundação UCCA, se revelou uma importante referência para a conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega. Sendo composto por espaços com uma elevada *complexidade geométrica*, a tradução desta complexidade nas superfícies realizou-se através da utilização do *betão*, com uma cofragem baseada na forma de *ripas de madeira* (destaco, também, que o espaço foi construído por construtores navais). A *textura* irregular e imperfeita, resultante da cofragem de madeira,



Figura 186 - Open Architecture, Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA, Qinhuangdao, China (2018) - ponto de miradouro para o mar

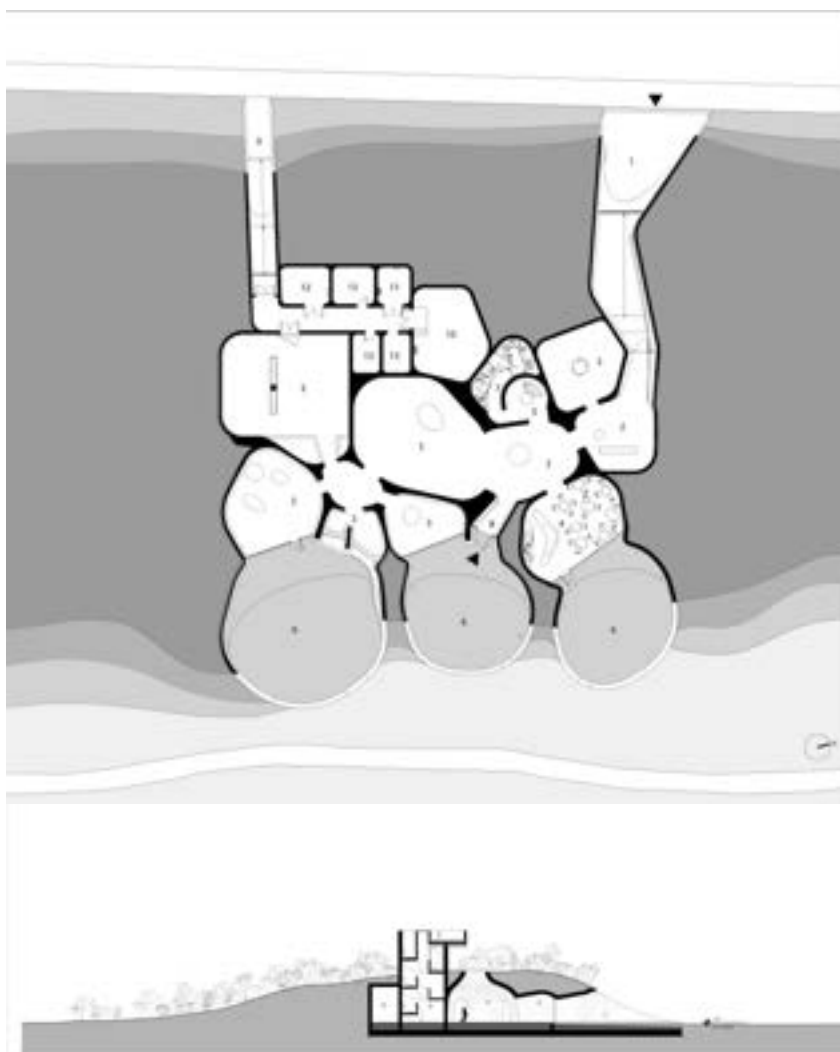


Figura 187 - Open Architecture, Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA, Qinhuangdao, China (2018) - organização espacial, e inserção na duna, do programa do museu, em planta e corte transversal



Figura 188 - Open Architecture, Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA, Qinhuangdao, China (2018) - espaço interior da galeria principal, com destaque para a modelação através da textura do betão e das aberturas de luz zenital

complementa a narrativa dos espaços museológicos e aproxima o visitante da paisagem das dunas.

Ainda dentro do grupo de referências de caráter *secundário*, e a propósito da organização de espaços com um cariz cultural e museológico, tenho de mencionar dois projetos, ambos localizados no *Brasil*, e que materializam não só *estruturas museológicas* e de exibição, como também materializam espaços com um caráter, uma modelação espacial e uma ambiência interior notáveis, capazes de guiar o visitante num *percurso de descoberta*.

Refiro, em primeiro lugar, o OCA, ou *Pavilhão Lucas Nogueira Garcez*, localizado na cidade de São Paulo e projetado por Oscar Niemeyer, tendo sido construído em 1954. Inserido no complexo do “*Parque do Ibirapuera*”, este pavilhão de exposições consiste num edifício de formato *circular* que é definido, essencialmente, por uma peça em *betão* que não só compõe a cobertura, como abarca toda a estrutura do espaço expositivo, peça esta que poderá ser comparada a uma “*casca*”, ou “*pele*”. Ao nível do programa, este pavilhão é composto por variados *espaços expositivos*, para além de um espaço de auditório, ambos desenhados em torno de um elemento gerador, que constitui o *núcleo central* e estruturante de todos os acessos. Em termos de referências arquitetónicas, considereei bastante apelativos não só a ideia de organização interior com recurso a poucos elementos, como um núcleo central ou rampas de ligação, mas também o conceito de “*pele*” associado à cobertura em betão do edifício e a forma como esta permite a criação de uma *ambiência interior* muito particular, para além de proporcionar uma experiência de quase “*submersão*” num universo alternativo e também, em parte, no próprio terreno. Este aspeto



Figura 189 - Oscar Niemeyer, OCA - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, Parque do Ibirapuera, São Paulo (1954) - a aparência exterior de “casca” da cobertura do pavilhão, e detahe da entrada principal

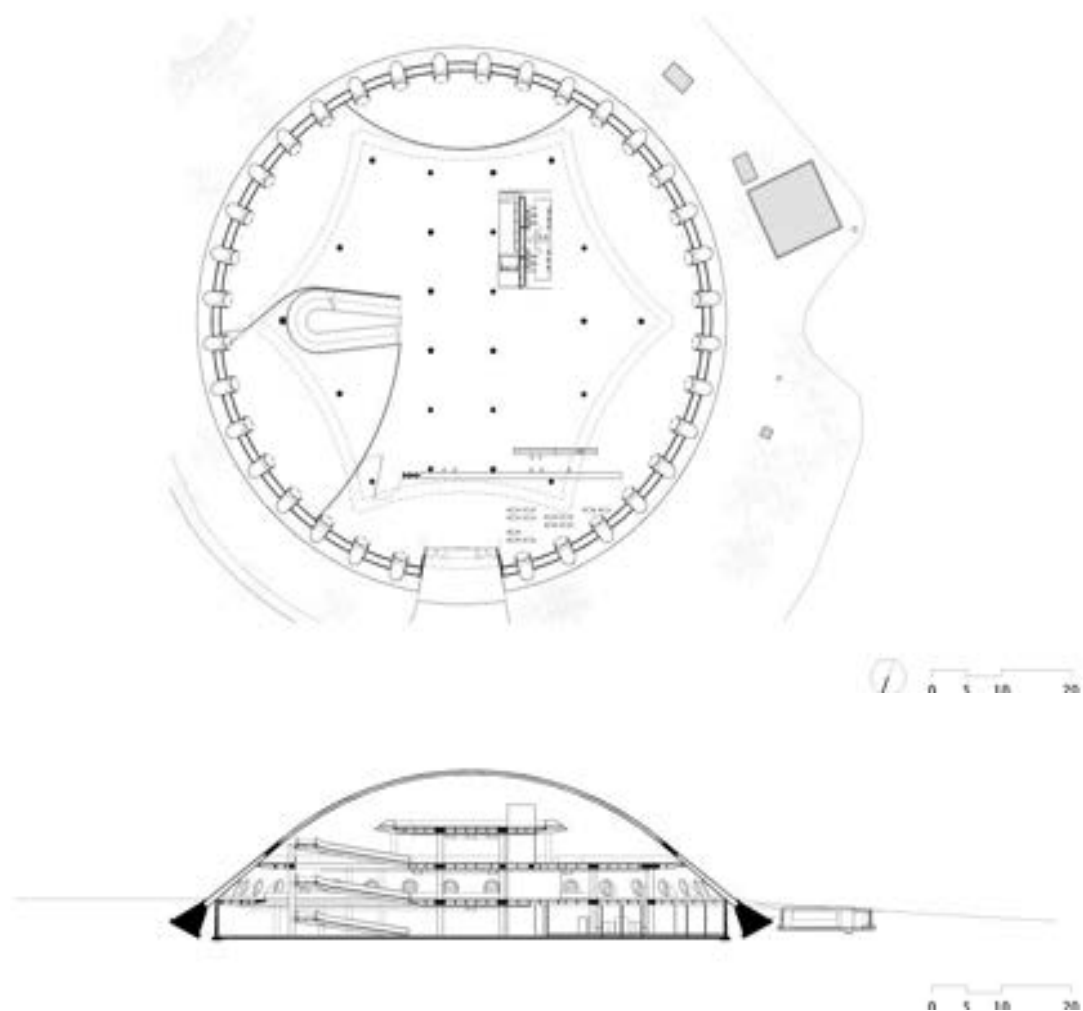


Figura 190 - Oscar Niemeyer, OCA - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, Parque do Ibirapuera, São Paulo (1954) - organização do programa interior, em planta e secção transversal, destacando a estrutura interior, organizada em torno do núcleo central e da rampa



Figura 191 - Oscar Niemeyer, OCA - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, Parque do Ibirapuera, São Paulo (1954) - destaque para a rampa e para o caráter escultórico da modelação dos interiores, em conjugação com a cobertura abobadada

remeteu-me, diretamente, para a ideia de *memória* e para o objetivo de projetar um espaço, capaz de “*transportar*” as pessoas no tempo, através de um *percurso espacial* diferente. Ao nível da entrada do visitante, esta “*casca*” pousa no chão, sendo possível encontrar no seu interior um espaço caracterizado por uma *volumetria imprevista*, semelhante até a uma “*abóbada*”, que acaba por criar uma espacialidade inesperada, mas agradável, potenciada por entradas de luz focal ao nível da entrada térrea no pavilhão.

O acesso principal é feito através de uma “*quebra*”, quase como uma “*fresta*”, no seio da “*casca*” da cobertura, revelando já no seu interior uma disposição espacial inovadora e convidativa. Estes elementos da entrada de luz natural e da *modelação* deste interior “*abobadado*”, consistiram também numa importante referência para a conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega, associados a um espaço interior de *formato circular*, particularizado pelas transições espaciais, concretizadas através de uma série de *rampas*. Esta disposição espacial particular é permitida pela complexa conjugação de três *sistemas estruturais* distintos, que passam, em primeiro lugar, pela “*casca*”, em betão, que envolve todo o edifício e que é apoiada, por sua vez, num sistema de nervuras em arcos diametrais, assentes diretamente no solo. Este sistema estrutural permite, assim, dar a ilusão, ao nível da entrada no pavilhão, de que o pavimento se encontra “*suspenso*” no ar, ilusão esta também permitida pelo rebaixamento do piso inferior, com recurso a muros de arrimo. Para cima do nível de entrada, todos os pisos (dois) são ancorados numa estrutura independente de pilares e lajes. Chegando ao último piso, o visitante consegue mesmo ter a sensação de estar a “*flutuar*” no ar, exatamente debaixo da “*abóbada*” circular da cobertura. Este é um aspeto que tomei,



Figura 192 - Oscar Niemeyer, OCA - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, Parque do Ibirapuera, São Paulo (1954) - pormenor da articulação entre as lajes, dos vários pisos, e a cobertura abobadada, com destaque para a modelação particular dos interiores, em função de uma luz focada e da textura do betão

ainda, como uma importante referência, uma vez que acaba por criar uma sensação de *leveza* no espaço, apesar da força, do peso e da presença marcante da cobertura em betão.

O segundo projeto, também localizado no Brasil, e que se enquadra no âmbito das referências de cariz secundário, consiste no *Museu Nacional de Brasília*, ou Museu Honestino Guimarães, localizado em Brasília e projetado por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, tendo sido construído em 2006. Este projeto possui várias semelhanças com o projeto anterior, nomeadamente no aspeto em que a solução estrutural acaba por definir a própria *espacialidade* proporcionada pela arquitetura. O espaço deste museu possui, à semelhança do projeto anterior, um formato circular, sendo o acesso ao mesmo realizado, também, através de uma rampa que orienta todo o percurso do visitante e que explora uma *relação interior/exterior*. Esta é uma relação muito interessante, como termo de referência, uma vez que constrói o *percurso expositivo* através de etapas temporais diferentes, percursos este que, através das *rampas*, é concretizado de uma forma *fluida e orgânica*. Esta fluidez do percurso de “*descoberta*”, associada a uma apreensão particular do edifício a partir do exterior, são dois pontos bastante pertinentes e que influenciaram, de facto, a construção do percurso expositivo desenhado no Centro de Interpretação da Arte Xávega. O edifício do museu é, assim, percecionado a partir do exterior, pela sua enorme *cobertura* semiesférica, em betão armado, assente num sistema estrutural de vigas e de arcos radiais.

À semelhança do projeto anterior, esta cobertura não possui apenas a função de cobertura, sendo também a “*peça*” que envolve todo o edifício. Também à semelhança do projeto anterior, encontramos nos interiores



Figura 193 - Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Museu Nacional de Brasília (ou Honestino de Guimarães), Brasília (2006 - fotografia de Gonzalo Viramonte), vista exterior da estrutura da cobertura semi-circular, que funciona à semelhança de uma “pele” protetora do interior



Figura 194 - Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Museu Nacional de Brasília (ou Honestino de Guimarães), Brasília (2006 - fotografia de Gonzalo Viramonte) - vista do interior, com destaque para a modelação espacial criada pelo teto abobadado e pelo mezanino



Figura 195 - Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Museu Nacional de Brasília (ou Honestino de Guimarães), Brasília (2006 - fotografia de Gonzalo Viramonte) - vista do interior, com destaque para o caráter escultórico da rampa, como percurso de descoberta

um conjunto de quatro pisos que incluem um piso enterrado, um piso térreo, um piso superior e, por último, um *mezanino*, o qual proporciona um contacto próximo com o teto da “*cúpula*” da cobertura. Também este elemento do mezanino, que parece “*flutuar*” no espaço interior do museu, bem como a “*peça*” da cobertura, que envolve os interiores como uma “*película de proteção*”, constituíram importantes elementos de referência para a conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega, sobretudo quando pensamos no seu local de implantação. De facto, ao refletirmos acerca da fluidez e organicidade das superfícies e dos fluxos proporcionados pelo museu, pensamos também na organicidade das *dunas* e na sua capacidade de criar *fluxos humanos*, de acordo com uma linha de continuidade entre a natureza e a arquitetura. Ao nível do programa do museu, este é composto por um conjunto de auditórios, por uma galeria de exposições e, ainda, por outros espaços de exibição, localizados nos pisos superiores. Além dos espaços expositivos, existem ainda áreas dedicadas a variadas atividades, como oficinas e sessões de cinema, para além de áreas dedicadas aos serviços.

A *conexão* entre todos estes níveis é realizada, à semelhança do projeto anterior, com recurso a *duas rampas* e a um conjunto de elevadores, para além de uma plataforma de cargas e de uma escadaria de serviço. Uma das rampas conduz o visitante a partir do exterior e até à zona de entrada no museu, sendo que a outra rampa, localizada já no interior, conecta um dos salões de exposições com o mezanino, no topo do edifício. Uma outra característica que se aplica a este projeto e ao anterior, consiste no grande *pé-direito* de altura que, complementado pela iluminação artificial e pelo desenho, de certa forma “*orgânico*”, do mezanino, cria uma espacialidade interior muito particular e com uma elevada plasticidade. Também este



Figura 196 - Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Museu Nacional de Brasília (ou Honestino de Guimarães), Brasília (2006 - fotografia de Gonzalo Viramonte) - vista do interior, com destaque para o caráter escultórico da rampa, como percurso de descoberta

caráter “*plástico*” das superfícies interiores e exteriores constituiu um importante elemento de referência, uma vez que me remete, novamente, para a própria plasticidade que nos é sugerida pela paisagem das dunas, associada ao local de implantação do Centro de Interpretação da Arte Xávega.

Em jeito de conclusão, não posso deixar de mencionar dois projetos, no contexto *português*, que, apesar de não constituírem uma referência direta para a conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega, ao nível da inserção do edifício na paisagem, constituíram referências importantes ao nível da materialidade da arquitetura. Estes elementos de referência verificaram-se ao nível da conceção de um objeto arquitetónico como interpretação de uma *tradição construtiva*, tradição esta associada aos sistemas estruturais e à *materialidade* das formas arquitetónicas construídas pelos *pescadores*, baseados na madeira.

Refiro, em primeiro lugar, o projeto do *Centro Interpretativo do Património da Afurada*, localizado na vila da Afurada, em Vila Nova de Gaia, e concebido pelo Atelier 15 (Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez), tendo sido construído em 2014. À semelhança do que se pretende alcançar com a conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega, o centro interpretativo da Afurada vem exatamente dar voz à riqueza, em termos de *valores culturais e antropológicos*, presente na *comunidade piscatória da Afurada*, podendo assim contribuir para a sua *preservação*. Também o Centro de Interpretação da Arte Xávega procura a materialização de uma relação estreita com a comunidade de pescadores da Costa de Caparica e também com as suas *tradições e legados imateriais*. O edifício do centro interpretativo da Afurada é, deste



Figura 197 - Atelier 15, Centro Interpretativo do Património da Afurada, Vila Nova de Gaia (2014) - vista exterior, em alçado, da fachada principal, com destaque para a recuperação do conjunto de antigos aprestos de pesca



Figura 198 - Atelier 15, Centro Interpretativo do Património da Afurada, Vila Nova de Gaia (2014) - vista da entrada principal do espaço museológico, com destaque para a área de pé-direito duplo do foyer e para o mezanino



Figura 199 - Atelier 15, Centro Interpretativo do Património da Afurada, Vila Nova de Gaia (2014) - vista do interior espaço museológico, realçando a organização temática das coleções, no âmbito do tema marinho (biodiversidade e cultura)

modo, constituído por um *núcleo expositivo*, dedicado às antigas tradições das gentes da Afurada, edifício este que constitui uma *interpretação* da traça original de um conjunto de *armazéns de pesca* que terão existido no local de implantação. No caso do Centro de Interpretação da Arte Xávega, pretende-se não seguir, diretamente, a traça original associada aos primitivos palheiros de pesca, mas pretende-se sim realizar uma *reinterpretação* deste modelo antigo, incorporando-o numa arquitetura caracterizada pela *organicidade* e pela *fluidez* das formas.

Na Afurada, os arquitetos trabalharam a partir da estrutura existente dos antigos armazéns de pesca, procurando respeitar, ao máximo, a sua dignidade e a sua *história*, para além da sua *imagem* associada a uma arquitetura “*pobre*” e de *simplicidade* quase elementar, que poderá ser considerada como *património*. Respeitando esta imagem, as paredes exteriores foram construídas em madeira e os telhados construídos em duas águas, sendo ambos pintados com a cor vermelha que, originalmente, estaria associada aos antigos “*barracões*” de pesca. Nos *interiores*, manteve-se uma continuidade com esta imagem de *simplicidade*, observada a partir do exterior, sendo estes compostos por quatro salas principais, tendo sido, ainda, criados quatro *mezaninos*, suportados por uma estrutura metálica, de forma a se aumentarem os potenciais usos do edifício. Estes aspetos, nomeadamente a questão da utilização das *madeiras* nos interiores à semelhança dos antigos armazéns de pesca, a *simplicidade* na construção e, ainda, a criação de *mezaninos* como espaço prolongado de exposição, constituíram importantes referências para a conceção do Centro de Interpretação da Arte Xávega. Estava, assim, criado um paralelismo interessante com a própria simplicidade da arquitetura tradicional dos *palheiros*, construídos pelos pescadores na



Figura 200 - Atelier 15, Centro Interpretativo do Património da Afurada, Vila Nova de Gaia (2014) - vista do interior espaço museológico, com destaque para o acesso à área do mezanino (escadas à esquerda)

Costa de Caparica, sendo muito convidativa a ideia sugerida em termos da organização dos interiores de um espaço expositivo (refiro-me, aqui, ao elemento do mezanino).

Em segundo, e último, lugar, e também no contexto português, devo mencionar o projeto das *Casas na Areia*, localizado na Comporta e concebido pela dupla de arquitetos Aires Mateus, tendo sido construído em 2010. Este projeto, apesar de não constituir um programa de cariz cultural (mas sim no âmbito do turismo de habitação), revelou-se como uma referência interessante e sugestiva ao nível da *materialização* de objetos arquitetónicos em ambiente de *praia*, particularmente em *solo de areia*. O projeto responde, desta forma, a condições muito particulares associadas ao local de implantação, sendo que os arquitetos procederam à recuperação de um conjunto de *construções pré-existent*s, através da utilização da *madeira* e da alvenaria. Neste projeto, revela-se importante não só o *sistema construtivo* desenvolvido, ao nível das madeiras, mas também a própria *integração* destas madeiras no contexto da *paisagem de areal* envolvente, verificando-se mesmo a criação de paralelismos entre a *arquitetura*, a *paisagem* e a própria *história* do lugar através da *cor* e da *forma* dos elementos construtivos.

O *colmo*, por exemplo, que compõe as coberturas, em telhados de duas águas, das casas, para além de compor parte das paredes, possui uma *tonalidade* semelhante à da areia do local e remete-nos, também, para as espécies vegetais que *“povoam”* as dunas, tais como o *juncos* ou o *feno das areias*, para além de nos fazer lembrar, de um modo mais direto, uma forma de arquitetura muito *tradicional* associada à construção portuguesa junto das frentes de mar ou de rio. O elemento que conecta

todo este conjunto de casas consiste no elemento natural da *areia*, que não só as conecta pelo exterior, como também “contamina” os seus interiores, proporcionando uma *continuidade exterior/interior*, baseada no gesto de trazer a *paisagem do areal* para a *vivência interior* dos espaços. Esta integração da arquitetura na paisagem de areal, através da cor e da forma dos elementos construtivos em madeira, revelou-se uma importante referência para o Centro de Interpretação da Arte Xávega, no aspeto em que se cria uma continuidade entre a *riqueza natural* do lugar e a própria arquitetura “*imposta*” por mão humana. Também esta ideia de criação de uma continuidade interior/exterior através do elemento natural da areia, constitui uma importante referência, remetendo-nos para a paisagem dunar da Costa de Caparica e para a forma como esta poderia, de certa forma, criar uma continuidade entre o *ambiente urbano* da cidade e o *ambiente natural*, associado aos ecossistemas costeiros, e até, de certa forma, contaminar também os *interiores* dos espaços expositivos.



Figura 201 - Aires Mateus, Casas na Areia, Comporta (2010) - vista exterior de uma das casas, com destaque para o sistema construtivo em madeira, e usando o colmo (à semelhança dos antigos palheiros de pescadores)



Figura 202 - Aires Mateus, Casas na Areia, Comporta (2010) - vista interior das casas, nas quais o pavimento é feito de areia, crinado uma continuidade natural entre a paisagem dunar exterior e as vivências interiores

2 A Rota da Memória

Falar de *memória* implica, necessariamente, falar de tempo, de espaço e de marcas. É o tempo e a sua passagem que, de facto, produzem *marcas físicas* e “*cicatrizes*” na paisagem, seja ela natural ou construída, ou ainda alterada pela mão humana. Torna-se, deste modo, importante compreender a forma como observamos e apreendemos a cidade da Costa de Caparica, tendo como o objetivo obter uma harmonização entre as *coisas do passado*, que se tornaram gradualmente obsoletas, e as *coisas novas* do presente, adequadas à realidade atual da paisagem. Dentro desta realidade, a *frente litoral* da cidade assume, claramente, um destaque particular, tornando-se no elemento capaz de *conectar* toda a estrutura e o património associados a este território, conexão esta que se pode materializar de forma física, mas que também adquire um significado simbólico.

Analisando a passagem do tempo histórico e a evolução das populações humanas, verificamos que as *relações com a água* acabam por permanecer e perdurar, quer no tempo, quer no espaço, sendo as *marcas* da evolução destas relações materializadas em memórias, em nomes de sítios e de ruas, em apelidos de família e, claro, nas formas, nas funções e nos símbolos das arquiteturas. É através destas marcas “(...) *que encontramos o sentido das transformações que marcaram a condição marítima, fluvial ou lacustre das cidades (...)*. É possível, assim,

*construir-se uma narrativa de tempos e espaços variáveis.”*¹⁰² São estas marcas, ainda presentes na atualidade, que devem, de certa forma, orientar as novas estratégias de intervenção na cidade, sobretudo ao nível da frente litoral. De facto, conseguimos perceber que *“Vivemos tempos de “aceleração histórica”, de modificações bruscas e paradoxais e, contudo, persistem permanências que só passam despercebidas por amnésia histórica ou porque as dinâmicas relacionais mudaram de intensidade, de conteúdo, ou de suporte tecnológico.”*¹⁰³

Analisando o território da Costa de Caparica, facilmente nos apercebemos da presença destas *marcas*, apesar de não se encontrarem tão visíveis quanto o desejável. Um dos objetivos da criação da Rota da Memória consiste, exatamente, em tornar mais *visíveis* os elementos associados à memória da cidade, tendo como base a estrutura primitiva dos antigos percursos pedestres que desenhavam a cidade. Partindo da importância do *mar*, torna-se obrigatório referir a memória associada à *pesca*, nomeadamente, à prática da pesca com arte xávega, que foi, na origem, a atividade económica que suportou a primitiva comunidade

102 PORTAS, Nuno (coordenação), VIEGAS, Luís, GRANDE, Nuno, TEIXEIRA, Miguel Branco. (1998). *Cidades e Frentes de Água – mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água*. APL – Administração do porto de Lisboa, Patrocínio oficial – Parque Expo’98, SA. Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. p.6

103 PORTAS, Nuno (coordenação), VIEGAS, Luís, GRANDE, Nuno, TEIXEIRA, Miguel Branco. (1998). *Cidades e Frentes de Água – mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água*. APL – Administração do porto de Lisboa. Patrocínio oficial – Parque Expo’98, SA. Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. p.8



Figura 203 - Alberto Burri, Il Grande Cretto, Sicília, Itália (1984) - a marca física dos percursos pedestres humanos como desenho da memória da paisagem

piscatória caparicana e que, no passado, colonizou o lugar da praia. Com base nesta memória, outras marcas encadeiam-se, estando ainda presente, apesar de com menor expressão, a arquitetura dos *palheiros* construídos pelos pescadores, primeiramente para habitação e depois para armazenamento dos apetrechos de pesca (e que se dispõem, hoje, num alinhamento localizado a sul do término do paredão).

Ao nível da *toponímia* são também visíveis várias marcas de memórias ligadas ao mar, sendo que, hoje, muitas das ruas possuem uma designação associada a nomes de pescadores locais e mestres da arte xávega (Rua Mestre Joaquim Pedro, Rua do Mestre Manuel, Rua Mestre Adrião), nomes de personalidades importantes para a construção da cidade (Rua Costa Pinto, referente a Jaime Costa Pinto, que terá financiado a construção de um novo bairro para os pescadores) ou, ainda, de elementos conectados com o mar (Rua da Praia, Rua dos Pescadores, Avenida Oceano). Para além do mar, outras memórias surgem associadas à agricultura, e em particular à cobertura vegetal da área de campos agrícolas, existindo nomes de ruas como, por exemplo, a Rua do Juncal (o junco seria, no passado, uma espécie bastante abundante nestes terrenos, associada a uma forte componente de humidade). Outras memórias associam-se, ainda, a *objetos arquitetónicos* e a *vivências* características de um ambiente junto à praia, tais como os antigos centros comerciais, os salões de jogos, o mercado, que ainda hoje se encontra ativo e, ainda, os míticos cafés e restaurantes, em particular aqueles localizados junto à praia (como o “*Barbas*” ou o “*Carolina do Aires*”).

Ao longo dos tempos, é possível verificar que as *frentes de água* foram sendo, sucessivamente, ocupadas por elementos que funcionavam ora

como *barreira* e limite, ora como *interfaces*, e que constituem, também, importantes marcas da memória. Estes elementos surgiam no passado e muitas vezes no contexto de povoamentos humanos estabelecidos numa grande proximidade à linha de água. Foi desta forma que surgiram, ao longo da costa portuguesa, vários pequenos aglomerados piscatórios e bairros ribeirinhos que, no futuro (e como constatamos no caso da Costa de Caparica), dariam origem a cidades costeiras, possuidoras de zonas de elevado potencial turístico, balnear e terapêutico. Nestas cidades, foi-se assistindo à gradual substituição das *estruturas primitivas de barreira*, associadas por vezes a fortificações militares de defesa, por novos sistemas de *infraestruturas*, conectados não só com os transportes e a indústria, mas também conectados com elementos de *defesa costeira*.

No caso da Costa de Caparica, tenho de referir o atual *paredão* e o *molhe* rochoso de defesa da linha costeira, para além de um troço existente de um *muro* de betão para proteção da cidade face aos galgamentos do mar. Em todos estes casos, podemos afirmar que os novos sistemas e infraestruturas de barreira acabaram por gerar *dinâmicas económicas* importantes e que se terão traduzido na melhoria das condições de vida dos cidadãos. Podemos, neste sentido, afirmar que as frentes de água foram, gradualmente, constituindo uma grande e valiosa “(...) *fronteira logística tão vital para as funções económicas quanto reservadas ao comum dos cidadãos.*” ¹⁰⁴ Terão surgido, então, *novos limites* de defesa

104 PORTAS, Nuno (coordenação), VIEGAS, Luís, GRANDE, Nuno, TEIXEIRA, Miguel Branco. (1998). *Cidades e Frentes de Água – mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água*. APL – Administração do porto de Lisboa. Patrocínio oficial – Parque Expo’98, SA. Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. p.4



Figura 204 - A Rota da Memória e os vestígios físicos da história da cidade da Costa de Caparica - planta geral, na qual se assinalam os projetos realizados pelo grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, e a rede de percursos que os conectam



1. Igreja Velha
2. Mercado
3. Cemitério
4. Bairro Novo dos Pescadores
5. Igreja Paroquial
6. Torres Europa
7. Torres das Argolas
8. Terminal Intermodal
9. Complexo hoteleiro
10. Quartel de Bombeiros
11. Centro Comunitário
12. Realojamento do Bairro das Terras de Lelo Martins
13. Centro de Interpretação da Arte Xávega
14. Clube Desportivo dos Pescadores
15. Requalificação dos Parques de Campismo Sul

- Mar
- Demolidos
- Palheiros - 1857
- Costa Polis - 2007
- Palheiros - 1961
- Linha de mar atual
- Linha de mar - 1961
- Linha de mar - 1857
- Linhas de água
- Pontos de água
- Areal - 1857
- Areal - 1961
- Areal atual

da costa e novos espaços, tais como portos, ferrovias, rodovias, indústrias várias e, mais recentemente, aterros, docas, passeios públicos e praias (tal como acontece na Costa de Caparica). Estes, em todas as suas formas, acabaram por se tornar em “(...) *espaços de intervenção onde emergem transformações, mais ou menos profundas, que decorrem de alterações de base económica (...).*” ¹⁰⁵

A *Rota da Memória* surge, no seguimento destas ideias, como uma proposta capaz de valorizar o antigo e o novo, incentivando uma atitude curiosa de descoberta da cidade da Costa de Caparica e do seu património material e imaterial. Esta estratégia baseia-se, primeiramente, numa tendência de intervenção, na frente marítima, que se alicerça em fatores como a *herança* cultural e os níveis de desenvolvimento da *população local*, para além da herança ao nível dos sistemas ambientais e ao nível de elementos físicos, intervenção esta que testemunhe a passagem do tempo (refiro-me, aqui, às estruturas de limite enunciadas anteriormente). A estratégia mencionada passa, em segundo lugar, pela valorização do ato de *caminhar* e pela consideração da importância dos percursos e caminhos pedestres que, à semelhança dos elementos de barreira mencionados anteriormente, constituem elementos estruturantes e vitais para o desenho e a construção da paisagem da cidade (sobretudo no caso de uma cidade cuja escala, mais pequena, permite uma maior permeabilidade ao nível pedestre).

105 PORTAS, Nuno (coordenação), VIEGAS, Luís, GRANDE, Nuno, TEIXEIRA, Miguel Branco. (1998). *Cidades e Frentes de Água – mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água*. APL – Administração do porto de Lisboa, Patrocínio oficial – Parque Expo'98, SA. Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. p.4

Aliada a certas *infraestruturas* de relevo, esta intervenção possui o objetivo de valorizar as oportunidades económico-financeiras e *turísticas* de toda a cidade, e em particular da frente de mar, mas nunca esquecendo a importante preservação dos *sistemas naturais* (tais como o cordão dunar e a sua cobertura vegetal característica, para além do importante ecossistema de transição das matas florestais). A intenção principal por detrás intervenção por mim proposta, consiste em reforçar o *sentido urbano* da frente litoral da cidade, continuando o seu processo exponencial de crescimento e procurando *novas relações* quotidianas, não só com o elemento da água, mas também com as matas, com os ecossistemas dunares e com os objetos (edifícios ou espaços públicos) notáveis da cidade. De facto, as frentes de água das cidades constituem sistemas biológicos complexos, cuja “(...) *integração urbana* (...) *nunca será problema simples na medida em que obriga a compatibilizar exigências que, embora legítimas* (...), *são quase sempre* (...) *antagónicas*.”¹⁰⁶

Surge-nos, assim, a seguinte interrogação: serão estes *caminhos*, bem como os limites impostos pelo Homem à paisagem, que conferem sentido aos territórios e que gerem a sua complexidade? A seguinte passagem talvez possa, de acordo com a minha interpretação, constituir uma resposta a esta questão:

106 PORTAS, Nuno (coordenação), VIEGAS, Luís, GRANDE, Nuno, TEIXEIRA, Miguel Branco. (1998). *Cidades e Frentes de Água – mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água*. APL – Administração do porto de Lisboa, Patrocínio oficial – Parque Expo’98, SA. Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. p.5

“O acto de caminhar, de mover-se no espaço, nos lugares, é a efectiva e forte origem da construção e construção da percepção do espaço. Esse acto inerentemente animal reconhece-se em todas as operações de espaço: na sua concepção, concretização, processamento, e está, por sua vez, intimamente ligado à ideia de locus por nela agir.”¹⁰⁷

A verdade é que, se recuarmos no passado histórico da Costa de Caparica, facilmente nos apercebemos, através da cartografia, da existência marcante de um conjunto de *percursos pedestres* que, para além de delimitarem o assentamento humano primitivo dos pescadores, definiam, de certa forma, uma “*malha*” de ordenamento do território, em conjugação com elementos de *drenagem* das águas (vala) e de *defesa costeira* (muros). Se olharmos para o passado de colonização humana da costa portuguesa, compreendemos que existe um desafio enorme inerente à chegada a um novo local, no qual as populações humanas têm de começar um povoamento do zero num território, muitas vezes, longínquo das suas origens e completamente desconhecido. É também através da análise deste passado, que nos apercebemos do carácter basilar da *abertura de vias* na estratégia de colonização, de construção e de domínio de um novo território. Desta forma, compreendemos o modo como “(...) *as vias, elementos estruturantes que marcam profundamente a morfologia e paisagem construída (...), contribuíram, se impuseram ou se*

107 COXITO, António Manuel Pinto, SOARES, João Gabriel Candeias Dias, FERRO, Luís Duarte. (2016). “Caminhos, corpus loci e matéria. Uma visão peripatética sobre a construção do mundo”. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. pp. 91-92



Figura 205 - Michael Heizer/Triple Aught Foundation, *Heiner Friedrich at Munich Depression* (1969), Gagosian Gallery

*conciliaram com a matriz territorial e agrícola (...).*¹⁰⁸ Sendo reconhecidos, historicamente, como infraestruturas fundamentais no desenvolvimento civilizacional, os tradicionais e primitivos percursos humanos, nas suas formas e tipologias distintas, acabam por constituir elementos construídos de elevado *valor cultural*, sobretudo na paisagem contemporânea. De facto, *“O conhecimento da intrincada inter-relação entre o percurso, a cidade e a paisagem, constitui-se de grande relevância no âmbito do estudo dos distintos modelos de ocupação e organização espacial.”*¹⁰⁹ Podemos, inclusive, afirmar que os percursos vernaculares podem mesmo ser considerados como *estruturas arquitetónicas* vitais na paisagem. Hoje, a sua reabilitação e o seu reuso, como percursos pedestres ou cicláveis, encontra-se profundamente associado a uma experiência de redescoberta do património, de fruição da paisagem e de construção de uma sustentabilidade e resiliência urbana e paisagística. Por estas razões, revela-se extremamente importante e pertinente o conceito de *“rota”*, como estrutura multifuncional que possui a capacidade de se associar às dimensões distintas da paisagem metropolitana.

108 PORTO, Antonieta Ferreira Reis Leite. (2016). “Os caminhos na construção do território dos Açores”. Secção 7 – Vias, Paisagem e Território, *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. p. 85

109 BATISTA, Desidério. (2016). “As azinhagas e a paisagem de Lisboa – do passado para o futuro”. Secção 7 – Vias, Paisagem e Território. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto. p. 129

Partindo da análise de peças cartográficas, apercebemo-nos da existência, na Costa de Caparica, de uma rede de *percursos pedestres primitivos*, criados, pelos pescadores, aquando da colonização da atual cidade. Estes caminhos revestiam-se de uma importância particular, uma vez que estruturavam e delimitavam, de certa forma, as zonas naturais de duna e os terrenos de cultivo, junto ao sopé da arribas fóssil, criando uma “*malha*” estruturante em conjunto com a antiga *vala* de drenagem e o antigo *muro* de proteção, face aos galgamentos do mar. Para além destes caminhos construídos, é de mencionar a importância dos *caminhos informais*, de pé-de-posto, criados pelos fluxos humanos de pessoas que circulavam ao longo das dunas e dos terrenos agrícolas. Hoje, estes percursos informais encontram-se ainda bem presentes na paisagem, marcando claramente os fluxos de descoberta e de “*deambulação*” dos indivíduos pelo território da cidade e, particularmente, ao longo das zonas de duna e de areal da praia.

De facto, conseguimos facilmente compreender, através da comparação de fontes cartográficas de diferentes períodos, que foi o desenho destes caminhos pedestres, bem como a vala e os muros de proteção, que estiveram na base do *desenho* do assentamento urbano atual da cidade. Os vestígios destes elementos são ainda hoje visíveis, por exemplo, no desenho do limite do *centro “histórico”* da cidade e na presença da *Rua dos Pescadores*, artéria que estava já presente no desenho primitivo da cidade apesar de não possuir à época uma estrutura ou designação mais formal. Antigamente, esta rua seria o caminho que se abria, de forma natural, entre duas elevações de duna, separando assim o assentamento dos Ílhavos, a norte, do assentamento dos Olhanenses, a sul. Esta era também um dos pontos mais altos do areal da praia, tornando-se por essa razão o local de

eleição para a observação do mar, dos ventos e das correntes, de forma aos pescadores poderem decidir a melhor abordagem para a entrada dos barcos de pesca no mar.

Estas considerações, que partem da importância das marcas físicas da memória na cidade, bem como da importância das dinâmicas dos fluxos humanos e dos caminhos por eles traçados, sugerem o desenho de uma “rota”, a *Rota da Memória*, que conecte não só os pontos mais importantes da memória da cidade, como também seja capaz de renovar os trajetos de mobilidade e de promoção do património da cidade da Costa de Caparica. O objetivo principal desta rota consiste em, não só conectar e promover pontos importantes da cidade, quer sejam edifícios ou espaços naturais, como também apoiar ações e projetos que tenham como enfoque a *memória social* da população caparicana. Através da implementação de uma metodologia participativa, o objetivo é ativar o debate e as *dinâmicas de comunicação* entre os vários agentes do território (culturais, comerciais, desportivos e outros), criando um plano de ação e um *mapa de pontos de interesse* na cidade, articulados com trajetórias baseadas na própria identidade do território .

Estes pontos de interesse passam, não só, pelos novos programas associados ao *reordenamento da frente de mar*, nos quais se inclui o projeto do Pólo das Pescas (por mim desenvolvido), como também passam pelos novos, ou reabilitados, programas localizados noutros pontos da cidade e todos eles propostos na intervenção realizada pelo grupo de investigação “*Entre o Mar e a Terra*”. Este conjunto de pontos de interesse, destacados na “*Rota da Memória*”, contempla, não só, espaços já existentes, e os novos programas propostos para a cidade, como também abarca os novos espaços criados no âmbito das vivências

das várias populações, multiculturais, que habitam hoje o lugar, e que o transformam continuamente. Em jeito de conclusão, podemos afirmar que esta Rota deve ser vista como um instrumento de *mudança* e de *dinamização social*, capaz de incrementar uma renovada consciência sobre a *sustentabilidade* da paisagem. Para além disso, esta Rota acaba por constituir um inovador programa de ação que tem a *cultura* como fundamento essencial, ambicionando, deste modo, o fortalecimento das tradições locais, o aumento da coesão social e um maior desenvolvimento da economia local, nunca esquecendo a importância das novas populações multiculturais que residem hoje na cidade, e que contribuem para ativar novas dinâmicas. Para a concretização desta estratégia, e colocando agora o enfoque na proposta de criação de um novo *Pólo das Pescas* por mim desenvolvido junto à frente de mar, revela-se fundamental a compreensão da importância dos fluxos humanos e do conceito de “museu vivo”. Este conceito será explanado no capítulo seguinte, de forma a tornar mais claros os objetivos almejados pelo novo programa do *Pólo das Pescas*.

O conceito de “museu vivo”

Iniciando, neste momento, a descrição da estratégia geral por detrás da proposta de um novo Pólo das Pescas na Costa de Caparica, revela-se importante compreender o conceito que deu mote à conceção da mesma, não só ao nível do desenho dos programas arquitetónicos, como também ao nível da fusão com a paisagem e, nomeadamente, através da proposta de um novo conjunto de percursos pedonais, interpretativos e exploratórios. Em primeiro lugar, devo começar esta descrição pelo desdobramento etimológico do conceito de “museu vivo”, composto, essencialmente, pelos termos “museu” e “vivo”, aqui referente ao substantivo “vida”. Enveredemos, primeiramente, pelo termo “museu”, cuja definição cito de seguida (com base numa seleção das definições particulares mais importantes para a descrição da proposta projetual):

Museu

(latim Museum, -i, do grego mouseion, -ou, lugar consagrado às musas, museu, biblioteca, academia)

1. Estabelecimento público onde estão reunidas e expostas coleções de objetos de arte, de ciência, etc.
2. Grande coleção de objetos de arte ou de qualquer ciência
3. Lugar destinado ao estudo das ciências e das artes
4. Lugar onde se reúnem curiosidades de qualquer espécie ou exemplares científicos, artísticos, etc.
5. Coleção de coisas várias
6. Que tem atividade museológica ou especial interesse turístico devido

ao seu valor artístico, patrimonial ou histórico (ex: *igreja museu*; *palácio museu*; *vila museu*)¹¹⁰

Deste conjunto de definições associadas ao termo “*museu*” conseguimos extrair um conjunto de ideias importantes, associadas a palavras-chave, simultaneamente distintas e interdependentes umas das outras. Com base nesta reflexão, poderemos dizer que o termo “*museu*” nos remete para três *dimensões* diferentes, ou seja, uma *dimensão espacial*, referente a um elemento físico, uma *dimensão intelectual*, referente à nossa interpretação e apreensão do elemento físico, e ainda uma *dimensão emocional* e até espiritual, que se prende com o impacto e as sensações que o objeto físico provoca ou desperta no agente observador. De forma mais direta, o “*museu*” remete-nos para uma *coleção física* de várias coisas, consignadas a uma certa área do saber. Indo mais além na compreensão deste termo, surge-nos a ideia de uma associação de objetos físicos a uma *história*, ou seja, a um *percurso*, que tem como base uma organização espacial específica e que pretende transmitir uma ideia da passagem do *tempo*. Falando em história, em percurso e em tempo, surge-nos, claramente, a ideia de *património* e de como este e a sua evolução ao longo do tempo pode ser alvo de uma coleção de objetos. Ora, para se criar e organizar/hierarquizar uma coleção de objetos é, obviamente, necessário um *estudo à priori* dessa história, e do património material e imaterial a ela associado. Finalmente, a ideia que nos ecoa, a partir de todos estes conceitos, é a de *turismo* e de *visita*, que consiste em,

110 Adaptado pela autora a partir da definição do termo “museu”, Fonte: <https://dicionario.priberam.org/museu>

nada mais nada menos, do que a transmissão ou comunicação de ideias acerca da história e do património de um lugar, através de um *percurso interpretativo* que nos leve a descobrir objetos e práticas, caraterísticos de um dado local.

Passo agora, em segundo lugar, a analisar o termo “*vida*”, cuja definição, à semelhança do que anteriormente foi feito, irei citar de seguida:

Vida

1. Estado de atividade dos animais e das plantas
2. O tempo que decorre desde o nascimento até à morte; existência
3. Modo de viver
4. Conjunto das coisas necessárias à subsistência
5. Ocupação; atividade
6. Animação; vitalidade
7. Causa: origem
8. Essência
9. Conjunto de manifestações da atividade de uma nação de uma coletividade¹¹¹

A partir do conjunto de definições acima exposto, associado ao termo “*vida*”, conseguimos, à semelhança do termo “*museu*”, elencar várias ideias e conceitos particulares. Numa abordagem mais direta, o termo “*vida*” remete-nos para a *existência* de qualquer organismo que, se deduz, estar “*vivo*”, tal como os seres humanos ou os animais e que, por isso, se encara

¹¹¹ Adaptado pela autora a partir da definição do termo “*vida*”, Fonte: <https://dicionario.priberam.org/vida>

como sendo um elemento *ativo* e um agente *construtor* da paisagem de um dado lugar. Contrariamente, teríamos um objeto físico ou estrutura cujo papel na construção de um dado lugar poderia ser caracterizado como artificial e passivo, sem qualquer *atividade* ou *movimento* inerente. A partir desta ideia, facilmente associamos o termo “*vida*” a um ser, ou até mesmo a um objeto ou a um espaço, que beneficiam da posse de um estado de “*animação*”, ou seja, de um estado de *proatividade*, bem como de um poder de influência e de determinação sobre o meio no qual se inserem.

Analisando, de forma mais profunda, as suas raízes, a “*vida*” remete-nos para um princípio, ou seja, para a *origem*, temporal ou espacial, de um dado ser, de um dado objeto ou do território de um dado lugar. Pegando na palavra na origem, facilmente nos surge a ideia de que existe uma cronologia de eventos e uma *história*, construída por *heranças* sociais, culturais e construtivas, que define não só as características de um coletivo humano, como também ativa e confere *identidade* ao lugar ocupado por este coletivo. Não podemos, no entanto, esquecer aqui a noção da passagem do *tempo*, uma vez que se pressupõe que algo, descrito como “*vivo*”, teve um início, tem um período de existência e terá, com certeza, um final, a curto, médio ou longo prazo. Em complemento desta análise, passo agora a citar as definições principais que se associam ao termo “*vivo*”, ou seja, a propriedade de algo que possui vida:

Vivo

(latim *vivus*, -a, -um)

1. Que vive; que tem vida
2. Ágil; ativo; diligente
3. Marcado; visível; distinto

4. Que desperta intensamente os sentidos; forte; intenso
5. Que expressa de maneira intensa emoções, ideias ou sentimentos
6. Que persiste ou dura
7. Forças vivas - conjunto de entidades que contribuem para a vida e prosperidade de um lugar ou de uma região¹¹²

Com base nesta análise etimológica, é possível agora descrever o significado do conceito de “*museu vivo*”. Afinal, o que é então um “*museu vivo*”? Partindo das definições acima transcritas, bem como da sua interpretação, poderemos assumir que o “*museu vivo*” é algo que se contrapõe um “*museu físico*”. Esta afirmação parte da premissa de que algo que está vivo seja algo iminentemente dinâmico, e de que algo físico se associe, naturalmente, a algo estático, ou seja, sem movimento, animação ou atividade. O “*museu vivo*” consiste, assim, numa nova e inovadora abordagem à concepção de espaços e de equipamentos associados a um cariz cultural, quer seja de exibição, de ensino, de estudo ou de performance. Este é um conceito que se distingue pelas novas dinâmicas de interatividade e de aprendizagem, que promove a inter-relação comunicativa entre um dado público e um qualquer objeto ou ato cultural. Este conceito é, hoje, cada vez mais aplicado, sobretudo em espaços que apresentam uma forte componente museológica, mas também performativa, ou seja, que conjugam harmoniosamente uma dimensão estática com uma dimensão dinâmica.

112 Adaptado pela autora a partir da definição do termo “vivo”, Fonte: <https://dicionario.priberam.org/vivo>

Dentro destes espaços, poderemos incluir os tradicionais museus e núcleos museológicos, os *centros de interpretação* ou os *centros de investigação*, para além dos designados, em língua inglesa, por “*open-air museums*”, “*outdoor museums*” ou “*living history museums*”. Estes espaços dinâmicos de “*museu vivo*”, sobretudo no caso daqueles que possuem uma forte componente *exterior*, promovem não só um contacto direto e mais informal, com certos objetos expostos, como também realizam, frequentemente, *demonstrações* e reconstituições ao vivo, de práticas artesanais ou de métodos de produção do passado, contribuindo assim para uma maior e mais agradável, *sensibilização* do público visitante. O objetivo principal desta modalidade de museu consiste, deste modo, no proporcionar não de uma experiência monótona ou passiva, mas sim proporcionar uma vivência, que se baseie na ação e numa ativa *participação* do visitante, proporcionando-lhe novas visibilidades, novas sensações e novas formas de apreensão de conhecimento. Termino, assim, a definição deste conceito com recurso a uma passagem, da autoria de Carla Rocha, a propósito desta nova ideia de museu, e antes de iniciar a descrição pormenorizada do projeto, desenvolvido por mim, para o *Pólo das Pescas*:

“É verdade que a associação entre museu e memória é uma temática recorrente, sobretudo no cenário globalizado em que vivemos. Nos últimos anos, para além dos museus tradicionais, assistimos à emergência de outras instituições de memória, com propostas distintas das que pontuaram grande parte do nosso imaginário social. Presenciamos um novo movimento, que revitaliza o museu como um centro de práticas culturais contemporâneas, (...). Essas práticas reconfiguram a experiência museal (museológica), pois, mais do que possibilitar um redimensionamento nas

*formas de percepção e visibilidade, viabilizam um processo mais interativo e participativo do visitante. Tal processo é potencializado pelo lúdico (...).*¹¹³

113 ROCHA, Carla. (Julho/Dezembro de 2007). "Um "museu vivo": espetáculo e reencantamento pela técnica". *Em Questão*. Porto Alegre. v. 13, nº 2. p. 260

Pólo das Pescas

Tendo, até este ponto, realizado uma análise e uma reflexão detalhadas acerca do potencial cultural, humano e paisagístico do lugar de intervenção, bem como das suas principais características, irei agora passar à explicação da estratégia, preconizada com a proposta de um novo *Pólo das Pescas*, na frente litoral da Costa de Caparica. Com esta descrição, pretendo dar a conhecer, de forma clara, os objetivos principais que regem esta proposta, alicerçados os mesmos, no conceito de “*museu vivo*” acima explanado. Para além disto, pretendo também realçar a importância da inserção no lugar dos novos programas arquitetónicos que compõem este pólo, e, ainda, do seu papel de destaque na construção, ou reconstrução, de *continuidades* na paisagem e na memória da cidade, ao nível humano e ao nível do território.

Para realizar esta descrição de forma mais completa, devo começar por referir que o Pólo das Pescas consiste, essencialmente, na proposta da criação de um *novo conjunto de programas e equipamentos*, totalmente vocacionados para o apoio e também para a divulgação da prática da *pesca com arte xávega*. Este novo conjunto de programas arquitetónicos está inserido no âmbito da estratégia urbana de reordenamento da frente de mar da cidade, proposta pelo grupo de investigação “*Entre o Mar e a Terra*”. Esta estratégia, desenhada de forma coletiva pelo grupo, preconiza não só o desenho de um *novo troço*, no seio do alinhamento do paredão, vocacionado, especificamente, para as instalações de apoio à pesca, como também prevê uma estratégia de *replantação das dunas* da frente urbana de praias e a recuperação e consequente reforço do seu coberto vegetal. Esta replantação, por sua vez, seria concretizada com recurso à plantação

de espécies autóctones da cidade, hoje praticamente desaparecidas, para melhor prender as areias ao solo e para proteger a cidade face aos galgamentos e ao avanço crescente do mar. A esta proposta de replantação dunar, alia-se a proposta de um sistema de mobilidade, mais sustentável, aliado à infraestrutura de circulação do comboio “*transpraia*”, que não só atravessa a área ocupada pelo Pólo das Pescas (de acordo com a proposta de grupo), como também se implanta muito próximo das dunas (sendo que, no passado, tal como ainda é visível hoje, os carris do comboio assentavam diretamente sobre a duna).

O Pólo das Pescas constitui, assim um novo *ponto de interesse* estratégico, incluído no trajeto interpretativo e exploratório da *Rota da Memória*, e que contribui não só para a valorização das atividades ligadas ao mar, como também promove e procura sensibilizar para a adoção de *estratégias sustentáveis* na construção da paisagem. Este conjunto de novos equipamentos encontra-se localizado numa *faixa* particular da cidade, composta por solos arenosos que possuem ainda hoje alguma vegetação dunar rasteira e que está disposta longitudinalmente face à avenida marginal das praias urbanas (Avenida General Humberto Delgado). À cota desta avenida marginal, não é possível ver o mar; no entanto, pressente-se a sua presença, para lá das cristas da duna. Esta faixa que se estende, em largura, para poente e para nascente da atual estrada marginal, efetua a importante transição entre o *ambiente urbano*, e mais densamente construído, da cidade e o ambiente de influência marítima, da *praia*.

Hoje, esta mesma faixa encontra-se delimitada, a norte, pela área ocupada pela atual *lota de pesca*, bem como por um conjunto de prédios

de habitação, dispostos ao longo da designada Rua Engenheiro Henrique Mêndia (e cujas alturas variam entre dois e três pisos). A sul, esta mesma faixa é delimitada pelo atual *Clube de Campismo do Concelho de Almada*, apenas separado do tecido edificado da cidade através da Rua Parque de Campismo de Almada (que consiste na última via rodoviária da cidade, a sul). Para nascente, este troço da paisagem é delimitado pelo atualmente designado *Bairro do Campo da Bola*, composto por vários prédios e moradias de habitação, sendo que a poente este troço é delimitado pelo *paredão* e, sobretudo, pelo elemento central que unifica toda a frente litoral – refiro-me, claro, ao *mar* e ao respetivo *ecossistema dunar* e vegetal adjacente. Devo, neste ponto, mencionar, uma importante questão relacionada com o relevo do sítio, sendo que é de notar a existência de um *desnível* de, sensivelmente, dois metros, entre o nível da estrada marginal das praias (Avenida General Humberto Delgado) e o nível da “*planície*” onde assenta a urbanização do Bairro do Campo da Bola (este bairro encontra-se, por essa razão, praticamente “*enterrado*”, face ao nível da estrada, e encontra-se, por isso, perigosamente abaixo do nível do areal da praia).

Esta estratégia de intervenção, alicerçada na pesca com arte xávega e na sua importância como *património imaterial* da Costa de Caparica, alia-se a um pensamento que tem em conta a vulnerabilidade e a sensibilidade dos *ecossistemas costeiros* que compõem esta frente atlântica, para além de ter em conta a organização da mesma ao nível dos seus *usos*. Tendo sido proposta, no plano urbano desenvolvido pelo grupo de investigação “*Entre o Mar e a Terra*”, uma *setorização* dos usos da frente urbana de praias caparicana, surgiu a ideia de concentrar equipamentos, associados às *escolas de surf*, ao longo do troço de praias que se situa mais a norte da



Figura 206 - A faixa de dunas, na qual se propõe criar o Pólo das Pescas, antes do início da implementação do programa Costa Polis - ainda são visíveis alguns segmentos de duna, com a sua vegetação original caraterística, bem como os percursos feitos pelas pessoas para chegar à praia (2001) - Google Earth Pro



Figura 207 - A faixa de dunas, na qual se propõe criar o Pólo das Pescas, já durante a implementação do programa Costa Polís; construção das fundações dos novos apoios de praia e da nova lota; a unidade desta faixa dunar desapareceu (2007) - Google Earth Pro



Figura 208 - A faixa de dunas, na qual se propõe criar o Pólo das Pescas, após a implementação do programa Costa Polis (apoios de praia) - segmentos remanescentes da duna primária desapareceram, estando mesmo uma área ocupada como um parque de estacionamento automóvel; o Pólo das Pescas abrange as duas faixas de duna que se localizam, respetivamente, acima e abaixo da avenida marginal, e que dantes constituíam, apenas, uma unidade dunar (2014) - Google Earth Pro



Figura 209 - A faixa de dunas, na qual se propõe criar o Pólo das Pescas, após a implementação do programa Costa Polis - a vegetação dunar, com a passagem do tempo, foi gradualmente invadindo o terreno, mantendo-se, acima da avenida marginal, a estrutura pré-existente dos percursos pedestres; em vez do parque de estacionamento automóvel, surge-nos, no terreno de esquina junto à rotunda da Lota (à esquerda), um pequeno campo de jogos, mantendo-se a divisão criada pela estrada marginal (2014) - Google Earth Pro

cidade (e que abrange as praias de Santo António e do Norte). Num troço intermédio, que abrange a maioria da frente litoral edificada, surgiriam, então, os equipamentos de *restauração*, bem como as esplanadas e os apoios à praia, abrangendo este troço as praias do Tarquínio-Paraíso, do Dragão Vermelho e, ainda, uma parte da Praia Nova. Chegando ao troço, no qual se implanta o *Pólo das Pescas*, e que abrange uma parte da Praia Nova e toda a Nova Praia, propõe-se um novo regime de usos, sendo que a localização específica dos novos programas deste polo, acaba por marcar o início de uma nova zona específica, vocacionada essencialmente para a prática da atividade piscatória e que se dispõe ao longo da remanescente linha de paredão.

O objetivo desta alteração de uso consiste na criação de uma zona de *transição* que seja capaz de diferenciar, mas de forma gradual, a realidade de maior *bulício*, dos restaurantes e do surf, em contraponto com a realidade, mais *pitoresca*, do trabalho dos pescadores e da sua “*coreografia*” quotidiana. Esta alteração pretende, assim, contrariar uma tendência que se tem vindo a instalar nesta frente marítima e que passa pelo “*domínio*” maioritário desta frente “*preciosa*” por parte dos concessionários privados que exploram os equipamentos de praia. Com a crescente valorização da cidade através do *turismo*, estes equipamentos proliferaram e os concessionários acabaram por aumentar, de ano para ano, a sua área de ocupação do espaço de areal destinado a espreguiçadeiras, reduzindo, deste modo, a área de praia disponível para os restantes banhistas. Estas circunstâncias particulares terão, assim, “*empurrado*” o espaço de trabalho dos pescadores cada vez mais para sul, sendo hoje visível o seu *descontentamento* perante a ausência de um espaço adequado onde possam realizar, em condições apropriadas,

a manutenção e preparação do material de pesca (redes e barcos), para além da *divulgação* da arte xávega junto das pessoas (atividade esta que hoje já não possui uma expressão económica forte, correndo mesmo o risco de desaparecer). Ao mesmo tempo, o troço onde se situa o Pólo das Pescas efetua, como elemento *intermediador*, a transição de um ritmo de vida, urbano e dinâmico, para uma realidade, mais tranquila e baseada na natureza, associada às designadas “*praias de transição*” (compostas pelas praias da Saúde, da Mata e da Riviera) e às correntezas, remanescentes, de *cabanas de pescadores* que aí se localizam e que remetem para as memórias da primitiva povoação de pescadores caparicanos.

Partindo da consideração da importância da memória na arquitetura, bem como dos *sistemas naturais* que a suportam e que compõem o território, propõe-se, deste modo, todo um processo de *redesenho* da faixa de transição onde se insere o Pólo das Pescas e que acaba por constituir um troço urbano com uma grande proximidade à praia e ao ambiente marinho. Neste troço, e de acordo com esta estratégia de redesenho, procura-se recuperar uma intenção relacionada com a *renaturalização* de certas partes do território e inverter os danos provocados por ações humanas, protegendo e reforçando a importância dos limites naturais na construção da paisagem. Esta ideia de “*renaturalização*” de certas partes do território entra em consonância com as ideias propostas por um importante plano urbano que foi realizado para a cidade, o designado “*Plano de Urbanização da Costa da Caparica*”, e que se encontrava integrado no âmbito do “*Plano Geral de Urbanização do Concelho de Almada*”.



Figura 210 - O edifício da Lota de Pesca (esquerda), e os abrigos de pesca (direita), construídos no âmbito do programa Polis - destaque a proximidade face aos prédios de habitação, bem como a quase “imersão” deste conjunto edificado na duna (Novembro de 2020)



Figura 211 - O conjunto de abrigos, para o armazenamento dos apetrechos de pesca, construídos no âmbito do programa Polis - destaque o contraste entre as “massas” dos prédios de habitação e a aparência, frágil e degradada, dos abrigos, e em relação às madeiras do apoio de praia à esquerda - apesar de mais baixos, são estes edifícios que destoam na envolvente urbana (Novembro de 2020)



Figura 212 - Terreno de esquina, junto à rotunda da Lota de Pesca - tal como no ortofotomapa, vemos a vegetação rasteira, e arbustiva, a invadir os terrenos de areia; à direita, vemos uma parte do atual campo de jogos; este terreno localiza-se dois metros abaixo da cota da avenida marginal, não sendo pois possível ver as dunas, o paredão e o mar (Novembro de 2020)



Figura 213 - Terreno de esquina, junto à rotunda da Lota de Pesca - contrastes e dinamismos, criados na paisagem, com a passagem cíclica do tempo; este terreno, de esquina e junto à rotunda da Lota de Pesca, ora se encontra quase “despido”, ora é invadido pela vegetação, criando-se diferentes cores e texturas (Novembro de 2020)

Este plano foi concebido para o ordenamento e arranjo urbanístico do agrupamento das localidades da Costa de Caparica, da Trafaria e da Cova do Vapor, tendo sido elaborado pelos arquitetos urbanistas de Gröer e Faria da Costa. Este plano urbano assentava em princípios basilares de ação, introduzindo uma inovadora noção de sustentabilidade associada ao território da cidade e à preservação dos seus limites naturais, os quais se prendem, sobretudo, com o cordão dunar primário e com as matas. Na memória descritiva deste plano, o arquiteto Faria da Costa chega mesmo a espelhar a sua estupefação perante o estado de desordem existente na mancha de edificado construído e no ordenamento dos terrenos, tal como a seguinte passagem atesta:

*"Este caso diz — pode considerar-se um fenómeno típico dos aglomerados cujo desenvolvimento se fez rapidamente, sem plano pré-estabelecido, agravado pela falta de controle por parte do município e por uma ausência absoluta de espírito colectivo que levam ao abandono dos deveres de cada um para com a sociedade de que faz parte." E o arquiteto continua a sua reflexão, nesta linha de pensamento: "Na Costa da Caparica tudo se esqueceu, desde a mais elementar regra de construção à mais simplória medida de higiene, tudo se autorizando, com desprezo completo das disposições do Código Administrativo."*¹¹⁴

Esta desordem, associada ao ordenamento dos terrenos livres da cidade é varias vezes salientada por Faria da Costa na memória descritiva

114 "Plano de Urbanização da Costa de Caparica". (Março de 1947). Revista *Arquitectura*. in Rui Granadeiro. (5 de Setembro de 2016). "Plano de Urbanização da Costa da Caparica". blog *Mar da Costa*. Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=faria+da+costa>

deste plano urbano, chegando mesmo a afirmar que *“se é certo que o Município não exigiu dos munícipes o cumprimento das mais elementares regras de higiene nem defendeu a colectividade de uma especulação desenfreada de mela duzia de negociantes de terrenos, não deixa também de ser verdade que não tem havido a mais leve reacção dos que vão para a Costa da Caparica, dos quais fazem parte, na época estival, nomes de primeiro plano em todas as camadas sociais.”*¹¹⁵

Com base neste princípio, relacionado com o cuidado e sensibilidade perante a paisagem, conseguimos perceber, através do desenho do plano de Faria da Costa e de Gröer, que existia a clara intenção de *limitar o crescimento* do aglomerado urbano da cidade a norte e a sul, sendo estes limites materializados no desenho da mancha das matas florestais. Neste plano, é visível uma *paragem*, clara, da mancha de edificado construído, a norte junto ao atual Bairro de *“moradias”*, e a sul, exatamente no ponto onde, atualmente, se localiza a *lota de pesca*. De acordo com este desenho do plano, a última via, pedestre e rodoviária da cidade, a sul, seria a atual Rua Engenheiro Henrique Mêndia (rua que delimita, no lado norte, a faixa de transição onde se insere o Pólo das Pescas). No local onde hoje se localiza a rotunda *“da lota”*, ou seja, na interseção entre a avenida marginal das praias (Avenida General Humberto Delgado) e a Rua Engenheiro Henrique Mêndia, seria proposta, de acordo com este plano, a criação de uma *praceta*, que realizaria o retorno automóvel para a avenida principal da cidade (Avenida Dom Sebastião).

115 Rui Granadeiro. (5 de Setembro de 2016). “Plano de Urbanização da Costa da Caparica”. Blog *Mar da Costa*. Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=faria+da+costa>



Figura 214 - Mário Novais, Planta de Conjunto do Plano de Urbanização da Costa da Caparica (1946), Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte - neste plano, vemos o desejo de contenção dos limites edificados da cidade; destaco o início da faixa dunar intervencionada, na zona da lota, que corresponde, aqui, a uma praceta (ponto mais à direita), a partir da qual existe, apenas, área verde de mata e de duna.



Portanto, como podemos compreender, revela-se, novamente, importante a criação de uma *faixa de transição* na cidade que seja capaz de criar uma gradação suave entre as paisagens urbana e natural e que não efetue um “*corte*” demasiado forte ao nível do desenho urbano, da forma que foi concebido por Faria da Costa (e que, talvez, não fosse a intenção inicial da proposta). A intenção, acima descrita, de “*renaturalização*” da paisagem da faixa de transição onde se implanta o Pólo das Pescas prende-se, de modo mais específico, com a reconstrução e, até, com a recriação do ecossistema associado à paisagem dunar.

Propõe-se, deste modo, não só a recriação de uma *nova faixa litoral de dunas*, à semelhança do que existia no passado, como também se propõe, segundo a lógica do plano de Faria da Costa, a eliminação do troço da avenida marginal General Humberto Delgado que atravessa toda a faixa de transição (no sentido longitudinal). A proposta de intervenção, desenvolvida por mim, coloca, assim, um enfoque na criação de *continuidades*, ao nível da paisagem da cidade, materializadas na nova faixa de transição do Pólo das Pescas. É na área deste pólo que se propõe a criação de uma nova zona de *dunas*, plantada com recurso a *espécies autóctones* deste território (tais como o feno das areias e a amófila das areias) e baseada no ecossistema dunar existente no passado. Desta forma, as dunas “*invadem*”, de modo harmonioso, o tecido edificado da cidade, existindo, também, uma transição suave do mesmo para a área hoje ocupada pelos *parques de campismo* (de acordo com a proposta urbana do grupo de investigação “*Entre o Mar e a Terra*”, o primeiro destes parques, a norte, seria, novamente, convertido em área de mata, tal como no passado, composta pelas espécies arbóreas autóctones, como a acácia e o pinheiro bravo, e esta área estaria associada a um novo complexo desportivo).

Uma vez que falamos, no caso desta faixa de transição (que consiste no local de implantação do Pólo das Pescas), na zona urbana que antecede a zona natural protegida das matas, a sul (e hoje, em parte, ocupada por parques de campismo), revela-se essencial não só construir uma “*gradação*”, ao nível da relação do *edificado* com o *sistema dunar*, como também realizar uma transição gradual ao nível da *mobilidade*. Neste sentido, a remoção deste troço da estrada marginal vem contribuir para a ativação do *potencial cultural e vivencial* desta faixa litoral, permitindo o seu usufruto intenso por parte da comunidade através da eliminação dos fluxos de trânsito automóvel (hoje bem presentes no local). É neste ponto que se realça a pertinência da *remoção do troço da marginal de praias*, disposto ao longo da faixa de implantação do Pólo das Pescas, passando, apenas, a existir, como limite permeável entre a cidade e a praia, os carris e os muros/bancos associados à infraestrutura de circulação do comboio “*transpraia*”.

A criação desta *zona de transição* entre o construído e o natural, com base na alteração de usos, não possui o objetivo de cristalizar a prática da arte xávega no presente, mas sim de a valorizar e de preservar a riqueza do seu património como elemento identitário da *memória* da Costa de Caparica. Esta valorização é concretizada com o recurso a dois elementos fundamentais, sendo um deles as *estruturas físicas* que suportam os novos programas de edificado do Pólo das Pescas e que são interligadas, ao nível da proposta de projeto, por uma rede exterior de *percursos pedestres* para o acesso visual ao mar, rede esta alicerçada na memória dos antigos e atuais caminhos de pé-de-posto que os fluxos humanos criaram ao “*deambular*” pelo areal e pelas dunas. Este sistema de percursos acaba por constituir uma espécie de “*microclima*” no seio da totalidade do trajeto



Figura 216 - Costa da Caparica, um piquenique familiar, em segundo plano a igreja e o Colégio do Menino Jesus (década de 1900), fotografia de Arlindo Ferreira - a expressão e presença marcante das dunas, em continuidade na paisagem passada da cidade, criando, per si, “espaços” que consistem nas zonas de relevo mais baixo dos morros de areia



Figura 217 - Costa da Caparica, ed. José Nunes da Silva (década de 1940), Delcampe - o modo como as dunas se “fundiam” com o próprio edificado, criando zonas de alagação naturais e, com isso, pequenos lagos no areal, que atraíam uma rica biodiversidade



Figura 218 - O início, a norte, da faixa dunar do Pólo das Pescas, com destaque para o troço que compreende o terreno de esquina junto à rotunda da lota - contraste entre a textura da arriba fóssil, da duna, dos prédios e dos camiões da Lota



Figura 219 - Fotomontagem da proposta, do Pólo das Pescas, de “renaturalizar” esta faixa da cidade como duna, à semelhança do passado; repõe-se, assim, a continuidade na paisagem, entre a cidade e a praia

da Rota da Memória e poderá proporcionar, aos locais e aos turistas, a possibilidade de um contacto mais próximo e informal com a prática da arte xávega, para além de criar novas possibilidades de *aprendizagem* e de *valorização* das práticas tradicionais enraizadas neste território (quer seja a observar os pescadores a reparar as redes ou a comprar o peixe fresco, diretamente, junto à Lota). Este conjunto de percursos permite aos transeuntes, não só a fruição do ambiente da praia e do mar, como permite também a realização de passeios de carácter mais *lúdico* que lhes permitem absorver a riqueza dos *valores culturais e sociais* do sítio. São estes percursos que poderão levar quer locais, quer turistas a descobrir as “*rotas*” específicas da pesca com arte xávega, bem como a “*coreografia*” quotidiana da movimentação dos pescadores, entre a Lota de pesca e a praia, e que se assemelha quase a um “*bailado*”.

Para descrever, com maior exatidão, os vários momentos que pautam este “*bailado*”, devo, agora, especificar os *programas arquitetónicos* e os vários tipos de novos equipamentos de apoio terrestre à pesca, cuja criação se propõe ao abrigo do Pólo das Pescas. Este pólo engloba, em primeiro lugar, um novo edifício correspondente à *Lota de Pesca*, propondo-se uma realocização deste equipamento face à sua implantação atual. Por se encontrar demasiado perto de edifícios de prédios de habitação, a lota atual acabou por sofrer, ao longo dos anos, os efeitos de situações relacionadas, principalmente, com a questão da higiene urbana. Pelo facto de a zona da lota ser uma área que, naturalmente, está sujeita ao ambiente de chegada do peixe e ao seu tratamento, existe a constante acumulação dos resíduos resultantes de tal atividade em contentores de lixo públicos, que foram até infestados por gaivotas e algumas pragas. Também (poderemos deduzir) pelo facto de se encontrar localizada

em grande proximidade de áreas de habitação, com fluxos intensos de pessoas, sobretudo durante a época de veraneio, terão ocorrido situações associadas à insegurança e mesmo à criminalidade, tendo os abrigos dos pescadores, por exemplo, sido várias vezes vandalizados e assaltados. Tentando, assim, combater estas questões, proponho a realocização da lota para sul, numa parcela alinhada, a norte, pela Rua Engenheiro Henrique Mêndia, e que ocupa um dos atuais “setores” de duna, que ladeiam todo o paredão.

Em segundo lugar, o Pólo das Pescas engloba um novo conjunto de armazéns de *aprestos* destinados ao armazenamento dos apetrechos de pesca, e complementado por um novo alinhamento de *cabanas* de pescadores, dispostas de forma elevada, sobre a duna e ao longo da linha de paredão. Estas novas cabanas que se sugere implantar ao longo do troço que compreende a faixa de transição (ou seja, desde o limite sul da atual lota de pesca até ao término sul do paredão), funcionam como complemento das estruturas de armazenamento dos aprestos, uma para cada companhia de pesca, e criam ainda, uma importante *conexão*, visual e material, com o alinhamento remanescente das originais cabanas de pescadores (localizado a sul do término do paredão). Para além do alinhamento visual, a implantação destas novas cabanas acaba por, de certa forma, revitalizar a memória dos antigos *palheiros*, constituindo, simultaneamente, um elemento com uma finalidade prática e com um carácter de atração e de pitoresco, remetendo para a *memória* e identidade originais da cidade.

Para além dos aprestos e das cabanas de pescadores, propõe-se ainda a importante criação de um novo espaço de *oficina*, vocacionado não só

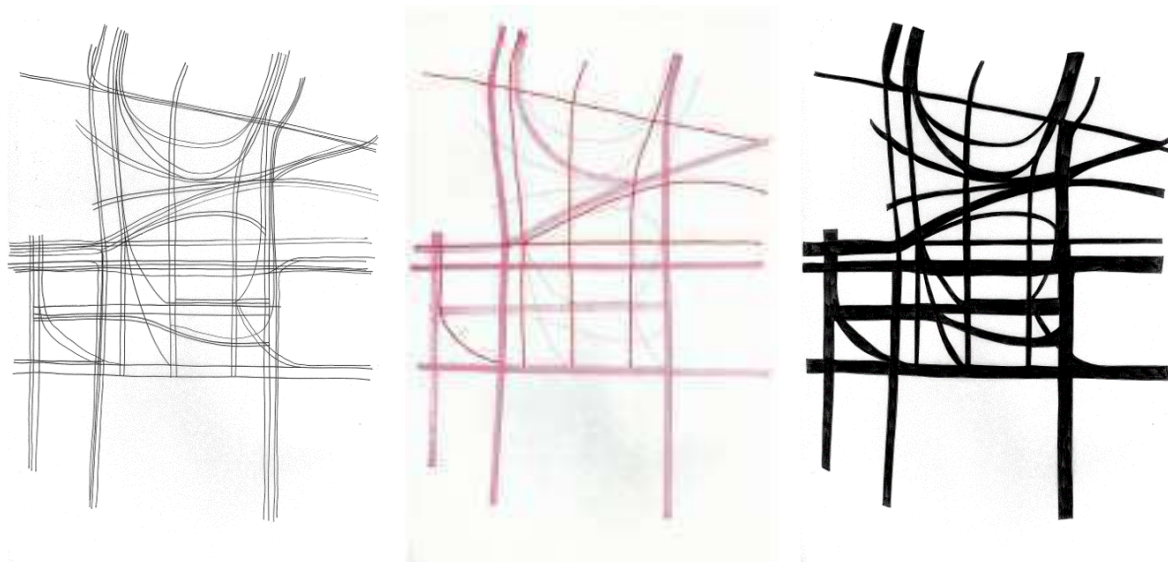


Figura 220 - Estudo dos fluxos ao longo do trecho mais a norte da faixa dunar de transição, proposta como base para o Pólo das Pescas, e que integra duas vertentes de programa: acima da avenida marginal, propõe-se a criação do Centro de Interpretação da Arte Xávega, propondo-se a realocização da lota para o terreno exatamente a poente do Centro, do outro lado da estrada (que se propõe ser retirada a partir da rotunda)

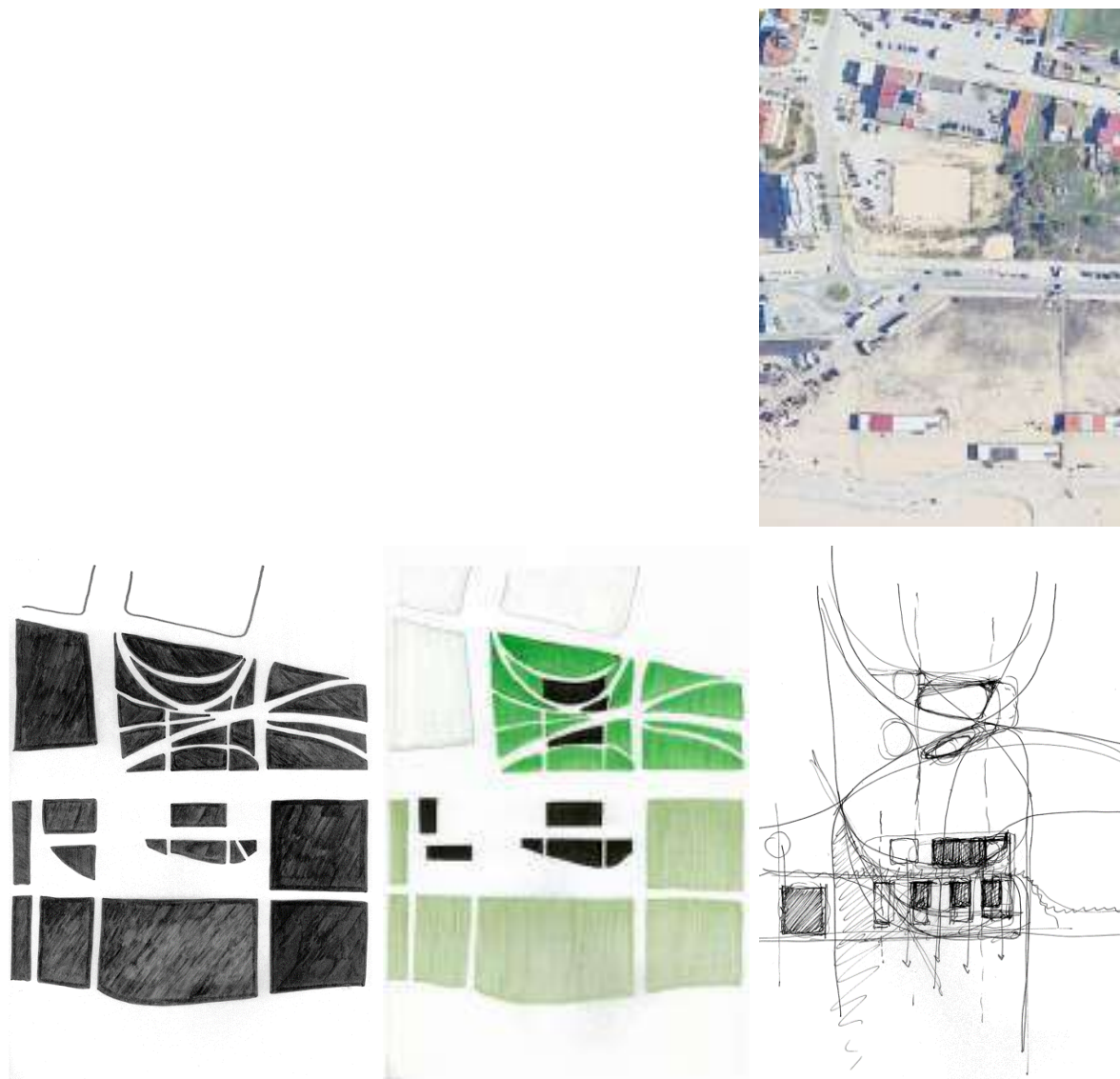


Figura 221 - Estudo dos fluxos ao longo do troço mais a norte da faixa dunar de transição, proposta como base para o Pólo das Pescas, e que integra duas vertentes de programa: o Centro de Interpretação da Arte Xávega e a Lota de Pesca; estudo de volumes de edificado, em contraste com as “manchas” verdes de duna

para a preparação e reparação das redes e dos barcos, mas também vocacionado para o ensino e para a divulgação da pesca com arte xávega junto da população.

São todos estes equipamentos que, em conjunto com a Lota, materializam e fornecem o cenário para os momentos principais da “*coreografia*” da arte xávega: em primeiro lugar, os pescadores preparam ou efetuam reparações no material utilizado na pesca; de seguida, estes transportam os barcos até ao areal da praia; já no areal, os barcos dão entrada no mar, para a colocação das redes; o regresso dos pescadores à praia, momento ansiado por todos, antecede o momento, no final do dia, em que se puxam as redes novamente para terra, hoje com recurso a tratores e, no passado, a juntas de bois ou a grupos de homens; antes da chegada das redes ao areal, aproxima-se, já, um grupo de curiosos, turistas e locais, a admirar a “*arte*”, sendo que outros vão já preparados com sacos para poderem efetuar a compra de peixe fresco logo ali na praia; no momento de chegada das redes ao areal carregadas de peixe, é tempo de começar o alvoroço da sua separação em caixas e da sua posterior venda, antes de os pescadores se dirigirem, novamente, à lota (onde é realizado o processamento e a licitação do pescado, e ainda a sua venda aos fornecedores).

O terceiro e último equipamento que compõe uma importante parte do Pólo das Pescas consiste no *Centro de Interpretação da Arte Xávega*. Este centro, no seio do conjunto de novos equipamentos propostos no âmbito do Pólo das Pescas, surge, na paisagem da cidade e, em específico, na faixa de transição descrita acima, num lugar de elevado destaque. Implantado exatamente a nascente da avenida marginal das praias (Avenida General

Humberto Delgado) e no alinhamento da Lota e dos Aprestos de Pesca, este espaço possui a importante função de, não só, preservar a memória associada à história da atividade piscatória na Costa de Caparica, como também proporcionar um novo espaço, de cariz cultural, que seja aberto à intervenção da população caparicana e à celebração das suas heranças e legados para o futuro. Este centro abrange *três “corpos”* distintos, que associam um espaço de núcleo museológico, a um centro de investigação e, ainda, a um espaço de cafetaria e de bilheteira, proporcionando uma nova experiência de relação do visitante com a paisagem natural das dunas. Este novo programa cultural do Centro de Interpretação será descrito, com mais detalhe, no capítulo que se segue.

Em jeito de conclusão, podemos afirmar e reforçar a importância da proposta de criação do Pólo das Pescas da Costa de Caparica, o qual contribuirá para a conservação e preservação de uma paisagem de cariz *cultural* associada à pesca e que se interliga, numa relação de dependência direta, com a paisagem *natural* do território. Esta ideia de paisagem cultural e humana, remete-nos, facilmente, para o conceito de “*memória do lugar*” o qual, neste caso em particular, nos é sugerido por esta “*coreografia*” característica da *arte xávega* que era já praticada no passado pelos primeiros habitantes do lugar da praia da Costa de Caparica. É esta atividade e prática tradicional que, desta forma, é “*celebrada*” no Pólo das Pescas, bem como todo o legado histórico das gentes que habitam a cidade. Vejamos, assim, a definição deste conceito (“*memória do lugar*”), criado pelo filósofo Edward S. Casey, e que reforça a importância de uma estratégia de *articulação com o lugar*, preconizada pelos programas que compõem o Pólo das Pescas:

"It is the stabilizing persistence of place as a container of experiences that contributes so powerfully to its intrinsic memorability. An alert and alive memory connects spontaneously with place, finding in it features that favor and parallel its own activities. We might even say that memory is naturally place-oriented or at least place-supported."¹¹⁶

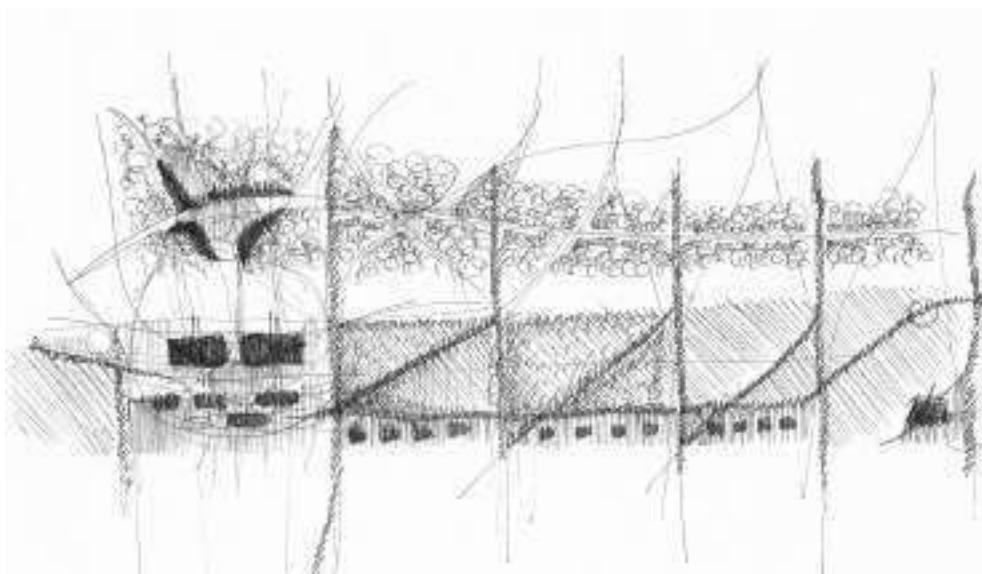


Figura 222 - Desenho, em planta, de estudo dos fluxos humanos, de uma estrutura de percursos pedestres e das "manchas" de duna e de verde arbustivo, em conjugação com as novas volumetrias dos programas propostos; destaco a nova linha de abrigos de pesca, ao longo do paredão

116 CASEY, Edward S. (1987). *Remembering: A Phenomenological Study*. Bloomington. Ind.: Indiana University Press. in HAYDEN, Dolores. (1995). *The Power of Place: urban landscapes as public history*. The MIT Press. Cambridge. Massachusetts. p.46

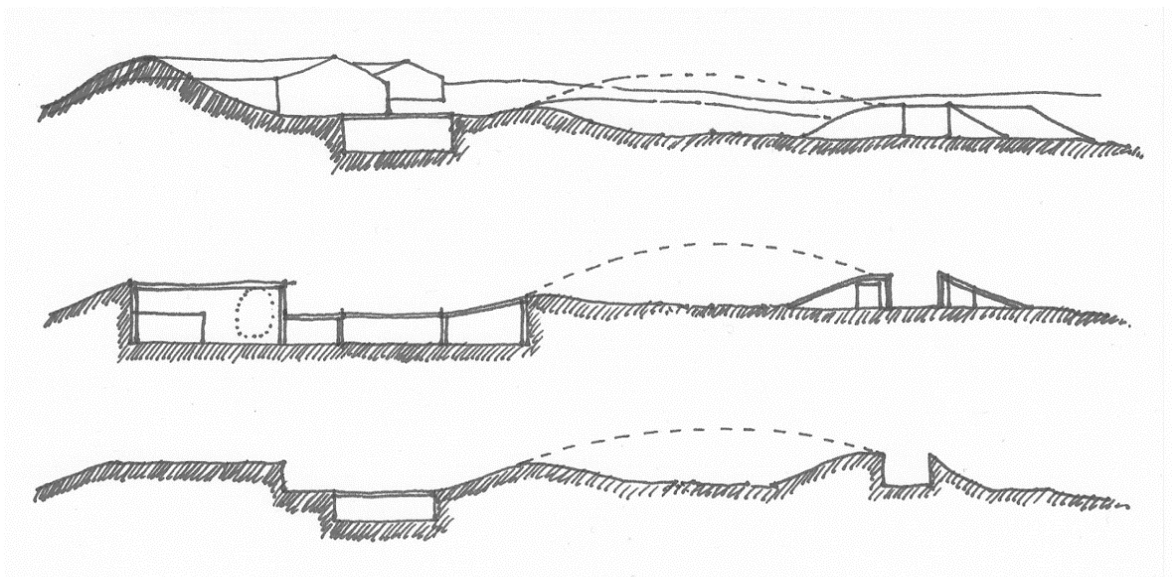


Figura 223 - Estudos, em secção transversal, da implantação do Centro de interpretação da Arte Xávega (esquerda) e da Lota e aprestos de Pesca (direita) no terreno das dunas - "camuflar" na paisagem



Figura 224 - Planta da proposta urbana de criação do Pólo das Pescas - recriação de um novo relevo de dunas, à semelhança do que ali existia no passado; articulação com a frente de praias; conexão entre o Centro de Interpretação da Arte Xávega e a nova Lota; eliminação da estrada marginal, a partir da rotunda (apenas permanece a linha do comboio transpraia)

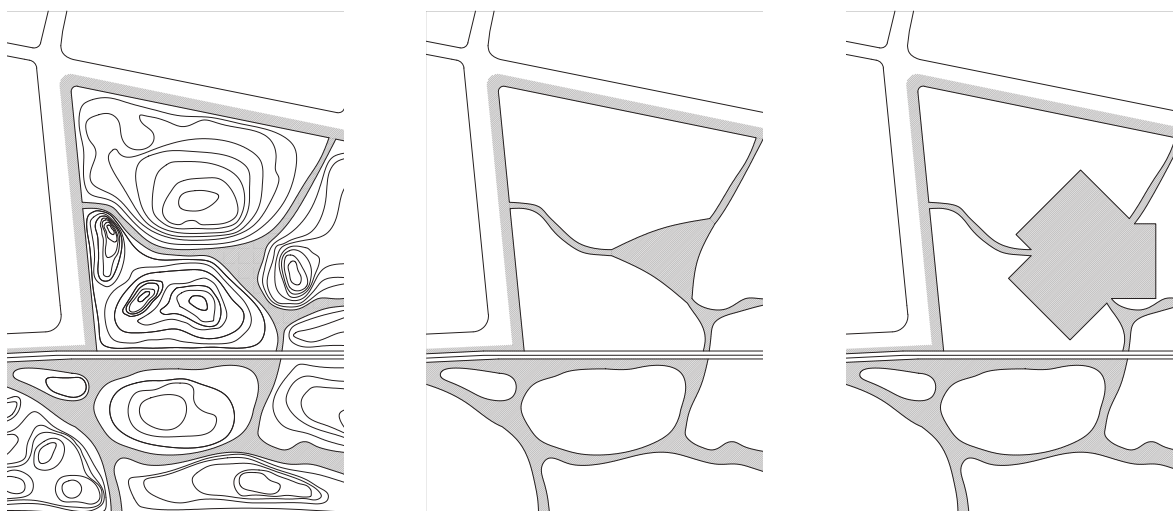


Figura 225 - Diagramas, em planta, que detalham o desenho dos novos caminhos que compõem uma rota pedestre ao longo do Pólo das Pescas, e no âmbito da Rota da Memória; destaco a forma como os caminhos, na areia, desenharam a área de implantação da nova Lota, bem como do Centro interpretativo (formando um ponto de encontro central exterior, que constitui um novo espaço público da cidade)

Centro de Interpretação da Arte Xávega

Inserido no plano estratégico de criação do Pólo das Pescas, na Costa de Caparica, o Centro de Interpretação da Arte Xávega vem dar resposta a uma necessidade essencial para a construção da vida da cidade. Esta necessidade prende-se, então, com a valorização e a preservação da *memória* associada ao legado de histórias, de eventos e de *práticas* que marcam e terão marcado no passado as gentes caparicanas. Para além de promover uma componente de comunicação, relacionada com a *revitalização* das memórias e com a sua apreensão e interpretação ativas, o Centro de Interpretação da Arte Xávega vem, sobretudo, dar resposta a uma lacuna, existente na vida da cidade, ao nível da *cultura*.

Este centro de interpretação, enquadrado numa estratégia de valorização do património do lugar, vem não só proporcionar à população um local onde se possa manifestar nas suas várias “*artes*”, como também acaba por constituir uma plataforma de eleição para a promoção e *valorização* das gentes, do legado e das práticas endógenas deste território, para além da divulgação das novas práticas associadas à *multiculturalidade*, e diversidade, inerentes à população caparicana atual, que constrói hoje novas memórias. Este centro de interpretação, que é aqui o objeto alvo de uma atenção especial, deve almejar tornar-se numa espécie de grande “*síntese*”, prática e simbólica, da vida da Costa de Caparica, sendo capaz de veicular as suas riquezas e valores essenciais através da modelação dos próprios *espaços* nas suas variadas funções. Este centro é um espaço que, desta forma, se abre à comunidade e lhe fornece o “*palco*” para manifestações várias.

Na Costa de Caparica, a *vivência coletiva* adquiriu, ao longo do tempo e desde a sua origem, uma forte componente *espiritual* e religiosa, conectada, intrinsecamente até, com o suporte físico da paisagem. Quer seja nas festas, nas procissões ou nas feiras de rua, o cenário da *praia* e, sobretudo, do areal das *dunas* e do mar revela-se como o denominador comum, sendo que este cenário remete não só para uma sensação de receio face ao desconhecido, como também alimenta *histórias* das idas ao mar e lendas de santos e de seres mitológicos. Fonte de medo, de alegria ou de tristeza, é o cenário marítimo que dá corpo, não só às atividades económicas desenvolvidas pela população, como também acaba por constituir o lugar base para a construção de uma vivência coletiva. São estas vivências coletivas que alimentam a criação de memórias e que consolidam a *identidade* de um povo.

É na praia que decorrem não só as festas e procissões, como também têm lugar os convívios informais, estes muitas vezes formados em torno de elementos simples do quotidiano. Refiro aqui o caso, por exemplo, das *dinâmicas sociais*, ricas e complexas, observadas entre o coletivo dos pescadores caparicanos que, à porta do seu abrigo de pesca ou na praia, a puxar as redes da arte xávega, constroem vivências e momentos de *partilha*, quer seja em torno de uma rede por emendar, quer seja em torno de uma caldeirada caseira, cozinhada pelos próprios. É nos seus percursos diários que os pescadores interagem e desenharam a paisagem, “*deambulando*” pelos caminhos da areia e observando o mar, de forma quase meditativa.

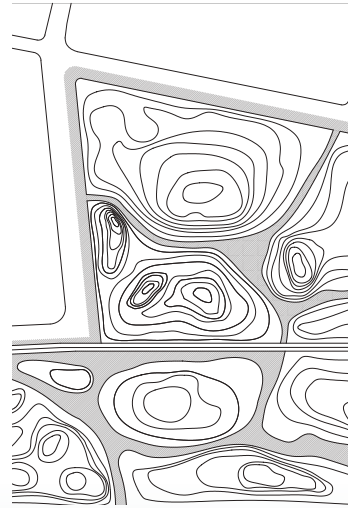
O motivo principal que rege a *implantação*, do novo centro de interpretação, junto ao ponto de cruzamento entre a avenida marginal

das praias (Avenida General Humberto Delgado) e a Rua Engenheiro Henrique Mêndia, prende-se com razões de ordem *funcional*, uma vez que, implantado neste local, o centro adquire uma forte relação de proximidade com a Lota de pesca e os programas de apoio aos pescadores. Para além disso, esta implantação em plena *faixa dunar de transição* (como foi designada no capítulo anterior), adquire um lugar de destaque importante. Este destaque prende-se com a arquitetura dos espaços que compõem o centro interpretativo, o qual acaba por *construir* (ou reconstruir) a paisagem da duna, para além de criar um elemento de *ligação* vital entre a cidade, a Lota de pesca e o ambiente das dunas. Ao estar localizada neste ponto, a implantação do centro de interpretação acaba por desenhar um *novo espaço público* de exceção na cidade, tirando partido de um dos muitos pontos de depressão que marcam a volumetria das dunas.

Nesta estratégia de implantação esteve sempre presente a interpretação do território das dunas, segundo a ideia de que a faixa dunar é composta por zonas de *elevação* e por zonas de *depressão*. Aqui as depressões funcionam como espaços de vazio ou de “*crateras*” / “*clareiras*” que, no fundo, consistem no negativo dos pontos mais altos onde se acumulam as areias (os “*positivos*”). Chega-se, assim, à ideia de que algumas destas “*crateras*” poderiam albergar ou conter *programas* de arquitetura, à semelhança do modo como, no passado, os *palheiros* dos pescadores surgiam erigidos nas dunas (estes surgiam, exatamente, em zonas de depressão das dunas, dando a aparência de estarem contidos numa espécie de “*bolha*”). Esta lógica de implantação aplicou-se não só ao centro de interpretação, como também à zona ocupada pela Lota e pelos aprestos de pesca, de forma a que os próprios programas conseguissem desenhar (ou redesenhar) a *topografia*, para além de se conseguirem integrar, de



Figura 226 - Secção transversal, da cidade à praia, que reforça a ideia de integração do complexo do Centro de Interpretação da Arte Xávega, na paisagem da faixa dunar do Pólo das Pescas, apenas atravessada pela linha do comboio transpraia



forma harmoniosa, na paisagem natural dunar (quase como uma espécie de processo de “*simbiose*”). O próprio projeto do centro de interpretação poderá, desta forma, tornar-se num elemento enriquecedor, introduzindo na cidade uma zona com uma componente *lúdica, cultural e interpretativa* da paisagem da cidade. Para além disso, este centro de interpretação poderia funcionar como agente mediador entre o ritmo agitado da vida urbana e a paisagem natural. Alinhado o seu eixo com o programa da Lota de pesca, o novo centro de interpretação adquire, assim, uma dimensão simbólica e particular de “*monumento*” e de homenagem a uma intensa vivência ligada ao mar.

O projeto do Centro de Interpretação da Arte Xávega nasce, assim, de forma natural e orgânica, a partir da definição e escavação de *três caminhos na areia*, cujo desenho se baseia na interpretação da evolução, ao longo do tempo, dos primitivos caminhos de *pé-de-posto* originados pelo movimento dos fluxos humanos na areia. Estes caminhos constituem, não incisões fortes no terreno, mas sim *percursos orgânicos* que surgem entre os morros das dunas (e que dão a aparência de terem lá estado desde sempre). São estes três caminhos principais que, ao estarem alicerçados numa *rede* de percursos pedestres desenvolvida ao longo de toda a faixa de transição de dunas, definem, em termos de desenho, o limite de *três “corpos” semienterrados*. Estes “*corpos*” correspondem a *três programas* de arquitetura, simultaneamente distintos e interdependentes: o *núcleo museológico*, o *centro de investigação* e, ainda, o espaço de *cafetaria/bilheteira/loja*. Seguindo a lógica deste desenho, o visitante aproxima-se, gradualmente, dos programas interpretativos através do conjunto de caminhos de areia, sinuosos e sempre pontuados com a *vegetação* característica das dunas, composta por espécies autóctones do território

da Costa de Caparica (tais como o junco, a amófila e o feno das areias). Estes caminhos conduzem, assim, o visitante, descendo suavemente até uma *praça*, e *ponto de encontro*, ao ar livre que constitui o acesso principal aos três corpos do centro de interpretação e que orienta as pessoas para as três grandes *entradas* nestes edifícios (e que surgem de forma natural, sugerindo ser um vazio escavado que emerge, diretamente, das dunas). A partir desta praça, é possível aceder-se, diretamente, a qualquer um dos “*polos*” do centro de interpretação, e não apenas o acesso direto aos programas que se desenvolvem num nível inferior ao da praça (subterrâneo).

No fundo, poderemos dizer que esta praça ou ponto de reunião consiste no *elemento central de distribuição* das pessoas pelos espaços correspondentes aos três programas definidos. A decisão de criação deste elemento central e gerador de fluxos, prende-se com aspetos de natureza *simbólica*, mas também funcional. De facto, a existência, não apenas de uma única entrada, mas sim de *várias entradas*, não determina uma orientação específica para os edifícios, permitindo assim que estes adquiram uma grande autonomia formal e que, simultaneamente, se encontrem profundamente enraizados no *contexto do lugar* (esta seria a percepção de quem chega à praça principal e observa os três edifícios virados para si). Esta desmultiplicação das entradas permite também uma ausência de relações preferenciais, por parte do visitante, com certos aspetos da envolvente do projeto, acentuando, deste modo, a sua pertença coletiva e não setorial à paisagem. Para além disso, esta centralidade da praça exterior proporciona e promove a *concentração coletiva* num único ponto, fornecendo-lhe ainda qualidades espaciais que poderão favorecer situações de *convivialidade*. Ainda ao nível do exterior, surgem

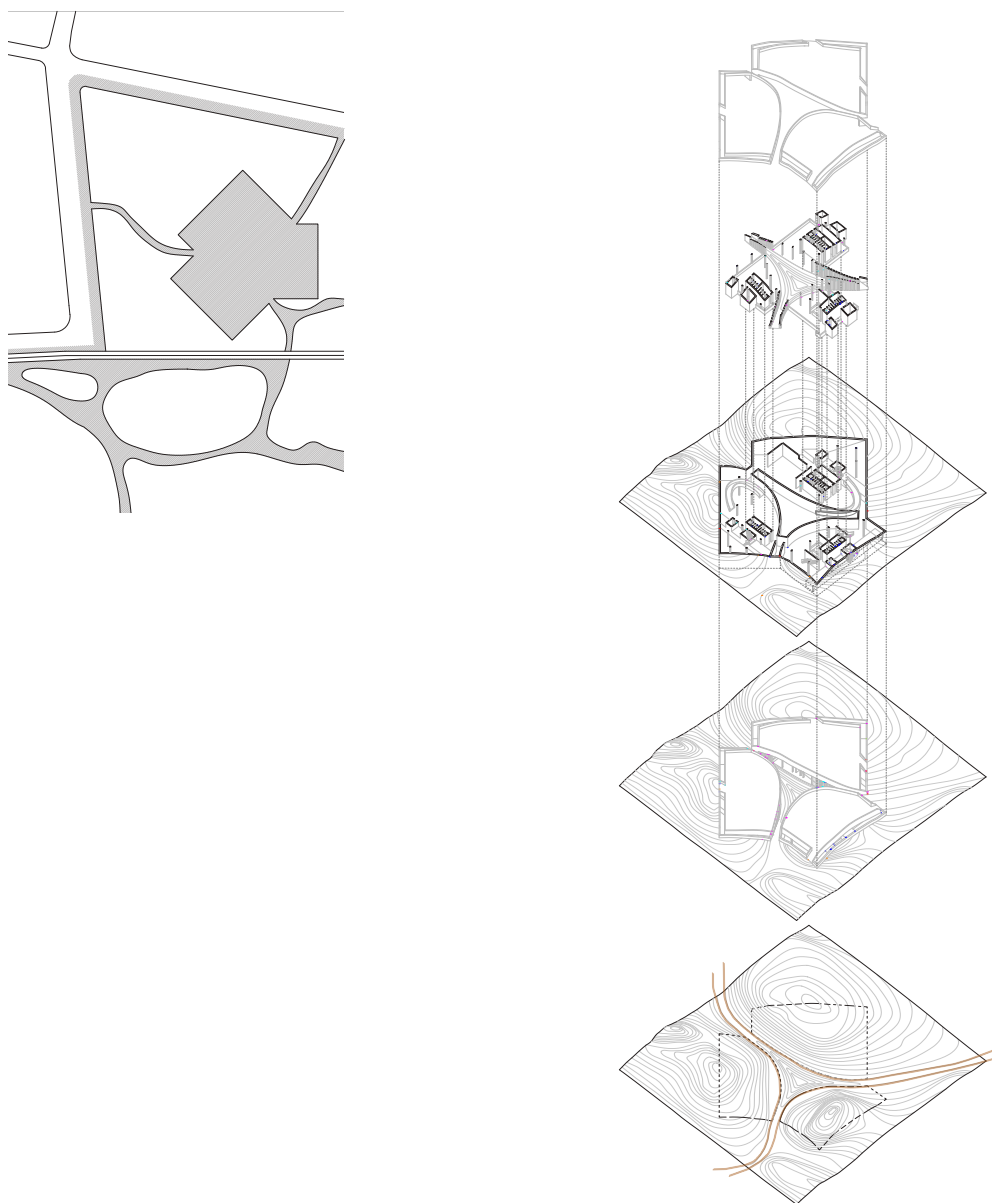


Figura 227 - Axonometria explodida - implantação do Centro de Interpretação da Arte Xávega no novo relevo das dunas, desenhado no âmbito do Pólo das Pescas (destaque para a integração, de forma enterrada, dos três blocos que compõem o centro, para além da morfologia particular das coberturas)

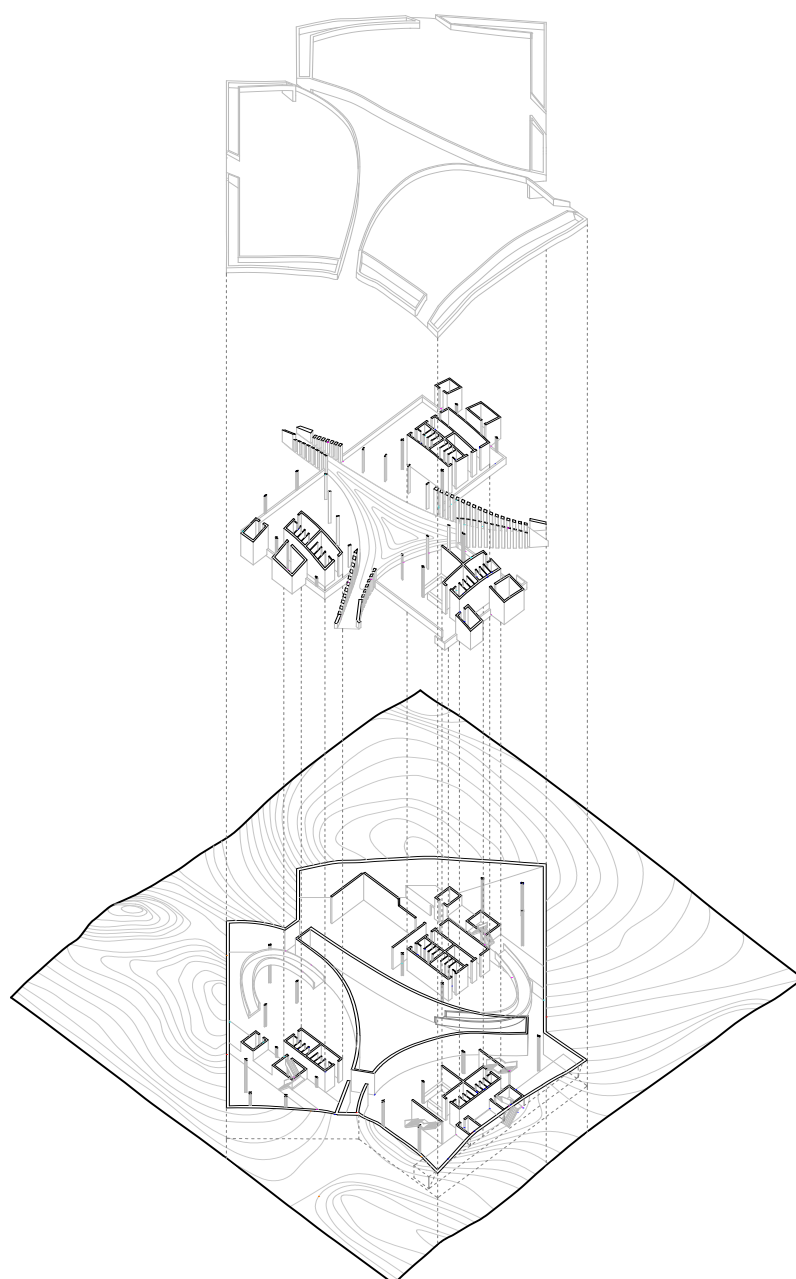


Figura 228 - Axonometria explodida - detalhe da organização espacial do interior dos três blocos, que compõem o centro interpretativo, com destaque para os elementos geradores dos núcleos estruturais

as *três coberturas semienterradas*, correspondentes a cada um dos três programas que compõem o centro de interpretação. Estas coberturas abrem-se sobre a praça, acentuando a ideia de centralidade e reforçando um sentido de pertença a um lugar, neste caso, de *simbiose* entre a terra e o mar (refiro-me aqui à faixa dunar de transição, na qual se implanta o centro de interpretação).

Regressando à praça, ou seja, ao elemento central de distribuição das pessoas, surgem-nos três superfícies de parede que mais parecem que *emergem da matéria* da própria duna. Nestas superfícies de parede que possuem um forte *caráter matérico* na relação com o lugar das dunas (em termos de cor e de textura do material que as compõe, ou seja, o betão), surgem, alinhadas com o centro da praça exterior, *interrupções/vazios/aberturas* que consistem em *superfícies envidraçadas*, estruturadas por um sistema de *caixilharia* e de *perfis metálicos* e que marcam a zona de entrada em cada um dos edifícios que compõem o centro de interpretação. Estas entradas materializam-se num conjunto de *portas pivotantes* que, ao darem acesso a cada um dos edifícios do centro interpretativo, possibilitam, simultaneamente, o seu funcionamento em interligação e, caso necessário, de forma independente e individual.

Coloca-se, neste ponto, um desafio importante: como criar um espaço de carácter museológico capaz de, não só veicular a memória da vida do lugar da Costa de Caparica, mas também ser capaz de *contar a história* da pesca, das alegrias e dos desastres? A intenção, na resposta a esta desafio, revelou-se muito clara desde o início: criar um espaço aberto à população, que fosse *“transparente”* na sua relação com a envolvente do lugar e que fosse amplamente *“contaminado”* pelas influências da *vida*

coletiva da cidade e também pela imagem, muito característica, associada aos palheiros e à *arquitetura tradicional* dos pescadores. Ao potenciar a relação com os caminhos da duna e com uma vivência fortemente alicerçada no exterior, o centro interpretativo consiste num objeto que procura *ativar* a participação da população. Abrindo-se à investigação sobre a cultura do sítio onde se implanta, o centro de interpretação assume, desta forma, um papel de destaque dentro da estratégia preconizada pelo Pólo das Pescas e, sobretudo, no sentido do conceito de “*museu vivo*” exposto nos capítulos anteriores. A ideia patente neste conceito associa-se ao conjunto de percursos pedestres que, em conjunto com o programa do centro interpretativo e da lota, acabam por criar uma “*rota*”.

Esta rota permite não só a experiência de descoberta da história do lugar, proporcionada pelo centro interpretativo, como também possibilita, em linha de *continuidade*, o contacto direto e próximo com os pescadores e com a prática da *arte xávega*. Segundo esta ideia, assume-se que seria possível transitar, de forma natural e informal, da cidade para o centro interpretativo e, seguidamente, para a lota. Na lota, poder-se-ia comprar o peixe fresco e, junto às oficinas onde trabalham os pescadores, os transeuntes poderiam observar, de perto, o seu trabalho, conhecendo melhor, desta forma, a identidade do sítio. Falamos, no fundo, de um objeto arquitetónico (ou num conjunto de objetos), do qual todos podem, à sua maneira, “*tomar posse*” e transformar e que representa, na sua forma mais essencial, uma memória antiga da qual a população se pode orgulhar.

Entrando, agora, no espaço interior de cada um destes três edifícios, é de referir que estes são, essencialmente compostos, na sua estrutura

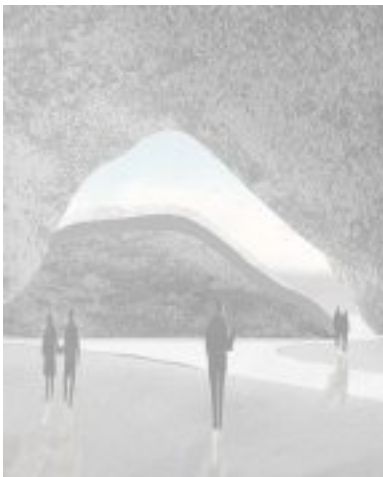
O percurso de
chegada à praça

A zona exterior
coberta da entrada



A entrada no Centro de
Investigação

Figura 229 - Perspetivas conceituais, em fotomontagem, que ilustram os vários momentos e experiências proporcionados pelos diferentes espaços do Centro de interpretação da Arte Xávega



O interior do Museu
(para a praça)



O percurso de ligação
entre as dunas



A cobertura de acesso
pedonal

espacial, por espaços, com um caráter único, que revelam um *duplo pé-direito* de altura (nalguns pontos, que chega aos oito metros) e que são delimitados, lateralmente, por paredes que correspondem, neste caso, aos *muros de contenção* do terreno. Devo referir, também, que toda a construção dos interiores, exceto os elementos de contenção e de suporte das “caixas” de circulação (elevadores e escadas), é realizada em *madeira*, assente por sua vez numa rede semienterrada de *fundações* em betão armado. Este sistema de fundações é aplicado, com o intuito de possibilitar a estabilização do edifício que, no fundo, se encontrará assente sobre a duna. Neste ponto, devemos ter em consideração, tal como foi mencionado anteriormente, que o programa do centro de interpretação se insere na paisagem de forma ativa, redesenhando-a e posicionando-se em *continuidade* com a mesma. Ao nível da fachada exterior, temos a existência de importantes aberturas de luz em vidro, intercaladas com superfícies opacas de betão, e que introduzem a luz natural nos espaços do centro interpretativo.

Dentro da lógica das entradas de luz, temos também a existência, nos três edifícios do centro interpretativo, de uma abertura de *luz zenital contínua*, no formato de uma faixa, que possui a largura de dois metros e cujo desenho é orientado pelo limite da laje percorrível que compõe a estrutura das três coberturas semienterradas. Estas coberturas adquirem uma grande importância no projeto, uma vez que não só criam uma *modelação* particular e dinâmica dos tetos nos interiores, como também, pelo facto de serem percorríveis, oferecem aos visitantes a oportunidade de *contemplar* a praça e os diferentes programas a partir de um ângulo superior. Estas coberturas acabam, ainda, por criar atrativos pontos de *miradouro* no seu topo e, pelas suas cotas máximas, permitem a

observação e contemplação da praia, dos pescadores e do mar.

Nos *interiores* dos três blocos, que compõem o centro de interpretação existe, para além do efeito especial de *modelação* produzido pela forma do teto, uma organização programática que segue um *esquema comum*. Esta organização tem, como ponto de referência principal, um *núcleo central* que contém não só as instalações sanitárias e um espaço de cacifos, como também abrange o espaço de receção. Em torno deste núcleo, desenvolve-se um espaço de *mezanino* que possibilita uma contínua circulação e “*deambulação*” em torno deste elemento central. Para fora dos limites que desenham o mezanino encontram-se os anteriormente referidos “*vazios*”, correspondentes aos espaços de *pé-direito duplo* de altura e que correspondem, naturalmente, aos espaços principais dos edifícios que compõem o centro interpretativo.

A par do núcleo central e da laje que define o mezanino, devo destacar a presença marcante no espaço de dois elementos essenciais para a circulação dentro dos edifícios e que consistem na caixa de *elevador* e na caixa de *escadas*. Estes dois elementos surgem no espaço vazio com a forma de duas “*massas*” paralelepípedicas, encontrando-se acoplados, apenas num dos seus lados, ao limite tardo do mezanino. Excetuando estes dois elementos estruturantes do projeto, presentes em todos os três blocos, todo o mezanino se encontra liberto da ancoragem às paredes dos muros de contenção do terreno. Destaco, apenas, o lado no qual a laje do mezanino se prolonga, em *continuidade*, para a praça exterior, através das zonas de entrada. Este aspeto sugere-nos a ideia de que a laje que compõe o mezanino se encontra a “*levitar*” no interior dos espaços, uma vez que, aparentemente, não se apoia em mais nenhum ponto.

Passando à descrição, mais específica, de cada um dos três blocos, começo por referenciar o *centro de investigação*. Com a sua fachada principal virada para a praça central exterior e orientada a poente, o centro de investigação assume um papel importante, no seio da estrutura do centro de interpretação, uma vez que alberga vários programas que, de certa forma, acabam por complementar e enriquecer a experiência museológica. Este é o “*corpo*”, no seio do conjunto do centro interpretativo, que ocupa uma maior área de implantação, já que seria um edifício destinado a conter programas importantes vocacionados para o estudo e para a divulgação da história da Costa de Caparica e, em particular, da pesca com arte xávega. Estes programas consistem, então, numa *sala de estudo e de leitura* e, ainda, num *auditório*, ambos complementados por uma linha de espaços de arquivo, de reunião ou de armazenamento, localizada junto ao limite tardoz do edifício.

A par deste conjunto de espaços, devo destacar a importância da *transição* entre o nível superior do mezanino, à cota da praça exterior, e o nível inferior do projeto, completamente enterrado. Esta transição é feita, neste edifício, não só com recurso às escadas e elevadores, mas também com recurso a uma *rampa*. Esta rampa é um elemento que conecta os dois níveis do programa e que acaba por adquirir um carácter *escultórico*, não só na forma como desenha o interior da sala de estudo, mas também na forma como desenha um percurso contemplativo e de ritmo mais lento, associado a uma transição suave entre duas cotas diferentes.

Para além destes aspetos, devo ainda mencionar a existência, na zona tardoz do edifício, de uma *parede inclinada*, que corresponde, na realidade, ao muro de contenção do terreno, e que cria uma modelação particular da

luz natural nos interiores (cria um efeito de luz difusa, que contribui para a criação de uma ambiência especial, adequada à noção de “*bolha*”, de “*casulo*”, ou até mesmo de “*cratera*”). Este efeito da luz é complementado pelas aberturas de *luz zenital* existentes ao nível do teto e que seguem o alinhamento dos limites da laje da cobertura.

Devo, ainda, destacar, no interior do centro de investigação, a presença de um espaço, localizado num dos lados que rodeia o núcleo central e que se encontra ao nível do mezanino. Este é um espaço vocacionado para um *uso livre e versátil*, seja ele relacionado com exposições, eventos ou, até, com a criação de espaços de trabalho e de oficina. Esta versatilidade ao nível dos usos só pode ser alcançada graças a um *sistema construtivo flexível* e que, neste caso, se relaciona com um sistema de planos de correr, com um eixo giratório. Estes planos permitem, assim, criar diferentes organizações espaciais. Acrescento, ainda, a vista (ou ângulo de observação) que é conseguida a partir deste espaço para a área do auditório, explorando-se, assim, um sentido de abertura contínua entre os espaços, nos quais, quando necessário (e por motivos acústicos), se desenha uma zona de *envidraçado*, tal como acontece neste caso. Este envidraçado não só permite um contacto visual direto com os eventos que decorrem nos outros espaços do centro de investigação, como também permite a passagem da luz natural para o espaço ocupado pelo mezanino. Este aspeto revela-se importante, sobretudo no caso da sala de estudo e de leitura, uma vez que consiste num espaço que possui uma maior necessidade de exposição à luz solar natural.

Passando, agora, a descrever o edifício que aloja o *núcleo museológico*, começo por referir a orientação da sua fachada principal (zona de entrada)

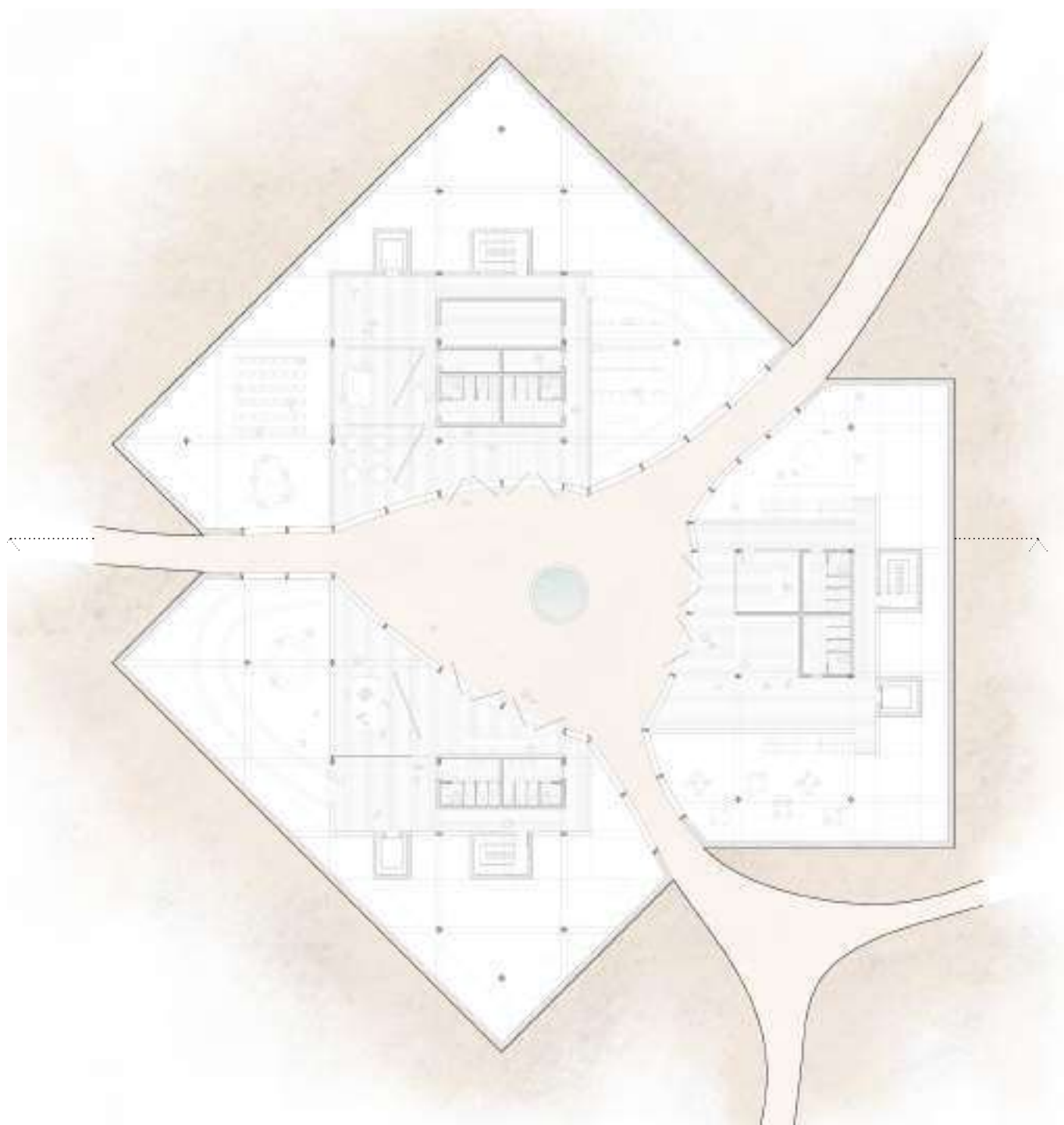


Figura 230 - Planta, à cota da praça central (quatro metros abaixo da cota da atual avenida marginal, com a cota de dois metros) - organização do nível térreo dos programas do Centro de Investigação (cima), do Núcleo Museológico (baixo) e da Cafeteria/Loja/Bilheteira (direita)

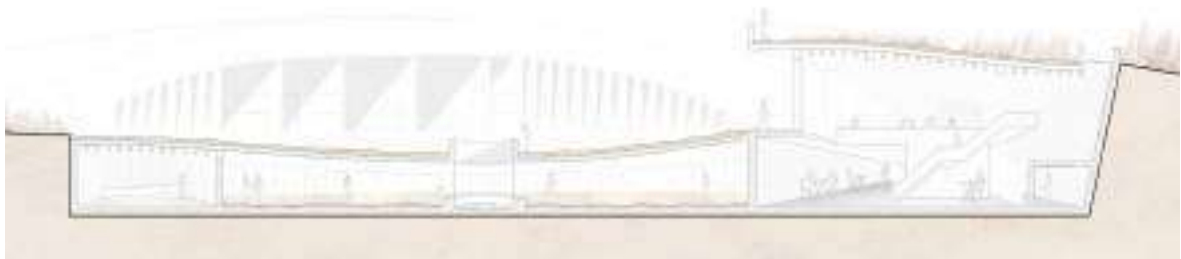
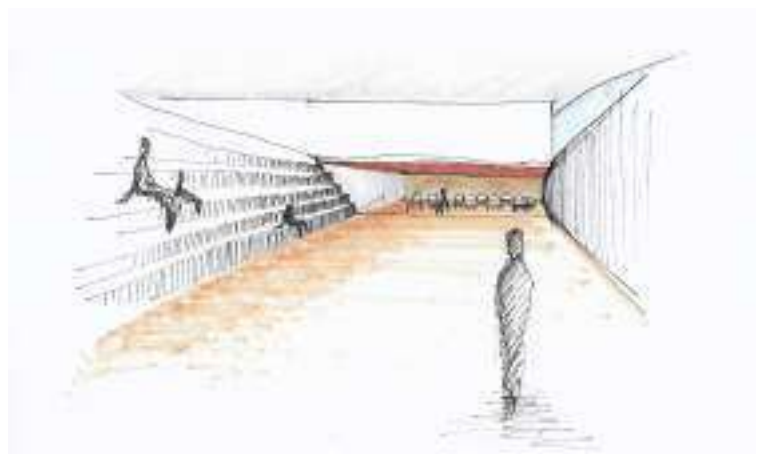


Figura 231 - Secção transversal, que atravessa a praça principal, de areia, e o bloco da cafeteria/loja/bilheteira
 - secção perspectivada que destaca, em primeiro plano, o espaço da praça “inferior” de areia (ao centro) e o espaço da cafeteria (à direita)

a nascente. Uma vez que este núcleo se compõe, essencialmente, de salas e de zonas de exibição associadas a uma *luz mais controlada*, de forma artificial, a orientação a nascente não assume, assim, um problema (sendo que não consiste num espaço que exija uma boa exposição à luz solar natural). Começando no piso que se encontra ao nível da praça central exterior, temos presente, à semelhança dos outros edifícios, uma estrutura de *mezanino* intercalado com espaços de *pé-direito duplo* de altura. Ao nível deste mezanino e num dos lados que circundam o núcleo central existe um espaço de uso livre, vocacionado para a realização de exposições temporárias ou de eventos. Sendo este um espaço que requer grande flexibilidade e *versatilidade* ao nível dos seus usos possíveis, foi necessário implementar um sistema composto, à semelhança do centro de investigação, por *planos de correr*, com um eixo giratório cada um e que podem ser facilmente “*alojados*” em duas das paredes que compõem o núcleo central. Para além de orientar as dinâmicas dos fluxos humanos, quase se assemelhando a um “*deambular*” de carácter períptero, este elemento do núcleo central acaba por se tornar no elemento *gerador* que orienta os alinhamentos, ao nível de desenho de todos os espaços à sua volta.

No nível inferior (enterrado, ou seja, abaixo do nível da praça central exterior), encontramos os espaços de *pé-direito duplo* de altura, ou seja, os “*negativos*” de vazio do mezanino e nos quais encontramos novas áreas expositivas que, preferencialmente, proporcionem experiências temáticas sobre a história do lugar e sobre os seus recursos naturais (com enfoque naqueles ligados ao ecossistema marinho). Também estes espaços de exibição requerem uma grande *versatilidade* no seu uso, existindo, por essa razão, uma replicação do sistema de planos de correr, e de planos

giratórios (pivotantes) que encontramos no espaço do mezanino. Também neste edifício se nota a presença marcante de aberturas de *luz zenital*, que acompanham o alinhamento da laje da cobertura e que contribuem para a criação de uma ambiência particular, em conjunto (e à semelhança do centro de investigação) com uma parede inclinada, localizada na zona tardoz do edifício (e que corresponde, também, a um dos muros laterais de contenção do terreno). Em termos da ligação entre estes dois níveis do programa interior de exposição, esta é concretizada com recurso a uma *rampa*, cujo carácter “escultórico” acaba por desenhar, de forma marcante, a chegada à zona inferior do bloco museológico e também à própria área expositiva.

Chegando assim ao terceiro e último edifício do conjunto do Centro de Interpretação, e que consiste no espaço de *cafetaria*, de *loja* e de *bilheteira*, entramos num edifício que, no fundo, funciona como elemento *intermediário* que acaba por conectar e dar sentido aos programas do centro de investigação e do núcleo museológico. Este edifício respeita a mesma estrutura espacial dos edifícios anteriores que é ancorada num *núcleo central* em torno do qual assenta um espaço de *mezanino* intercalado, por sua vez, com “vazios” de *pé-direito duplo* de altura. Em relação os edifícios anteriores, este edifício de *cafetaria/loja/bilheteira* revela uma diferença, ao nível da *transição* entre os dois níveis do programa interior. Enquanto que, no centro de investigação e no núcleo museológico, esta ligação entre pisos era realizada por meio de uma rampa, no caso do edifício em análise existem *duas escadarias*, alinhadas com os limites do mezanino, e que dão acesso direto aos espaços da *cafetaria* e da *loja*. Estes espaços, localizados no nível inferior (enterrado), beneficiam do efeito de *abertura*, potenciado não só pelos pés-direitos



Figura 232 - Planta, à cota do nível enterrado na duna (quatro metros abaixo da cota praça principal) - organização dos programas do Centro de Investigação (cima), do Núcleo Museológico (baixo) e da Cafeteria/Loja/Bilheteira (direita)

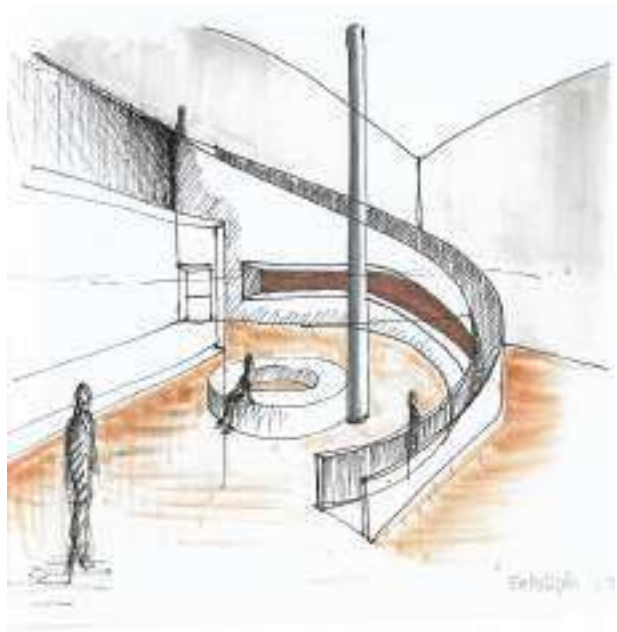


Figura 233 - Secção transversal, que atravessa os dois blocos do Centro de Investigação (esquerda) e do Núcleo Museológico, com destaque para o espaço de auditório (esquerda) e para a sala de exposição da rampa (secção em perspectiva); em cima, esquisso de perspectiva da sala de exposição da rampa

duplos de altura, mas também potenciado por uma *parede inclinada*, correspondente ao muro de contenção tardoz do edifício. No núcleo central, para além das instalações sanitárias, encontramos o espaço de *balcão*, de apoio à cafetaria, para além do espaço da *bilheteira*, sendo ainda de mencionar, à semelhança dos outros dois edifícios, a existência de um “*friso*” *contínuo de luz zenital*, orientado de acordo com o limite da laje da cobertura.

Retomando o espaço central da *praça exterior*, tenho de mencionar a existência de um outro espaço, localizado no nível inferior enterrado e mesmo abaixo da praça, que constitui, também, um elemento de conexão entre os três “*corpos*” do Centro de Interpretação. Este espaço terá surgido a partir da ideia de se criar uma *duplicidade* de “*praça superior*” e de uma “*praça inferior*”, sendo replicada, em baixo, a conexão de fluxos e as ligações entre os três edifícios, através de zonas de *entrada* (também marcadas por um conjunto de portas pivotantes). Para além de constituir a conexão entre os três edifícios, a um nível enterrado no terreno, este é um espaço de cariz especial dentro da lógica do projeto, que assume uma componente de *espaço polivalente* e que possibilita, nesse sentido, não só a criação de *exposições*, mas também a ocorrência de eventos, espetáculos ou *performances* artísticas. Aqui destacam-se dois elementos que conferem uma *ambiência* particular ao espaço, baseados na ideia de “*penumbra*” e de reclusão. No fundo, este espaço faz-nos sentir como se estivéssemos num lugar que está longe de tudo, um abrigo, uma “*toca*”, um *buraco* escavado na areia, no qual nos podemos esconder, momentaneamente, do bulício associado à vida quotidiana e às dinâmicas urbanas da cidade (tal como os pequenos insetos ou os caranguejos que se escondem em pequenos buracos na areia da praia).

Em primeiro lugar, refiro a abertura de *luz zenital*, de formato circular e localizada, exatamente, no centro deste espaço subterrâneo e que permite a entrada de uma *luz focal*. Esta entrada de luz zenital é marcada, ao nível do espaço enterrado, por uma zona de *tanque* para a retenção de águas, constituindo o limite deste tanque, simultaneamente, um *banco corrido* (de formato circular e vocacionado para a contemplação). Este tanque introduz não só o *exterior* na vivência interior do espaço, como também introduz o elemento da “*água*” e efetua, assim, a conexão, *simbólica e física* com o mar e o ambiente da praia. Em segundo lugar, refiro o facto de o *pavimento* deste espaço ser, à semelhança da praça superior, composto por *areia*, aspeto este que traz novamente para o interior do conjunto do Centro de Interpretação o ambiente da praia. Este elemento da “*areia*”, em particular, proporciona, a quem visita este espaço a sensação de estar a *caminhar* em pleno areal, criando assim uma conexão quase espiritual e metafísica com a *mística* e a história do lugar. Este aspeto realça, ainda mais, a importância do “*caminhar*” como ato de descoberta e, ao mesmo tempo, de definição de um *lugar*.

A este nível enterrado, existem ainda *três espaços de apoio*, destinados a arrumação e armazenamento (apoio às exposições e eventos), localizados precisamente por baixo dos troços dos *três caminhos* que conduzem, no nível superior, à praça exterior. Estes três espaços desenham, ainda, com a sua volumetria, três aberturas que definem *três passagens*, permitindo assim a circulação livre ao longo dos três núcleos que compõem o Centro de Interpretação (a acrescentar à conexão permitida pelas entradas subterrâneas, através de um conjunto de portas pivotantes).

No que concerne à *materialidade*, adotada no projeto do Centro de Interpretação, reforço, novamente, a importância da integração do mesmo na *envolvente*, correspondente à faixa de transição de *solo dunar*. No seguimento desta ideia importante de articulação da arquitetura com a *paisagem*, propõe-se que os elementos construtivos das paredes exteriores, bem como dos muros laterais de contenção do terreno, sejam concretizados em *betão*. É possível, também, especificar as características deste material, que deverá, assim, consistir num betão aparente, *pigmentado* de acordo com a tonalidade da *areia*, presente hoje no lugar e que compõe toda a paisagem costeira. Para além de ser pigmentado, este betão deverá receber um tratamento, ao nível da sua *textura* de acabamento, que o aproxime, ao máximo, da textura do areal que, ainda hoje, encontramos neste local. Este betão deverá ser aplicado nas *fachadas exteriores* dos três “*corpos*” do Centro de Interpretação, para além das guardas de apoio à cobertura percorrível e, ainda, do revestimento interior das *paredes limítrofes* que correspondem aos muros de contenção do terreno.

Ainda no exterior, é proposto que a *praça central exterior* seja, toda ela, pavimentada com um chão de areia, de modo a se conseguir criar uma *continuidade*, física e simbólica, com a superfície das dunas. A areia está, também, presente em dois outros momentos, sendo o primeiro o *pavimento em areia* que assenta na laje percorrível das coberturas dos três blocos que constituem o edifício. Neste ponto, devo salientar que, em termos do seu aspeto exterior e modelação interior, estas coberturas surgem desenhadas como um *prolongamento* dos morros e cristas da própria duna, assumindo, por essa razão, uma presença de natural *integração* e de quase “*camuflagem*” na paisagem envolvente, para além de criarem uma

modelação particular nos tetos dos espaços interiores. Ainda neste interior, o segundo momento no qual a areia está presente é o pavimento da *praça central inferior* enterrada e que, como foi já referido anteriormente, traz a paisagem da praia para a *vivência interior* do projeto.

Passando à *materialidade do espaço interior* do projeto, optou-se pela utilização da *madeira*, não só pela sua leveza e *versatilidade*, ao nível da construção, mas também pelo facto de ser um material que, exatamente pela sua leveza, se adequa à implantação de um objeto arquitetónico em plena *área de duna* (área esta que consiste, como sabemos, numa zona de elevada fragilidade e com uma *dinâmica paisagística* muito particular). Notamos, neste ponto, uma clara dicotomia entre o aspeto exterior do projeto, de carácter mais “*monolítico*”, e o aspeto dos interiores, mais delicados e leves. Neste caso, no que concerne à madeira, tenho de referir a influência marcante ao longo de todo o projeto da antiga *arquitetura dos pescadores*, relacionada com a tipologia dos *palheiros* e das cabanas de pesca, sendo que a estrutura interior do projeto, toda ela composta por elementos de madeira, acabou por consistir numa espécie de *interpretação* e de recriação até do aparelho construtivo associado aos palheiros. Por último, revelou-se importante utilizar a madeira perante uma estratégia que procura construir e reforçar o poder de *resiliência da paisagem* face à ação humana e face às ocorrências naturais inesperadas, incentivando à construção da sua *sustentabilidade*. De acordo com estas ideias, propõe-se uma solução arquitetónica que se baseia, essencialmente, na consideração pela sustentabilidade e pela *resiliência do lugar*.

Partindo, assim, deste conceito de construção da *sustentabilidade* do lugar através da arquitetura, aplicado no projeto do Centro de

Interpretação, é proposto que as *coberturas*, em conjunto com os outros elementos interiores e que são compostos por *madeira* (paredes e pavimentos), sejam elementos que possam, se necessário, ser facilmente *retirados* e *desmontados* no local de implantação, sobretudo caso o nível do mar avance até esta zona (fenómeno que muitos estudos científicos revelam como sendo altamente provável, a médio ou mesmo a curto prazo). Tendo sempre em mente a questão das *alterações climáticas* e o impacto do aquecimento global ao nível da *subida do nível médio das águas do mar* (e o consequente recuo da linha de costa), temos de considerar a elevada *vulnerabilidade* da faixa de transição dunar na qual o projeto se encontra, não só pela sua proximidade à *linha de costa*, mas também pelo facto de se encontrar implantado num local cuja cota máxima é mais baixa do que o nível do mar. Para além disto, temos, forçosamente, de refletir acerca do *impacto da construção* de um conjunto de edificado numa zona tão vulnerável quanto a faixa dunar na qual o projeto se inscreve.

No entanto, devemos frisar, novamente, a importância da utilização da madeira como material de construção, não só por ser um material mais sustentável e *renovável*, a longo prazo, como também pelo facto de ser um material que absorve uma grande quantidade de *carbono* durante o seu processo de crescimento (aspeto este que se revela muito importante para o abrandamento do processo de aquecimento global na atmosfera). Também pelo facto de ser um material poroso, a madeira assume a sua sustentabilidade, uma vez que se adapta facilmente, graças a esta porosidade, às condições de *temperatura* e de *humidade* do ambiente no qual está inserida.

Neste sentido, propõe-se que os elementos em madeira dos *interiores*, como também as *coberturas*, pelo facto de serem elementos mais leves e de fácil assemblagem, possam ser retirados a qualquer momento e até, caso seja desejado, montados novamente noutro local ou *reutilizados* na construção de outro projeto de arquitetura, noutro lugar. Esta situação hipotética, mas com uma probabilidade cada vez maior de se tornar real, encontra, mais uma vez, eco em situações que ocorreram no passado da Costa de Caparica, sendo importante relembrar as remanescentes *cabanas* de pescadores que hoje se dispõem num alinhamento para sul do término do paredão e que terão sido *transportadas*, em carros de bois, a partir da Cova do Vapor (exatamente devido à ocorrência frequente de galgamentos do mar e da redução crescente do areal da praia). No caso particular das *coberturas*, estas poderiam ser, deste modo, “*desacopladas*” dos muros laterais de contenção do terreno dos edifícios do Centro de Interpretação, à semelhança do ato de se retirar a “*tampa*” de uma caixa.

Nesta “*desacoplagem*”, os elementos de *betão* principais, ou seja, os muros laterais de contenção do terreno permaneceriam no local podendo, mesmo, chegar a funcionar como o princípio de um possível *dique* para a proteção de toda a frente urbana e habitada da cidade face ao galgamento do mar. Refiro-me neste caso e sobretudo, à faixa de *tecido urbano* adjacente ao programa do Centro de Interpretação para nascente e que se situa abaixo da cota do nível do mar. Estes muros em betão poderiam, neste sentido, ser prolongados, criando-se assim um sistema alargado de proteção, de toda a frente construída da cidade.

Mantendo-nos nos interiores do projeto, devo destacar que estes, na sua totalidade, são compostos e revestidos, no seguimento das ideias

expostas acima, por *madeiras*, nomeadamente pela madeira de *pinho*. Esta consiste num material que, tendo em conta o contexto de proximidade ao mar e aos ventos húmidos e salinos, apresenta uma boa capacidade de resistência à *humidade*, não eliminando, no entanto, a necessidade de uma manutenção frequente. Para realçar o carácter desta madeira, ao nível da sua cor e textura, propõe-se, nos interiores do projeto, que os elementos que são compostos pela mesma (paredes, pavimentos e coberturas) recebam um acabamento à base de *óleos naturais*, que não só acompanham os movimentos naturais da madeira, como também a hidratam e impermeabilizam. A escolha desta madeira de pinho deriva do estudo das *tradicionais formas de arquitetura* construídas pelos pescadores, sendo que observamos, quer nos palheiros da Costa Nova e da Praia de Mira (Aveiro), quer nos *palheiros* da Costa de Caparica, a utilização desta espécie de madeira, sem qualquer tipo de tratamento, ao nível do acabamento. No caso da Costa de Caparica, esta madeira terá sido, provavelmente, oriunda das *matas* que ali existem desde tempos antigos. Desta forma, realizamos uma interpretação deste *legado histórico* da cidade e incorporamo-lo numa estratégia projetual contemporânea, para além de prestarmos “*homenagem*” a uma das espécies arbóreas autóctones do território da cidade: refiro-me, claro, ao *pinheiro-bravo*.

Especificando a sua aplicação no interior do projeto do Centro de Interpretação, começo por referir que esta madeira surge, em primeiro lugar, nas paredes, compostas por uma estrutura de *montantes leves* e que, nalguns casos, são articuladas com um sistema de circulação para as portas e para os *planos de correr*. Ao nível do revestimento, estas paredes são compostas por uma estrutura de *tabuado*, pregado num sentido vertical, à semelhança do sistema construtivo que era utilizado,

no passado, pelos pescadores para a construção dos *palheiros* de pesca. Ao nível dos pavimentos, com exceção do espaço central subterrâneo com chão de areia, temos presente, não só nos espaços de circulação, mas também nos espaços interiores, um pavimento à base de *soalho de madeira*, utilizando também a madeira maciça de pinho. Ao nível da estrutura, a madeira compõe não só os *pilares* de suporte de secção cruciforme (aspeto que confere uma maior leveza aos espaços interiores), como também está presente, de forma marcante, em todo o sistema de *vigas*, desenhado para o suporte estrutural das coberturas. Estas são, então, compostas por uma estrutura baseada num sistema de *vigamentos simples, de madeira lamelada colada*. Toda esta estrutura se encontra à vista, “contaminando”, assim, os ambientes interiores com a sua *textura e dinâmica modelação formal*, fazendo lembrar, não só a arquitetura dos palheiros, mas também remetendo para a estrutura do *casco dos barcos meia-lua* utilizados na pesca com arte xávega. Estas coberturas, no seu lado exterior, são visitáveis e, mesmo, *percorríveis*, sendo pavimentadas com *areia*, e no âmbito de uma lógica de *fusão* entre a duna e os edifícios, orientada ainda pela constante procura de uma construção “*natural*”.

Em conclusão, é importante reafirmar a pertinência do novo programa proposto com o Centro de Interpretação da Arte Xávega, não só por constituir um complexo cultural dedicado à preservação da *memória*, mas também pelo facto de constituir uma “*plataforma*” aberta à participação ativa da comunidade e às suas múltiplas manifestações. Preservar e reabilitar a memória através dos espaços arquitetónicos é uma forma, baseada numa intenção nobre, de perpetuar um legado e a identidade de um povo. Esta reabilitação da memória deve, então, valorizar as práticas tradicionais, desenvolvidas por este povo e também as paisagens

caraterísticas que definem o território por ele habitado, sensibilizando as pessoas para a sua importância como património material e imaterial. De facto, concluímos que é o lugar que consiste na fonte primordial de memórias e, naturalmente, de matérias capazes de alimentar e, sobretudo, determinar, a arquitetura. Termino, desta forma, a memória descritiva do projeto, com as reflexões dos arquitetos Bijoy Jain, membro fundador do coletivo Studio Mumbai e Álvaro Siza Vieira, relativas à importância do lugar na arquitetura, e para o arquiteto:

“There is something that exists on site that has been nurtured over a period of time. We are now the new caretakers of the place, and must continue to nurture what has been set, but also our hope is to take it further and to realize a new potencial along with what has been set on the ground.”¹¹⁷

“A relação entre natureza e construção é decisiva na arquitectura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projecto, representa para mim como que uma obsessão; sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extinção progressiva.”¹¹⁸

117 JAIN, Bijoy. (2012). *Studio Mumbai: Praxis*. Toto. Tokyo. p.11

118 SIZA, Álvaro. (1998). *Imaginar a Evidência*. Edições 70. Lisboa. p. 17

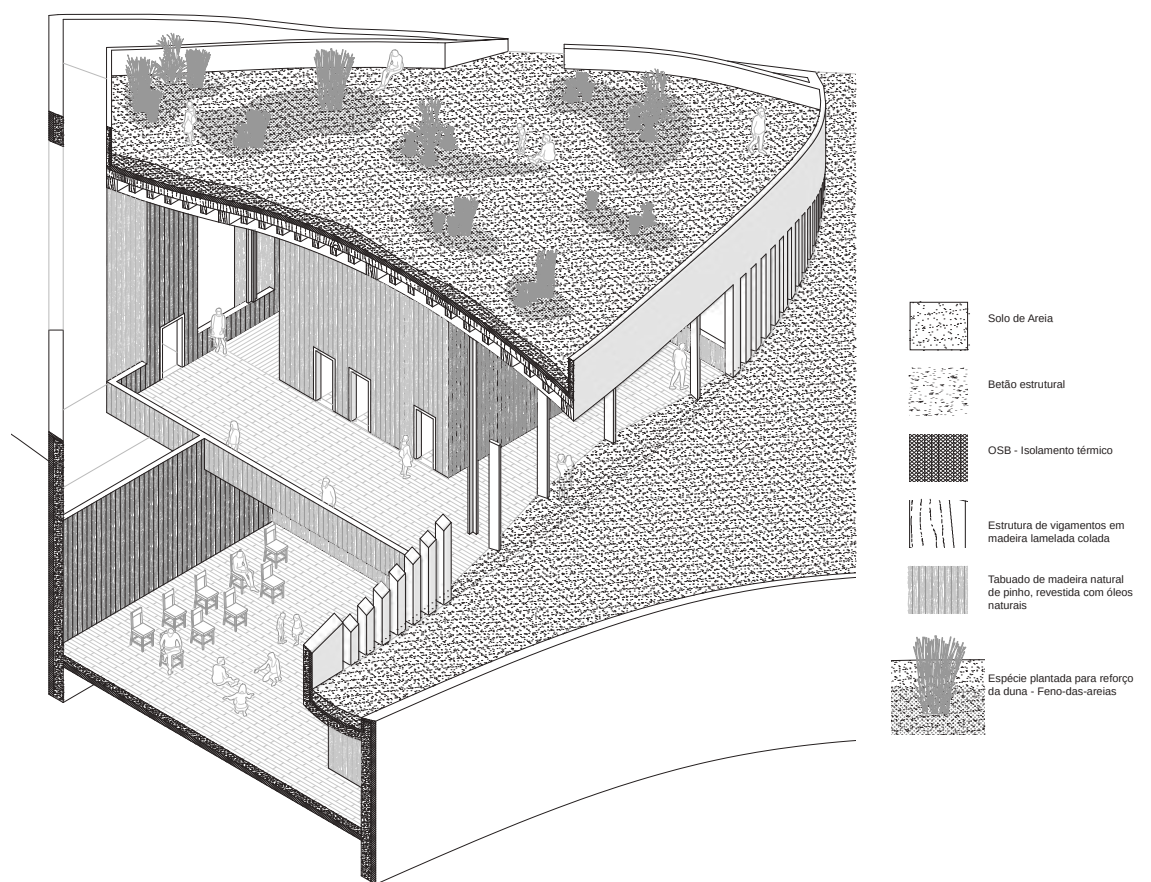


Figura 234 - Axonometria, em detalhe, que apresenta, em corte, o bloco do Centro de Investigação, com destaque para o espaço do mezanino superior e do auditório, no nível interior (realço a materialidade das madeiras)

Considerações finais

Vulnerabilidade e efemeridade são duas condicionantes que caracterizam a vida humana. O sentimento de *angústia*, que decorre da constatação desta efemeridade, associada ao ser humano e à sua obra, impele-nos, apesar dos obstáculos colocados pelo *tempo*, à superação através dos *atos*, e à esperança no futuro. Quando falo da vulnerabilidade e efemeridade do Homem, falo, de forma semelhante, acerca da própria fragilidade da paisagem, da *arquitetura* e das cidades. Ambos sujeitos à ação da *passagem do tempo*, estão ambos destinados, inevitavelmente, a um fim, mas ao longo da sua vida vão integrando *narrativas* e vão construindo *memórias*, quer seja de eventos, de espaços, de *lugares* ou de outras pessoas. Com estas memórias e narrativas é possível, deste modo, criar-se um universo simbólico que, por sua vez, define uma noção de *identidade*, associada a um lugar. De facto, já Aldo Rossi afirmava que “*Talvez as leis da cidade sejam exactamente como as que regulam a vida e o destino individual dos homens.*” ¹¹⁹

No projeto do *Centro de Interpretação da Arte Xávega*, resultante do presente estudo e ancorado no âmbito da estratégia urbana do *Pólo das Pescas*, procurou-se *reencontrar e reabilitar* uma memória e uma identidade fortes, enraizadas no território da cidade da Costa de Caparica e conectadas com a *pesca com arte xávega*, bem como com as práticas

119 ROSSI, Aldo. (1966). *L'architettura della città*. Pádua. Marsilio/ (1982). *The Architecture of the City*. Oppositions Books. trad. ing. Diane Guirardo e Joan Ockman. Cambridge (Massachusetts). MIT Press [(2001). Trad. port.: *A Arquitectura da Cidade*. trad. José Charters Monteiro. Lisboa. Cosmos. p. 163]

de *turismo* natural, de lazer e banhar. A pesca com arte xávega, que compõe uma importante parte da *identidade do lugar*, consiste numa *prática tradicional e artesanal* que tem constituído, desde os tempos da inicial colonização deste território, uma importante *atividade económica*. Nesta cidade, o mar não só constitui o *elemento gerador e aglutinador* do território, ao nível das atividades humanas, como também origina uma *espiritualidade* muito particular, tornando-se a praia num cenário idílico que proporciona férias, brincadeiras e diversão, e que inspirou reis, poetas e artistas. Todos os fatores, de ordem genética, social e cultural que caracterizam este território, constituem a *herança* que a comunidade caparicana, ao longo do tempo, foi transformando através das suas práticas quotidianas. Neste lugar de encontro entre o mar e a terra, a relação entre a *topografia*, o *tempo* e as *histórias* locais foi definindo a própria morfologia do lugar, o qual se torna significativo e adquire, assim, um “*genius loci*” característico – ou seja, um “*espírito*” construído pelo enraizamento humano num dado sítio.

Acomodando-se na lógica da intervenção urbana global, proposta pelo grupo de Investigação “*Entre o Mar e a Terra*”, o projeto do *Centro de Interpretação da Arte Xávega* foi desenvolvido com o intuito de, não só materializar um novo ponto de continuidade entre a cidade construída e a paisagem natural, como também foi desenvolvido tendo em conta as diretrizes principais da intervenção de *requalificação e de ordenamento da frente de mar*, proposta por este grupo de investigação. Tendo como alicerces principais a proteção e a conservação dos limites, naturais e construídos, do território da cidade da Costa de Caparica, para além da melhoria dos seus sistemas de mobilidade e da resolução de problemas, ao nível do tecido urbano edificado, procurou-se ir de encontro às

necessidades específicas do território. Com o projeto do *Centro de Interpretação da Arte Xávega*, procurei solucionar uma lacuna existente na cidade ao nível da *cultura*, propondo uma solução para a atual situação de “*apagamento*”, ou esquecimento, da *memória* e do legado histórico desta cidade, associados à pesca com arte xávega, ao turismo e às novas dinâmicas atuais, introduzidas por novas populações multiculturais.

Procurando enfatizar, e potenciar, as duas grandes *forças motrizes* deste território (a pesca e o turismo), a minha intervenção projetual é alicerçada na estratégia, preconizada pelo grupo de investigação, de recuperação e *replantação do sistema dunar existente*, associado à paisagem da frente litoral da cidade e que a protege face à ação do mar. Além disso, o projeto do Centro de Interpretação, inserido no âmbito do *Pólo das Pescas* e da *Rota da Memória*, procura reforçar uma importante linha de conexão transversal, ao nível da paisagem e ao nível simbólico, entre os dois grandes limites naturais do território da Costa de Caparica: a *arriba fóssil* e o *mar*. Simultaneamente, este projeto almeja valorizar um ecossistema natural de grande fragilidade e vulnerabilidade, face à ação humana, que consiste no *sistema de dunas*, para além dos ecossistemas que efetuam a “*transição*” entre a cidade e as áreas protegidas, e que consistem nas *matas florestais*, não esquecendo a importância dos *terrenos agrícolas* localizados no sopé da arriba fóssil.

O Centro de Interpretação surge, deste modo, como elemento arquitetónico que ambiciona *reabilitar* uma memória da cidade associada às *vivências coletivas*, para além de ambicionar a dinamização dos fluxos humanos e, conseqüentemente, da “*vida*” da cidade. Esta ativação das dinâmicas sociais baseou-se numa ideia de recuperação da memória através do

desenho da *paisagem*, e de novos espaços arquitetônicos, capazes por sua vez estruturar o território da cidade. Para além disto, revelou-se importante uma ideia associada à “*renaturalização*” de áreas, que hoje se encontram construídas, mas que no passado foram áreas naturais. Esta estratégia de “*renaturalização*”, patente em toda a proposta urbana do grupo de investigação “*Entre o Mar e a Terra*”, materializa-se em vários pontos da cidade, sendo um deles, exatamente, a zona na qual pude intervir. Esta zona foi, então, “*redesenhada*” por mim como a nova área do *Pólo das Pescas*, que recupera assim uma memória antiga associada às origens da cidade como povoado piscatório, para além de valorizar o ecossistema natural das *dunas* e a *atividade piscatória*. Além do novo *Pólo das Pescas*, procurei integrar o meu projeto individual na estratégia urbana do grupo de investigação, através da proposta de criação de uma “*Rota da Memória*”, ou seja, de uma rede de percursos pedonais que conectassem toda a cidade e, simultaneamente, destacassem *pontos de interesse* importantes ao nível do edificado e da paisagem natural. Estes pontos de interesse englobam, não só, *edifícios existentes* e importantes na estrutura da cidade e na sua evolução histórica, como a Igreja Velha ou o Mercado, mas englobam também os *novos projetos* de arquitetura, propostos por todos os membros do grupo de investigação, reforçando, desta forma, uma ideia de *conectividade* hoje inexistente no território.

Neste sentido, o *Centro de Interpretação da Arte Xávega* procurou preservar, e potenciar, uma *paisagem de transição* entre a cidade e a praia, através da reconstrução de uma faixa paralela à linha de mar que outrora terá constituído uma *faixa de dunas*, com uma presença marcante na paisagem litoral. Desta forma, este projeto acaba por “*sara*” uma ferida há muito existente no território litoral, retomando e recriando uma relação

de *continuidade* entre a paisagem urbana e a paisagem de influência *marítima*. Para além disto, o projeto introduz uma importante noção de *sustentabilidade* ao nível da paisagem, “*renaturalizando*” uma faixa litoral que, sendo terreno natural de dunas no passado, se tornou urbana e edificada nos dias de hoje. Regenerar esta faixa costeira como duna significa, neste sentido, preservar e, sobretudo, reabilitar uma paisagem que, ainda hoje, constitui um importante *suporte físico e espiritual* para as dinâmicas humanas. Em todo o caso, é importante perceber o valor dos *recursos* e das *paisagens naturais*, devendo a arquitetura contribuir, através da sua prática e do seu poder de integração, para desmistificar problemas, “*diluir*” os limites entre o natural e o construído e criar *continuidades* ao nível da paisagem.

Arquitetos e autores, como *Aldo Rossi*, destacam o valor da arquitetura como marca física de uma determinada *vontade* ou decisão, tomada num certo período, ou momento. Relembrando que os edifícios de hoje serão, ora as *ruínas*, ora os “*artefactos*” do amanhã, Rossi reforça a ideia de que o arquiteto concebe espaços adaptados à realidade do seu momento *presente*, espaços estes que, se concebidos com certas *qualidades espaciais*, deverão perdurar no futuro e, até, adquirir *novos usos* e funcionalidades. Hoje, na Costa de Caparica, as *cabanas de pescadores* constituem não só um *símbolo*, a um nível cultural e arquitetónico, como também materializam um *ideal* de habitação preconizado por uma época passada, incorporando na sua estrutura simples um ideal de vida próximo do *mar*. Tal como os palheiros dos pescadores, também o *Centro de Interpretação da Arte Xávega* ambiciona tornar-se num elemento simbólico deste território, e sobretudo através da sua integração orgânica, e quase “*fusão*”, na paisagem natural da cidade. À semelhança dos palheiros,

também este centro poderá, caso necessário, ser desconstruído e assemblado de outra forma noutro local, podendo, em adição a isto, dar início à materialização de uma nova barreira de proteção da cidade, face à ameaça da subida do nível do mar devido às alterações climáticas.

Os vestígios físicos da *memória*, associados à intervenção humana nos territórios, surgem assim na paisagem não só através de edifícios, mas também sob a forma de estruturas capazes de *redesenhar a natureza* e adaptá-la às nossas necessidades. O *Centro de Interpretação da Arte Xávega* procura, no seguimento destas ideias, constituir um novo “*artefacto*” da cidade da Costa de Caparica, reconstruindo e redesenhando uma parte da sua *paisagem natural e cultural*, associada às dunas. Veiculando novos valores identitários, a estratégia articuladora do *Pólo das Pescas* procura reabilitar ideias acerca da memória coletiva do lugar, contribuindo desta forma para a reativação da sua *identidade*.



Figura 235 - Salvador Dalí, *A Desintegração da Persistência da Memória* (1952-1954)

Bibliografia

A Costa de Caparica

GOMES, Luísa Costa. (2018). *Da Costa – praias e montes da Caparica*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. coleção “Retratos da Fundação”

FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “**Almada na História: Boletim de Fontes Documentais**”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32

MARTINS, Salvador Félix. (2016). *Caparica Doutros Tempos*. Edições Gandaia

RUFINO, António Manuel Abreu Carvalho Pereira. (2014). “**Costa de Caparica: de Cassiano Branco à realidade**”. Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitetura e Artes

“**Plano de Urbanização da Costa de Caparica**”. (Março de 1947).

Revista *Arquitectura* - in Rui Granadeiro. (5 de Setembro de 2016). “Plano de Urbanização da Costa da Caparica”. blog *Mar da Costa*. Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=faria+da+costa>

Os Pescadores

SALOMÃO, Ricardo. (19 de Maio de 2012). “**O Povo das Dunas**”. *Colóquio Saberes Interculturais – Ambiente e Gentes do Litoral: Brasil, Moçambique e Portugal*

BRANDÃO, Raul. (2014). *Os Pescadores*. Relógio D' Água Editores. Obras Clássicas da Literatura Portuguesa – Séc. XX. Obras Completas. Vol. XII

Memória descritiva do projeto das casas económicas do Bairro para Pescadores na Costa da Caparica. in Rui Granadeiro. (24 de Junho de 2019). **“Bairro dos Pescadores”**. blog *Mar da Costa*. Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/2019/06/bairro-novo-dos-pescadores.html>

O Turismo Balnear

COELHO, Alexandra Prado. (2009, 16 de Agosto). **“A nova Costa já chegou”**. Público. Fonte: <https://www.publico.pt/2009/08/16/jornal/a-nova-costa-ja-chegou-0>

Artigo de imprensa **“A Zona Turística da Costa da Caparica e os seus encantos”**. (1950). *Praia do Sol*

Os Palheiros de pesca

SALOMÃO, Ricardo. (27 de Novembro de 2010). **“Palheiros da Costa da Caparica: em defesa da cultura popular”**. Fórum Palheiros da Costa da Caparica: Em Defesa da Cultura Popular

Arquitetos sem Fronteiras – Portugal. (2011). **“Estudo de caracterização e avaliação do eventual valor cultural e patrimonial (histórico e arquitetónico) das construções de carácter precário, localizadas na área de intervenção do PP5 e as relações existentes entre estas construções e as construções típicas dos avieiros, ligadas às atividades piscatórias originárias da praia de Vieira de Leiria”**, Fase 1
ARGAN, Giulio Carlo. (1962). **“Sul concetto di tipologia architettonica”**. in *Festschrift für Hans Sedlmayr*. ed. Karl Oettinger e Mohammed Rassem. Munique. C.H. Beck. pp. 96-101/ (Dezembro de 1963). **“On the Typology of Architecture”**. trad. ing.: Joseph Rykwert. *Architectural Design* 33. nº 12

A Paisagem do Litoral

ROCHA, Miguel Afonso. (2011). **“Estruturação de Áreas com Valor Ambiental e Paisagístico na AML – caso de estudo Polis Costa de Caparica”**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura com especialização em Gestão Urbanística. Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitetura

FERREIRA, MJ. (1990). **“O Litoral Português: contributos para uma geografia das regiões litorais”**. Departamento de Geografia e Planeamento Regional da FSCH/UNL, II Congresso de Geografia Portuguesa, Porto

MARTINS, F. (1997). **“Políticas de Planeamento, Ordenamento e Gestão Costeira – contributo para uma discussão metodológica”**. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor no ramo de Ciências Aplicadas ao Ambiente. Universidade de Aveiro. Departamento de Ambiente e Ordenamento

OLIVEIRA, Marta Neves Simões Correia de. (2015). **“Evolução Natural e Antrópica – Trafaria-cova do vapor-costa de Caparica”**. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia

PORTAS, Nuno (coordenação), VIEGAS, Luís, GRANDE, Nuno, TEIXEIRA, Miguel Branco. (1998). ***Cidades e Frentes de Água – mostra de projectos de reconversão urbana em frentes de água***. APL – Administração do porto de Lisboa. Patrocínio oficial – Parque Expo'98, SA. Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
BESSA, Margarida. (Janeiro de 2021). **“Projetar no Limite: o avanço do mar e as dinâmicas urbanas na linha de costa”**. Unidade Curricular de Urbanismo Ecológico, Mestrado Integrado em Arquitetura, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, ISCTE-IUL

Arquitetura e memória

LOPES, Diogo Seixas. (2016). **Melancolia e Arquitetura em Aldo Rossi**.

Orfeu Negro. Lisboa

ROSSI, Aldo. (1966). **L'architettura della città**. Pádua, Marsilio/ (1982).

The Architecture of the City. Oppositions Books. trad. ing. Diane Guirardo

e Joan Ockman. Cambridge (Massachussets). MIT Press. p. 130 [Trad.

port.: **A Arquitetura da Cidade**. (2001). trad. José Charters Monteiro.

Lisboa. Edições Cosmos]

ROSSI, Aldo. (Outubro de 1958). “**Emil Kaufmann e l'architettura**

dell'illuminismo”. *Casabella-continuità*. nº 222

ROSSI, Aldo. (Julho de 1961). “**Nuovi problemi**”. *Casabella-continuità*. nº

253

ROGERS, Ernesto Nathan. (Novembro-Dezembro de 1955). “**Política e**

architettura”. *Casabella-continuità*. nº 208

TAFURI, Manfredo. (1973). **Progetto e utopia: architettura e sviluppo**

capitalístico. Roma, Laterza/ (1976). **Architecture and Utopia: Design**

and Capitalist Development. trad. ing.: Barbara Luigia La Perta.

Cambridge (Massachussets). MIT Press

HALBWACHS, Maurice. (1925). **Les cadres sociaux de la mémoire**.

Paris. Félix Alcan/ (1992). “The Social Frameworks of History”. in **On**

Collective Memory. ed. e trad. ing.: Lewis A. Coser. Chicago (Illinois).

Chicago University Press

BAUDELAIRE, Charles. (1857). **Les Fleures du Mal**. Paris. Poulet-

Malassis [(1992). Trad. port.: **As Flores do Mal**. trad. Fernando Pinto do

Amaral. Assírio e Alvim. Lisboa]

Jean Starobinski. (1964). **L'invention de la liberté, 1700-1789**. Genebra.

Skira/ (1964). **The invention of Liberty, 1700-1789**. trad. ing.: Bernard C.

Swift. Genebra. Skira

A Poética do Lugar

SIZA, Álvaro. (1998). *Imaginar a Evidência*. Edições 70. Lisboa

JAIN, Bijoy. (2012). *Studio Mumbai: Praxis*. Toto. Tokyo

CITEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. (2016). **“Genius Loci: lugares e significados. Breves Reflexões”**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ROSADO, Ana Costa, COSTA, Miguel Reimão, LOPES, Virgílio, PALMA, Maria de Fátima, TORRES, Cláudio, MARTÍNEZ, Susana Gómez. (2016). **“O território, a história e o espírito do lugar: o exemplo de Mértola no contexto da arquitetura vernacular do sul de Portugal”**. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. *in* CITEM - Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto

MARQUES, Ana Cláudia Lopes. (2016). **“O Genius Loci no Sacro-Monte de Santa Luzia (Viana do Castelo)”**. Secção 2 – Espaços Sacros. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto

BATISTA, Desidério, COSTA, Miguel Reimão. (2016). **“Uma aproximação ao estudo integrado da arquitetura e da paisagem em áreas de montanha no contexto do Mediterrâneo Ocidental”**. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto

COXITO, António Manuel Pinto, SOARES, João Gabriel Candeias Dias, FERRO, Luís Duarte. (2016). **“Caminhos, corpus loci e matéria. Uma visão peripatética sobre a construção do mundo”**, Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações, *in* CITCEM – Centro de

Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto

GIMBAL, Julie, FIRLEY, Eric. (2016). **“Cultural identity and shared memory: A comparison of Superkilen and Piazza d’ Italia as case-studies of contemporary “Place”-making”**. Secção 6 – Vernacular: Expressões e Representações. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto

FAUVRELLE, Natália, SEMEDO, Alice Lucas. (2016). **“De território a paisagem: o que é ‘paisagem?’”**. Secção 7 – Vias, Paisagem e Território. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto

PORTO, Antonieta Ferreira Reis Leite. (2016). **“Os caminhos na construção do território dos Açores”**. Secção 7 – Vias, Paisagem e Território. *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto

BATISTA, Desidério. (2016). **“As azinhagas e a paisagem de Lisboa – do passado para o futuro”**. Secção 7 – Vias, Paisagem e Território *in* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. (2016). “Genius Loci: lugares e significados. Breves reflexões”. Porto

REICHLIN, Bruno. (Outubro de 2001). **“Figures of Neorealism in Italian Architecture”** (Part 1). trad. ing.: Antony Shugaar. Grey Room. nº 5
Bernard Tschumi Architects, **“The Manhattan Transcripts”** (1976-1981),
Fonte: <http://www.tschumi.com/projects/18/#>

ROCHA, Carla. (Julho/Dezembro de 2007). **“Um “museu vivo”:**

espetáculo e reencantamento pela técnica". *Em Questão*. Porto Alegre.
v. 13. nº 2

CASEY, Edward S. (1987). ***Remembering: A Phenomenological Study***.
Bloomington. Ind.: Indiana University Press

HAYDEN, Dolores. (1995). ***The Power of Place: urban landscapes as
public history***. The MIT Press. Cambridge. Massachusetts

Índice de Imagens

Figura 1 - Salvador Dalí, *A Persistência da Memória* (1931) - Fonte: <https://www.culturagenial.com/a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>

Figura 2 - Ortofotomapa, desde a Cova do Vapor (esquerda) até à Costa de Caparica, elaborado pelo grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Outubro de 2020 - Fonte: Google Earth Pro

Figura 3 - Inês Maciel, Paredão da praia atual, Outubro de 2020

Figura 4 - Mestre Mário Raimundo - fotografia da autora, Outubro de 2020

Figura 5 - Final do paredão - fotografia da autora, Outubro de 2020

Figura 6 - Daniela Flores, Pescadores, Outubro de 2020

Figura 7 - As dunas e o mar - fotografia da autora, Dezembro de 2020

Figura 8 - As dunas e a arriba fóssil - fotografia da autora, Dezembro de 2020

Figura 9 - Mário Novais, *Costa da Caparica, Igreja de Nossa Senhora da Conceição* (1946) - Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/3079034347/in/album-72157610611401017/>

Figura 10 - António Leão de Sousa, *Carlos da Fátima* (21 de Fevereiro de 2021) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3756858014367797&set=oa.417857599508433>

Figura 11 - António Leão de Sousa, *Enviando a chata São José - Arte xávega* (14 de Fevereiro de 2021) - Fonte: <https://www.facebook.com/>

<photo/?fbid=3823877300999201&set=oa.417857599508433>

Figura 12 - Jornal *Praia do Sol*, nº 1, dirigido por Norberto Araújo (Janeiro de 1950) - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=jornal+praia+do+sol>

Figura 14 - Gravura da Costa antiga (século XIX-XX), António Lopes Martins, Coleção particular - Fonte: <https://www.facebook.com/outrabandadotejo/photos/pcb.100352625057271/100352398390627/?type=3&theater>

Figura 15 - *A Praia do Sol, As primitivas barracas dos pescadores*, ed. Acção Bíblica/Casa da Bíblia, nº 111, Delcampe - <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=barracas+pescadores>

Figura 16 - Colégio do Menino Jesus e Casas típicas de pescadores, Costa de Caparica, Alberto Carlos Lima (década de 1900) - Fonte: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Figura 17 - Diário de Lisboa, 12 de Dezembro de 1929 - Fonte: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05747.011.03113#!6>

Figura 18 - Naufrágio na Costa da Caparica, ao centro o arrais do barco naufragado, Torre do Tombo - Fonte: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1210357>

Figura 19 - Arribação dos pescadores após o lançamento das redes, Costa da Caparica (Almada), nº 60 - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=arte+x%C3%A1vega+meia-lua>

Figura 20 - *Rancho Infantil Marisol*, Costa da Caparica, João

Raimundo Gonçalves - Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10202521760561379&set=oa.836916266450558&type=3&theater>

Figura 21 - *Procissão com a imagem do Menino Jesus do Sarrico ou da Praia*, Costa da Caparica (1926), Delcampe - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=prociss%C3%A3o>

Figura 22 - *Procissão*, Costa da Caparica (1926), Delcampe - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=prociss%C3%A3o>

Figura 23 - *Entrada principal para a F.N.A.T.*, Costa da Caparica, ed. Passaporte, nº 88 (década de 1960), Delcampe - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=FNAT>

Figura 24 - *Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (F.N.A.T.), Aspeto do almoço dos trabalhadores dos Sindicatos Nacionais* (1937) - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=FNAT>

Figura 25 - Inês Maciel, Vivências junto ao mar (Novembro de 2020)

Figura 26 - Fotografia aérea da Costa da Caparica (1930-1932), Arquivo Municipal de Lisboa - Fonte: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Figura 27 - Fotografia aérea da Costa da Caparica (1930-1932), Arquivo Municipal de Lisboa - Fonte: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Figura 28 - *Vista parcial e Rua dos Pescadores*, Costa da Caparica, ed. Passaporte, nº 72 (década de 1960), Delcampe - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=Rua%20dos%20Pescadores>

costa.blogspot.com/search?q=rua+dos+pescadores+costa+de+caparica

Figura 29 - Mário Novais, Vista geral (detalhe), Costa da Caparica (década de 1940), Fundação Calouste Gulbenkian - Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/3110649856/in/album-72157610611401017/>

Figura 30 - Eduardo Portugal, A Praia de Pedrouços (1937), Arquivo Municipal de Lisboa - Fonte: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Figura 31 - João Ribeiro Cristino, As novas edificações, Costa de Caparica (1887 - Bairro Costa Pinto), Hemeroteca Digital - Fonte: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1887/N295/N295_item1/P5.html

Figura 32 - Casa puxada por bois, Cova do Vapor, recorte de jornal (imagem cedida por José Gonzalez) - Fonte: <http://www.memoriascoletivas.pt/galeria>

Figura 33 - Família na praia e pescador, Costa da Caparica, Delcampe - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=costa+da+caparica+vista+a%C3%A9rea>

Figura 34 - Transcrição parcial da brochura de divulgação turística “A praia da Costa (Caparica): Estancia balnear, de cura de repouso e de turismo” (1930), Fonte: FIGUEIREDO, Fernanda. (2019). “**Almada na História: Boletim de Fontes Documentais**”. Câmara Municipal de Almada. Edição nº 32, p. 33

Figura 35 - Veraneantes na Costa da Caparica (1938) - Fonte: <http://>

diasquevoam.blogspot.com/2015/05/que-modernos-estes-antigos.html

Figura 36 - Alinhamento remanescente de cabanas de pescadores, após a intervenção dos Arquitetos Sem Fronteiras - Portugal - fotografia da autora, Dezembro de 2020

Figura 37 - Costa de Caparica (finais do século XIX, início do século XX), Câmara Municipal de Almada - FERREIRA, Rita. (14 de Maio de 2015). "A Costa de Caparica como já poucos se lembram", Fonte: <https://observador.pt/2015/05/14/a-costa-de-caparica-como-ja-poucos-se-lembram/>

Figura 38 - Uma moradia no Bairro do Convento, Costa da Caparica, Delcampe - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=estabelecimentos+de+banhos>

Figura 39 - Mário Novais, Costa da Caparica (1946) - Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/3079867334/in/album-72157610611401017/>

Figura 40 - Casa dos Pescadores, Costa da Caparica, Arquivo Histórico da Marinha - Fonte: <https://arquivohistorico.marinha.pt/details?id=36140&ht=casas%7cpescadores>

Figura 41 - Bairro Novo dos Pescadores, Costa da Caparica, Arquivo Histórico da Marinha - Fonte: <https://arquivohistorico.marinha.pt/viewer?id=35922&FileID=61677>

Figura 42 - Bairro Novo dos Pescadores, Costa da Caparica, Arquivo Histórico da Marinha - Fonte: <https://arquivohistorico.marinha.pt/viewer?id=35922&FileID=61669>

Figura 43 - Cabana de pescadores recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras - Portugal - fotografia da autora (Dezembro de 2020)

Figura 44 - Cabana de pescadores recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras - Portugal (pormenor) - fotografia da autora (Dezembro de 2020)

Figura 45 - Mário Novais, Fonte Pública coberta por Casa de Fresco, Colónia de Férias da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (F.N.A.T.), Fundação Calouste Gulbenkian - Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/3079870100/in/album-72157610611401017/>

Figura 46 - Mário Novais, Salão de Jogos da F.N.A.T., Fundação Calouste Gulbenkian - Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/3079035417/in/album-72157610611401017/>

Figura 47 - Postal “Complexo Turístico Praia Nova - Cuica” (década de 80) - publicação de VâniaFreixo Boavida, Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=4313374842011856&set=gm.4065425600157512>

Figura 48 - O “Cabo Espichel” (barco meia-lua) junto aos antigos palheiros na Costa da Caparica - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=Costa+da+Caparica+Meia+lua>

Figura 49 - “Costa da Caparica (Almada), A praia 35 K de comprida”, ed. Passaporte, nº 10 (década de 1950), Fundação Portimagem - Fonte: <https://www.flickr.com/search/?q=portimagem+and+almada+or+cacilhas>

Figura 50 - Paredão e extensão atual do areal das praias urbanas - fotografia da autora (Outubro de 2020)

Figura 51 - Apoio de praia, construído no âmbito do Programa Polis, assente sobre um troço de duna

Figura 52 - Antigo centro comercial “SilCentro”, hoje abandonado - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 53 - Ocupação informal junto aos abrigos de pescadores, construídos no âmbito do Programa Polis - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 54 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Rua Agro-Ferreira (Novembro de 2020)

Figura 55 - Cassiano Branco, “Costa de Caparica: Praia Atlântico, Pormenor de solução urbanística” (1930), Arquivo Municipal de Lisboa - Fonte: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Figura 56 - Maurício de Vasconcelos Arquitectos, Restaurante “Carolina do Aires”, Costa da Caparica (1980), Delcampe - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=Maur%C3%ADcio+de+Vasconcelos>

Figura 57 - Faria da Costa, Plano de Urbanização da Costa da Caparica (1947), Fundação Calouste Gulbenkian - Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/3079035659/in/album-72157610611401017/>

Figura 58 - Planta de localização dos vários planos de pormenor, abrangidos pelo programa Polis, na Costa de Caparica, Câmara Municipal de Almada - Fonte: <https://www.cm-almada.pt/territorio/urbanismo>

Figura 59 - Atual área da Polícia Marítima, e do Posto de Socorros, anterior à intervenção do programa Polis, PP1 - Praias Urbanas, Câmara Municipal de Almada - Fonte: <https://www.cm-almada.pt/territorio/urbanismo>

Figura 60 - Atual área da Polícia Marítima, e do Posto de Socorros, após a intervenção do programa Polis, PP1 - Praias Urbanas, Câmara Municipal de Almada - Fonte: <https://www.cm-almada.pt/territorio/urbanismo>

Figura 61 - Antigo espaço do restaurante “O Barbas”
- publicação de Sandra Barros Simões (10 de Fevereiro de 2021) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10164688719720468&set=oa.432000144712725>

Figura 62 - Atual espaço do restaurante “O Barbas” - publicação de Sandra Barros Simões, grupo de Facebook “Museu Virtual da Costa do Mar” (10 de Fevereiro de 2021) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10164688709410468&set=oa.432000144712725>

Figura 63 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Levantamento natural e paisagístico (Novembro de 2020)

Figura 64 - Planta geral da Proposta urbana do grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra” (Março de 2021)

Figura 65 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Estacionamentos atuais para automóveis, nas matas (Fevereiro de 2021) - Fonte: Google Earth Pro

Figura 66 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Proposta de novo desenho dos estacionamentos automóveis, junto às praias (fotomontagem - Fevereiro de 2021)

Figura 67 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Proposta de novo desenho dos estacionamentos automóveis, junto às praias (corte

transversal - Fevereiro de 2021)

Figura 68 - Planta geral de Mobilidade, proposta pelo grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra” (Março de 2021)

Figura 69 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Planta da proposta de Requalificação e Ordenamento da Frente de Mar (Março de 2021)

Figura 70 - Rita Rodrigues, Troço Norte das Praias Urbanas na atualidade (Dezembro de 2020)

Figura 71 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Proposta de requalificação do troço norte das Praias Urbanas (fotomontagem - Fevereiro de 2021)

Figura 72 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Proposta de novos estacionamentos automóveis e de escolas de surf, junto ao paredão (corte transversal - Fevereiro de 2021)

Figura 73 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Praça onde desemboca a Av. 1º de Maio, edifício da Polícia Marítima e Praça das Tábuas (junto ao paredão) na atualidade (Fevereiro de 2021) - Fonte: Google Earth Pro

Figura 74 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Proposta de requalificação da Praça da Av. 1º de Maio e da Praça das Tábuas (“bolsa verde”) - fotomontagem (Fevereiro de 2021)

Figura 75 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Proposta de novo espaço de Hotel (edifício mais alto), de Polícia Marítima e de Posto de Turismo, agregados no novo Apeadeiro do comboio Transpraia (à direita) - corte transversal (Fevereiro de 2021)

Figura 76 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Área da Lota de Pesca (junto à rotunda), dos abrigos dos pescadores e da faixa dunar existente (à direita) na atualidade (Fevereiro de 2021) - Fonte: Google Earth Pro

Figura 77 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Proposta de requalificação da Área da Lota de Pesca, bem como novos aprestos para os pescadores, e a replantação da faixa dunar de transição (à direita) - fotomontagem (Fevereiro de 2021)

Figura 78 - Grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, Proposta de novo Centro de Interpretação da Arte Xávega (esquerda), na faixa dunar replantada, e ainda do novo Pólo das Pescas (lota e aprestos - à direita) - corte transversal (Fevereiro de 2021)

Figura 79 - António Leão de Sousa, *A companhia do “Neptuno”* (14 de Fevereiro de 2021) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3739045856149013&set=oa.417857599508433>

Figura 80 - Passadiço da Praia de São João - fotografia da autora (Outubro de 2020)

Figura 81 - Inês Maciel, A cidade e a duna (Outubro de 2020)

Figura 82 - Artur Inácio Bastos, Restaurante “O Bento”, (1962),

Arquivo Municipal de Lisboa - publicação de Carlos Almeida
(28 de Fevereiro de 2021) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=5357617367612298&set=gm.4187203547979716>

Figura 83 - Cabanas de pescadores, recuperadas pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal (Dezembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 84 - Cabanas de pescadores, recuperadas pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal (Dezembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 85 - Arborização das dunas, Construção do dreno florestal pelo povo de Mira (década de 1920), Palheiros de Mira - Museu e Posto de Turismo, Fonte: <https://museupalheirosdemira.pt/portfolio/imagem-arborizacao-das-dunas-8/>

Figura 86 - Rodrigo Silvestre, Contrastes (Outubro de 2020)

Figura 87 - Rita Rodrigues, Duna das praias urbanas (Novembro de 2020)

Figura 88 - Cordão de dunas com vegetação rasteira enfraquecida e debilitada (Novembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 89 - António Leão de Sousa, Vitorino Velho - Arte Xávega (21 de Março de 2021) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3844031068983824&set=oa.417857599508433>

Figura 90 - João Parcelas, Vivências (Novembro de 2020)

Figura 91 - Vânia Freixo Boavida, “Mercado das Terras” (18 de Julho de 2021) - publicação no grupo de Facebook “Museu Virtual da Costa do Mar” - Fonte: <https://www.facebook.com/commerce/>

[listing/255282259356010/?media_id=4&ref=share_attachment](https://www.facebook.com/photo/?fbid=255282259356010/?media_id=4&ref=share_attachment)

Figura 92 - António Leão de Sousa, *João Ventura o “Piçinha”* (17 de Fevereiro de 2021) - vivências da pesca com arte xávega (preparação de uma caldeirada - legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3747406101979655&set=oa.417857599508433>

Figura 93 - Vivências associadas à prática do surf (Novembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 94 - Rita Rodrigues, *A vida de praia* (Outubro de 2020)

Figura 95 - Pezo Von Ellrichshausen, *Circular núm. 2* (cima) e *Circular núm. 1*, Windsor Park, Reino Unido (2005) - Fonte: ELLRICHSCHAUSEN, Pezo Von. (2017). *Intención Ingenua*. ITTAC e Editorial Gustavo Gili, SL, Umicum, Tilburg, Países Baixos, p. LXXXI

Figura 96 - Inês Maciel, *Percursos do Bairro do Campo da Bola* (Novembro de 2020)

Figura 97 - Inês Maciel, *Percursos - dunas das praias urbanas* (legenda adicionada pela autora) - Novembro de 2020

Figura 98 - Bernard Tschumi Architects, *The Manhattan Transcripts* - extrato (1976-1981) - Fonte: https://www.researchgate.net/publication/297699713_Bernard_Tschumi_Draws_Architecture

Figura 99 - António Leão de Sousa, *O Ti Manel no “escritório”* (2015) - preparação das redes da arte xávega (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3742587005794898&set=oa.417857599508433>

Figura 100 - António Leão de Sousa, *São José - Arte Xávega* (13 de Abril de 2021) - entrada dos barcos no mar, a partir da praia (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3921875224532741&set=oa.417857599508433>

Figura 101 - António Leão de Sousa, *O Pio - Lanço de Arte Xávega à Antiga*, Fonte da Telha (14 de Março de 2021) - entrada dos barcos no mar (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3823370164383248&set=oa.417857599508433>

Figura 102 - António Leão de Sousa, *O Pio - Lanço de Arte Xávega à Antiga*, Fonte da Telha (14 de Março de 2021) - entrada dos barcos no mar, a varar as ondas (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3823417827711815&set=oa.417857599508433>

Figura 103 - António Leão de Sousa, *São José - Arte Xávega* (10 de Abril de 2021) - lançamento das redes da arte xávega (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3912986572088273&set=oa.417857599508433>

Figura 104 - António Leão de Sousa, *O sinal do nó - Mário Pedro Pinto Santos, também conhecido por "Mário Soares"* (20 de Fevereiro de 2021) - chegada dos tratores à praia, para puxar as redes novamente para terra (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3755524151167850&set=oa.417857599508433>

Figura 105 - António Leão de Sousa, *São José - Arte Xávega* (17 de Março de 2021) - chegada das redes, com o peixe, à praia (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3833522006701397&set=oa.417857599508433>

Figura 106 - António Leão de Sousa, *Há peixe na praia ... Neptuno - Arte Xávega* (13 de Abril de 2021) - chegada dos turistas e curiosos à praia, para ver a chegada das redes (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3921521047901492&set=oa.417857599508433>

Figura 107 - António Leão de Sousa, *Neptuno - Arte Xávega* (28 de Março de 2021) - separação e venda do peixe na praia (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3866086376778293&set=oa.417857599508433>

Figura 108 - Bairro dos Pescadores, Costa da Caparica, Arquivo Histórico da Marinha - uma vida de pobreza e precariedade, nas barracas de pescadores (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://arquivohistorico.marinha.pt/viewer?id=35922&FileID=61670>

Figura 109 - Valter Vinagre, *Formas de habitar no Bairro das Terras do Lelo* (Maio a Agosto de 2013) - vivências atuais no bairro de Lelo Martins, de génese informal (legenda adicionada pela autora) - in COSTA, Pedro Campos, MOREIRA, Paulo, VINAGRE, Valter (Maio a Agosto de 2013), “Noutra Costa da Caparica”, *Jornal dos Arquitectos*, nº 247, p. 88-99 - Fonte: <http://arquivo2.jornalarquitectos.pt/noutra-costa-da-caparica/>

Figura 110 - Foto Nunes, *Vista Geral do Mercado da Costa de Caparica* (1949), Arquivo Histórico de Almada - Fonte: <https://apps.cm-almada.pt/arquivohistorico/viewer?id=85965&FileID=230029>

Figura 111 - Os carris do comboio “Transpraia”, cobertos pela areia das dunas (Dezembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 112 - Turistas, Costa da Caparica (1938), Delcampe

- Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/search?q=Praias+de+bel%C3%A9m+>

Figura 113 - *Esplanada do Café “Costa Nova”*, Costa da Caparica, ed.

Passaporte, nº 78, Delcampe - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=costa+da+caparica+vista+a%C3%A9rea>

Figura 114 - A “invasão” do edificado, nas Terras da Costa (Novembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 115 - A “invasão” do edificado, na área atual ocupada por alguns parques de campismo (Abril de 2021) - fotografia da autora, registada a partir do miradouro do Convento dos Capuchos

Figura 116 - Costa da Caparica (postal de 1980),

Delcampe - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=costa+da+caparica+vista+a%C3%A9rea>

Figura 117 - Costa da Caparica - paredão e apoios de praia, construídos no âmbito do programa Polis (Outubro de 2020) - fotografia da autora

Figura 118 - Ponte de madeira sobre a vala, Costa da Caparica (1934) -

in Praia do Sol (Caparica): estância balnear de cura, repouso e turismo, Lisboa, M. Costa Ramalho (1934) - Monografia de propaganda do Guia de Portugal Artístico - Fonte: <https://purl.pt/16635>

Figura 119 - Parque Urbano de Santo António da Caparica, São João da

Caparica, Fonte: <https://bussola-pt.com/257928/parque-urbano-de-santo-antonio-da-caparica>

Figura 120 - Mário Novais (1899-1967), Costa de Caparica - passeios nas matas (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/3079869044/in/album-72157610611401017/>

Figura 121 - O Transpraia, Costa da Caparica, ed. Passaporte, nº 615, Delcampe - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=comboio+transpraia>

Figura 122 - Praia do Sol, Costa de Caparica, ed. Acção Bíblica/Casa da Bíblia (década de 1930), Delcampe - Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/search?q=praia+do+sol>

Figura 123 - Casal na Praia de Santo António, Costa da Caparica, Delcampe - Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/search?q=praia>

Figura 124 - Na praia da Costa de Caparica, uma família que ali vai passar o dia, Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=restaurantes+costa+de+caparica>

Figura 125 - Interior do espaço da ALA-ALA - Associação de Pesca Artesanal, Local e Costeira (Dezembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 126 - Mural pintado em moradia, junto ao Bairro Novo dos Pescadores (Dezembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 127 - José Carlos Carvalho, Rua 15 - pinturas no pavimento (2019) - in OLIVEIRA, Luísa, (8 de Setembro de 2019), "Bem-vindos à rua mais castiça da Caparica", *Visão* - Fonte: <https://visao.sapo.pt/atualidade/2019-09-08-bem-vindos-a-rua-mais-castica-da-caparica/>

Figura 128 - Marco Attiger, Costa de Caparica - Rua dos Pescadores e a presença marcante de uma grande diversidade de culturas e práticas (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://mapio.net/pic/p-6913750/>

Figura 129 - Guia Nómada de Lisboa, Feira de Velharias da Costa de Caparica - evento de trocas entre a comunidade e as suas variadas culturas (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.lisboa.es/costa-da-caparica/#lightbox/2/>

Figura 130 - António Leão de Sousa, *São José - Arte Xávega* (19 de Março de 2021) - a integração, na arte xávega, de pessoas de diferentes gerações, culturas e géneros (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3838967486156849&set=oa.417857599508433>

Figura 131 - Palheiros (década de 50) - três palheiros no topo da duna, que serviam de armazém de redes, Palheiros de Mira - Museu e Posto de Turismo - Fonte: <https://museupalheirosdemira.pt/portfolio/palheiros-de-mira2/>

Figura 132 - Pesca das Artes, Palheiros de Mira - Museu e Posto de Turismo - Fonte: <https://museupalheirosdemira.pt/portfolio/imagem-pesca-das-artes-3/>

Figura 133 - Cila Ribeiro, São João no Bairro dos Pescadores - Família do Galvão da Silva Duarte e os vizinhos Zé do Monte e Tia Olímpia - publicação de Cila Ribeiro no grupo de Facebook “Museu Virtual da Costa do Mar” (19 de Fevereiro de 2021) - Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=865390724194040&set=gm.4154416787925059>

Figura 134 - Dia de Finados assinalado com Missa no Cemitério, Junta de Freguesia da Costa de Caparica (2 de Novembro de 2021) - Fonte: <https://jf-costacaparica.pt/atividades/acao-social/2344-dia-de-finados-assinalado-com-missa-no-cemiterio>

Figura 135 - *Colégio do Menino Jesus dito “convento”*, Costa da Caparica, imagem estereoscópica (detalhe - cerca de 1900), Arquivo Municipal de Lisboa, Fonte: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>

Figura 136 - *Costa da Caparica, Vista Aérea* (cerca de 1980), Delcampe - paisagem da Costa de Caparica, desde a elevação da arriba fóssil até à aplanagem da cidade, culminando no areal das dunas e da praia (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/search?q=vista+a%C3%A9rea+costa+de+caparica>

Figura 137- Ana Camila Aboim Pires, Arriba fóssil (Outubro de 2020)

Figura 138 - Dunas (Dezembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 139 - Inês Maciel, Paredão (Novembro de 2020)

Figura 140 - Rita Rodrigues, Paredão (Outubro de 2020)

Figura 141 - Apoio de praia, construído no âmbito do programa Polis e implantado sobre as dunas (Abril de 2021)

Figura 142 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - modelação dinâmica das dunas - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 143 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem

Fronteiras-Portugal - sistema de fundações sobreelevado da duna - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 144 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - sistema de fundações sobreelevado da duna (pormenor) - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 145 - Cabanas de pescadores, recuperadas pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - assentamento nas “depressões” da duna - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 146 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - adaptação do sistema construtivo ao movimento das areias - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 147 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - adaptação do sistema construtivo ao movimento das areias - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 148 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - assentamento sobre as “depressões” na duna - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 149 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - pormenor do sistema de fundação, em estacaria de madeira - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 150 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - relação de flexibilidade entre a duna e a edificação - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 151 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - assentamento da estrutura de madeira sobre o areal da praia - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 152 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - assentamento da estrutura de madeira sobre o areal da praia - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 153 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - a areia invade, cobre e camufla o cosntruído - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 154 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - a areia invade, cobre e camufla o cosntruído - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 155 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - simbiose da arquitetura com a paisagem das dunas e da arriba - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 156 - Cabana de pescadores, recuperada pelos Arquitetos Sem Fronteiras-Portugal - arquitetura “alojada” numa cova na areia - fotografia da autora (Novembro de 2020)

Figura 157 - Rita Rodrigues, Mancha edificada, correspondente à área dos parques de campismo a sul da cidade, assentes sobre a duna e demasiado próximos da linha de mar (Dezembro de 2020)

Figura 158 - Rita Rodrigues, Mancha edificada, correspondente à área dos parques de campismo a sul da cidade, assentes sobre a duna e demasiado

próximos da linha de mar (Dezembro de 2020)

Figura 159 - Rafael Rodrigues, Mata Nacional dos Medos, junto à arriba fóssil (22 de Fevereiro de 2017) - Fonte: <http://trilhosnanatureza.blogspot.com/2017/02/trilhos-da-arriba-fossil-da-costa-da.html>

Figura 160 - Paisagem protegida da arriba fóssil da Costa de Caparica - vegetação dunar e acacial - Fonte: <https://lifecooler.com/artigo/atividades/paisagem-protegida-da-arriba-fossil-da-costa-de-caparica/306267/>

Figura 161 - Dunas replantadas, no âmbito da intervenção do projeto Reduna (Outubro de 2020) - fotografia da autora

Figura 162 - Contraste entre a cidade e a duna - cordão dunar replantado, no âmbito da intervenção do programa Reduna (Outubro de 2020) - fotografia da autora

Figura 163 - Contraste entre a cidade e a duna - cordão dunar das praias urbanas, após a intervenção de reordenamento do programa Polis (Outubro de 2020) - fotografia da autora

Figura 164 - Francisca Parreira, Arribas de erosão nas dunas, Praia de São João da Caparica (3 de Março de 2018), Cibersul - Fonte: <https://www.cibersul.org/mau-tempo-na-cova-do-vapor/>

Figura 165 - Enric Vives-Rubio, *O mar não tem dado descanso aos moradores na Caparica neste Inverno* (16 de Fevereiro de 2014) - in Lusa, "Paredão da Costa da Caparica novamente interdito (16 de Fevereiro de 2014) - Fonte: <https://www.publico.pt/2014/02/16/local/noticia/paredao-da-costa-da-caparica-novamente-interdito-1623948>

Figura 166 - Cova do Vapor, Vista aérea (detalhe) - antiga “golada do Tejo”, ou do “Bugio” (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://www.flickr.com/photos/foundslices/27887007036/>

Figura 167 - Margarida Bico, Esporão da Cova do Vapor e vista do Forte ou Torre de São Lourenço do Bugio (2015) - Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/search?q=vista+a%C3%A9rea+costa+de+caparica>

Figura 168 - Ambiente de vivência marinho-campesina, proporcionado pela riqueza natural e paisagística da Costa de Caparica (Novembro de 2020) - fotografias da autora

Figura 169 - Tiago Petinga, Reposição de areias nas praias da Costa de Caparica (25 de Fevereiro de 2014), SIC Notícias - *in* “Governo investe sete milhões na reposição de areia nas praias da Caparica” (25 de Fevereiro de 2014), Lusa - Fonte: <https://sicnoticias.pt/pais/2014-02-25-governo-investe-sete-milhoes-na-reposicao-de-areia-nas-praias-da-caparica>

Figura 170 - Costa de Caparica, Praias urbanas após a intervenção do programa Costa Polis, 2009, Programa Polis - Plano de Pormenor 1 - Praias Urbanas - Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/search?q=vista+a%C3%A9rea+costa+de+caparica>

Figura 171 - Rui Granadeiro, Costa da Caparica, Praia de São João da Caparica (2016) - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/2017/09/a-duna.html>

Figura 172 - Rui Granadeiro, Costa da Caparica, Praia de São João da Caparica (2016) - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/2017/09/a->

[duna.html](#)

Figura 173 - BIG, Museu Tirpitz, Blåvand, Dinamarca (2011-2017) - vista aérea do projeto em simbiose com os percursos existentes e integrando-se na paisagem das dunas - Fonte: <https://arquitecturaviva.com/works/museo-del-bunker-de-tirpitz-4#lg=1&slide=14>

Figura 174 - BIG, Museu Tirpitz, Blåvand, Dinamarca (2011-2017) - planta de cobertura do projeto, evidenciando a conexão com os percursos existentes e o bunker - Fonte: <https://arquitecturaviva.com/works/museo-del-bunker-de-tirpitz-4#lg=1&slide=14>

Figura 175 - BIG, Museu Tirpitz, Blåvand, Dinamarca (2011-2017) - ponto de encontro central, no qual culminam os quatro novos caminhos que definem os espaços de galeria - Fonte: <https://arquitecturaviva.com/works/museo-del-bunker-de-tirpitz-4#lg=1&slide=14>

Figura 176 - BIG, Museu Tirpitz, Blåvand, Dinamarca (2011-2017) - planta e secções transversais, evidenciando a integração das galerias, de forma subterrânea, nas dunas - Fonte: <https://arquitecturaviva.com/works/museo-del-bunker-de-tirpitz-4#lg=1&slide=14>

Figura 177 - BIG, Museu Tirpitz, Blåvand, Dinamarca (2011-2017) - espaço interior de uma das quatro galerias expositivas, que se desenvolvem em torno do ponto de encontro central; destaque a materialidade do betão, as superfícies envidraçadas e a luz - Fonte: <https://arquitecturaviva.com/works/museo-del-bunker-de-tirpitz-4#lg=1&slide=14>

Figura 178 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - vista aérea do projeto,

com destaque para os caminhos pedestres e para o gesto, delicado, de marcação da presença do edifício, enterrado - através de uma abertura contínua de luz zenital - Fonte: <https://miesarch.com/work/2970>

Figura 179 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - pormenor da entrada principal no foyer do espaço museológico e destaque para a modelação integradora na paisagem - Fonte: <https://miesarch.com/work/2970>

Figura 180 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - pormenor do espaço circular do foyer, com destaque para a modelação das superfícies através da entrada de luz zenital, e para o betão - Fonte: <https://miesarch.com/work/2970>

Figura 181 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - pormenor do telescópio, para a entrada de uma luz focal nos espaços - Fonte: <https://miesarch.com/work/2970>

Figura 182 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - organização, em planta e corte transversal, dos espaços expositivos, conectados com a estrutura do antigo farol - Fonte: <https://miesarch.com/work/2970>

Figura 183 - Nuno Ribeiro Lopes, Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos, Horta, Açores (2006-2008) - pormenor da articulação do projeto com a estrutura do antigo farol - Fonte: <https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-portugal/artigos/vulcao-dos-capelinhos-a-inedita-e-mais-recente-paisagem-em-portugal>

Figura 184 - Open Architecture, Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA, Qinhuangdao, China (2018) - vista aérea, com destaque para a integração da arquitetura na paisagem e relevo das dunas - Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/907781/museu-de-arte-das-dunas-da-ucca-open-architecture/5c111c8b08a5e54bad00074a-ucca-dune-art-museum-open-architecture-photo?next_project=no

Figura 185 - Open Architecture, Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA, Qinhuangdao, China (2018) - entrada principal e modelação, em betão, dos espaços do projeto, em simbiose com o relevo das dunas - Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/907781/museu-de-arte-das-dunas-da-ucca-open-architecture/5c111c8b08a5e54bad00074a-ucca-dune-art-museum-open-architecture-photo?next_project=no

Figura 186 - Open Architecture, Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA, Qinhuangdao, China (2018) - ponto de miradouro para o mar - Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/907781/museu-de-arte-das-dunas-da-ucca-open-architecture/5c111c8b08a5e54bad00074a-ucca-dune-art-museum-open-architecture-photo?next_project=no

Figura 187 - Open Architecture, Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA, Qinhuangdao, China (2018) - organização espacial, e inserção na duna, do programa do museu, em planta e corte transversal - Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/907781/museu-de-arte-das-dunas-da-ucca-open-architecture/5c111c8b08a5e54bad00074a-ucca-dune-art-museum-open-architecture-photo?next_project=no

Figura 188 - Open Architecture, Museu de Arte das Dunas da Fundação UCCA, Qinhuangdao, China (2018) - espaço interior da galeria principal,

com destaque para a modelação através da textura do betão e das aberturas de luz zenital - Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/907781/museu-de-arte-das-dunas-da-uca-open-architecture/5c111c8b08a5e54bad00074a-uca-dune-art-museum-open-architecture-photo?next_project=no

Figura 189 - Oscar Niemeyer, OCA - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, Parque do Ibirapuera, São Paulo (1954) - a aparência exterior de “casca” da cobertura do pavilhão, e detahe da entrada principal - Fonte: <https://spbr.arq.br/project/restauro-da-oca/>

Figura 190 - Oscar Niemeyer, OCA - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, Parque do Ibirapuera, São Paulo (1954) - organização do programa interior, em planta e secção transversal, destacando a estrutura interior, organizada em torno do núcleo central e da rampa - Fonte: <https://spbr.arq.br/project/restauro-da-oca/>

Figura 191 - Oscar Niemeyer, OCA - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, Parque do Ibirapuera, São Paulo (1954) - destaque para a rampa e para o carácter escultórico da modelação dos interiores, em conjugação com a cobertura abobadada - Fonte: <https://spbr.arq.br/project/restauro-da-oca/>

Figura 192 - Oscar Niemeyer, OCA - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, Parque do Ibirapuera, São Paulo (1954) - pormenor da articulação entre as lajes, dos vários pisos, e a cobertura abobadada, com destaque para a modelação particular dos interiores, em função de uma luz focada e da textura do betão - Fonte: <https://spbr.arq.br/project/restauro-da-oca/>

Figura 193 - Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Museu Nacional de Brasília (ou Honestino de Guimarães), Brasília (2006 - fotografia de Gonzalo Viramonte) - vista exterior da estrutura da cobertura semi-circular, que

funciona à semelhança de uma “pele” protetora do interior - Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/786095/museu-nacional-honestino-guimaraes-pelas-lentes-de-gonzalo-viramonte/57114350e58ece5a9a0000f7-museu-nacional-honestino-guimaraes-pelas-lentes-de-gonzalo-viramonte-foto?next_project=no

Figura 194 - Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Museu Nacional de Brasília (ou Honestino de Guimarães), Brasília (2006 - fotografia de Gonzalo Viramonte) - vista do interior, com destaque para a modelação espacial criada pelo teto abobadado e pelo mezanino - Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/786095/museu-nacional-honestino-guimaraes-pelas-lentes-de-gonzalo-viramonte/57114350e58ece5a9a0000f7-museu-nacional-honestino-guimaraes-pelas-lentes-de-gonzalo-viramonte-foto?next_project=no

Figura 195 - Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Museu Nacional de Brasília (ou Honestino de Guimarães), Brasília (2006 - fotografia de Gonzalo Viramonte) - vista do interior, com destaque para o caráter escultórico da rampa, como percurso de descoberta - Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/786095/museu-nacional-honestino-guimaraes-pelas-lentes-de-gonzalo-viramonte/57114350e58ece5a9a0000f7-museu-nacional-honestino-guimaraes-pelas-lentes-de-gonzalo-viramonte-foto?next_project=no

Figura 196 - Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Museu Nacional de Brasília (ou Honestino de Guimarães), Brasília (2006 - fotografia de Gonzalo Viramonte) - vista do interior, com destaque para o caráter escultórico da rampa, como percurso de descoberta - Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/786095/museu-nacional-honestino-guimaraes-pelas-lentes-de-gonzalo-viramonte/57114350e58ece5a9a0000f7-museu-nacional-honestino-guimaraes-pelas-lentes-de-gonzalo-viramonte-foto?next_project=no

[guimaraes-pelas-lentes-de-gonzalo-viramonte-foto?next_project=no](https://www.portuguesematters.com/blog/2016/6/15/afurada)

Figura 197 - Atelier 15, Centro Interpretativo do Património da Afurada, Vila Nova de Gaia (2014) - vista exterior, em alçado, da fachada principal, com destaque para a recuperação do conjunto de antigos aprestos de pesca -
Fonte: <https://www.portuguesematters.com/blog/2016/6/15/afurada>

Figura 198 - Atelier 15, Centro Interpretativo do Património da Afurada, Vila Nova de Gaia (2014) - vista da entrada principal do espaço museológico, com destaque para a área de pé-direito duplo do foyer e para o mezanino -
Fonte: <https://www.portuguesematters.com/blog/2016/6/15/afurada>

Figura 199 - Atelier 15, Centro Interpretativo do Património da Afurada, Vila Nova de Gaia (2014) - vista do interior espaço museológico, realçando a organização temática das coleções, no âmbito do tema marinho (biodiversidade e cultura) - Fonte: <https://www.portuguesematters.com/blog/2016/6/15/afurada>

Figura 200 - Atelier 15, Centro Interpretativo do Património da Afurada, Vila Nova de Gaia (2014) - vista do interior espaço museológico, com destaque para o acesso à área do mezanino (escadas à esquerda) - Fonte: <https://www.portuguesematters.com/blog/2016/6/15/afurada>

Figura 201 - Aires Mateus, Casas na Areia, Comporta (2010) - vista exterior de uma das casas, com destaque para o sistema construtivo em madeira, e usando o colmo (à semelhança dos antigos palheiros de pescadores) - Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/969457/casas-na-areia-aires-mateus>

Figura 202 - Aires Mateus, Casas na Areia, Comporta (2010) - vista

interior das casas, nas quais o pavimento é feito de areia, crinado uma continuidade natural entre a paisagem dunar exterior e as vivências interiores - Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/969457/casas-na-areia-aires-mateus>

Figura 203 - Alberto Burri, Il Grande Cretto, Sicília, Itália (1984) - a marca física dos percursos pedestres humanos como desenho da memória da paisagem - Fonte: <http://pulmonate.blogspot.com/2011/07/alberto-burri.html?m=1>

Figura 204 - A Rota da Memória e os vestígios físicos da história da cidade da Costa de Caparica - planta geral, na qual se assinalam os projetos realizados pelo grupo de investigação “Entre o Mar e a Terra”, e a rede de percursos que os conectam - desenho realizado pela autora

Figura 205 - Michael Heizer/Triple Aught Foundation, Heiner Friedrich at Munich Depression (1969), Gagosian Gallery - Fonte: <https://www.artnews.com/art-in-america/features/one-to-one-63152/>

Figura 206 - A faixa de dunas, na qual se propõe criar o Pólo das Pescas, antes do início da implementação do programa Costa Polis - ainda são visíveis alguns segmentos de duna, com a sua vegetação original característica, bem como os percursos feitos pelas pessoas para chegar à praia (2001) - Fonte: Google Earth Pro

Figura 207 - A faixa de dunas, na qual se propõe criar o Pólo das Pescas, já durante a implementação do programa Costa Polis; construção das fundações dos novos apoios de praia e da nova lota; a unidade desta faixa dunar desapareceu (2007) - Fonte: Google Earth Pro

Figura 208 - A faixa de dunas, na qual se propõe criar o Pólo das Pescas, após a implementação do programa Costa Polis (apoios de praia) - segmentos remanescentes da duna primária desapareceram, estando mesmo uma área ocupada como um parque de estacionamento automóvel; o Pólo das Pescas abrange as duas faixas de duna que se localizam, respetivamente, acima e abaixo da avenida marginal, e que dantes constituíam, apenas, uma unidade dunar (2014) - Fonte: Google Earth Pro

Figura 209 - A faixa de dunas, na qual se propõe criar o Pólo das Pescas, após a implementação do programa Costa Polis - a vegetação dunar, com a passagem do tempo, foi gradualmente invadindo o terreno, mantendo-se, acima da avenida marginal, a estrutura pré-existente dos percursos pedestres; em vez do parque de estacionamento automóvel, surge-nos, no terreno de esquina junto à rotunda da Lota (à esquerda), um pequeno campo de jogos, mantendo-se a divisão criada pela estrada marginal (2014) - Fonte: Google Earth Pro

Figura 210 - O edifício da Lota de Pesca (esquerda), e os abrigos de pesca (direita), construídos no âmbito do programa Polis - destaco a proximidade face aos prédios de habitação, bem como a quase “imersão” deste conjunto edificado na duna (Novembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 211 - O conjunto de abrigos, para o armazenamento dos apetrechos de pesca, construídos no âmbito do programa Polis - destaco o contraste entre as “massas” dos prédios de habitação e a aparência, frágil e degradada, dos abrigos, e em relação às madeiras do apoio de praia à esquerda - apesar de mais baixos, são estes edifícios que destoam na envolvente urbana (Novembro de 2020) - fotografia da autora

Figura 212 - Terreno de esquina, junto à rotunda da Lota de Pesca - tal como no ortofotomapa, vemos a vegetação rasteira, e arbustiva, a invadir os terrenos de areia; à direita, vemos uma parte do atual campo de jogos; este terreno localiza-se dois metros abaixo da cota da avenida marginal, não sendo pois possível ver as dunas, o paredão e o mar (Novembro de 2020)

Figura 213 - Terreno de esquina, junto à rotunda da Lota de Pesca - contrastes e dinamismos, criados na paisagem, com a passagem cíclica do tempo; este terreno, de esquina e junto à rotunda da Lota de Pesca, ora se encontra quase “despido”, ora é invadido pela vegetação, criando-se diferentes cores e texturas (Novembro de 2020)

Figura 214 - Mário Novais, Planta de Conjunto do Plano de Urbanização da Costa da Caparica (1946), Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte - neste plano, vemos o desejo de contenção dos limites edificados da cidade; destaco o início da faixa dunar intervencionada, na zona da lota, que corresponde, aqui, a uma praceta (ponto mais à direita), a partir da qual existe, apenas, área verde de mata e de duna - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=faria+da+costa>

Figura 215 - Plano de Urbanização da Costa da Caparica, planta de utilização do solo - fig.7 (1946), revista Arquitectura (Março de 1947) - pormenor deste plano, que reforça uma ideia de continuidade, ao longo da paisagem, e um equilíbrio entre o natural e o construído, destacando-se a importância, a nível natural e comercial, da frente de praias (legenda adicionada pela autora) - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=faria+da+costa>

Figura 216 - Costa da Caparica, um piquenique familiar, em segundo plano a igreja e o Colégio do Menino Jesus (década de 1900), fotografia de Arlindo Ferreira - a expressão e presença marcante das dunas, em continuidade na paisagem passada da cidade, criando, per si, “espaços” que consistem nas zonas de relevo mais baixo dos morros de areia - Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=517815871593079&set=oa.310539165679562&type=3&theater>

Figura 217 - Costa da Caparica, ed. José Nunes da Silva (década de 1940), Delcampe - o modo como as dunas se “fundiam” com o próprio edificado, criando zonas de alagação naturais e, com isso, pequenos lagos no areal, que atraíam uma rica biodiversidade - Fonte: <https://mar-da-costa.blogspot.com/search?q=dunas>

Figura 218 - O início, a norte, da faixa dunar do Pólo das Pescas, com destaque para o troço que compreende o terreno de esquina junto à rotunda da Lota - contraste entre a textura da arriba fóssil, da duna, dos prédios e dos camiões da Lota - baseado na fotografia de Rita Rodrigues (Janeiro de 2021)

Figura 219 - Fotomontagem da proposta, do Pólo das Pescas, de “renaturalizar” esta faixa da cidade como duna, à semelhança do passado; repõe-se, assim, a continuidade na paisagem, entre a cidade e a praia - fotomontagem da autora (2021), baseada na fotografia de Rita Rodrigues (Janeiro de 2021)

Figura 220 - Estudo dos fluxos humanos ao longo do troço mais a norte da faixa dunar de transição, proposta como base para o Pólo das Pescas, e que integra duas vertentes de programa: acima da avenida marginal,

propõe-se a criação do Centro de Interpretação da Arte Xávega, propondo-se a realocação da lota para o terreno exatamente a poente do Centro, do outro lado da estrada (que se propõe ser retirada a partir da rotunda) - esboços da autora (2021)

Figura 221 - Estudo dos fluxos ao longo do troço mais a norte da faixa dunar de transição, proposta como base para o Pólo das Pescas, e que integra duas vertentes de programa: o Centro de Interpretação da Arte Xávega e a Lota de Pesca; estudo de volumes de edificado, em contraste com as “manchas” verdes de duna - esboços da autora (2021)

Figura 222 - Desenho, em planta, de estudo dos fluxos humanos, de uma estrutura de percursos pedestres e das “manchas” de duna e de verde arbustivo, em conjugação com as novas volumetrias dos programas propostos; destaque a nova linha de abrigos de pesca, ao longo do paredão - desenho da autora (2021)

Figura 223 - Estudos, em secção transversal, da implantação do Centro de interpretação da Arte Xávega (esquerda) e da Lota e aprestos de Pesca (direita) no terreno das dunas - “camuflar” na paisagem - desenhos da autora (2021)

Figura 224 - Planta da proposta urbana de criação do Pólo das Pescas - recriação de um novo relevo de dunas, à semelhança do que ali existia no passado; articulação com a frente de praias; conexão entre o Centro de Interpretação da Arte Xávega e a nova Lota; eliminação da estrada marginal, a partir da rotunda (apenas permanece a linha do comboio transpraia) - desenho realizado pela autora (2021)

Figura 225 - Diagramas, em planta, que detalham o desenho dos novos

caminhos que compõem uma rota pedestre ao longo do Pólo das Pescas, e no âmbito da Rota da Memória; destaco a forma como os caminhos, na areia, desenharam a área de implantação da nova Lota, bem como do Centro interpretativo (formando um ponto de encontro central exterior, que constitui um novo espaço público da cidade) - diagramas realizados pela autora (2021)

Figura 226 - Secção transversal, da cidade à praia, que reforça a ideia de integração do complexo do Centro de Interpretação da Arte Xávega, na paisagem da faixa dunar do Pólo das Pescas, apenas atravessada pela linha do comboio transpraia - desenho realizado pela autora (2021)

Figura 227 - Axonometria explodida - implantação do Centro de Interpretação da Arte Xávega no novo relevo das dunas, desenhado no âmbito do Pólo das Pescas (destaque para a integração, de forma enterrada, dos três blocos que compõem o centro, para além da morfologia particular das coberturas) - desenho realizado pela autora (2021)

Figura 228 - Axonometria explodida - detalhe da organização espacial do interior dos três blocos, que compõem o centro interpretativo, com destaque para os elementos geradores dos núcleos estruturais - desenho realizado pela autora (2021)

Figura 229 - Perspetivas conceituais, em fotomontagem, que ilustram os vários momentos e experiências proporcionados pelos diferentes espaços do Centro de interpretação da Arte Xávega - fotomontagens realizadas pela autora (2021)

Figura 230 - Planta, à cota da praça central (quatro metros abaixo da cota da atual avenida marginal, com a cota de dois metros) - organização do

nível térreo dos programas do Centro de Investigação (cima), do Núcleo Museológico (baixo) e da Cafeteria/Loja/Bilheteira (direita) - desenho realizado pela autora (2021)

Figura 231 - Secção transversal, que atravessa a praça principal, de areia, e o bloco da cafeteria/loja/bilheteira - secção perspectivada que destaca, em primeiro plano, o espaço da praça “inferior” de areia (ao centro) e o espaço da cafeteria (à direita); em cima, esquisso de perspectiva do auditório - secção e perspectiva realizados pela autora (2021)

Figura 232 - Planta, à cota do nível enterrado na duna (quatro metros abaixo da cota praça principal) - organização dos programas do Centro de Investigação (cima), do Núcleo Museológico (baixo) e da Cafeteria/Loja/Bilheteira (direita) - desenho realizado pela autora (2021)

Figura 233 - Secção transversal, que atravessa os dois blocos do Centro de Investigação (esquerda) e do Núcleo Museológico, com destaque para o espaço de auditório (esquerda) e para a sala de exposição da rampa (secção em perspectiva); em cima, esquisso de perspectiva da sala de exposição da rampa - secção e perspectiva realizados pela autora (2021)

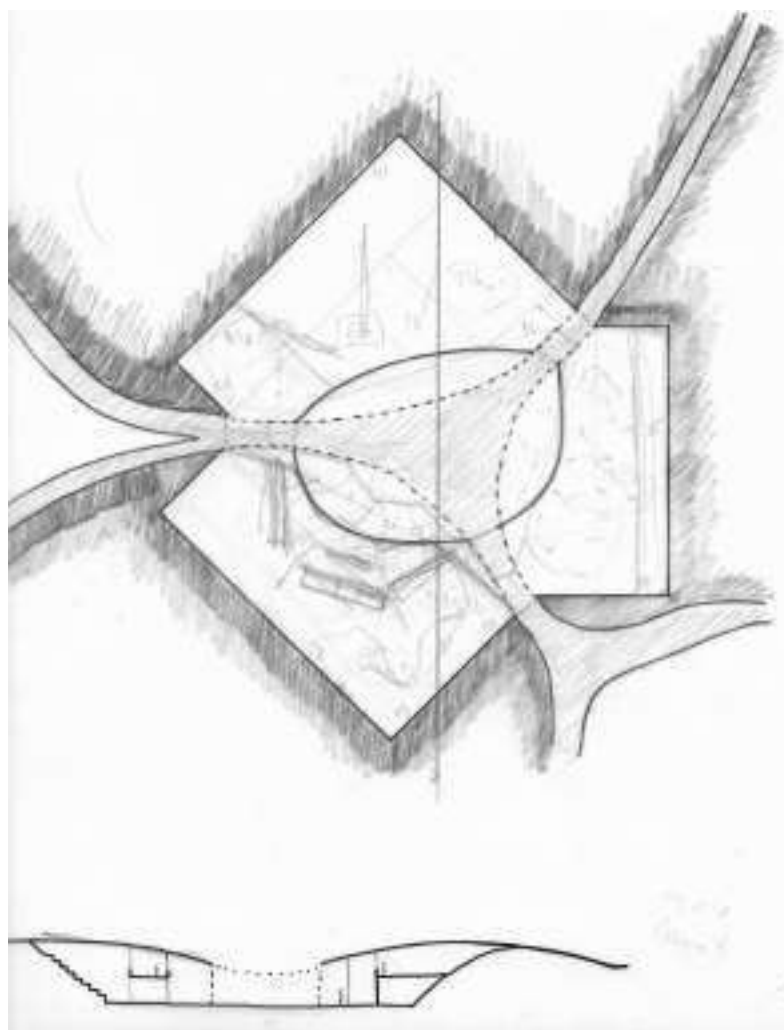
Figura 234 - Axonometria, em detalhe, que apresenta, em corte, o bloco do Centro de Investigação, com destaque para o espaço do mezanino superior e do auditório, no nível interior (realço a materialidade das madeiras) - desenho realizado pela autora (2021)

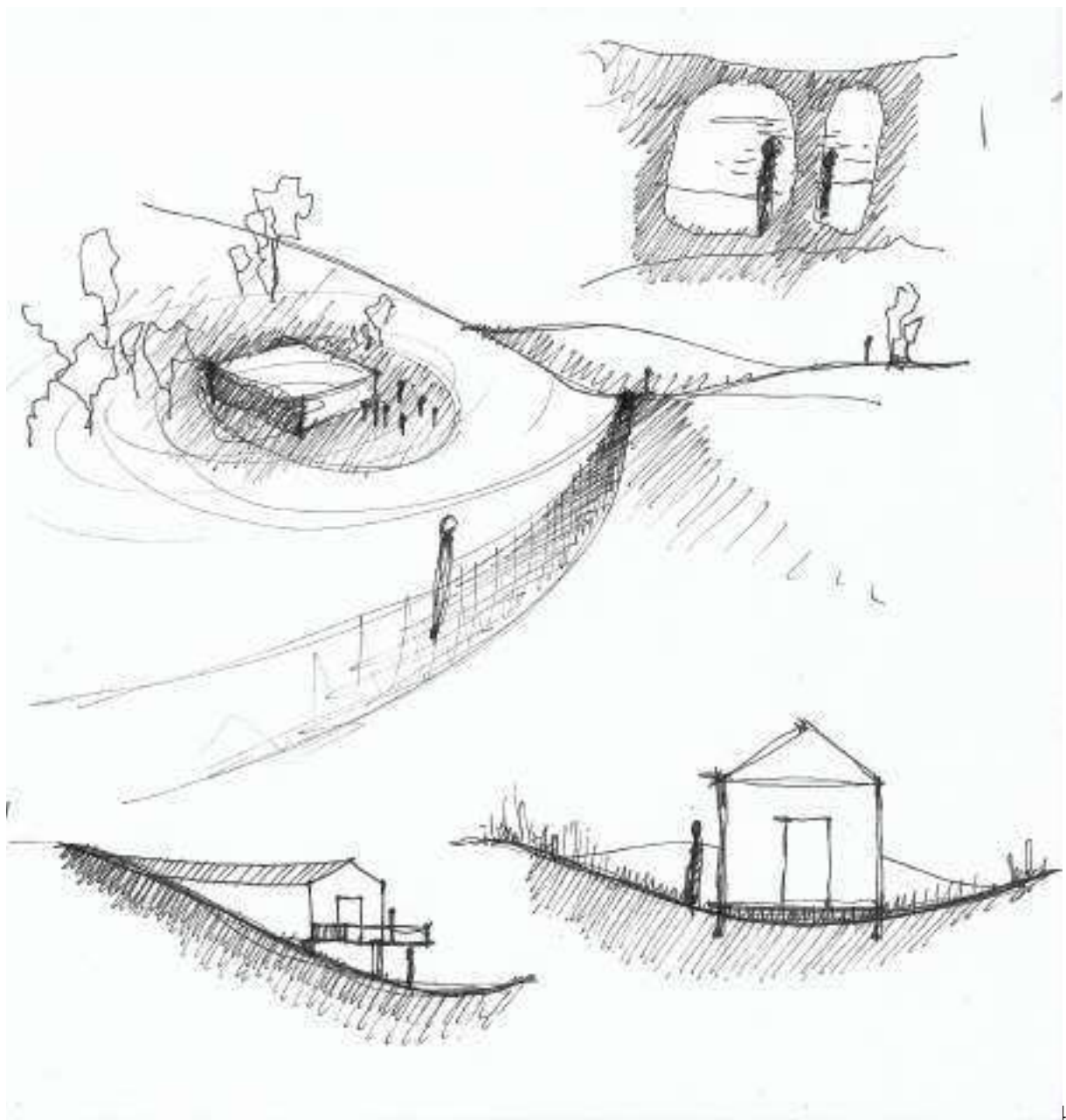
Figura 235 - Salvador Dalí, A Desintegração da Persistência da Memória (1952-1954) - Fonte: <https://pt.wahooart.com/a55a04/w.nsf/O/BRUE-5ZKFBX>

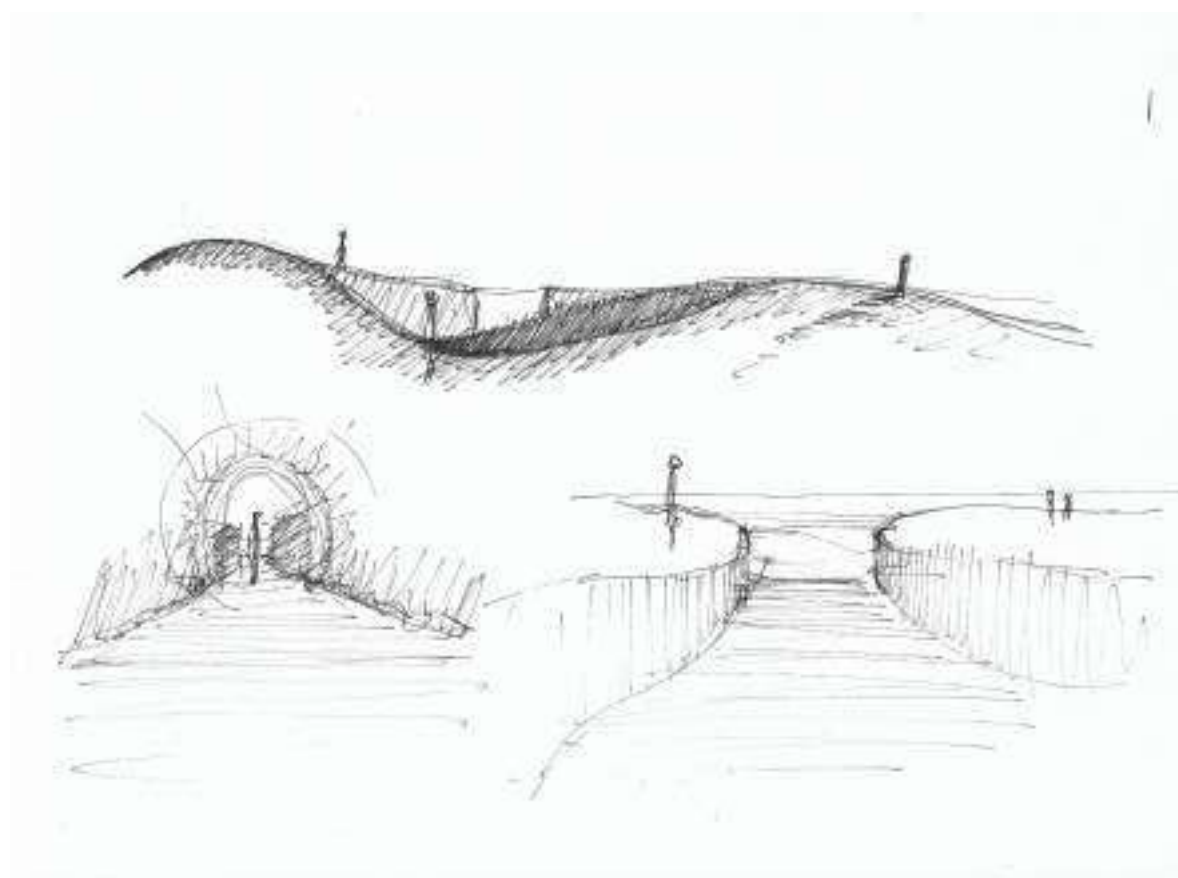
Anexos

Esquissos, diagramas, maquetas de estudo e painéis de apresentação

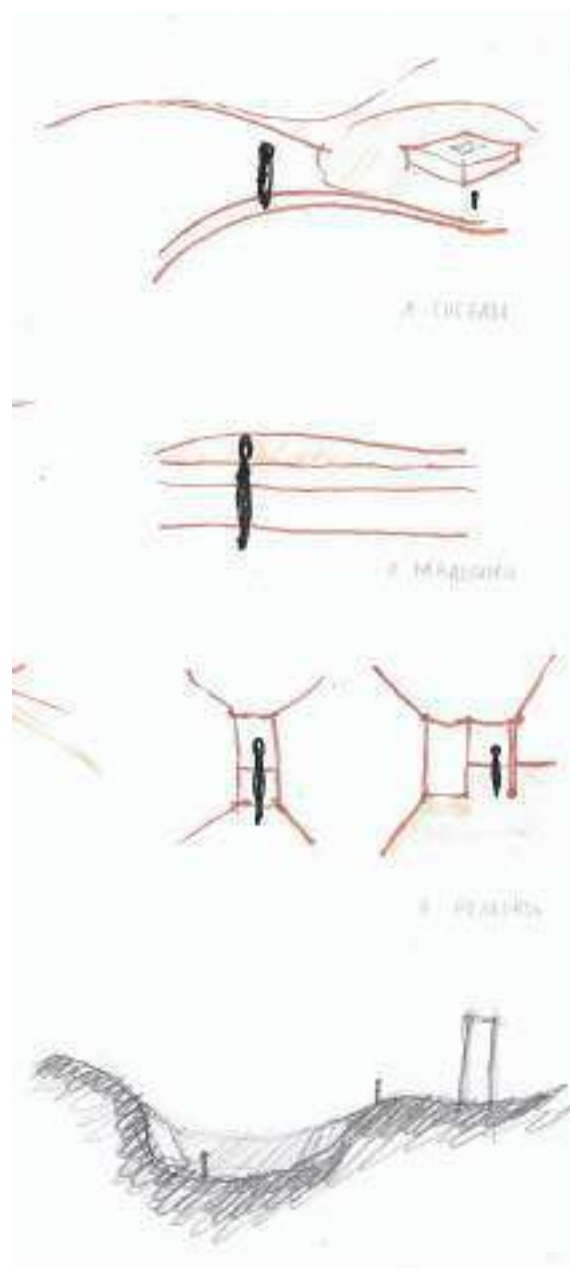


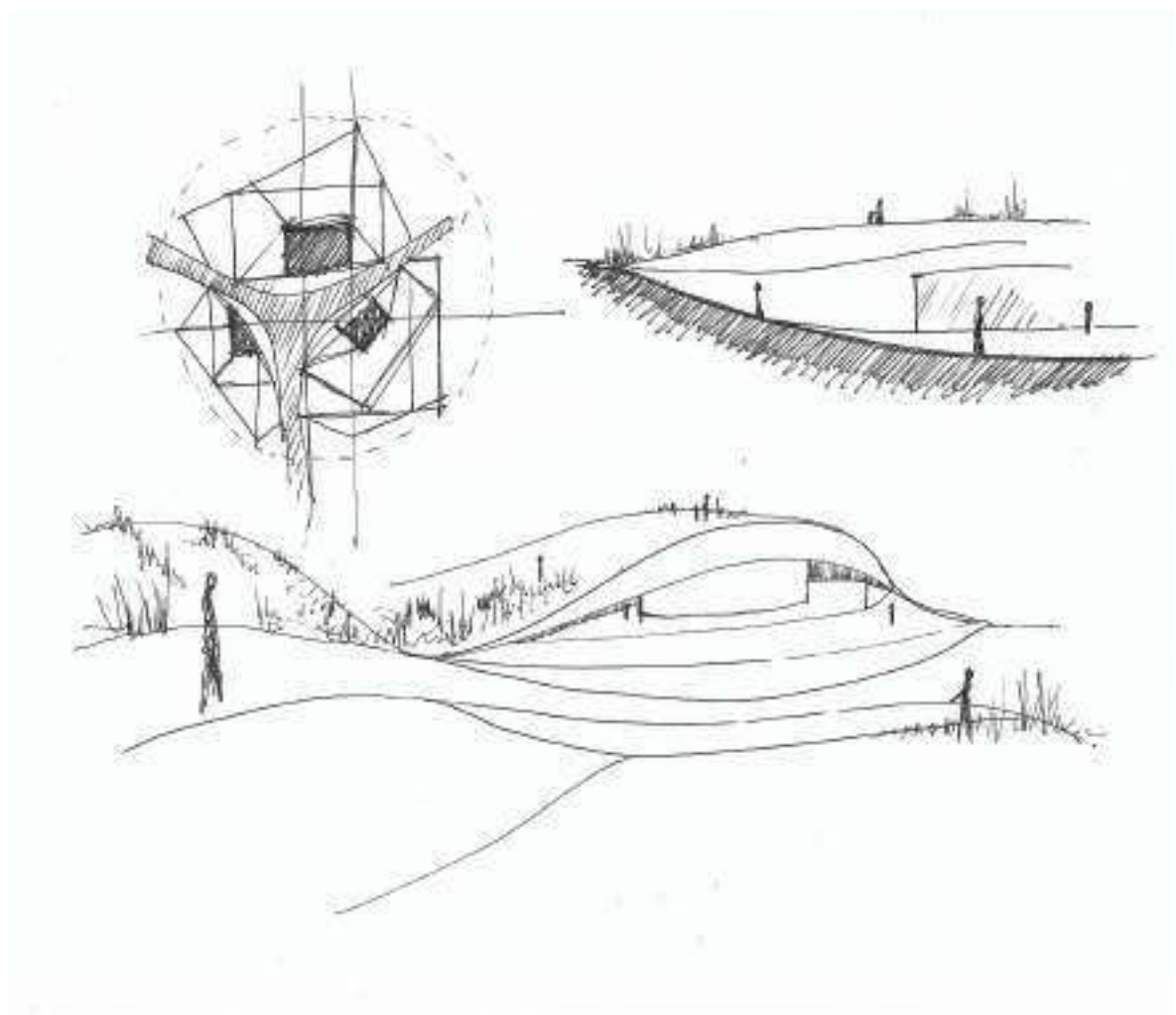




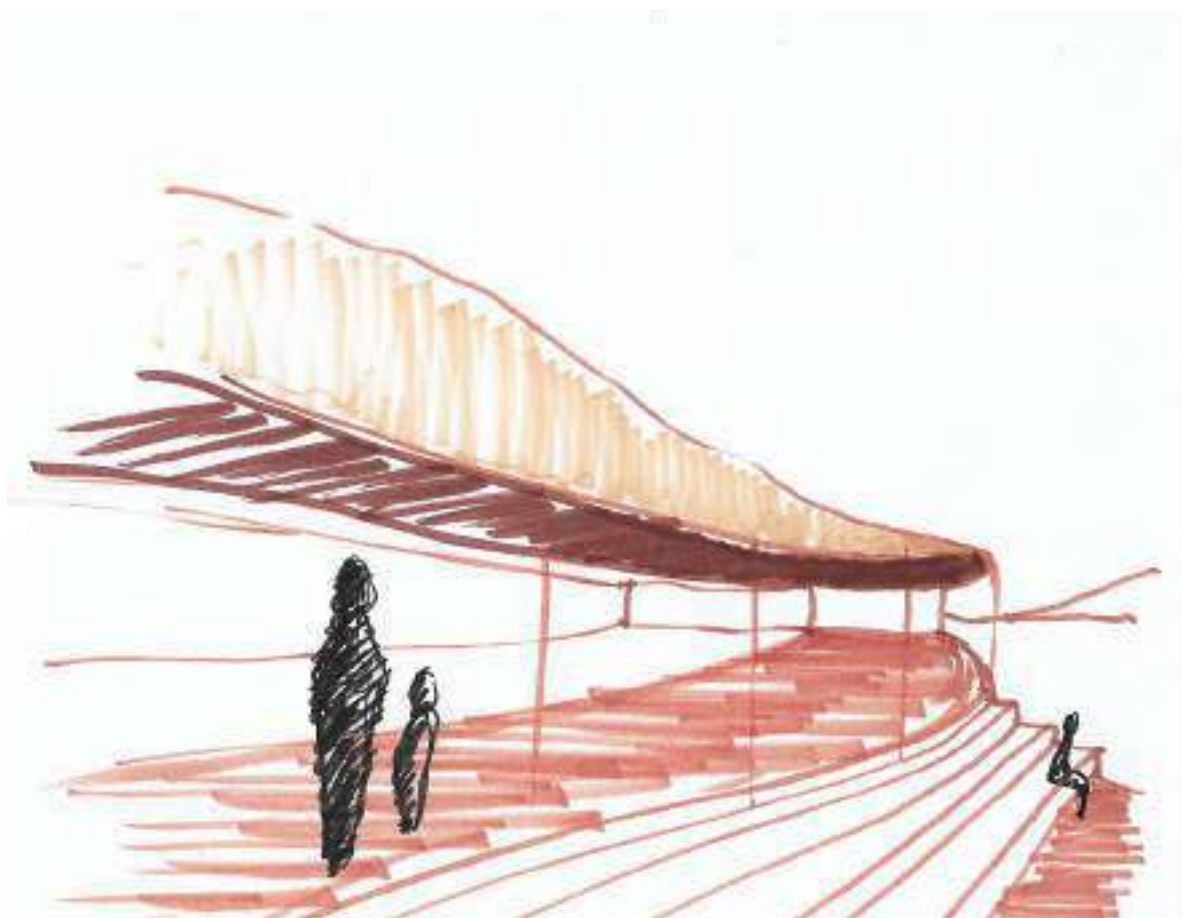


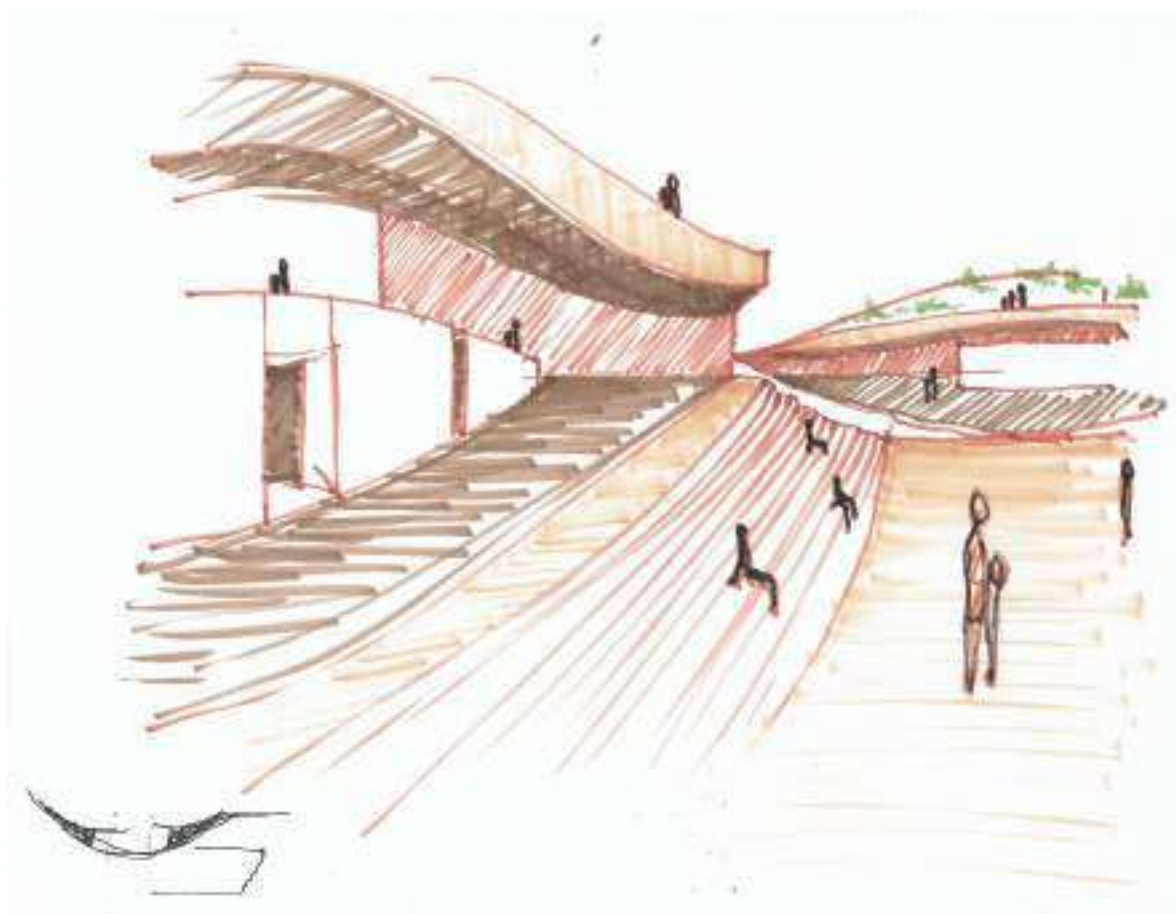


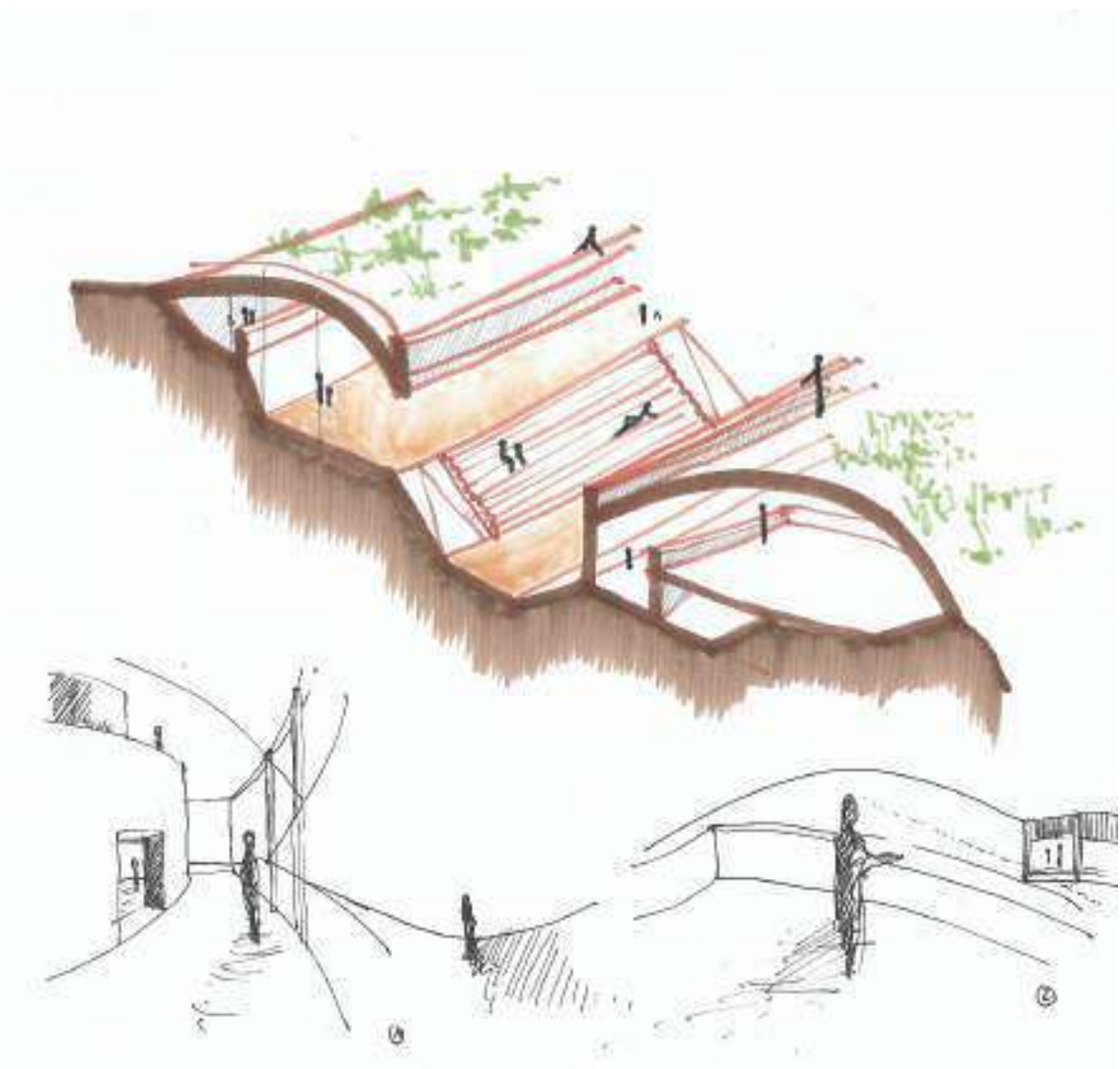


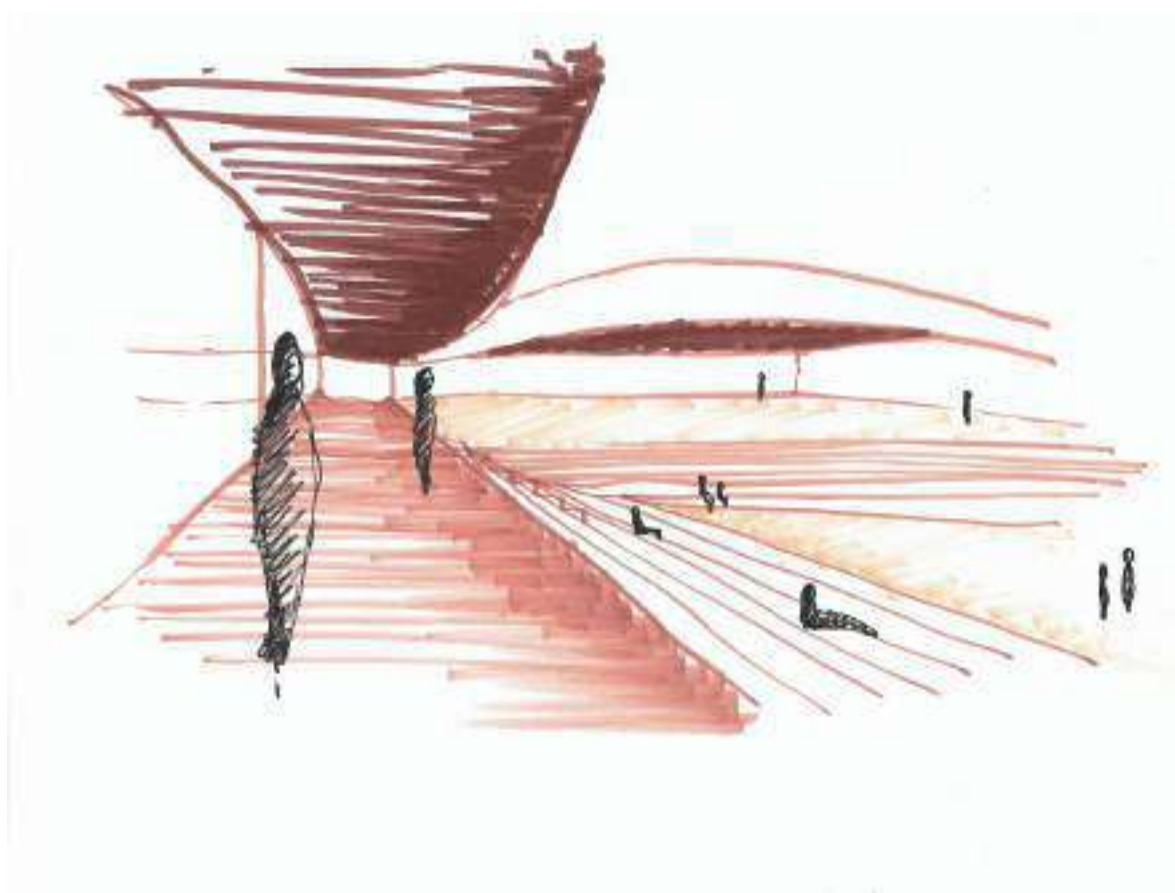








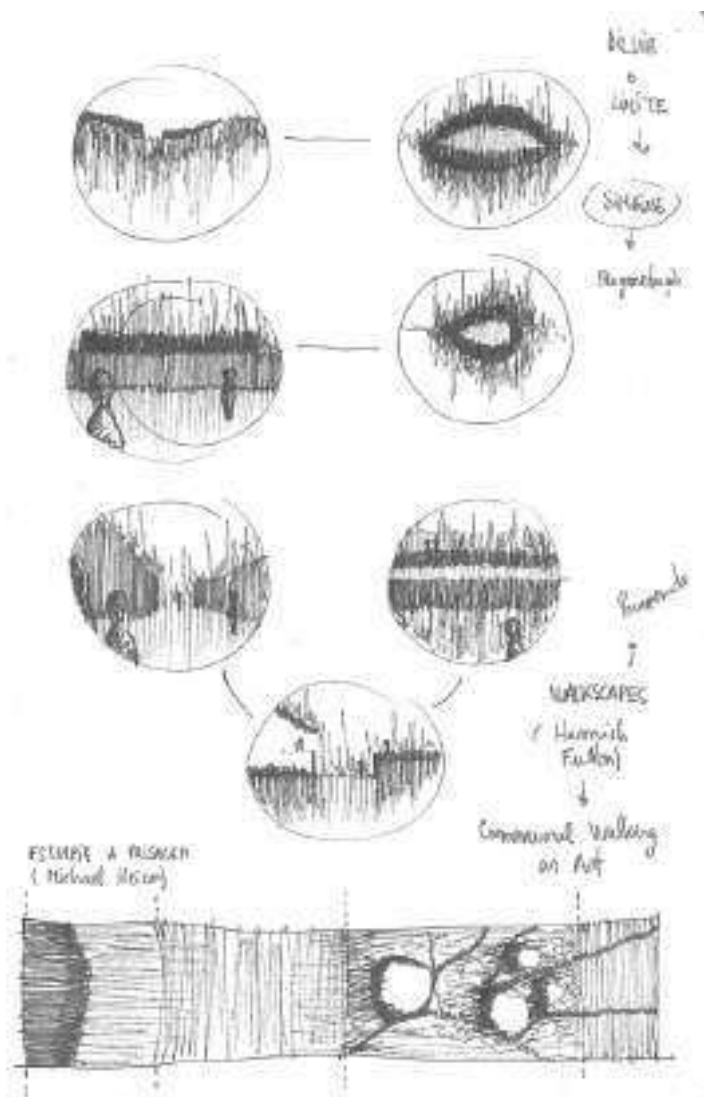


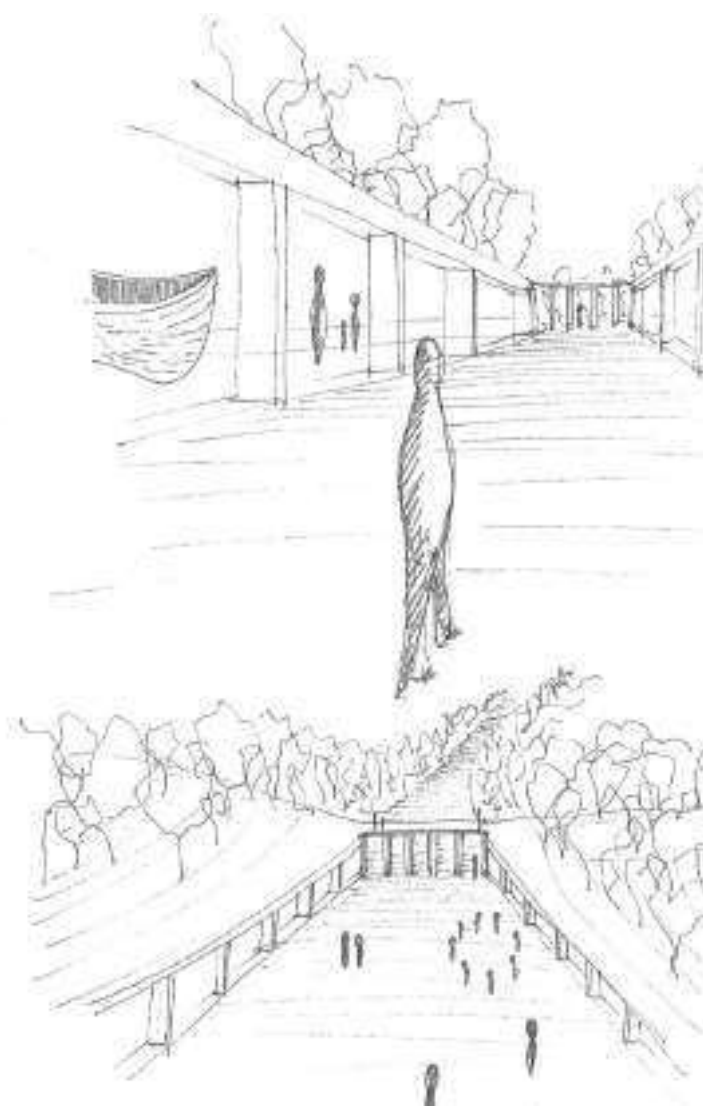














1

SEC. XVIII - 1º Habitantes



Cabanas primitivas

Igreja Velha

Arte Xávega

3

SEC. XX - 1ª metade



Colégio do Menino Jesus

Festas Religiosas

Turismo - 1930's

Habitação - 1930's

5

SEC. XXI - Contrastes

A Lota de pesca atual

2

SEC. XIX - Indústria



Bairros de Pescadores "Costa Pinto" - Séc. XIX

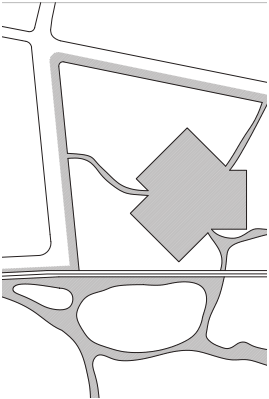
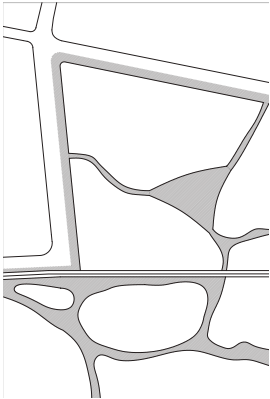
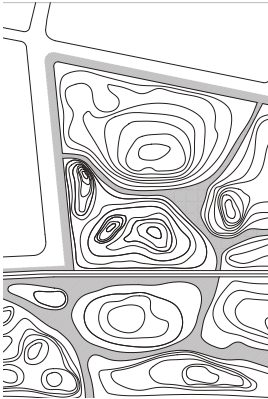
4

SEC. XX - 2ª metade



Urbanização - 1940-1950's

Infraestruturas - 1960-1980's



O plano de requalificação ordenamento da frente de mar define um novo padrão de conexão e de interação entre a cidade consolidada e a frente de praia, através do desenho de áreas de transição e de eixos de permeabilidade entre estes dois universos distintos. A proposta encontra-se em alguns pontos essenciais: as dunas; as zonas verdes de transição; os estacionamento; os apoios de praia; a lota de pesca; os novos programas de edificado; e o comboio transpraia. Ao nível da introdução de novos programas de edificado, devo destacar a estrutura do novo Pólo das Pescas, criado a partir da ideia de "renaturalização" de uma faixa, de influência duplamente marítima e urbana, que no passado terá sido uma faixa dunar. Este Pólo agrega não só a Lota e os Apeiros de pesca, mas também o Centro de Interpretação da Arte Xávega, ambos integrados na paisagem dunar.

O Pólo das Pescas, como nova faixa de duna, de transição entre a cidade e o mar

Centro de Interpretação da Arte Xávega

Lota e Apeiros de pesca

Abrigos de pesca (evocar a memória e imagem dos palheiros, e criar cordão com as cabanas existentes ao longo da linha de costa, para sul do paredão)

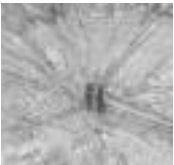
Novo eixo urbano, que dá continuidade à rua que vem do Bairro Novo dos Pescadores

Linha do comboio transpraia, sobre a areia e substituindo um togo da avenida marginal das praias (retirado)

Paredão e novo cordão de dunas frontais, replantadas



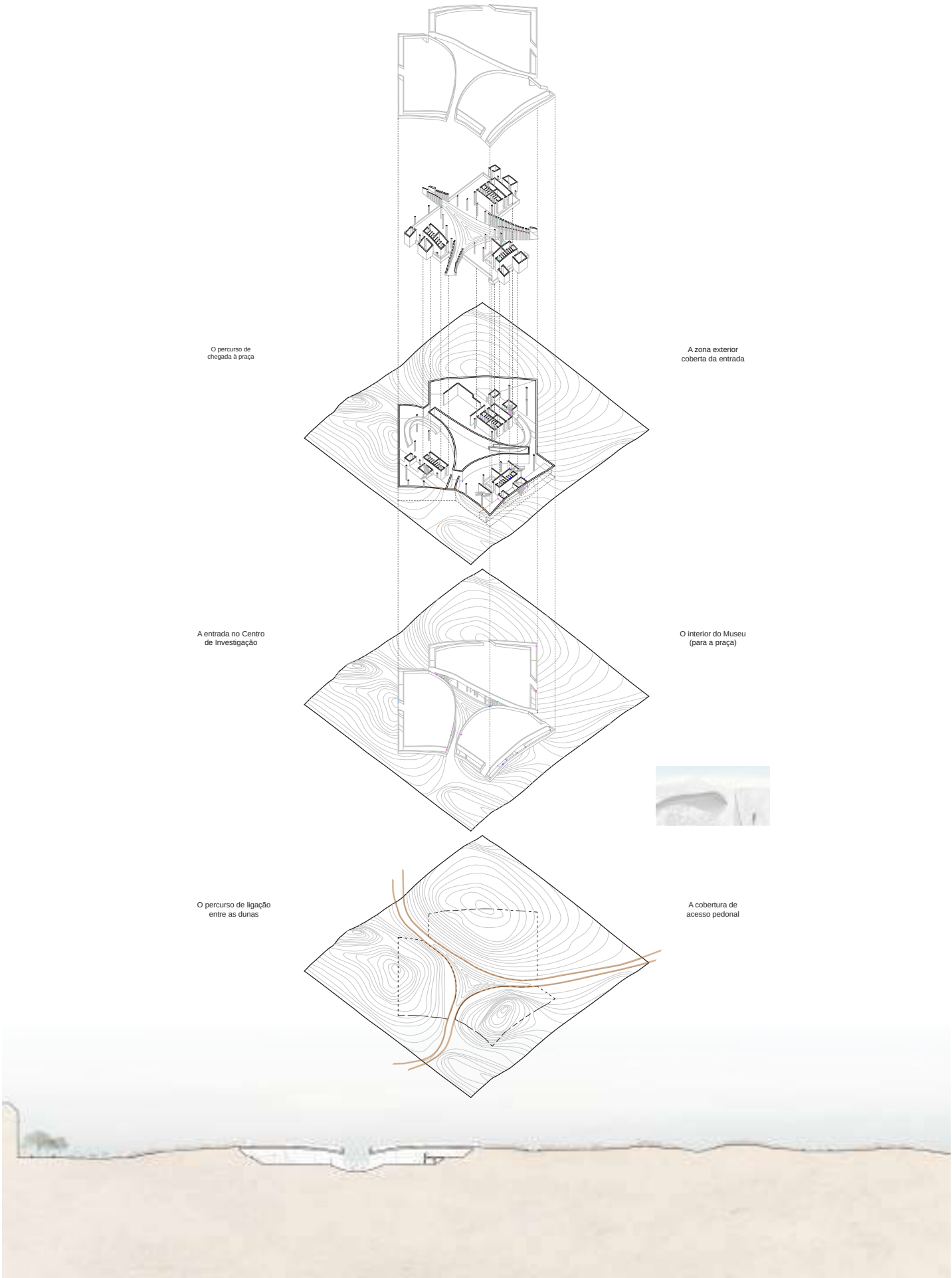
O Pólo das Pescas engloba uma nova lota e apeiros de pesca (relocalizados e requalificados) que, em conjugação com o novo Centro de Interpretação da Arte Xávega, cria um "museu vivo", aberto à comunidade local e aos visitantes. Todos estes novos programas, bem como outros pontos de referência, que remetem para o passado da cidade, acabam por se conectar através de vários percursos pedonais e cicáveis que, em conjunto, formam a Rota da Memória, criando-se uma nova experiência de descoberta da cidade e do seu património, natural e humano.



ENTRE O MAR E A TERRA

Costa de Caparica: Reabilitar a Memória do Lugar
Costa da Caparica, Almada
Margarida Bessa

O Centro de Interpretação da Arte Xávega
Axonometria explodida
Secção transversal da Cidade ao Mar
Escala 1:500



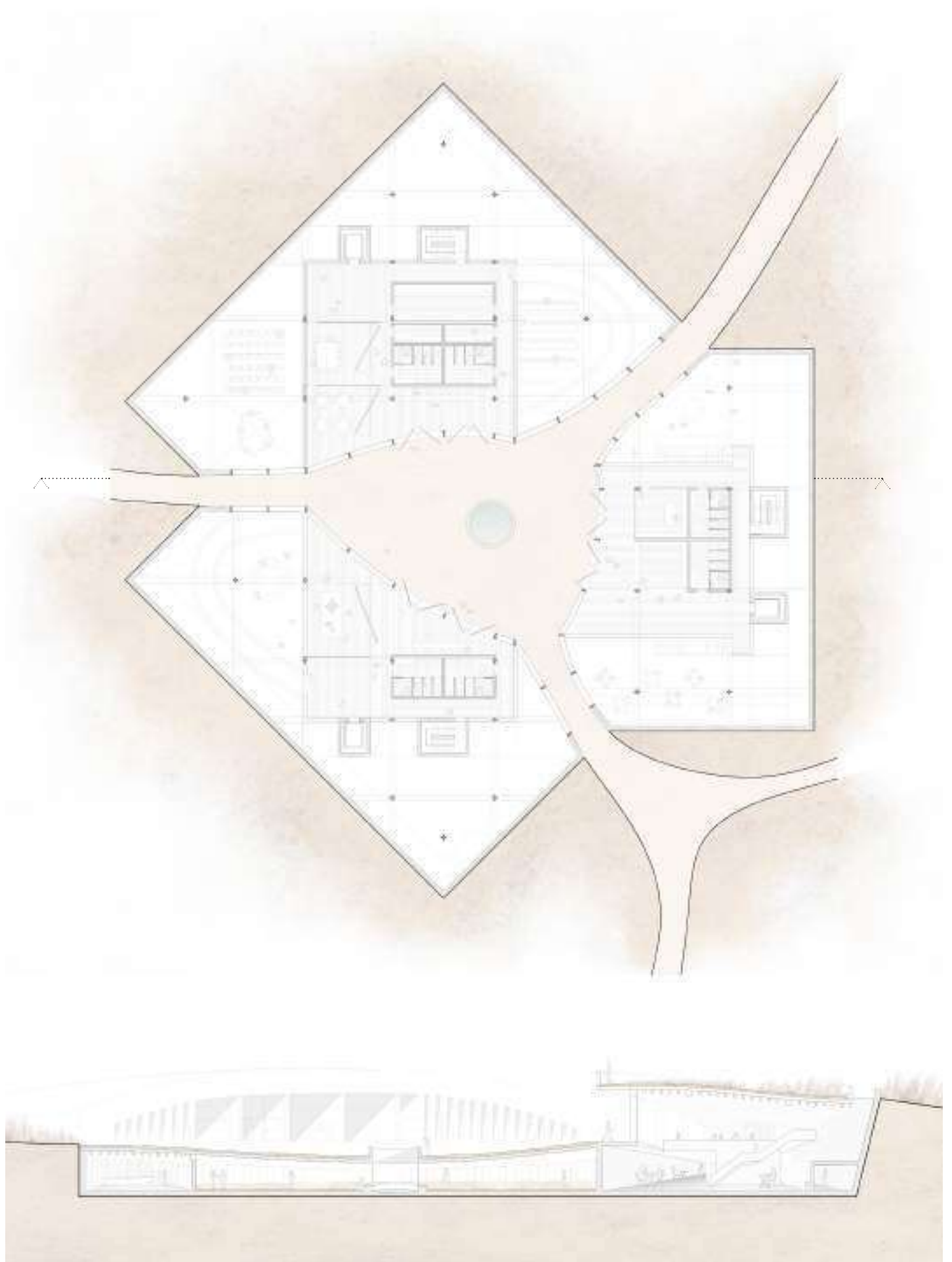
ENTRE O MAR E A TERRA

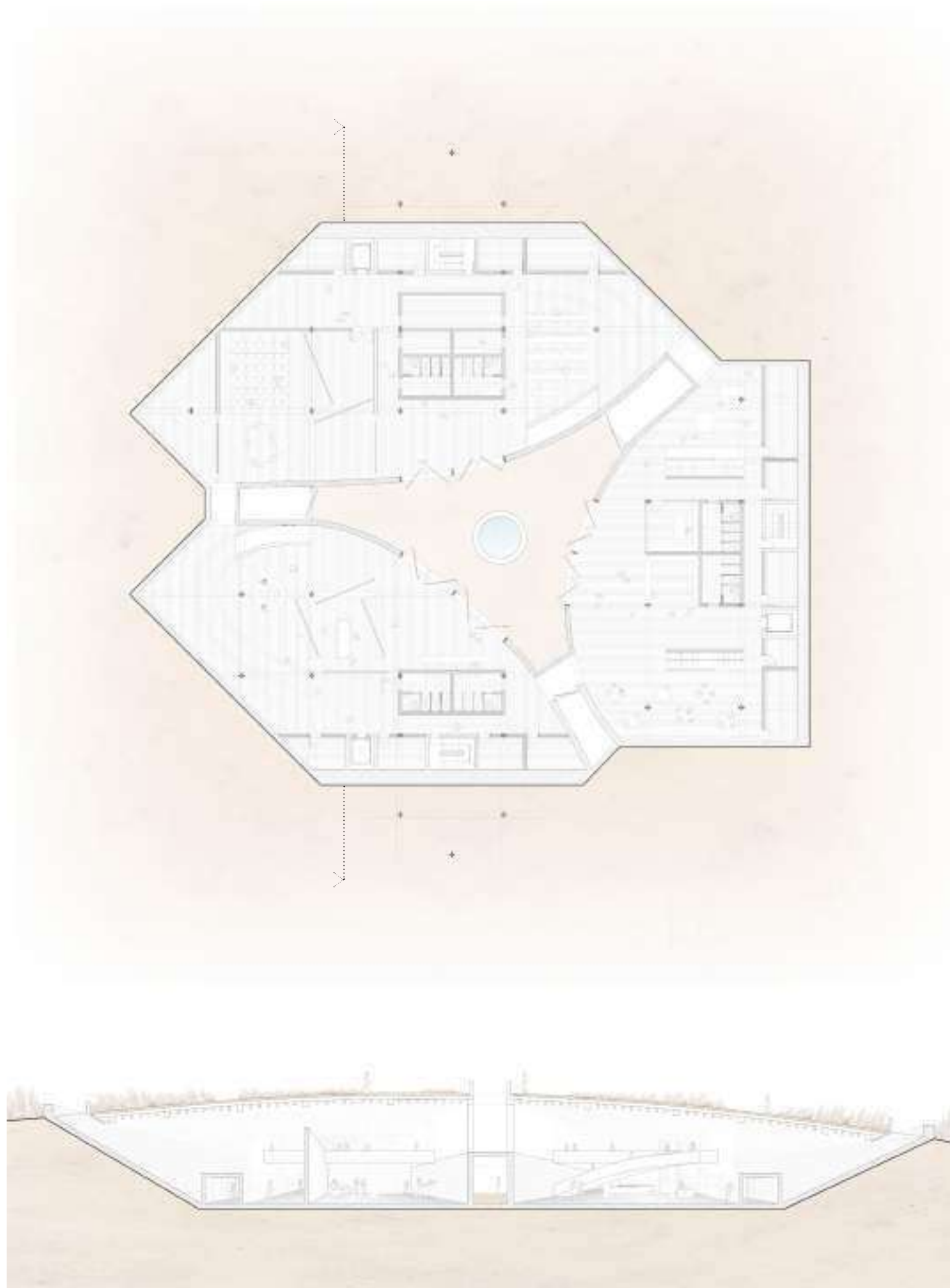
Costa de Caparica: Reabilitar a Memória do Lugar
Costa da Caparica, Almada

Margarida Bessa

○○●○○

O Centro de Interpretação da Arte Xávega
Planta do nível térreo e Secção transversal
Escala 1:100



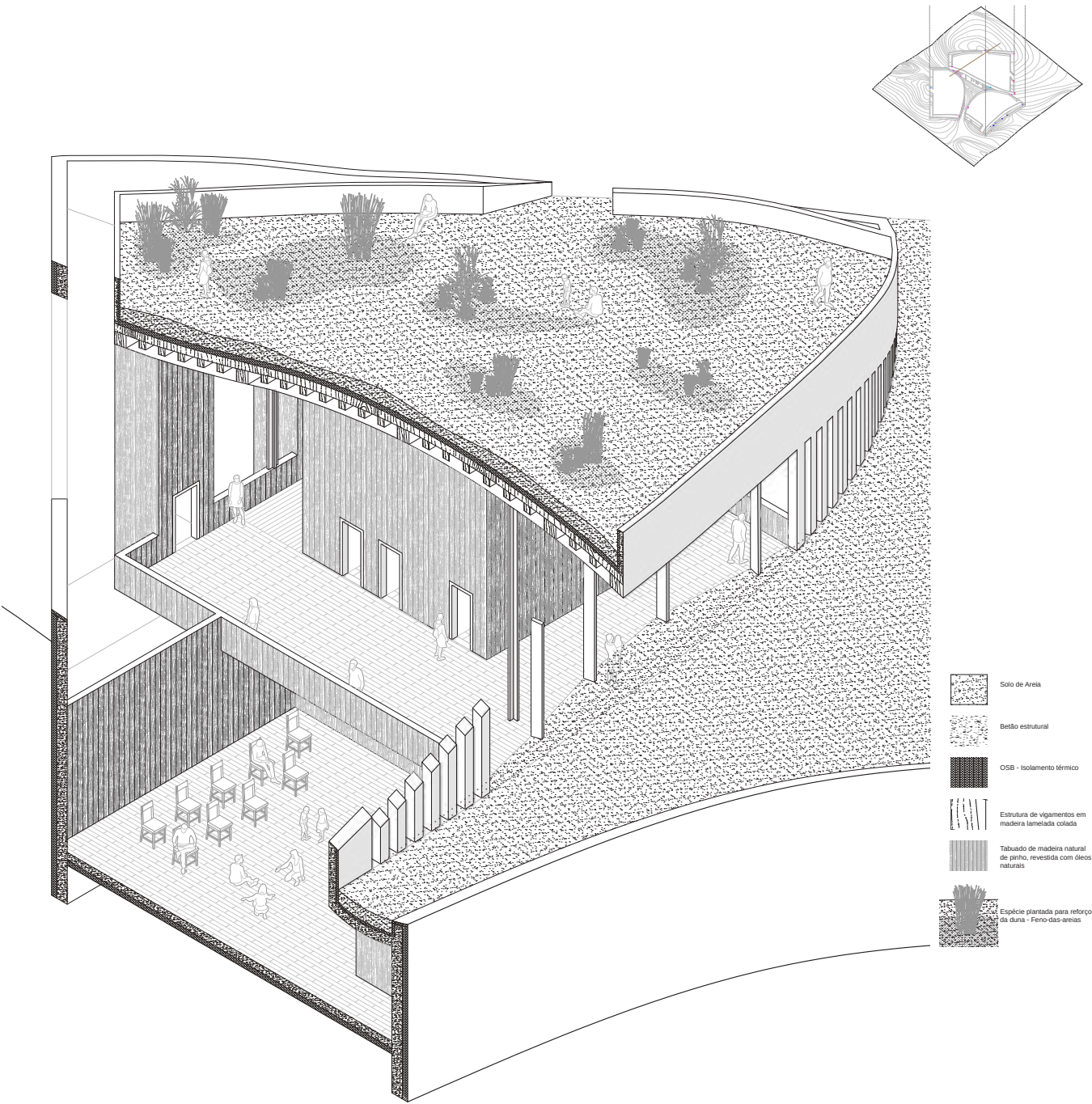


ENTRE O MAR E A TERRA

Costa de Caparica: Reabilitar a Memória do Lugar
Costa da Caparica, Almada
Margarida Bessa

○ ○ ○ ○ ○ ●

O Centro Interpretativo da Arte Xávega
Axonometria - Auditório
Fotomontagem da Praça superior
Escala 1:50



O Centro de Interpretação da Arte Xávega surge, na paisagem dunar, com a naturalidade que associamos aos "buracos" escavados por insetos, ou crustáceos, na areia da praia. Tirando partido de um ponto de depressão no relevo desta nova faixa dunar, e que nos faz lembrar uma "cratera", o projeto implanta-se de forma a desenhar, ele próprio, o formato desta "cratera" de areia. Fortalecendo um sentido de integração e de continuidade, ao nível da paisagem, propõe-se que o programa, do centro interpretativo, fosse construído de forma enterrada, face ao nível superior da duna, criando-se assim uma situação de quase "simbiose" entre o natural e o construído. Esta ideia de continuidade é enfatizada não só pela praia, conectada com uma rede de percursos pedestres importantes na cidade, mas é também enfatizada pelo facto de a estrutura ser completamente integrada no terreno, criando, à semelhança da praia existente, um pavimento à base de solo de areia.